

MESTRADO INTEGRADO

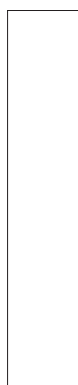
ARQUITETURA

A QUINTA DA CASA DA GRANJA: UM ESPAÇO EM TRANSFORMAÇÃO

Nuno Miguel Gonçalves de Almeida

M

2017



FAUP
2017

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Nuno Miguel Gonçalves de Almeida
Orientação: Daniel José Rodrigues de Oliveira

O corpo de texto da presente Dissertação foi escrito de acordo com o novo Acordo Ortográfico.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigado a todos aqueles que me acompanharam neste percurso.

Um agradecimento especial ao arquiteto Daniel Oliveira, pelo tempo e o debate durante a elaboração desta dissertação, pela sua disponibilidade em me receber e acompanhar, pela preocupação e sentido crítico e pela liberdade concedida que permitiu que este projeto florescesse. Também gostaria de agradecer ao arquiteto Alberto Lage, pela ajuda e orientação dada nos primeiros meses desta dissertação, quando me sentia perdido, e pela ajuda na sábia escolha de um orientador que pudesse orientar-me no tema a desenvolver.

Um sincero obrigado à minha mãe, à minha irmã, à minha namorada, à família e amigos pelo apoio incondicional, pelas opiniões que sempre me motivaram a fazer um melhor trabalho e pelo incentivo a dedicá-los e a deixar um pouco de nós em tudo o que fazemos.

Um agradecimento sincero à Lurdes e ao Filipe pela atenção e paciência.

Gostaria de agradecer também à minha tia Maria Clara, pela disponibilidade em me receber na sua casa e partilhar comigo o que pretendia para o espaço da Quinta da Granja.

RESUMO

Esta dissertação reflete sobre o projeto de reabilitação da Quinta da Casa da Granja, localizada nos arredores da freguesia de Brito, no concelho de Guimarães.

A Quinta insere-se numa área pouco urbanizada, ainda marcada por uma paisagem agrícola e rural. Embora a freguesia de Brito tenha vindo a sofrer algumas alterações ao longo dos anos, dando lugar a novas habitações e construções “modernas”, a Quinta, bem como o espaço envolvente, constitui ainda uma atmosfera mais privada e intimista, com forte relação com a natureza, onde os campos para o cultivo marcam a paisagem.

O projeto de reabilitação ed e ampliação tem como objetivo qualificar os edifícios e equipamentos existentes na Quinta, mas também a construção de novos equipamentos para que seja possível inserir este programa no âmbito do turismo rural. A intervenção e o programa encontrado tiveram como objetivo unificar o terreno da Quinta e identificar as suas competências, para que, deste modo, a cliente

pudesse vir a reabilitá-la e potencia-la.

A antiga casa, que se encontra atualmente devoluta e em ruínas, foi neste projeto restaurada, preservando e dignificando a sua memória no lugar. Foram desenhadas novas cavalições uma vez que as existentes se revelavam precárias e insuficientes para o fim a que se destinavam. Para complementar estes edifícios e para que fosse possível neles receber hóspedes, foi projetado um complexo habitacional com cinco quartos e uma zona comum de cozinha e sala. A estufa foi mais um elemento do projeto e também uma das ofertas para este programa de turismo trazendo vantagens quer para os hóspedes, permitindo-lhes o contacto com a atividade agrícola, quer para a cliente, que poderá ter um espaço de produção constante para consumo próprio.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi necessário referenciá-lo e estudar edifícios com o mesmo programa para que fossem deste modo percebidas as necessidades inerentes ao seu desenvolvimento.

ABSTRACT

The core of this research work and thesis are focused on the rehabilitation of the Quinta da Casa da Granja, which is located on the surroundings of Brito's parish, which belongs to Guimarães. The Quinta is inserted in a little urbanized area, yet highly marked by a significant agricultural and rural landscape. Even though the parish of Brito has been under some changes over the years, giving place to new houses and modern constructions, the Quinta, as well as its surrounding space, still is a private and intimate atmosphere with a strong connection with the Nature itself in which its fields for farming inhere the landscape.

This rehabilitation aims not only to qualify the existing buildings and equipments in the Quinta, but also the construction of new equipment in order to make possible to insert this program in the scope of Rural Tourism. This intervention and the program itself were aimed to unite the Quinta's own land and identify its competencies, so that the client could benefit from it.

The old house, which is currently considered devoluted and in ruins, will be restored along this project, assuring, preserving and dignifying its memory no lugar. New stables were drawn since the previous and existing ones proved to be precarious and insufficient for the purpose in which they were first intended. To complement these buildings and to make it possible to assume them as proper to receive guests, a housing project with five rooms and a common kitchen and living room were designed. The drawn greenhouse is one element more of the project and also it is obviously one of the offers for this tourism program bringing advantages both for the guests, allowing them to contact directly with the agricultural activity, as for the client, who can assure and enjoy from a sustainable own production space for her consumption.

For the development and outgrowth of this work it was both imperative and necessary to study buildings with similar programs in order to understand the inherent needs to its own right development.

CONTEÚDOS

Nota Introdutória	12
Objetivos / Metodologia	12
Fontes e Materiais	12
Caso de Estudo: Quinta da Casa da Granja	13
Programa	15
1 A Quinta da Casa da Granja: Enquadramento	18
Programa Preliminar	18
Programa Base e Articulação Legislativa	18
Caracterização	20
2 A Quinta da Casa da Granja: Considerações e Caminhos até ao Protejo	28
Estar, Circular e Contemplar	30
A Subtileza da Criação	32
A Ideia	32
O Conceito de “lugar”	35
“Saber ver a arquitetura”	36
Questões de Detalhe - Caso de Estudo: Três Casas da Rua Alvares Cabral	38
3 A Quinta da Casa da Granja: A Pertinência do Turismo	42
O Caso Português	43
A Sustentabilidade na Atividade Turística	45
4 A Quinta da Casa da Granja: Introdução ao Projeto	48
Cartografia	48
Topografia	49
Plano Diretor Municipal	51

5 A Quinta da Casa da Granja: Linguagem	60
Estratégia	56
Experiencia Sensorial	59
Fechar para abrir - Caso de estudo: Museu da Fundação de Serralves	61
Proposta Geral da Quinta	62
6 Intervenção na Ruína: desenvolvimento	70
Primeira fase / Proposta	70
Segunda Fase / Proposta	72
Terceira Fase / Proposta	73
6.1 Intervenção na Ruína: Projeto Final	74
7 Habitações: Desenvolvimento	78
Primeira Fase / Proposta	78
Segunda fase / Proposta	80
O pátio - Caso de estudo: Casa Hooper	81
Terceira Fase / Proposta	83
A Ideia: O Claustro	84
Narrativa e Movimento - Caso de Estudo: O Mosteiro de Santa Cruz	85
Percursos Exteriores - Caso de Estudo: Casa Azuma	87
Quarta Fase / Proposta	90
Quinta fase / Proposta	94
Materialidade da Proposta	95
Materialidade - Caso de estudo: Casa Experimental para Elissa e Alvar Aalto	97
7.1 Habitações: Projeto Final	102
Percursos e Enquadramentos - Caso de Estudo: Casa de Chá da Boa Nova	103
Desenho dos Caixilhos	120
Desenho dos Alçados	123
8 Cavalariças: Processo	132
Primeira Fase / Proposta	132
Um Olhar “moderno” Sobre o Programa - Caso de estudo: Centro Hípico Sport Clube do Porto	136
Segunda Fase / Proposta	137
Um Olhar “tradicional” Sobre o Programa - Caso de Estudo: Cavalariças Casas Abrigo Serradela	138
Terceira Fase / Proposta	142
Varanda / Tribuna - Caso de Estudo: Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição	143
Quarta Fase / Proposta	147
8.1 Cavalariças: Projeto Final	152
Travessia de Contrastes - Caso de estudo: Basílica de Brasília	156
Organização do Espaço	159

Desenho dos Caixilhos	163
Desenho dos Alçados	166
9 Estufa: Processo	170
Primeira fase / Proposta	170
Estufa de Contemplação - Caso de Estudo: Estufa do Jardim Botânico do Porto, Casa Andresen	171
Um Olhar “modero” Sobre o Programa - Caso de estudo: Estufa da Casa do Varandão	172
Segunda fase / Proposta	175
Estufa de Trabalho - Caso de Estudo: Estufa da Fundação de Serralves	176
Terceira fase / Proposta	178
9.1 Estufa: Final	182
Desenho dos Alçados	186
Conclusão	190
Bibliografia	194
Livros	194
Trabalhos académicos	195
Revistas e jornais	195
Internet	196
Índice de imagens	198
Anexos	202

NOTA INTRODUTÓRIA

OBJETIVOS / METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo estudar as condições da Quinta da Granja no seu estado atual, na perspectiva da reabilitação e reaproveitamento de todo o seu espaço, encontrando um programa que consiga transformá-lo, dando-lhe novos usos. Foi possível numa fase inicial enquadrar esta reabilitação no âmbito do turismo rural, pois, segundo o Plano Diretor Municipal do concelho de Guimarães e suas condicionantes, este terreno satisfazia os requisitos necessários para esse fim.

A dissertação debruçou-se sobre a resolução dos problemas encontrados ao longo do projeto, focando-se também no desenvolvimento de um método de trabalho que se foi aprimorando com o decorrer do mesmo, suportado pelo desenho e por diversos esboços, como ferramentas indispensáveis para organizar o espaço. O desenho à mão levantada acompanha todo o texto da dissertação documentando graficamente as várias fases do trabalho.

A leitura de vários textos e artigos sobre organização de espaço, turismo e equitação, entre outros, foi importante para uma compreensão mais detalhada do conceito de arquitetura e para uma melhor definição do programa a projetar.

Várias obras arquitetónicas foram estudadas e usadas enquanto referência para o projeto da Quinta da Casa da Granja. Este estudo dá resposta a problemas concretos em fases específicas do processo do projeto. A reflexão sobre estes edifícios representa mais

uma faceta do método que usei para o desenvolvimento deste trabalho, estando a mesma assinalada no corpo de texto a verde. Deste modo, usando uma cor distinta da do resto da dissertação estabeleço um “parêntesis” na descrição de uma fase específica do projeto para explicar a influência do caso de estudo em questão numa determinada decisão.

A aprendizagem pretende-se refletida nas várias propostas do projeto para a Quinta.

FONTES E MATERIAIS

Para que fosse possível trabalhar sobre os vários temas propostos, houve um estudo e referência constante que acompanhou o desenvolvimento do projeto.

Visitei vários edifícios com o mesmo programa para que a aquisição de conhecimentos eventualmente decorrente dessas visitas se refletisse sobre as opções tomadas no meu projeto. Por exemplo, ao visitar cavalariças, falei com aqueles que ali trabalhavam para compreender quais são as principais características destes espaços, quais são as “regras” que devem ser respeitadas e, sobretudo, quais as rotinas próprias destes lugares. Visitei também algumas estufas, quer de “contemplação” quer de “trabalho”, com o propósito de tornar a minha intervenção o mais adequada possível ao projeto da Quinta. Também tive a oportunidade de visitar, entre outras, obras como o Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição, em Leça da Palmeira, do arquiteto Fernando Távora, o

Monumento a Azeredo Perdigão, em Lisboa, do artista plástico Pedro Cabrita Reis, a Fundação de Serralves, no Porto, e a Casa de Chá da Boa Nova, estas últimas da autoria do arquiteto Siza Vieira, que embora não tivessem uma relação direta com o programa a definir, foram referências/faróis importantes para a minha reflexão sobre espaço e arquitetura.

Tive a preocupação de estudar o estado do turismo em Portugal. A partir deste estudo, pude tirar várias ilações que foram importantes na definição do programa a que o meu projeto deu resposta.

Deste modo, projetei um todo capaz de satisfazer quer as necessidades da cliente e do espaço da Quinta quer as necessidades de uma correta prática da atividade hoteleira à qual a Quinta da Granja poderá vir a dedicar-se.

CASO DE ESTUDO: QUINTA DA CASA DA GRANJA

A Quinta da Casa da Granja, espaço com uma área de cerca de cinco hectares, situa-se na freguesia de Brito, no concelho de Guimarães, distrito de Braga, na região norte de Portugal.

Para este projeto foi essencial efetuar um levantamento e um registo de dados relacionados com a freguesia de Brito, uma vez que a Quinta em questão nela se insere. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) e conforme os registos dos últimos censos efetuados em território nacional, em 2011, a freguesia de Brito, até ao ano referido, registava 1384 edifícios, dos quais 33 haviam sido construídos antes do ano de 1919, sendo que entre as datas de 1981 e 1990 se registou o maior número de edifícios construídos (335). No período entre 2006 e de 2011 registou-se apenas a construção de 75 edifícios. A freguesia de Brito teve, assim, um forte crescimento a nível da construção durante os anos 80 mas esse crescimento tem vindo a diminuir drasticamente com o passar dos anos, o que demonstra que atrair novos visitantes

ao concelho através desta oferta turística poderá ser uma mais-valia.

No mesmo âmbito, é possível verificar que na freguesia de Brito habitam 1608 famílias, registando-se a presença de 4939 habitantes/residentes. Destes, 2468 pertencem ao género masculino e 2471 ao género feminino. Quanto ao nível etário e segundo os registos, o número de residentes com idades compreendidas entre os 20 e os 64 anos, na freguesia de Brito, é o mais elevado, somando 3182 indivíduos.

A Quinta integra-se num terreno de cerca de cinco hectares, como já referi, encontrando-se do lado nascente no sopé de um monte, numa zona pouco urbanizada, outrora fortemente marcada pela atividade agrícola. Atualmente, devido à expansão dos centros urbanos, esta área perdeu parte do seu carácter rural, dando lugar à construção de novas habitações e a um ambiente misto partilhado por casas de construção vernaculares e outras que poderão designar-se como “modernas”. A Quinta encontra-se numa área limite de diálogo entre os ainda existentes campos de cultivo visíveis na paisagem e estas novas moradias, já existentes.

O espaço da Quinta partilha com outros espaços vizinhos, num núcleo mais fechado e intimista, essa mesma atmosfera de há décadas, marcadamente rural, possuindo uma extensa e visível área de terrenos planos ou em socacos. De facto, ainda é possível observar nestes terrenos, que envolvem casas vernaculares, cortes, e pequenos equipamentos como

celeiros e espigueiros, símbolos tão típicos da ruralidade e da atmosfera agrícola do Norte de Portugal.

A Quinta da Casa da Granja foi adquirida pela cliente após um incêndio que deflagrou na pequena casa já existente, deixando-a devoluta. Com esta aquisição, o espaço sofreu algumas alterações. Nos campos de cultivo foram plantadas várias árvores, inclusive algumas árvores de fruto. Atualmente, só um dos socacos, porventura o maior deles, é que manteve o seu carácter amplo e sensivelmente plano, típico dos terrenos para cultivo e trabalho agrícola. Uma das mais-valias deste terreno é que estabelece uma forte ligação com a paisagem, pois localiza-se num ponto mais alto relativamente aos restantes campos. Há também uma linha de água subterrânea que passa dentro dos limites da Quinta, o que se torna visível nos vários tanques que afloram ao longo da mesma. Conforme referido, os campos que, no passado, serviam para a prática agrícola, já não cumprem essa função, apesar de ainda haver uma parte do terreno destinada a essa atividade. A cliente mantém essa pequena área para consumo próprio, motivada pelo gosto e pelo contacto direto com a natureza.

Dos cinco hectares que constituem a Quinta só dois farão parte da intervenção deste projeto, uma vez que se encontram vedados e separados da restante área. Fora deste limite, o terreno encontra-se num estado natural não se registando quaisquer modificações ou intervenções por parte do homem. A área vedada da Quinta é bastante vasta pelo que não sen-

ti, durante a minha intervenção, a necessidade de quebrar o ecossistema natural existente fora das vedações, ou seja, nos restantes hectares. Na Quinta são criados cavalos que pastam no socalco de maior dimensão o qual mantém um carácter melancólico e o ambiente original próprio da época em que a Quinta foi adquirida.

Numa fase inicial do meu processo, foram detetados vários problemas ou lacunas que se tornaram uma prioridade a abordar e, consequentemente, a resolver. Neste sentido, para reabilitar a Quinta e inseri-la no âmbito do turismo rural, não bastava criar equipamentos que fossem de encontro a este objetivo. Obviamente foi prioritário compreender que as competências deste espaço poderiam providenciar oferta turística, identificando as suas mais-valias e os seus problemas para tirar partido dos mesmos ou corrigi-los.

PROGRAMA

Não havendo um programa definido à partida, este foi desenvolvido com a cooperação da cliente, tentando satisfazer as suas pretensões e complementando-as com sugestões pessoais.

O programa partiu quer de necessidades ou falhas detetadas no terreno e respetivos equipamentos, quer da necessidade crescente, por parte da cliente, de desenvolver uma atividade ou equipamento(s) que fosse(m) capaz(es) de requalificar o terreno permitindo-lhe tirar algum partido financeiro do mesmo. Tal foi o caso da construção de novas habitações destinadas ao alojamento de futuros hóspedes.

Comecei o desenho pelos espaços que necessitavam de intervenção imediata. Verifiquei que as cavalariças já existentes na Quinta, para além de serem uma construção provisória, se encontravam em péssimas condições, representando um perigo para a saúde dos cavalos. Por outro lado e no mesmo âmbito, a reabilitação da antiga casa da Granja tornou-se parte do programa de intervenção neste projeto por

esta fazer parte da história intrínseca deste lugar. A antiga casa encontrava-se em ruína, restando apenas algumas paredes exteriores. Assim, propus a preservação da sua memória e uma recuperação da mesma, respeitando o seu carácter original. A recuperação da ruína, tornando-a num espaço de estar, e o projeto de novas cavaliças forma os elementos do programa que se tornaram prioritários.

O programa para a reabilitação da Quinta, à medida que o projeto foi avançando, ganhou depois novas competências. Edifícios como as habitações e a estufa tornaram-se parte dele de modo a complementar as estruturas e atividades já existentes. Como a cliente pretendia tirar algum rendimento deste espaço, foi proposto que fosse criada uma área complementar para receber hóspedes, a que chamarei as habitações. Por estar a trabalhar sobre um terreno ainda marcado por uma ruralidade evidente, e por esta intervenção estar inserida num campo de ação relativa ao turismo rural, fez todo o sentido que a linguagem utilizada para este espaço exprimisse alguma “vernacularidade”. Embora as habitações venham a constituir uma construção atual, cumprindo necessidades dos dias de hoje, tive um cuidado especial em desenhá-las como se sempre tivessem pertencido aquele espaço. Nestes desenhos houve uma forte influência das construções vernaculares características da zona de Entre-Douro-e-Minho. Para esta construção, selecionei e utilizei materiais típicos do lugar, respeitando-o, como o granito e as madeiras, de modo a que a obra se enquadrasse na

paisagem por “simpatia”.

Por sua vez, a estufa é um edifício que foi projetado para servir quer como complemento dos restantes equipamentos enquadrados no programa para a prática de turismo - no qual os hóspedes poderão ter contacto com o trabalho agrícola independentemente das condições atmosféricas - quer como um pequeno ecossistema controlado e complementar para produção agrícola destinada ao consumo da cliente.

Resumindo, o programa proposto para esta oferta turística rural consiste em quatro equipamentos “principais”: a reabilitação da ruína, as habitações, as cavaliças e a estufa. Estes, por sua vez, irão ramificar-se consoante o próprio programa geral e as especificidades de cada uma das suas partes. Por se tratar de um projeto que incide sobre um terreno de grandes dimensões, por vezes o mesmo alastrou e engloba não só o edifício, mas também a envolvente. Esta área irá sofrer transformações de beneficiação com os novos edifícios projetados, criando atmosferas díspares entre si.

Esta perspetiva de abordagem foi fundamental para enquadrar a intervenção no lugar já que os edifícios foram assim trabalhados juntamente com a respetiva envolvente, desenhando um espaço contínuo/coerente. A reabilitação da Quinta foi tomada como um todo, passando de um espaço seccionado a um espaço unitário, de múltiplas relações entre o construído, o existente e o lugar.

1 A QUINTA DA CASA DA GRANJA

enquadramento

PROGRAMA PRELIMINAR

“(...) devem ser analisados em profundidade os hábitos, as necessidades e as aspirações da família que ali ira habitar.” [c1]

Este projeto surgiu por sugestão de uma pessoa de família, que é proprietária de um terreno outrora utilizado para cultivo, mas que atualmente lhe serve, entre outras coisas, de habitação. Com a cliente/Tia houve, em todas as fases do projeto, transparência e colaboração.

Inicialmente, o projeto sugerido foi uma nova casa, uma vez que havia uma já existente mas de pequenas dimensões. Contudo, com o decorrer do trabalho e em conjunto, entendemos que o projeto deveria ser muito mais que o de uma habitação, estendendo-se a toda a propriedade.

Dito isto, decidiu-se que as cavalariças seriam o primeiro programa a ser desenvolvido. Na altura em que comecei o projeto, existiam dois cavalos na Quinta. É, contudo, necessário referir que conforme os anos, alguns animais são vendidos e outros comprados, variando assim o seu número. As estruturas existentes, as boxes, eram de certa forma um espaço improvisado, de construção frágil e de eventualmente curta duração, pelo que a criação de um novo projeto para este espaço representou desde cedo para mim uma necessidade.

Adicionalmente, há que registar que houve sempre por parte da cliente a vontade de rentabilizar ao máximo o terreno, falando-me, entre outras propostas, numa estufa de grandes dimensões onde se pudessem plantar frutos exóticos para comercialização. De igual modo, reforçou a ideia de que poderia utilizar uma nova casa a construir como uma fonte de rendimento, alugando-a durante curtos períodos de tempo.

Todas estas ideias se foram sedimentado e foi possível articulá-las através de um programa comum.

PROGRAMA BASE E ARTICULAÇÃO LEGISLATIVA

“Ao contrário do artista plástico devo, no entanto partir de tarefas funcionais e técnicas que cada obra arquitectónica tem de cumprir.” [c2]

Para uma melhor e real compreensão do terreno e das suas potencialidades, desloquei-me até aos registos da Câmara Municipal de Guimarães. Após perceber a tipologia do terreno em que iria trabalhar, bem como o que seria permitido nele fazer, segundo a legislação vigente, no contexto das características daquele lugar, cheguei à conclusão de que, como o terreno apresentava uma área suficiente para o projeto de um empreendimento turístico, esta seria uma ótima oportunidade para condensar as várias ideias da cliente num só programa.

Com o aparecimento destas novas informações, foi-me possível sugerir à cliente que, na eventualidade de construção de uma casa para arrendamento e visto que o terreno se insere numa aldeia, quantas mais áreas de atividade surgissem para oferta num período de estadia, mais adesão poderia ter por parte dos possíveis hóspedes.

Logo, uma vez construída(s) a(s) casa(s), todo o conjunto, ou seja, casa(s), estufa e cavalariças, poderia englobar um programa de retiro, tal como um fim-de-semana didático no campo.

Os espaços enunciados representam vivências que se complementam mas que são díspares. A(s) casa(s) representa(m)-se e apresenta(m)-se como unidade, sendo um espaço de descanso, de deleite, de ócio, de refeições e lugar de convívio entre os vários hóspedes. A estufa, para além da produção de alimentos para proveito direto da cliente, poderia servir como ponto intermédio de participação agrícola, proporcionando assim uma aprendizagem e vivência para os hóspedes do que são o trabalho e o contacto com a terra e a agricultura. Com a particularidade de não estar dependente da época do ano e das condições atmosféricas, que marcam, num período de sazonalidade, as produções. Por fim, as cavalariças representariam mais uma atividade, e consequentemente uma mais-valia quer para os hóspedes que poderiam usufruir do contacto com os animais e do espaço inerente a estes, bem como para a cliente que teria um espaço próprio para os cavalos com melhores condições do que o já existente.

Foi recomendada à cliente a construção de uma estufa mais pequena do que a que inicialmente idealizada, considerando que esta última implicaria custos mais elevados de construção e manutenção (sistemas de rega, mão-de-obra, compra de adubos, fertilizantes, pesticidas, etc.). Uma vez que esta estufa mais pequena naturalmente não poderia produzir em grande escala nem para comercialização, permitiria, contudo e por outro lado, criar um pequeno ecossistema para a produção de al-

c1: SIZA, Álvaro. *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000. Pag. 39

c2: ZUMTHOR, Peter. *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. Pag.14

[1]



guns legumes e frutos para consumo próprio. Além disso, esta pequena estufa continuaria a proporcionar à cliente o desenvolvimento do seu gosto pela agricultura, não dependendo da sazonalidade.

Também propus à cliente/Tia que se realizasse uma reabilitação do espaço da ruína, mantendo as suas paredes exteriores no estado em que se encontravam. Deste modo, o galinheiro que ocupava o seu interior seria retirado, para que fosse possível, em vez deste, criar um espaço de estar. Na minha proposta o edifício iria manter-se com o seu aspeto de ruína, num ambiente rural com forte relação quer com a paisagem quer com a sua própria memória.

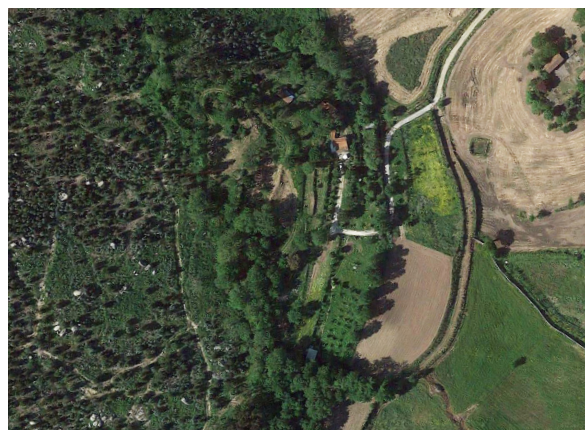
O desenho das novas cavaliças surge neste projeto por elas representarem uma lacuna que a construção antiga apresentava, resultando para mim numa necessidade intervir de imediato neste lugar. O mesmo aconteceu com a ruína.

Tanto as novas casas como a estufa partem de uma ideia sustentada através dos princípios que regem a área do turismo, mais especificamente o segmento do turismo rural. A estufa constitui um complemento que vai valorizar o espaço existente, a nível turístico, pelas particularidades que reúne.

Dito isto, há que concluir que estão aqui apresentados quatro programas distintos: cavaliças, ruína, casa(s) e estufa.

A junção destas ideias e a certeza da qualidade da oferta da experiência no seu conjunto rapidamente se consolidaram e deram lugar ao projeto aqui apre-

[2]



sentado.

CARACTERIZAÇÃO

O espaço de intervenção e objeto de estudo deste projeto, a Quinta da Casa da Granja, sita na freguesia de Brito, Guimarães, é, como já referido, uma propriedade com uma extensão de cerca de cinco hectares. Localiza-se nos arredores de Brito, do lado nascente, no sopé de um monte [i1], perto de uma linha de água. Trata-se de uma zona pouco urbanizada onde, outrora, a atividade agrícola era a atividade primária de sustento e fomento. Atualmente, esta área deixou de revestir-se do seu carácter rural e os terrenos que a compreendem deram lugar ao fenómeno da urbanização, marcando a paisagem pelo aparecimento de novas moradias e habitações dispersas.

Neste contexto, o projeto da Quinta da Casa da Granja surge com um carácter intimista, de proximidade, tal como outros terrenos nos seus arredores que ainda preservam a mesma atmosfera de décadas passadas, estendendo-se em áreas planas e amplas, em socacos, envolvendo habitações, cortes e pequenos espaços como celeiros ou cavaliças em conjunto com a paisagem [i2].

A Quinta da Casa da Granja é abrangida por uma ampla área, que se estende desde a base do monte até meia encosta. É nesta perspetiva e amplitude que a paisagem se altera ao mesmo tempo que se vai subindo e ganhando terreno em direção ao cume,



abrindo-se e transformando-se numa paisagem mais extensa e panorâmica.

É de salientar que a antiga Casa da Quinta da Granja se perdeu, no passado, num incêndio e, conseqüentemente, poucas são as estruturas originais restantes, devendo referir-se que só algumas das suas paredes exteriores se conservaram. Sendo um espaço de amplitude considerável, é partilhado por pessoas e animais. Apresenta uma vegetação alta, em determinadas zonas bastante densa, com a particularidade de existirem zonas de cultivo e árvores de fruto.

Embora o espaço total da Quinta seja de cinco hectares, só dois destes estão vedados, limitando-o; sendo que metade desta área vedada é para uso da cliente, enquanto a outra metade é mantida no seu estado natural, conservando e preservando o ecossistema do local.

O acesso, pedonal ou automóvel, é feito a partir da Rua João Paulo II, através de um caminho em terra batida. Este caminho atravessa vários campos e, ao longo do seu percurso, transmite uma sensação de proximidade pois é possível ver a Quinta como que a aproximar-se a cada passo dado pelo visitante.

Ao entrar nos limites da Quinta, encontra-se a ruína da antiga casa [img. 1 em anexo: fotografia da ruína vista dos portões da Quinta]. Esta era uma casa de pequenas dimensões, modesta, onde, segundo a cliente, se propagou, um incêndio que viria a deixá-la devoluta, tornando assim toda a propriedade desabitada. Perdida a casa, perdeu-se também o lugar de residência daqueles que trabalhavam a terra. É após este incidente que a atual proprietária adquire o conjunto de todo este espaço.

Depois do incêndio poucas foram as paredes que sobreviveram. A ruína da casa [img. 31, 32, 33 e 35 em anexo: fotografias atuais da ruína da casa] foi transformada mais tarde num galinheiro, adaptando-se assim a uma nova função e passando a estar delimitada tanto pelos muros

i1: fotografia da vista à chegada à Quinta
i2: imagem de satélite da Quinta e espaço em redor

[3]



preexistentes como por redes altas para evitar a fuga dos animais.

Do lado nascente da ruína, há um campo sensivelmente plano onde existe um pomar, com algumas árvores de fruto ainda de pequenas dimensões [img. 2 em anexo: fotografia do socalco junto à entrada da Quinta]. Este espaço é limitado por um muro de pedra em dois dos seus lados e vedado muito precariamente nos restantes.

Como será evidenciado posteriormente neste projeto, há uma grande proximidade entre a Quinta e uma linha de água, o que leva a que no terreno se verifique a existência abundante deste recurso. Não nos podemos esquecer de que esta propriedade, em tempos, foi uma local onde a agricultura era dominante, não podendo subsistir sem água. Existem assim várias fontes, tanques e depósitos em toda a extensão do terreno. Exemplo disso é a existência de um tanque no galinheiro, em forma de elipse, feito para que os animais pudessem beber próximo do local onde habitam [img. 32 em anexo: fotografia do tanque do galinheiro]. Outro exemplo localiza-se junto às atuais boxes para que os cavalos possam beber [img. 11 e 13: fotografia em anexo do tanque junto às cavaliças].

Para possibilitar morar de novo na Quinta, foi edificada pela cliente uma nova casa a oeste da antiga [i3], a uma cota mais elevada, onde a estrada interior da Quinta vai ter em *zig zag*, contornando socalcos e vencendo cotas. A casa é um T0 que possui uma

[4]



cozinha numa extremidade e, junto a esta, um quarto de banho. Esta cozinha/*kitchenette* é separada da parte restante da casa por um balcão em granito. Na outra extremidade, há um grande plano envidraçado que se abre sobre a paisagem.

Perto da casa, junto ao caminho de acesso à mesma, há ainda um outro tanque de pequenas dimensões, com água corrente, [i4] que torna este espaço em particular bastante agradável devido ao efeito do som da água a cair.

Do lado sul da casa atual, junto à entrada, encontra-se um amplo espaço empedrado para o qual, em duas extremidades opostas, existem acessos por escadas de pedra aos socalcos inferior (Este) e superior (Oeste) [img. 29 em anexo: fotografia do acesso feito por escadas para o socalco superior]. No socalco inferior, o antigo campo foi aproveitado para acrescentar algumas árvores como carvalhos, mas também para plantar árvores de fruto. A partir da casa, para Oeste, acima do alinhamento entre esta e as cavaliças, o terreno encontra-se no seu estado natural, mas foram também nele plantadas algumas árvores da região como os carvalhos e os pinheiros. Embora a vegetação cresça livremente existe um trajeto traçado até ao cimo do terreno. No cimo deste, há um depósito de água. Para além deste existem outros dois, um na planície onde os cavalos pastam e ainda um outro perto da nova casa.

Independentemente da área da casa e da sua envolvente, os campos que outrora constituíam áreas para



cultivo foram reutilizados pela cliente, perdendo alguns o seu carácter agrícola. Foram plantadas árvores de fruto, o que veio interferir com a habitual amplitude associada a estes espaços.

Atualmente, na Quinta, existem cavalos e umas pequenas cavalariças reunindo poucas condições para os mesmos [i5]. Estas, feitas por meio de uma construção improvisada e em más condições, foram construídas com tábuas e retalhos de madeira; juntamente com o chão, em terra, não providenciam as melhores condições para a criação dos animais nem para o armazenamento de ração. No entanto, as cavalariças existentes funcionam minimamente para o fim que lhes é destinado, abrigar e “guardar” os cavalos, ainda que não reúnam as condições mais próprias para a sua manutenção e cuidado. O espaço onde os cavalos permanecem quando não estão a ser utilizados, neste caso uma boxe única, é partilhado por todos eles, tornando por vezes complicado retirar um dos animais sem que os restantes saiam também. Adicionalmente, há outro espaço para guardar a comida (a ração, o feno, o farelo), bem como o material para a prática da equitação (as selas, os estribos, as cabeçadas, etc.). Contudo, e continuando a referência às insuficiências deste espaço, não há um local específico para arrear os animais, ou seja, para preparar os cavalos para montar, assim como não existe um espaço edificado para a higiene necessária (algo que é recomendável fazer sempre que o cavalo for montado pela última vez no dia). No que se refere à sua localização, estas cavalariças estão inseridas num espaço vedado do lado sul do terreno onde existem árvores de pequenas dimensões, assim como um tanque para os cavalos beberem. A boxe está sempre aberta e os animais podem andar livremente por este terreno. A Este, no socalco inferior ao descrito, existe uma extensa área sensivelmente plana, onde pastam. É um espaço onde o carácter e amplitude do antigo terreno foram mantidos, prevalecendo uma área ampla de grandes dimensões. Hoje não é utilizado para a agricultura

i3: fotografia da casa da cliente

i4: fotografia da fonte junto à casa da cliente

i5: fotografia das boxes e o recinto em seu redor

mas sim para o pasto dos animais [img. 4, 5 e 7 em
anexo: fotografias do pasto].

2ª QUINTA DA CASA DA GRANJA

considerações e caminhos até ao protejo

O processo de desenvolvimento de um projeto pelo arquiteto não é unicamente de carácter prático, isto é, de recolhas objetivas de ideias ou conceitos relacionados com a linguagem do projeto, mas é igualmente um processo de recolha e de estudo teórico que, embora possa não ter uma relação direta com o projeto em si, são de igual importância na construção do mesmo.

A dimensão prática do projeto, e principalmente na execução de um trabalho deste âmbito, deverá ser sustentado por uma recolha de impressões e de referência teórica.

A leitura dos vários livros e textos foi importante para o meu trabalho porque me ajudou a aperfeiçoar e a atingir o seu resultado final. Contudo, muitas vezes não temos a certeza de que a leitura de determinados textos terá algum reflexo na conceção posterior de um projeto. Tal como o esboço de um esboço é uma tentativa do arquiteto na procura do resultado final do seu trabalho, podendo vir este a reutilizá-lo ou não, também as leituras que fiz, sendo todas de alguma maneira proveitosas para a forma final do meu projeto tiveram reflexos diferentes sobre este.

A procura de uma definição de arquitetura, assim como a relação do construído com o lugar, foram alguns dos temas que procurei estudar durante as várias leituras feitas durante e para a execução do projeto, numa tentativa de adequar a minha intervenção à Quinta sobre a qual pretendi trabalhar.

“a relação entre natureza e construção é decisiva na arquitectura. Esta relação fonte permanente de qualquer projecto, representa para mim como que uma obsessão;” [c3]

A arquitetura existe primeiramente quando associada e ligada à existência de um lugar. Aferir esta premissa permite-nos concluir que não só a arquitetura como também a necessidade de um lugar estão assim intimamente ligadas ao longo de cada passo de um projeto.

A arquitetura vem tendo ao longo dos séculos um papel fulcral para as civilizações, expressa em cidades, jardins, templos, anfiteatros, mosteiros, templos fúnebres. A arquitetura torna-se e é o reflexo dos tempos em que é construída e as novas construções podem despoletar grandes transformações do espaço em seu redor. A arquitetura deve ser contemporânea em cada tempo e simultaneamente ter características permanentes de atualidade nos vários tempos. No entanto, e sem pretender contradizer-me, devo salientar que o(s) ponto(s) de partida para o desenvolvimento da arquitetura se baseiam em motivos que persistem de forma consistente no tempo longo, traduzidos embora em manifestações bem distintas nas diferentes épocas.

A arquitetura vem sendo considerada uma Arte, assim como a pintura e escultura; no entanto, o que diferencia a primeira das restantes é que esta é uma

arte social, uma arte feita a pensar no Homem, na sociedade, que busca responder a problemas e também estudar e entender o Homem, servindo-o enquanto indivíduo singular e enquanto elemento de um coletivo. Ou seja, a arquitetura pode configurar uma arte individual no sentido em que se dirige às necessidades de alguém em particular, ou transformar-se numa arte virada para a comunidade, para o coletivo.

A arquitetura é uma arte que convida a entrar e que só é realmente apreciada quando percorremos o seu interior. O alçado de um edifício pode ser bonito ou feio aos nossos olhos, pode apresentar um ar pesado ou transmitir leveza, pode ter muitas ou nenhuma aberturas - e é assim que correntemente algumas pessoas validam ou avaliam a arquitetura. Mas, como sabemos, a arquitetura vai muito para além dessa avaliação, pois um edifício organiza o espaço à sua volta e relaciona-se com a sua envolvente, quer assimilando-a e enquadrando-se nela, quer destacando-se e “opondo-se-lhe”. No interior de cada edifício, dependendo do programa, há um variadíssimo número de espaços que se relacionam e/ ou se sucedem, comunicando com o exterior. A arquitetura, é forma, é espaço (interior e exterior) é construção é função mas fundamentalmente, é a arte de relacionar, de articular tudo isso num todo coerente/contínuo.

Para Álvaro Siza;

“Arquitectura é geometrizar.” [c4]

Para Corbusier;

“a Architectura é o jogo sábio, correcto e magnífico dos volumes organizados sob a luz.” [c5]

c3: SIZA, Álvaro. *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000. pag.17

c4: *idem*. Pag.27

c5: LE CORBUSIER. *Conversa com os estudantes das escolas de arquitectura*. 3ª ed. Lisboa: Cotovia, 2003. Pag.36

Para Lúcio Costa;

“A. é construção com a intenção de ordenar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa.” [c6]

Após a experiência obtida através dos anos de que fui usufruindo e dos trabalhos acadêmicos em que fui trabalhando, posso constatar que a arquitetura, enquanto conceito claramente assumido como polivalente e plurifacetado, garante diferentes valências: a arquitetura existe como resultado final de um projeto, ou de um produto, mas certamente também existe, e coexiste, ao longo de todo o processo de trabalho, desde simples organogramas a desenhos de execução. Paradoxalmente, devemos considerar da mesma forma que apenas quando um projeto está terminado e a obra executada se pode encarar a obra como arquitetura. Até então, na verdade, o projeto limita-se a ser o que o nome simplesmente sugere, um projeto – uma hipótese.

A necessidade intrínseca da existência de um *lugar* exige a seleção de um sítio, de um pedaço de terra que o possa privilegiar.

Consequentemente são pertinentes a reflexão e o estudo do impacto que qualquer edifício tem na paisagem. No meu projeto, esta consideração foi

desde cedo atendida, pelo que existiu a preocupação de inserir a obra sem destruir a atmosfera do lugar. Na verdade, da mesma forma que considero que a envolvimento da obra na respetiva atmosfera se revela como um ponto crucial para o sucesso de um projeto, de igual modo entendo que a relação dessa obra com o utilizador e com a sua vivência do espaço é fundamental.

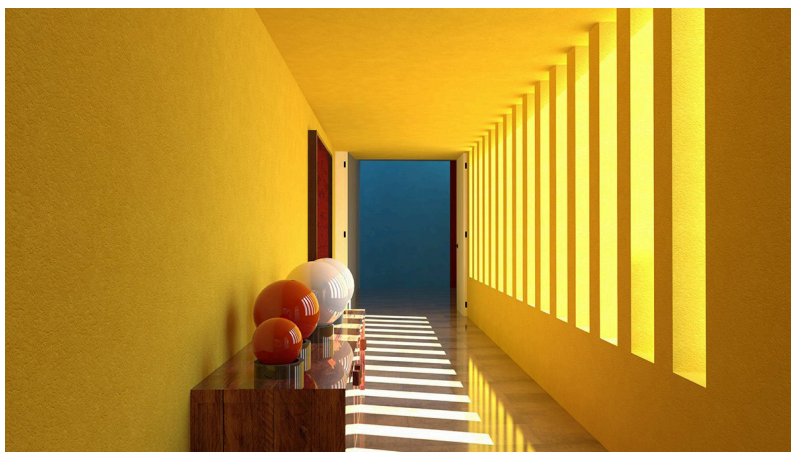
ESTAR, CIRCULAR E CONTEMPLAR

“Uma boa arquitectura deve hospedar o homem, deixá-lo presenciar e habitar, e não tentar persuadir.” [c7]

No desenho geral da Quinta tentei criar vários percursos, várias opções e várias atmosferas diferentes, e procurei sobretudo que cada uma delas oferecesse ao utilizador maneiras diferenciadas de habitar o espaço.

No meu entender, na arquitetura o desenho do espaço pode ser agrupado tendo em conta três vertentes - *estar, circular e contemplar*. Sem o respeito por qualquer um destes conceitos, o espaço pode tornar-se incompleto e desagradável ao Homem.

Acontece que, por vezes, dois destes conceitos podem estar sobrepostos ou condensados, mas tal não implica que sejam visto como um só conceito. Por exemplo, nas casas anteriores ao século XVII, as salas sucediam-se umas às outras, uma vez que não



havia ainda a noção de corredor, pelo que seria necessário passar por um quarto ou sala para seguir para a divisão seguinte: assim, circular e estar estavam restringidos ao mesmo espaço, embora pela organização interna do quarto/sala, pudessem estes conceitos distinguir-se entre si. Na Casa Francisco Gilardi (Cidade do México) do arquiteto Luis Barragan, o corredor de acesso à piscina interior e à sala de jantar é um espaço de *circular* [i6] e, na minha opinião, é também um espaço de *contemplar*, contemplar a luz que passa pelo ripado de betão e a cor que envolve calorosamente todo aquele perímetro. Esta obra foi uma das referências no meu projeto, uma vez que a imagem do corredor me serviu de forte inspiração - poderemos ver o seu reflexo no alçado Sul do pátio nas habitações cujo projeto apresentarei mais tarde. O mesmo ripado serve como uma força de absorção do exterior através do sol e das sombras que este provoca, transmitindo assim quase que uma noção de ritmo.

Criar lugares de contemplação permite ao utilizador parar, observar, sentar-se, complementar a obra e a paisagem, e refletir.

Tentei que em toda a Quinta houvesse sítios articulados com diferentes ambientes e sensações. Tais como um simples banco para observar a paisagem, ou um espaço onde se possa refletir e conviver acompanhado pelos sons que o preenchem, ou ainda outros onde reine a ausência do som e se possa ouvir o silêncio. Ou uma mesa de pedra longe da casa, um sítio onde se possa quebrar a rotina e absorver o momento. O que distingue o arquiteto de um mau desenhador é que o primeiro pensa o Homem no espaço, com a certeza que cada indivíduo é diferente e cada lugar tem as suas necessidades. A arquitetura cria assim como que pequenos luxos que só quem vive o espaço pode sentir.

A arquitetura pode ser simples e subtil, e por vezes a melhor arquitetura é aquela que o é em modos mais circunspectos. De facto, é detentora da capacidade de transformar o espaço em algo interessante e

c6: SILVA, Jorge Henrique Pais da - *Dicionário de termos de arte e arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, 2005. Pag.41

c7: ZUMTHOR, Peter. *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. Pag. 28

i6: fotografia do corredor da Casa Francisco Gilardi, Barragan.



inesquecível sem recorrer a uma grande quantidade de artifícios.

A SUBTILEZA DA CRIAÇÃO

Posso, neste momento, referir um exemplo que, embora não seja uma obra arquitetónica, nos faz refletir sobre a subtileza da criação.

Um logotipo tem como objetivo estar associado a uma empresa, e é por este que habitualmente a mesma é reconhecida. Por isso, normalmente são criados logos sugestivos, simples, claros e marcantes para que nos fiquem registados na memória e a fim de os associarmos, de forma imediata, a determinadas marcas.

Sendo a empresa *FedEx* uma transportadora de dimensão mundial, hoje é e representa um dos logos mais reconhecidos internacionalmente. À primeira vista, este logo [i7] não é mais que um *lettering* com o nome da marca com dois tipos de cores. Talvez para a maioria dos leitores não haja nada de muito de subtil neste logo, já que assume unicamente o próprio nome da empresa. Porém, perante um olhar mais atento, conseguimos ver que entre as letras “E” e a letra “x” se organiza num jogo de cheios e vazios em forma de seta. Ora, uma seta representa uma indicação, aponta para algo, para uma direção ou um caminho; neste caso, sendo a empresa uma transportadora, a seta cria na composição geral um sentido de precisão e de rapidez, como que indicando um caminho certo. Ainda assim, a existência des-

ta seta no logo é algo tão subtil que dificilmente se deteta à primeira vista.

A arquitetura também pode ter esta qualidade: criar espaços subtis que, sem sabermos bem o motivo pelo qual, ou porquê, nos fazem sentir bem neles. A arquitetura de Álvaro Siza, por exemplo, tem por de trás alinhamentos (com a existência e entre os edifícios) que, assim como uma seta neste logo, não são perceptíveis à primeira vista mas acarretam consigo a surpresa e conferem qualidade ao espaço quando o olhamos com mais atenção e detalhe. É por isso interessante refletirmos que, por de trás de uma ideia, por muito simples que nos possa parecer, está implicado um trabalho que pretende tornar simples o que é complexo.

A IDEIA

“Para mim, a primeira imagem é sempre a mais importante. A primeira imagem pode ser um círculo ou um triângulo, uma ideia muito básica do espaço e da sua relação com o sítio.” [c8]

É natural que qualquer arquiteto, ao começar um projeto e principalmente quando visita o *lugar* pela primeira vez, sinta as primeiras ideias a ferver na sua cabeça, num momento de perfeita inspiração. Diria que essa ideia inicial nem sempre é a da forma do edifício, ou as linhas de força do projeto.

Como refere Tadao Ando na citação anterior, a primeira imagem poderá ser algo tão simples como um quadrado ou um círculo. De facto, para este arquiteto, como também, por exemplo, para Louis Khan, essas imagens são elementos inerentes ao projeto que podem ser visíveis na planta do edifício, na forma do mesmo, através do recorte dos vãos criados, ou na luz refletida.

“Vislumbro este edifício como um cisne flutuando na água. (...) Quando estiver iluminado e a sua forma então se unir ao reflexo na logo, o edifício de Fort Worth produzirá uma imagem muito bonita.” [c9]

A ideia, a imagem do projeto, torna-se uma âncora para a prática projetual. Considere-se que qualquer “bom” projeto parte de um conceito, de uma ideia, e é a partir dessa âncora que nos debruçamos sobre o ele quando este parece perder o rumo certo.

Porém, a simplicidade de conceber imagens tão simples e puras ao iniciar o projeto requer uma extrema compreensão e reflexão sobre o programa e o lugar. Para atingir a facilidade com que alguns arquitetos elaboram o conceito do projeto, é necessária experiência. Recordo-me que, no início da minha formação académica, me era difícil desenvolver o conceito, a imagem do projeto. Em adição, recordo que, no projeto que elaborei no segundo ano da minha formação, o Centro Cultural no Jardim das Virtudes, na cidade do Porto, numa fase inicial, a implantação do edifício apresentava-se para mim sem rumo, à descoberta, sendo que qualquer volume desenhado numa semana era por mim posto em causa na semana seguinte. A procura da imagem do projeto é uma necessidade recorrente, e é a trabalhar com ela, ganhando experiência, que conseguimos ter uma linha condutora, coerente e unitária para o projeto que se vai desenvolver.

i7: logotipo da empresa Fedex

c8: ANDO, Tadao. *Conversas com Michael Auping*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. Pag.40

c9: *Idem*. pag.21

Como irei explicar posteriormente com mais detalhe, no projetar das habitações da Quinta da Casa da Granja, a ideia surgiu-me enquanto folheava um livro e mais concretamente ao ver a imagem do claustro do Mosteiro de Alcobaça. Apesar de o meu projeto ter tomado diferentes direções em diversas fases do processo, o espaço central de pátio que se associa um claustro manteve-se e, deste modo, este projeto teve e tem uma âncora que, por muitas variações de forma que sofra, nunca será removida ou descaracterizada.

Dentro da mesma lógica, na estufa desenvolvi também um conceito que me surgiu de forma mais tardia em relação à imagem ao que se verificou no caso das habitações. A imagem da estufa apareceu-me ao caminhar por uma vila no Gerês. Contemplando um espigueiro abandonado e em más condições de preservação, pensei para mim que era lamentável uma peça tão bela e tão característica encontrar-se naquele estado. Naturalmente que em algumas circunstâncias, hoje os espigueiros não são mais do que memórias de tempos passados, e que nós, gente da cidade, pouco habituada ou familiarizada com o trabalho rural, gosta de fotografar. Questionei-me como é que esta peça tão importante na vida agrícola do passado poderia ser aproveitada, considerando os atuais condicionalismos. Infelizmente esta é uma pergunta para a qual não tenho resposta. Mas ocorreu-me uma ideia que se revelou de grande pertinência para o meu projeto. Se eu tivesse um espigueiro

na Quinta, poderia aproveitar o seu espaço interior para fazer uma estufa de modestas dimensões, uma vez que a estufa faz parte do programa deste projeto. Usando a forma e o ritmo das ripas dos alçados para proporcionar entradas de luz, seria uma peça icónica no espaço e também, de certa forma, curiosa pois o que antes servira para secar os cereais, serviria agora para os fazer crescer.

Por conseguinte e após estas considerações, o facto de não ter um espigueiro na Quinta não me impossibilitou de pensar na ideia da uma estufa, uma forma esguia associada à de um espigueiro. Mesmo que não havendo uma semelhança óbvia entre um espigueiro e uma estufa, a altura e elegância esguia do espigueiro foi adotada para a nova construção.

No que respeita às cavaliças, não poderei dizer que haja uma ideia direta de referência, como acontece nos dois projetos acima referidos, o das habitações e o da estufa. Mas o que aqui foi utilizado e trabalhado como ideia, se assim lhe posso chamar, foi o módulo que adotei e mais tarde irei desenvolver, e a sua repetição; e ainda o conceito de horizontalidade e o de barreira visual.

O CONCEITO DE “LUGAR”

Li em certa altura da minha vida que o facto de o *homo sapiens* não apresentar pelo, comparativamente com outras espécies animais, foi o principal factor que permitiu a evolução do mesmo enquanto espécie. A condição natural do Homem, sem pelo,



combinada com a invenção de roupas, deu-lhe a capacidade para regular a temperatura corporal, permitindo que esta espécie se adaptasse a qualquer clima global, sobrevivendo e evoluindo ao longo de gerações. Hoje em dia, as roupas que usamos são uma extensão e reflexo da nossa personalidade e imagem. A roupa é uma necessidade para o homem, e é através dela que mostramos quem somos perante os outros, e nos afirmamos. E tem sido assim por centenas de séculos ao longo do curso da História.

O conjunto de circunstâncias que acabo de enunciar pode transpor-se para a arquitetura. Para que o *homo sapiens* conseguisse habitar em qualquer clima, teve de se adaptar ao lugar, o que deu origem à necessidade da invenção de roupas. Como que uma “capa” protetora capaz de se adaptar a qualquer clima, assim as “capas” com que revestimos os edifícios que projetamos, para além de se adaptarem ao lugar, revelam perante o utilizador o “estilo” de cada um.

Fazendo um exercício, e usando uma obra do artista Pedro Cabrita Reis, o Monumento a Azeredo Perdigão [i8], imaginemos agora, mantendo aquela mesma estrutura - as lajes, as escadas, os planos e os pilares de betão - que envolvíamos todos aqueles vãos com vidro, ou vidro martelado, ou pedra, ou então tijolo à vista, ou até com uma chapa metálica ondulada. Nesse caso, o estilo mudaria completamente apesar de a estrutura de base se manter. Conclua-se: uma mesma estrutura, um mesmo interior, pode revelar-se para o exterior de diferentes modos de acordo com as diferentes “roupagens” que assumir.

Tal como o *homo sapiens*, a arquitetura tem igualmente a capacidade de vestir uma “capa” que lhe permita “sobreviver” nos diferentes climas. Por exemplo, no nordeste do Brasil, as casas devem ser bem ventiladas devido às temperaturas intensas, e o arquiteto deve proporcionar nestas habitações espaços sombrios de forma a mantê-las frescas. Neste caso percebe-se que, por exemplo, as paredes devem ser finas, sem

i8: fotografia do Monumento a Azeredo Perdigão, Pedro Cabrita Reis

isolamento, uma vez que a utilização deste último não se justifica.

Em contrapartida, nos países nórdicos, devido às poucas horas de sol e às baixas temperaturas, podemos observar uma arquitetura que recorre à utilização de grandes vãos e grandes envidraçados para deixar entrar o sol e a luz para o interior da casa, aproveitando ao máximo as horas existentes de sol e o contacto com o exterior. Contrariamente ao exemplo anterior, nos edifícios destes países as paredes devem ser grossas, com isolamentos espessos, proporcionando maior conforto e consequentemente maior calor no seu interior. A orientação da casa bem como as suas aberturas, abrindo em busca da luz do sol, ou escondendo-se dele, se for o caso, também são importantes em ambos os exemplos. No meu projeto, os edifícios e as aberturas foram pensados para aproveitar a luz solar no seu máximo, uma vez que o clima em Portugal corresponde a um meridiano entre estes dois exemplos. Há, no caso do meu projeto, que ter em atenção a exposição solar dos vãos do edifício no inverno e, simultaneamente, providenciar nesses mesmos vãos a sombra no verão.

Tentei, com o exemplo da obra de Pedro Cabrita Reis, explicar que, embora a estrutura apresentada possa ser a mesma, cada um de nós pode exprimir-se da maneira que mais lhe agrada e que acha mais pertinente para determinado programa e lugar, usando deste modo a sua própria linguagem em co-

erência esse lugar.

Durante o processo de projeto, estudei vários arquitetos, como Barragan, Corbusier, Álvaro Siza e Mies Van der Rohe, entre outros, que me serviram de fonte de conhecimento e de inspiração. Mas o resultado deste estudo foi, neste caso, uma linguagem que pretendo que seja própria e que variou conforme as necessidades que cada programa e de cada lugar que fui apreendendo.

“SABER VER A ARQUITETURA”

A arquitetura, por ser uma área polivalente, requer um conhecimento geral sobre outros ramos e disciplinas e deve, sobretudo, estabelecer uma coordenação entre todos. Por vezes, podemos comparar a arquitetura com a música ou até com a culinária, pois ambas sintetizam uma ideia comum, a utilização de vários “ingredientes” que, usados em harmonia, devem resultar num elaborado e “saboroso” produto final. Quando, na confeção de um prato, se usa demasiado sal, o resultado poderá ser um prato intragável; por outro lado, sal insuficiente resulta num prato “neutro” e sem sabor. O mesmo é válido para a arquitetura: Uma boa obra arquitetónica é aquela que consegue reunir em si os ingredientes necessários, na quantidade certa, para que esta não se torne neutra, banal ou “intragável”. Ao contrário de outras artes, a arquitetura é uma arte social, que trabalha com o Homem e para o Homem. É necessário estudar o homem e a História do lugar para

que o projeto traduza o resultado adequado ao programa apresentado. A típica casa burguesa, naturalmente, dadas as necessidades da época em que foi contruída, não possuía garagem. Mas para que um edifício deste tipo satisfaça as necessidades dos tempos de hoje, para alguns arquitetos, quando reabilitam casas burguesas, a integração de um espaço interno para o automóvel é uma prioridade a considerar. Pessoalmente subscrevo esta solução.

A cidade do Porto, nos tempos atuais passa por uma acentuada fase de transformação urbana, obviamente relacionada com o turismo, que resultou em várias mutações operadas na cidade. Partiu-se para um melhor desenho do espaço público, tornando o centro do Porto um lugar mais apelativo para um grande número de turistas e jovens, que nos tempos atuais preferem, de forma generalizada, viver no centro, em vez das periferias. Contudo, verificávamos o processo contrário até há algumas décadas atrás.

De facto, a arquitetura acompanha estas transformações, e há nos tempos atuais um número crescente de antigas casas burguesas a serem reabilitadas. Porém, o maior problema que a cidade atravessa é a falta de estacionamento. Os empreendedores destas reabilitações, querendo ganhar a maior quantidade de dinheiro possível, realizam muitas vezes fracas recuperações das casas existentes e tornam-nas muitas vezes plurifamiliares. O que nas casas burguesas era uma sala, torna-se agora num fogo completo, isto para que em cada piso seja possível fazer duas habitações, resultando em T0s e T1s. Assim, não resolvem o problema existente de estacionamento automóvel e provocam a vinda de um número por vezes excessivo de habitantes para a cidade, contrariando uma boa política urbanística.

Tal como muitos arquitetos, eu posiciono-me do lado oposto a estas estratégias. Mais do que tentar trazer os jovens e os turistas para o centro, é prioritário fornecer espaços suficientemente amplos para al-

[9]



[10]



bergar famílias, para que deste modo se possa trazer uma vida perene à cidade, para além das modas turísticas, sedimentando a permanência de habitantes no interior das cidades.

As atuais transformações de que falei, que se fazem sentir no interior das antigas casas burguesas tendo em vista o aumento de inquilinos por habitação, trazem claras repercussões negativas no espaço público. Com um maior número de pessoas a viver no centro das cidades e a falta de estacionamento nas mesmas, torna-se insustentável ter carro e viver no centro. Mais uma vez reforço que, com as condições que estas novas casas oferecem, dificilmente se podem tornar habitações de carácter permanente. Deste modo, será necessário pensar nos edifícios a reabilitar para além dos típicos T0s e T1s.

Nos três exemplos a seguir apresentados temos, para o mesmo problema, várias soluções diferentes.

QUESTÕES DE DETALHE - CASO DE ESTUDO: TRÊS CASAS DA RUA ALVARES CABRAL

“o trabalho do arquitecto torna-se portanto um trabalho de detective, que procura restabelecer correspondências antigas e vitais, traumáticamente cortadas e mal perceptíveis” [c10]

Neste âmbito, apresento três exemplos relacionados com situações em que os arquitetos se depararam com um novo problema, o de abrir um vão na fachada de uma casa burguesa, proporcionando, por meio de uma garagem para cada habitação, lugares de estacionamento privado. Nestes exemplos, podemos verificar a importância de saber investigar, compreender a linguagem a usar e, consequentemente, saber intervir.

Estes três exemplos referem-se a edifícios de casas burguesas situadas na Rua de Álvares Cabral, no Porto.



No primeiro exemplo [i9], o edifício, típica casa burguesa, apresenta-se exteriormente com uma abundante utilização de materiais como a pedra, nas cantarias das portas e janelas, o azulejo, no negativo entre as portas e janelas, e ainda o ferro fundido, este último visível nas guardas das janelas e da varanda. Neste alçado, é visível uma intervenção recente, na qual é de notar que o arquiteto percebeu que a altura das janelas do piso inferior seria suficiente para que fosse possível a entrada de um veículo automóvel. Nesse sentido, rompeu a pedra que separava as duas janelas e envolveu este novo vão com pilares e vigas de aço, criando uma garagem privada para os proprietários. Estes novos pilares e vigas representam um corpo estranho no edifício, que se inserem por contraste e representam uma possibilidade material e construtiva. A ideia de corpo contrastante é reforçada pela utilização do aço e pela permanência do recorte original das janelas na parte superior da viga de aço.

Efetivamente, esta solução resolve o problema criado pelo programa e revela a preocupação de inserir as novas alterações projetadas no contexto do edifício já existente segundo logicas de alguma veracidade construtiva. No entanto o material usado, na minha opinião não se enquadra por “simpatia” na composição do alçado, uma vez que não se trata de materiais contemporâneos dos restantes. Os outros exemplos apresentam uma evidente “incapacidade” construtiva em modos

c10: SIZA, Álvaro. *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000. pag.99

i9: fotografia da fachada de uma casa burguesa da Rua de Alvares Cabral, nº 369

i10: fotografia da fachada de uma casa burguesa da Rua de Alvares Cabral, nº 333

i11: fotografia da fachada de uma casa burguesa da Rua de Alvares Cabral, nº 323

gravitacionais.

Assim:

“Aquilo que pode ser perfeitamente correcto e natural num meio cultural, pode facilmente estar errado num outro; o que é adequado e próprio numa geração torna-se ridículo para a seguinte, quando as pessoas adquiriram novos gostos e hábitos” [c11]

Neste outro exemplo [i10], nota-se que houve uma adequação na intervenção, esta visível na escolha do material usado, enquadrando-a com a materialidade do edifício existente. O arquiteto registou que o material usado nas cantarias das portas e janelas é a pedra e, deste modo, usou o mesmo material, embora eu considere que falta alguma qualidade ao desenho no sentido de que a nova intervenção ocorrida seja assimilada pela construção original, como se a ela sempre tivesse pertencido. Evidentemente que esta solução não seria construtivamente possível devido às dimensões das pedras usadas no vão.

Por fim, um outro exemplo [i11], nota-se que houve o cuidado de estudar o edifício e de perceber quais eram as formas das pedras das cantarias para as poder mimizar, redesenhando-as.

No entanto os exemplos [i10] e [i11] apresentam um modo “impensável” de ordenar a matéria segundo lógicas gravitacionais/materiais procurando agir

pela epiderme como se de um pastiche se tratasse o ato de projetar.

Contudo, neste novo vão do exemplo [i11], é de louvar a preocupação visível, de “detetive”, a fim de as alterações nesta fachada, claramente posteriores à obra, satisfazerem as necessidades atuais de estacionamento automóvel, camuflando-se no edifício pré-existente.

Procurei ter durante o desenvolvimento dos meus projetos, quer o da reabilitação da ruína, quer o das habitações ter “cuidados” construtivos e de veracidade material. Assim, houve um estudo prévio para perceber como é que estes espaços se articulam e quais os mecanismos construtivos utilizados. No caso das habitações, embora seja uma construção edificada de raiz, houve, como irei explicar em maior detalhe no capítulo a elas referente, o cuidado de criar um edifício que, apesar de “moderno” (no sentido de contemporâneo), conseguisse transmitir uma imagem de ruralidade, fazendo com que a construção se integrasse no seu contexto, respeitando o carácter do mesmo.

c11: RASMUSSEN, Steen Eiler. *Viver a arquitetura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007. Pag.11

3 A QUINTA DA CASA DA GRANJA

a pertinência do turismo

“O mundo rural tem sofrido, em Portugal e em muitas regiões da Europa uma multiplicidade de alterações nas últimas décadas. Muitas destas alterações estão relacionadas com o declínio da sua função principal, a agricultura, na sequência das quais o espaço rural passou de espaço de produção a espaço “multifuncional” e até, em muitos casos, a espaço de “consumo” mais especificamente satisfazendo as necessidades e desejos de turismo e lazer das populações urbanas.” [c12]

É após a revolução industrial que os habitantes do mundo rural, na procura de melhores condições de vida, se deslocam para núcleos industriais, procurando habitar áreas periféricas junto aos mesmos. Estes centros industriais deram origem ao crescimento de algumas cidades, organizando à volta destas infraestruturas aglomerados habitacionais para vasto número de habitantes. Nesse sentido, dado a crescimento destes lugares, foi necessário criar as condições para que as cidades pudessem crescer de forma saudável e sustentável.

As cidades atuais concentram dentro de si o poder político, comercial, jurídico, assim como os serviços daí decorrentes - grandes infraestruturas como hospitais, bombeiros e outras provenientes da crescente procura destas cidades como lugares onde residir.

Atualmente, o crescimento dos meios rurais em Portugal é diminuto e depende de pequenos investidores que possam interessar-se pelo turismo, que poderá representar um forte impulsionador do desenvolvimento destes espaços atraindo a eles os habitantes da cidade.

Os sentimentos de massificação, artificialidade e estandardização decorrentes da atual vida urbana suscitam uma crescente fuga e consequente procura de espaços rurais, e daí resultará a necessidade do desenvolvimento do setor do turismo rural.

O espaço rural tem vindo a ser idealizado ao longo dos séculos através de variadas formas de arte e pela mão de muitos artistas. Na literatura, desde cedo que a natureza, associada à ao quotidiano rural, foi intensamente elogiada e reconhecida. Vários escritores portugueses como Bernardim Ribeiro, Eça de Queiroz, Carlos de Oliveira, Alberto Caeiro, entre tantos outros, enalteceram a vida no espaço rural e os benefícios a ela associados. Também na pintura, a ruralidade transmitida, por exemplo, pelas telas de Silva Porto, como em “Um Campo de trigo-Seara” [i12] ou “Guardando o Rebanho” [i13] se exprime privilegiando as cores da natureza e os seus jogos de luz, ao retratar os trabalhos agrícolas e as atividades rurais. Os fantásticos quadros de Jean Millet ou de Camille Corot são igualmente maravilhosos exemplos desses retratos da vida campestre que ao longo dos séculos têm vindo a inspirar muitos. De facto, o elogio do deste espaço como lugar de excelência

[12]



alarga-se não só a um grupo de escritores e pintores como também a outros artistas, como escultores, fotógrafos, cineastas, músicos, compositores, e todos os que “praticam” a arte.

O CASO PORTUGUÊS

Entretanto houve efetivamente a perda e a desvalorização daquela que seria a principal fonte de rendimento do espaço rural, a agricultura, em particular no caso português. Intrinsecamente ligado a esta perda está o despovoamento e o envelhecimento das comunidades que aí permanecem. A falta de investimento público ou privado em escolas, centros de saúde, farmácias, correios, etc. tem tornado o espaço rural pouco apelativo para aqueles que pensam sair da cidade optando por uma vida mais calma.

“Contudo, sobretudo mais recentemente e também por incentivos vindos de fundos Europeus que apostam no desenvolvimento rural, os atores do espaço português têm procurado ativamente alternativas às atividades em declínio, que passam, por um lado, novas práticas agrícolas (...) mas também pela aposta em serviços de turismo e lazer (...)”[c13]

O Turismo de Portugal indica que o turismo interno registou no ano de 2016, entre os meses de janeiro e junho, um número de dormidas em alojamento turístico local de 6,3 milhões, sendo que o mercado interno correspondeu a 27,3% das pernoitas totais (Turismo de Portugal, 2016).

Com uma reconhecida segmentação de procura, o turismo em Portugal tem vindo a desenvolver-se nas suas variadas vertentes. Em con-

[13]



c12: KASTENHOLZ, Elisabeth; EUSÉBIO, Celeste; FIGUEIREDO, Elisabete; CARNEIRO, Maria João; LIMA, Joana. *Reinventar o turismo rural em Portugal: co-criação de experiências turísticas sustentáveis*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2014. Pag.1

i12: óleo sobre tela “Um Campo de trigo-Seara” de Silva Porto

i13: óleo sobre tela “Guardando o Rebanho” de Silva Porto

c13: KASTENHOLZ, Elisabeth; EUSÉBIO, Celeste; FIGUEIREDO, Elisabete; CARNEIRO, Maria João; LIMA, Joana. *Reinventar o turismo rural em Portugal: co-criação de experiências turísticas sustentáveis*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2014. Pag.1

cordância com este aumento, a preocupação com a sustentabilidade emergiu e Portugal surge como um destino europeu alinhado com os princípios de um desenvolvimento sustentável (PENT, 2012). Seguidamente, é de notar que, de acordo com o Plano Estratégico Nacional do Turismo, para os turistas, Portugal é valorizado pelo clima, luz, história, tradição, cultura, hospitalidade, e diversidade concentrada (PENT, 2012).

A importância de uma boa prática na área do turismo relaciona-se com uma inegável importância do impacto do turismo na economia nacional. De facto, o turismo revelou-se um motor de arranque da economia portuguesa nos últimos anos, bem como um motor de desenvolvimento social, regional e rural.

Como em muitos países, em Portugal, ao declínio da agricultura nas zonas rurais seguiu-se a um consumo objetivo que visou, e visa, responder e satisfazer as necessidades dos seus utilizadores, os turistas (Kastenholz, 2014). Este espaço de “consumo” caracteriza-se como Turismo rural, sendo os principais agentes de “procura” maioritariamente as populações urbanas que pelo seu desejo de fuga das cidades e na tentativa de encontrarem um ambiente em que impere a tranquilidade procuram cada vez mais espaços predominantemente rurais (Oliveira Baptista, 2006). Torna-se assim premente a necessidade de não só construir como reabilitar espaços para alojamento turístico em contexto rural. Será pertinente

referir que, segundo o Instituto Nacional de Estatística, “por globalidade do sector de alojamento turístico entende-se os estabelecimentos hoteleiros, o Alojamento Local e o Turismo no Espaço Rural e de Habitação” (Estatísticas do Turismo, 2015). Aqui se insere a tipologia abordada no corrente projeto para a Quinta da Casa da Granja.

O desenvolvimento rural, sobretudo alavancado por incentivos provenientes de fundos Europeus, constituiu-se pela aposta em serviços claramente dominados por atividades de lazer (Kastenholz, 2014).

O projeto que irei apresentar vai de encontro a esta aposta. Como referido, pretendo criar não só uma zona habitacional turística rural, mas também atividades relacionadas com este programa que se poderão realizar durante uma estadia na Quinta da Casa da Granja, como a prática da equitação e prática agrícola.

Relativamente a este assunto, vários autores apontam para o facto de nem todos os espaços rurais apresentarem os mesmos atrativos para os visitantes, tornando-se central o fator da localização. Mas a exploração das atividades e dos serviços providenciados pelo turismo rural podem gerar, através de uma má gestão dos recursos, impactos negativos nas povoações e nos lugares onde os serviços poderão operar.

O programa deste projeto procura providenciar uma estadia com diversas ofertas para os hóspedes, como já explicado. Habitações, cavalariças e estufa

fazem parte de um programa rico e variado capaz de satisfazer as necessidades quer da cliente quer dos potenciais hóspedes. Assim, desde cedo surgiu a preocupação de apostar em propostas sustentáveis que revelassem uma conjugação de fatores acautelando esses impactos negativos. A adequada utilização dos recursos e dos materiais usados, como a pedra de granito e as madeiras, por exemplo, irão contribuir, quer no ambiente quer na paisagem, para uma boa integração da obra neste contexto rural.

c14: BAEZA, Alberto Campo. *Pensar com as mãos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. Pag.39

A SUSTENTABILIDADE NA ATIVIDADE TURÍSTICA

“A verdade é que, quando falamos de SUSTENTABILIDADE, da casa, da cidade e do território, temos de falar de arquitectura. Ora não é a arquitectura algo diferente da natureza, que se impões sobre ela?

Mas o que deve entender um arquitecto por SUSTENTABILIDADE? Talvez maior concordância com a natureza?

Entendo por SUSTENTABILIDADE algo tao simples como tentar fazer as coisas com LÓGICA, com BOM SENSO e com espírito de SOBRIEDADE.

PENSAR em vez de NÃO PENSAR

ECONOMIZAR em vez de ESBANJAR

REFORMAR em vez de MUDAR TUDO” [c14]

Segundo o PENT (Plano Estratégico Nacional do Turismo), a sustentabilidade deverá ser um modelo de desenvolvimento equilibrado, em que ocorra uma dinamização da economia local, a conservação do ambiente, a fomentação de boas práticas ambientais e responsáveis, premiando uma excelente qualidade de vida para todos os agentes (PENT,

2011). No projeto da Quinta da Casa da Granja, o modelo de sustentabilidade regista-se através do resultado do incremento da economia pelo fluxo turístico que registaria, bem como pela implementação de práticas responsáveis pela conservação do meio ambiente. Este projeto prevê a utilização de materiais característicos do lugar e o uso de energias renováveis como painéis solares fotovoltaicos que se localizarão nos telhados das habitações a fim de converter energia solar em energia elétrica e aquecimento de água. O uso dos materiais do lugar irá proporcionar um equilíbrio entre o construído e o existente, assim como contribuir para a economia local durante a construção (extração de pedra, das madeiras, mão-de-obra, etc.).

Os dados recentes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico apresentam o Turismo como chave principal do crescimento económico contribuindo para 4,1% do PIB em média (OCDE, 2016). Com a reconhecida coexistência de entidades e organizações que reconhecem o Turismo como fonte e motor da economia, a arquitetura eventualmente ligada ao turismo regista um potencial incremento na realização de projetos como a Quinta da Casa da Granja. Em acréscimo, a OCDE vem reiterar a certeza de que o turismo deverá apresentar-se sob formas diversificadas, tal como neste projeto se apresenta, reforçando a atratividade dos próprios destinos.

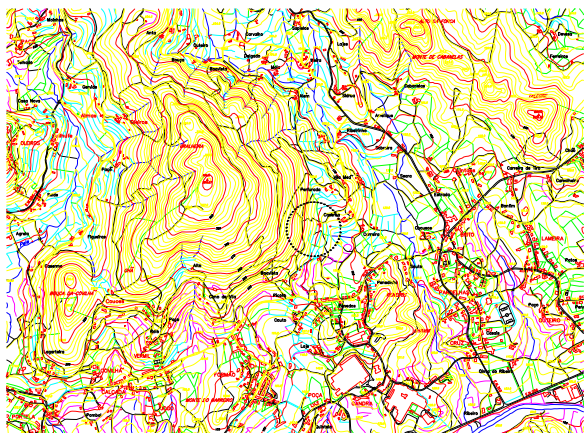
Dito isto, ainda que de forma breve, as informa-

ções aqui apresentadas registam de modo coerente o acentuado fomento e crescimento que o turismo rural tem registado, e continuará a registar, segundo previsões estatísticas, bem como os indicadores que permitem esta análise. Pela valorização que o turismo tem garantido, a qualidade das ofertas turísticas torna-se decisiva. Finalmente, é assumida a relevância de uma prática de turismo sustentável que se relacione com uma resposta atrativa e satisfatória, apresentando para o turista um conjunto de oportunidades.

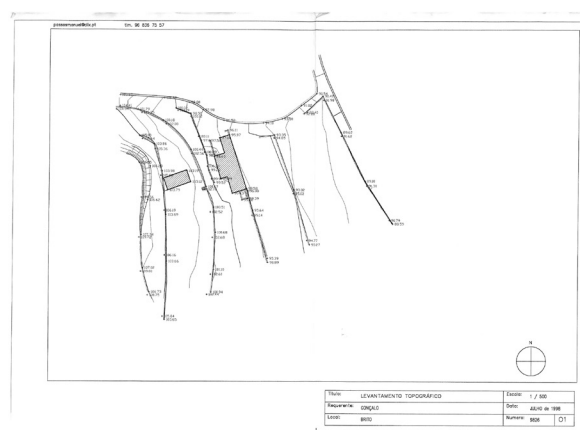
4 A QUINTA DA CASA DA GRANJA

introdução ao projeto

[14]



[15]



CARTOGRAFIA

Para que fosse possível trabalhar sobre o “real”, foi necessário contactar a Câmara Municipal de Guimarães, de forma a ter acesso ao maior número de material possível e existente para o desenvolvimento deste trabalho. Através desta entidade tive acesso a uma planta em dwg, assim como o PDM: planta de ordenamento e planta de condicionantes.

A planta do ficheiro dwg, [i14] fornecida pela Câmara Municipal de Guimarães data do ano de 1992 e apresenta-se a uma escala bastante elevada, provavelmente 1/5000, estando apenas representadas curvas de nível de cinco em cinco metros. Naturalmente que esta planta, dada a visível falta de informação, não seria suficiente para realizar um projeto que incide obrigatoriamente numa escala de pormenor.

Aquando da apresentação da planta obtida ao meu orientador, foi-me sugerido que, através de uma representação relativamente rigorosa, fizesse um levantamento mais ou menos preciso do terreno, dan-

do uma notória prioridade aos lugares sobre os quais a proposta iria incidir. Esta opção de levantamento não totalmente rigoroso é sustentada na medida em que este projeto, do qual resulta esta dissertação, não pretende tornar-se numa obra construída, não passando assim de um exercício de compreensão do espaço - ou seja, da quinta - enquanto terreno, evidentemente frisando o desenvolvimento de uma metodologia de trabalho.

Naturalmente surgiu a necessidade de encontrar, para além da planta fornecida pela Câmara Municipal, mais material para que fosse possível desenvolver esta proposta.

Como já referido anteriormente, houve em tempos um projeto para a nova casa da Quinta, na qual a cliente vive atualmente. Assim sendo, a meu ver, e dada essa intervenção, certamente haveria uma planta cotada do terreno. Contactei o Arquiteto Sérgio Bastos, que esteve à frente do anterior projeto da casa da cliente, e foi-me disponibilizado um PDF da planta de levantamento topográfico parcial [i15], que compreendida essa nova proposta de casa e a

entrada da Quinta. Esta planta foi um importante e rigoroso elemento que me deu, pela primeira vez, um contacto objetivo com o terreno. Contudo, este levantamento parcial apenas contemplava 1/5 da superfície total do terreno, mas foi a planta que funcionou como um ponto de referência importante para desenvolver e completar todo o levantamento topográfico necessário. É importante referir que me deparei com alguns erros naquele levantamento do terreno, os quais foram depois corrigidos ao visitar o lugar.

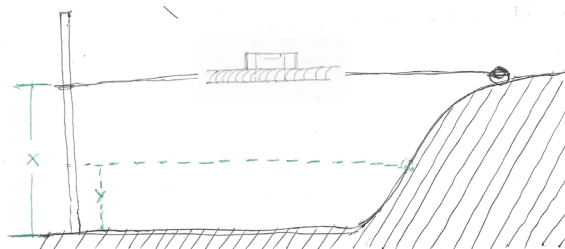
i14: planta parcial de Brito de 1992

i15: planta do levantamento topográfico de 1998

TOPOGRAFIA

Neste âmbito, a sugestão do orientador levou-me a elaborar variados estudos de levantamento da área complementares entre si, até encontrar a volumetria do terreno. Este trabalho, tendo como base as plantas obtidas, foi um processo contínuo de tentativas e erros até chegar à planta final que representa de forma tão aproximada quanto possível a realidade atual do mesmo terreno. Tratou-se de um levantamento feito sempre com o auxílio da fita métrica, mas também da imaginação. Assim, tentei muitas vezes imaginar uma linha horizontal contínua que marcasse uma curva de nível, passando-a de imediato para o papel antes que essa imagem desaparecesse da minha memória. Em certas alturas, pela existência de muros de sustentação de terra, era bastante fácil a medição, pois bastava-me medir um muro em vários pontos

[16]

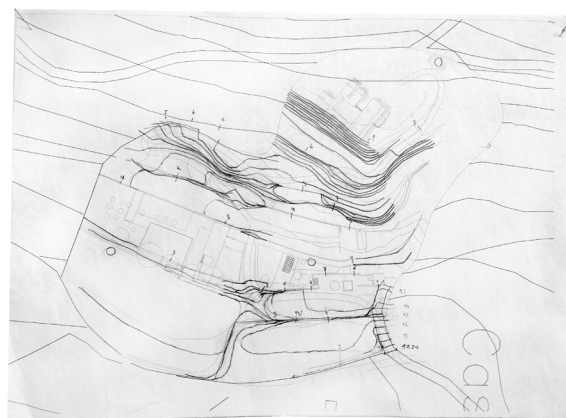
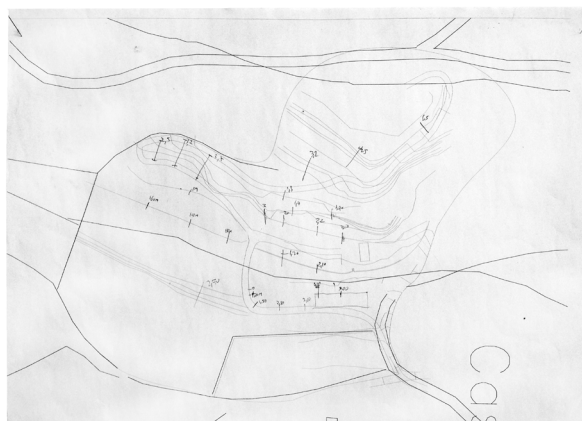
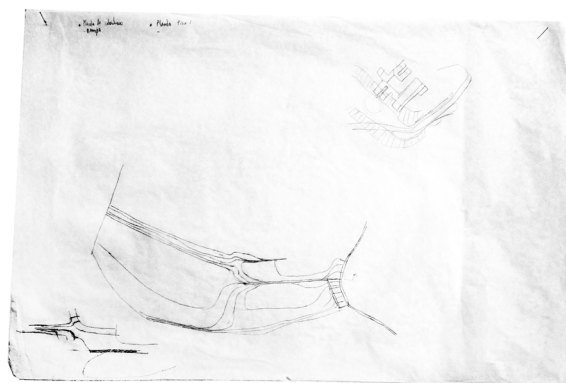


para saber a diferença entre cotas. O método mais utilizado e que se revelou mais útil para o levantamento topográfico consistiu em, usando uma corda na qual coleí um nível, numa extremidade dessa corda amarrei uma pedra e ateí a outra ponta a uma escada de madeira. Depois, ao colocar a pedra quer no cimo de uma encosta quer em qualquer outro ponto, ajustando a altura da corda na escada estando esta na vertical e verificando o nível até a corda estar na horizontal, medi a distância na escada entre a corda horizontal e o chão. Esta medida resulta na diferença de cotas de um ponto relativamente a outro [i16] Este foi um processo demorado, depois de passar os dados recolhidos para o computador e criar uma representação mais rigorosa e bidimensional do terreno com curvas de nível. Para conferir e confirmar esta representação, mais tarde voltei à Quinta verificando de imediato que, em algumas porções do terreno, a planta por mim elaborada pouco tinha a ver com a realidade. Este processo [i17] frustrante de tentativa e erro foi-se repetindo até chegar ao resultado final, que me satisfaz agora plenamente.

Tratou-se de um exercício bastante útil e pertinente, pois através dele, para além de obter uma planta do terreno estruturada para poder trabalhar, consegui ter uma perceção total e real do terreno, o que me permitiu conhecer com rigor cada metro quadrado do mesmo. Deste modo pude aperfeiçoar a acuidade da minha intervenção neste contexto tão rico.

Tive assim o privilégio de passar várias horas no terreno. Esse mesmo contacto, fosse ele a fazer medições topográficas, levantamentos, tirar fotos, ou a imaginar o projeto no espaço, proporcionou-me a possibilidade de observar o terreno ao longo de varias estações.

Consequentemente, essa aprendizagem dos contextos geográficos da Quinta inseridos no projeto - sejam as vistas enquadradas entre as árvores, a exposição solar ao longo do ano ou as diferentes atmosferas da quinta - revelou-se bastante importante e considero que isso se refletiu nos edifícios projetados, adaptando-os harmoniosamente ao lugar.



PLANO DIRETOR MUNICIPAL

Apesar de este trabalho ser um projeto que poderá não vir a ser construído, constituiu para mim uma aprendizagem que resultou numa prova final de curso.

Conjuguiei nele vários fatores dos quais fazem parte o trabalho com a realidade e a legislação em vigor. Assim, para trabalhar sobre este terreno, tive de estudar o Plano Diretor Municipal da freguesia de Brito, no concelho de Guimarães.

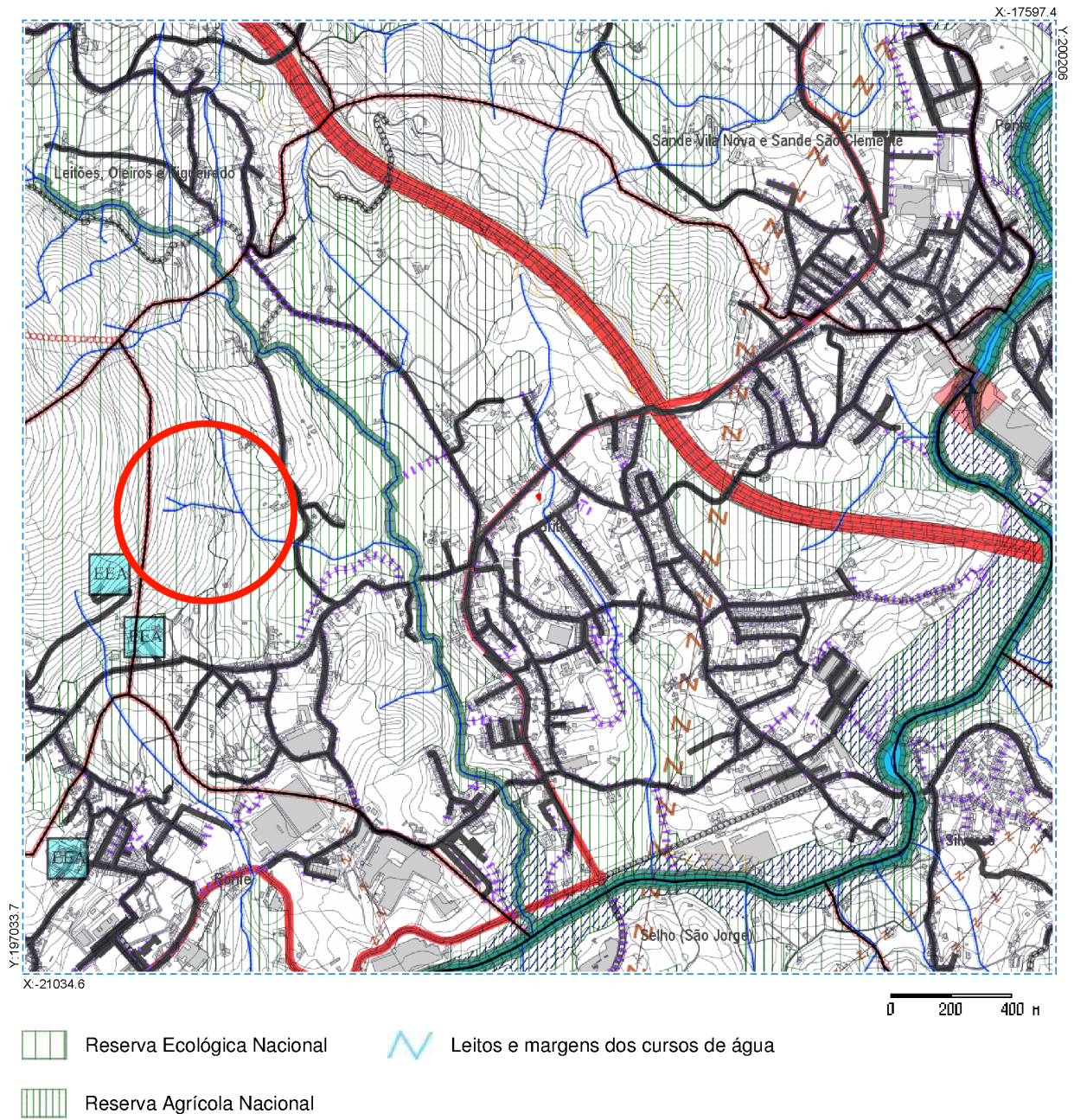
Segundo a planta de condicionante [i18], o terreno é dividido entre a Reserva Ecológica Nacional (REN) e a Reserva Agrícola Nacional (RAN). Conforme o regulamento do Plano Diretor Municipal publicado em Diário da República, para uma área de reserva agrícola, existem quatro alíneas distintas para regime de edificação, sendo elas as seguintes: a) edificação de instalações de apoio à produção, transformação, armazenamento, comercialização e exploração de produtos agrícolas, pecuários ou florestais, tendo esta alínea as suas próprias regras para a edificação; b) edificação de habitação unifamiliar, também ela com condições próprias e diferenciadas das restantes; c) edificação inerente a usos turísticos, de desporto, de recreio e lazer; e por fim, d) equipamentos de interesse público, cuja localização em espaços agrícolas se justifique pela natureza ou pelo contexto de povoamento.

i16: Desenho do método “artesanal” utilizado para a elaboração do levantamento topográfico

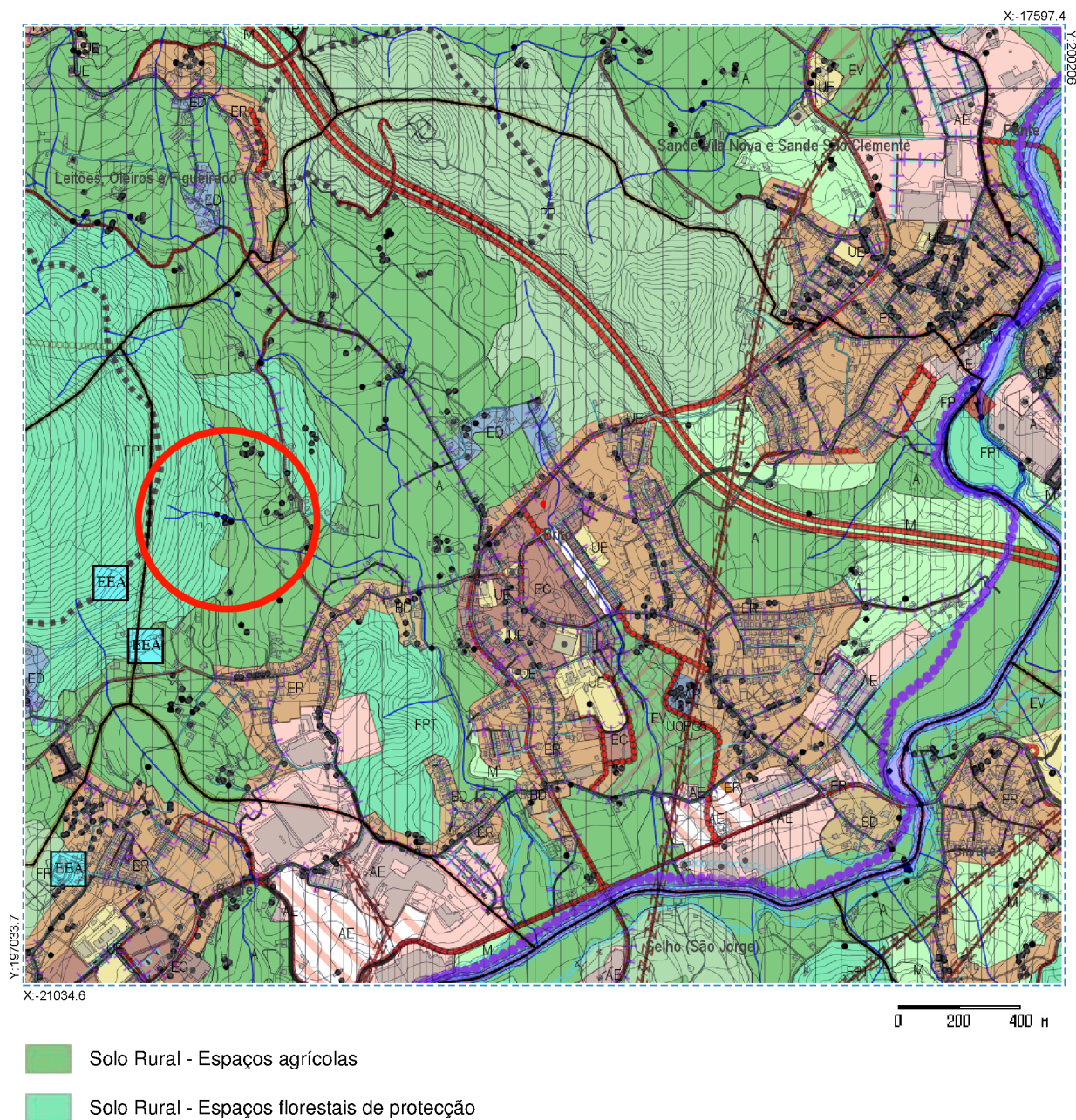
i17: Conjunto de plantas de estudo da topografia da Quinta

i18: planta de condicionantes

i19: planta de ordenamento



[19]



Também é possível verificar através da análise de ambas as plantas, quer a de condicionantes quer a de ordenamento, que existe uma linha de água dentro dos limites do terreno.

Segundo a planta de ordenamento [i19], o terreno encontra-se compreendido entre Solo Rural – Espaços Agrícolas e Solo Rural – Espaços Florestais de Proteção.

Na planta de ordenamento, os espaços de Solo Rural - Espaços Agrícolas são coincidentes com os da RAN na planta de condicionante. Consequentemente, os espaços de Solo Rural - Espaços Florestais de Proteção coincidem com as áreas REN. No regulamento explica-se que os Espaços Florestais de Proteção se integram maioritariamente nas REN e as condicionantes de regime e edificação são as mesmas enunciadas acima relativas às RAN.

Como já referido, a minha proposta está inserida no ramo do turismo rural e, assim sendo, a alínea que diz respeito à minha intervenção é a c), edificação inerente a usos turísticos, embora contemple também outros usos e finalidades.

Conforme a Revisão do Plano Diretor Municipal de Guimarães, publicada no Diário da República, 2.ª série — N.º 119 — 22 de junho de 2015:

“Nos espaços agrícolas, e caso se verifique a autorização prévia de inutilização de solo agrícola da entidade tutelar competente, admite -se a edificação nos seguintes termos:

(...)

- i) Área mínima do terreno, para novas edificações, corresponda a 10.000 m²;
- ii) O índice de utilização (Iu) correspondente, incluindo as edificações eventualmente existentes, não exceda 0,05 da área total do terreno;
- iii) A altura da fachada não exceda 9 m;
- iv) Os novos edifícios devem implantar -se na área do terreno menos prejudicial à atividade agrícola, sem prejuízo do seu bom enquadramento urbanístico e correta integração paisagística.”

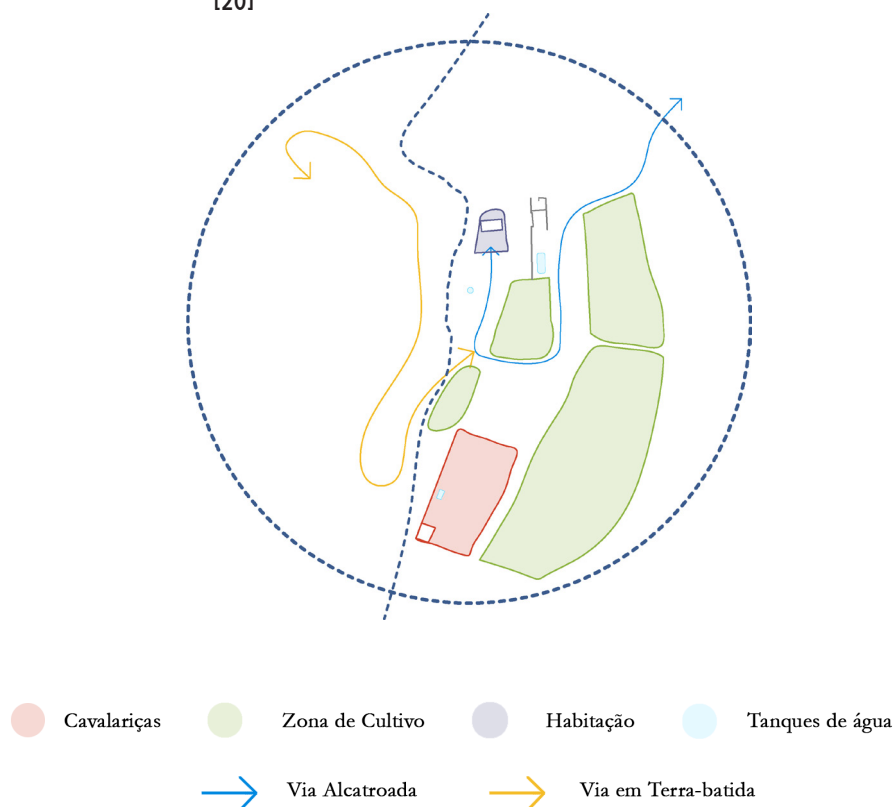
Naturalmente, estes fatores foram tidos em conta e acompanharam o desenvolvimento do projeto de modo a respeitar a legislação imposta por este município.

Como o terreno da cliente tem 5 hectares, ou seja 50.000m², cumpre os requisitos mínimos para a edificação de um edifício de interesse turístico; o índice de utilização (Iu) para a área máxima edificada resulta num valor de 2.500m² e, no projeto, a área bruta das edificações é de aproximadamente 1.100m²; a altura dos edifícios foi desenhada para que não excedesse o limite de 9m - o edifício com maior altura de todas as construções é a estufa com aproximadamente 7,50m na fachada; os edifícios foram pensados para que se integrassem na paisagem, usando materiais da região, como a pedra de granito e a madeira, entre outros. Os campos foram deixados inalterados, não só para dar cumprimento a esta regra, mas também porque são necessários como fonte de alimento para os cavalos da Quinta.

5 A QUINTA DA CASA DA GRANJA

Linguagem

[20]



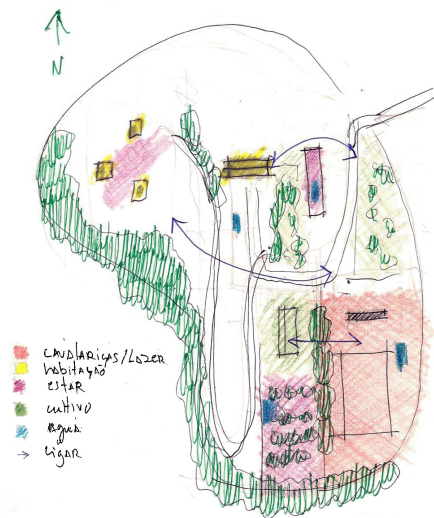
ESTRATÉGIA

A maior dificuldade em lidar com este projeto foi a enorme área disponível para a intervenção. Primeiramente havia que perceber de uma forma genérica quais eram as várias características deste terreno e respetivas funcionalidades. A partir do esquema de análise [i20], tive a oportunidade de analisar e compreender cada área de intervenção, identificando os diferentes espaços no terreno. A primeira ilação que retirei deste estudo foi a divisão verificada no terreno, marcada pela linha tracejada a azul-escuro, que passa pelo centro do mesmo, dividindo as áreas atualmente ocupadas pela cliente, do lado Este do terreno das que são deixadas ao natural, a Oeste, ambas propriedade da referida cliente. Há varias áreas que se complementam entre si como, por exemplo, representadas pela cor verde. Aqui estão assinalados os espaços destinados ao cultivo, sendo eles para a produção de alimentos para consumo próprio, árvores de fruto ou campos para pasto. No mesmo seguimento, há uma grande proximidade destas áreas

entre si e da casa da cliente, assinalada a roxo. A vermelho está identificado o recinto para os cavalos assim como as suas boxes. Este é um espaço vedado onde os cavalos andam em liberdade. A seta a azul mostra-nos a única ligação pavimentada entre o exterior da Quinta e a casa da cliente. Por outro lado, a seta amarela identifica um percurso em terra camuflado entre a vegetação rasteira. Este percurso, apesar de representado de forma linear, é, por vezes, de difícil identificação no espaço. Também importante de referir são os vários tanques da Quinta, provenientes da linha de água subterrânea. As áreas dos tanques estão identificadas a azul claro, assim como a referida linha de água.

Para que fosse possível implementar uma intervenção contínua e unitária na Quinta da Casa da Granja, foi pensada uma primeira estratégia pois antes de desenhar as formas dos edifícios pretendia ter um plano de orientação para minha intervenção. A planta de estratégia aqui apresentada [i21] não foi utilizada até à fase final do trabalho. À medida do desenvolvimento do projeto, esta estratégia foi-se

[21]

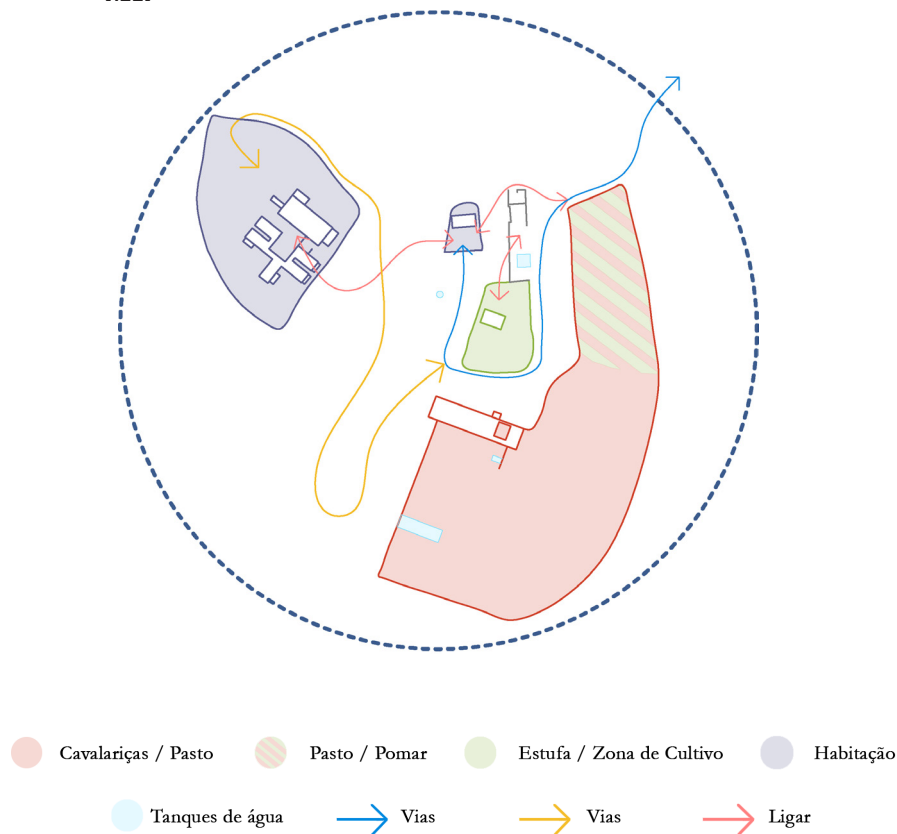


adaptando às novas exigências do mesmo. Esta planta inicial tem apenas importância como processo e como representação do primeiro plano de intervenção para este terreno de grandes dimensões.

Nesta planta, por comparação com a planta de análise já apresentada, podemos ver que a zona destinada aos cavalos, a vermelho, passou para o socalco inferior, assim como o edifício das boxes. Deste modo e através desta medida, pretendi criar um espaço único e amplo para os cavalos, servindo-lhes de acomodação e onde pudessem pastar livremente e ser montados. Contudo, esta opção, com o desenvolvimento do projeto, veio a revelar-se desapropriada para o lugar. Por outro lado, a maioria das zonas de cultivo manteve-se, registando-se a adição de uma nova zona. No socalco onde se encontravam as antigas cavalariças, passou a implantar-se a estufa, criando assim uma nova área para cultivo. Assinaladas a amarelo estão identificadas as zonas para habitação ou seja, a casa da cliente e as novas habitações a projetar. No centro destas novas habitações, assinalado a roxo, foi acrescentada uma zona de estar. Por este processo, quebra-se o corte detetado na planta de análise entre o lado Este e o lado Oeste do terreno, unificando-o. No mesmo âmbito, foram pensados mais dois espaços de estar, um deles a implantar na ruína existente, intenção que se manteve até à fase final do projeto; e outra área de estar/lazer no socalco da estufa, ambas também assinaladas a roxo.

i20: esquema de análise da Quinta da Casa da Granja

i21: primeiro esquema de estratégia para a intervenção da Quinta da Casa da Granja



É possível ver, através das setas a azul, que há a intenção de ligar a estrada de acesso ao interior da Quinta às novas habitações, usando o caminho já existente. Assinalada está também a intenção de ligar o socalco da estufa ao das cavaliças, bem como o da casa à entrada da Quinta.

Como podemos ver no esquema final de intenções [i22], a Quinta está unificada e já não é observável uma divisão evidente, como previamente podia detetar-se na planta de análise. As cavaliças ocupam o mesmo socalco que ocuparam anteriormente nessa planta da análise, embora numa localização mais apropriada, e toda a área do socalco inferior, identificada a vermelho, serve simultaneamente para cavalos e pasto. A área contígua apresentada a tracejado verde e vermelho, destinada a que haja alguma rotatividade em termos de utilização do solo, será projetada para pasto (complementando a área de árvores de fruto já ali existente) como uma extensão do espaço apresentado a vermelho.

Desde a primeira planta de estratégia que a localização da estufa se tem alterado. Neste esquema, a

estufa e o espaço de cultivo que a circunda ocupam uma posição mais próxima da casa da cliente e mais conveniente para a mesma. As zonas assinaladas a roxo mostram as áreas destinadas à habitação, quer se trate da casa da cliente quer das novas habitações para turismo rural. As setas azuis e amarelas assinalam os percursos de acesso: ambos foram mantidos, sendo pavimentados de forma a torná-los mais acessíveis. Por meio das setas vermelhas estão marcadas as intenções de ligar vários espaços, como, por exemplo, a estufa à ruína, a entrada à casa da cliente, a ruína ao pasto e a casa da cliente às novas habitações. Na área assinalada a azul claro podemos ter a perceção de que os vários tanques foram mantidos e um novo acrescentado. Embora os primeiros se encontrem na mesma localização, dois dos três tanques foram alterados dando-lhes formas mais apropriadas ao espaço em que se encontram.

A partir deste projeto de intenções procurei que a atmosfera desta Quinta fosse sempre mantida, complementando-a e enaltecendo o que de melhor este espaço tem para oferecer a cada visitante. Tive como

objetivo unificar toda a área existente, reconhecendo e respeitando ao mesmo tempo todas as atmosferas ali proporcionadas.

i22: esquema final de estratégia da Quinta da Casa da Granja

c15: ZUMTHOR, Peter. *Pensar a arquitetura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. Pag.9

EXPERIENCIA SENSORIAL

“Ainda consigo sentir na minha mão a maçaneta da porta, esta peça de metal moldada como as costas de uma colher. Tocava nela quando entrava no jardim da minha tia. Esta maçaneta ainda hoje me parece um sinal especial de entrada num mundo de ambientes e cheiros diversos. Recordo o barulho do seixo sob os meus pés, o brilho suave da madeira de carvalho encerado nas escadas, oiço a porta de entrada pesada cair no trinco, (...)” **[c15]**

Tentei que nas várias atmosferas criadas se fizessem sempre sentir ruídos, preenchendo harmoniosamente o espaço. Peter Zumthor descreve, no excerto transcrito, uma memória viva de uma história do seu passado que ainda hoje revê ao visitar o jardim de sua tia. Todos nós temos lembranças de cheiros e sons da infância ou da juventude que nos trazem pela recordação que consigo transportam, tranquilidade, serenidade e quietude.

Na sequência desta ideia, no projeto final das cavalariças, por exemplo, existem dois novos tanques, um deles que veio substituir um antigo, outrora em más condições, sempre com água corrente. Este tanque, longe das boxes, poderia obviamente ser utilizado para proveito dos cavalos mas julgo que a sua primária função deverá ser a de preencher o espaço à sua volta com o som da água corrente, caindo. O outro tanque, junto das cavalariças, tem ainda como função ser um espaço para os cavalos beberem e se refrescarem.

Também os materiais utilizados nos caminhos situados no socalco onde se encontram as cavalariças, a partilhar por pessoas e animais, serão escolhidos tendo em conta a sonoridade que possam produzir. O pavimento que conduz do exterior às cavalariças projeta-se com um empedrado de granito para fácil acesso de automóveis. Uma vez que depois de passar o núcleo central das cavalariças deixa de ser necessário garantir esse acesso, os percursos são preenchidos por caminhos de gravilha, um material que poderá acompanhar o utilizador a nível dos sons, a cada passo.

Por outro lado, no projeto final da recuperação da ruína, assim como nas cavalariças, também está projetado um novo tanque substituindo o que aí se encontra. Poderei dizer que a intenção será a mesmo, isto é, encher os espaços e os ambientes com sons, criando uma atmosfera de tranquilidade no lugar. O desenho deste tanque contempla também

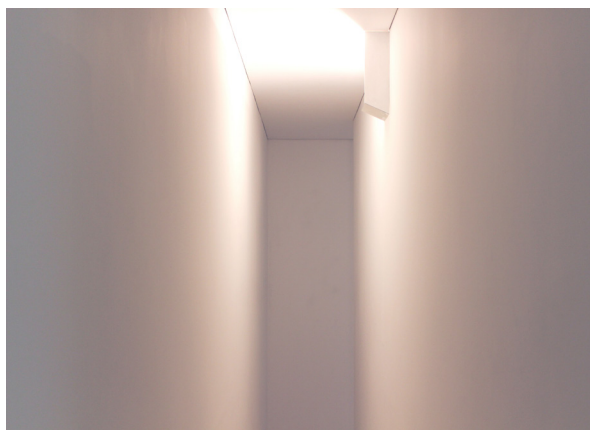
um assento virado para a paisagem permitindo um olhar sobre esta ao mesmo tempo que se escutam os sons circundantes. Através desta ruína é possível, por meio de escadas criadas para o efeito, aceder ao espaço da estufa e de cultivo. Permanecendo o contacto visual existente, estabeleço a ligação discreta entre ambos, unificando-os. Consequentemente, a atmosfera destes dois programas transforma-se numa só atmosfera e a sonoridade dialoga entre estes dois espaços.

Como acabei de referir, o socalco da estufa irá beneficiar do som da água no tanque da ruína, assim como do de um outro já existente, localizado próximo da casa da cliente. No socalco da estufa há algumas árvores que criam sombra e proteção para o utilizador. Dependendo da altura do ano, as árvores caducas irão despir-se deixando cair as suas folhas no chão e estas, quando calcadas, transmitirão uma sonoridade característica e provavelmente apreciada. Para concluir, considero que, uma verdadeira obra arquitetónica é aquela que consegue suscitar sensações no seu utilizador, da mesma forma que uma pintura ou escultura o farão. No entanto, a arquitetura deve contemplar esta intenção mas sem nunca por em causa o programa. Este princípio pode ser trabalhado de uma imensa variedade de formas no projeto, através da cor, da luz, de sons, de percursos.

FECHAR PARA ABRIR - CASO DE ESTUDO: MUSEU DA FUNDAÇÃO DE SERRALVES

No Museu da Fundação de Serralves, na ligação entre o piso de entrada e o piso inferior e na extremidade sudeste do edifício, já depois de percorrermos uma grande parte da exposição, somos confrontados com um momento em que a altura do pé direito é mais baixo, o que até então não se verificava. Este espaço, de carácter mais intimista, pela sua escala e pela pouca luminosidade, é normalmente usado, dependendo das exposições, para a projecção de instalações audiovisuais, assim como para instalações luminosas. É um espaço que nos dá acesso às escadas que conduzem ao piso inferior, numa passagem estreita, pouco luminosa. Curiosamente, já tive a oportunidade de testemunhar que nem todas as pessoas seguem aquele trajeto. Talvez pela sua escala, ou pela singularidade da sua tímida dimensão, não demonstram ao visitante, desatento ou distraído, que por ali é, de facto, uma passagem para o piso inferior e consequentemente a continuação da exposição do museu. De igual modo, me apercebo de que esses visitantes desatentos apenas prosseguem por aquele trajeto porque alguém antes deles tomou a iniciativa de o fazer ou de o sugerir. Este percurso é um daqueles de que mais gosto dentro do museu e sempre que tenho a oportunidade de o visitar com alguém que ainda não o conhece, quando chegamos a este momento, chamo à atenção para o que vou explicar de seguida.

O que é interessante neste espaço, claramente pensado pelo seu percurso e pela sensação provocada no utilizador, é que quando nos encontramos no topo das escadas somos confrontados com um momento de escuridão. Sendo este um espaço estreito, extenso e com um pé-direito elevado, acentua-se ainda mais a sua verticalidade, quase provocando uma sensação de claustrofobia [i23]. Degrau a degrau, iniciamos este

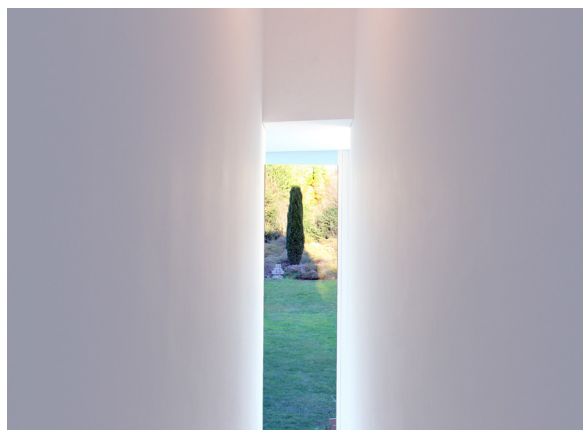


percurso em que a única percepção da envolvente são as elevadas paredes brancas rebocadas. Após a descida do primeiro lance de escadas, quando o utilizador se situa na plataforma intermédia e contorna a parede dando continuidade ao percurso, é surpreendido por uma ampla janela que dialoga com o exterior, conduzindo-o imediatamente para a luz e provocando surpresa face a estas sucessão de espaços díspares [i24]. Esta ampla janela serve como um momento de fuga da exposição, uma claridade momentânea sobre o exterior, até ao momento escondido em que o olhar se prende na paisagem. É interessante refletir na importância quer deste percurso quer do modo como este vão é criado, como refere Tadao Ando:

“A luz somente pode ser percebida por causa da escuridão.” [c16]

PROPOSTA GERAL DA QUINTA

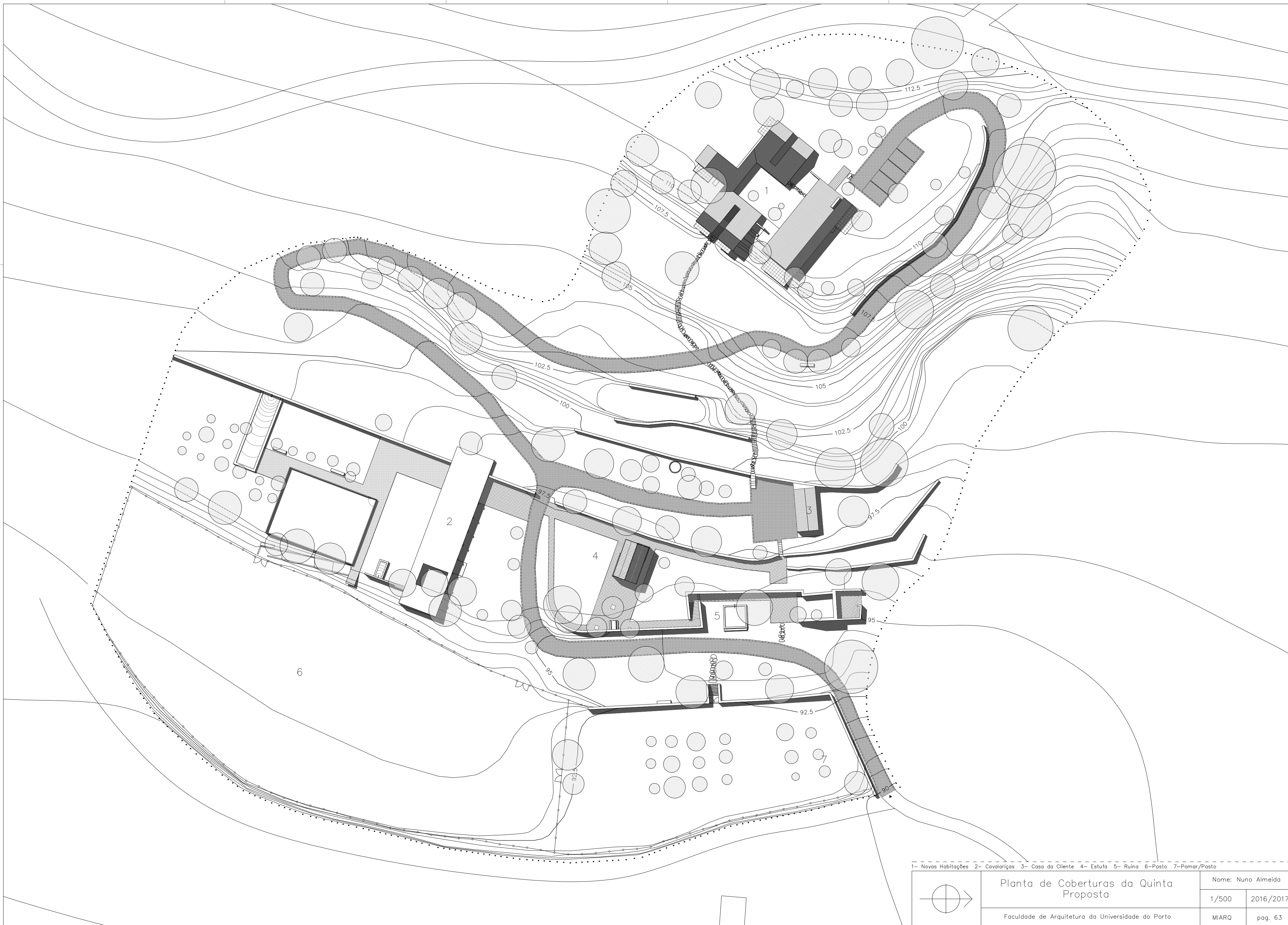
Detetei desde cedo no desenvolvimento deste projeto que as relações espaciais entre o construído, o utilizador e o exterior são extremamente importantes. Para que este projeto se adaptasse adequadamente ao lugar, preocupei-me em perceber quais seriam as relações que poderia estabelecer tendo em conta a características do terreno. O levantamento topográfico revelou-se pertinente também para conhecer e identificar potenciais enquadramentos de paisagem para a proposta. Estas opções espaciais irão ser ex-



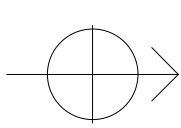
plicadas caso a caso durante os capítulos relativos ao processo e desenvolvimento dos diferentes programas para a Quinta.

Para ir de encontro às minhas intenções e à minha estratégia para o projeto, preocupei-me em desenvolver uma linguagem comum a todo o programa, adaptando-a aos edifícios contruídos assim como aos percursos de acesso aos mesmos. Este propósito de unificar o espaço foi concretizado sobretudo com a utilização de materiais comuns a todos os edifícios, respeitando a atmosfera rural do lugar e minimizando o impacto das novas construções na paisagem. Os muros de sustentação do terreno foram mantidos. Em certos casos, como, por exemplo, em ambos os muros que limitam o socalco da estufa, estes foram prolongados criando um espaço seguro, e a sua altura foi ligeiramente elevada, proporcionando uma guarda para este socalco.

Para os percursos destinados ao acesso automóvel a partir do exterior da Quinta até aos vários edifícios, foi utilizado um empedrado de granito, limitado por guias do mesmo material. O mesmo empedrado de granito é usado para os percursos pedonais em volta da estufa, assim como nos percursos internos da ruína. Nos percursos do socalco das cavalariças o material usado é a gravilha, propositadamente selecionada pelo som que transmite ao caminhar sobre ela. Estes percursos são limitados por uma fina guia de madeira que impede que a gravilha se espalhe pelo terreno. Também é possível identificar um outro



1- Novas Habitações 2- Cavaleriças 3- Casa da Cliente 4- Estufa 5- Ruína 6-Pasto 7-Pomar/Pasto



Planta de Coberturas da Quinta
Proposta

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Nome: Nuno Almeida

1/500 2016/2017

MIARQ pag. 63

tipo de percurso com a utilização de pedra irregular de maiores dimensões: o acesso pedonal entre a casa da cliente e as novas habitações. O mesmo conceito se pode verificar em menor escala na ligação entre a ruína e a estrada para acesso automóvel, quer nas habitações quer nas cavalariças. A utilização deste material deriva da intenção de marcar um percurso sem que este tenha demasiado impacto no desenho do espaço, camuflando as pedras entre a vegetação rasteira do terreno. No acesso pedonal às habitações, o caminho apropriou-se das curvas de nível do terreno e, quando necessário, utilizo pedras mais grossas. Deste modo, crio degraus que permitem vencer as cotas existentes, permitindo um percurso contínuo que deriva das propostas de ligações entre espaços apresentadas na planta de estratégia [img. 22 pag. 58]. Também na sequência da planta de estratégia, criei uma nova ligação entre o caminho junto à ruína e o socalco inferior. Essa ligação por meio de escadas é uma tentativa de ligação de forma mais imediata entre a casa da cliente com e o pomar do referido socalco inferior. Os dois socalcos inferiores do lado Este do terreno passam a estar unidos, organizados por meio de uma vedação que pode ser aberta. É nestes dois espaços que os cavalos poderão andar livremente a pastar. Contudo, entendi por bem dividir esta zona de pasto em dois espaços separados. Várias foram as razões: primeiramente, por razões de conveniência, ou seja, o maior pasto é também lugar onde os cavalos poderão ser montados e, caso os cavalos estejam nesse mesmo momento a pastar, deverão ser encaminhados para o segundo pasto, libertando o primeiro; outro motivo foi o de poder proporcionar uma rotatividade entre os dois espaços para que houvesse tempo para a vegetação que virá a servir de alimento para os cavalos crescer. É possível entrar nestes pastos, quer pela estrada interna da Quinta, quer pelo acesso em rampa, criado em terra batida, a partir do socalco das cavalariças. Neste, definido entre o edifício das cavalariças e os limites

i23: fotografia tirada no Museu de Serralves, o acesso ao piso inferior

i24: fotografia tirada no Museu de Serralves, o acesso ao piso inferior

c16: ANDO, Tadao. *Conversas com Michael Auping*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. Pag.55

do terreno, há vários lugares onde o utilizador se pode sentar, contemplando a paisagem. Em termos de equipamentos, para além das boxes, há um padoque (espaço de recreio de pequenas dimensões para os cavalos circularem livremente)/picadeiro (espaço onde se pratica e monta o cavalo). Este padoque/picadeiro, por ser de menores dimensões, torna-se um excelente lugar para proporcionar a aprendizagem a um visitante que nunca teve contacto com cavalos. Como podemos ver na planta de estratégia, estes espaços, cavaliças, padoque/picadeiro, pastos, fazem parte, no seu conjunto, do mesmo programa: é um espaço pensado para os cavalos, e partilhado simultaneamente pelo Homem.

O acesso automóvel termina no topo do terreno junto às novas habitações, havendo aqui alguns lugares de estacionamento onde os hóspedes deverão deixar as respetivas viaturas.

Houve a preocupação, quer na estufa, quer nas habitações, em criar um edifício que se assemelhasse à típica ruralidade destas construções. Sendo as paredes exteriores das habitações em alvenaria de

pedra granítica, houve um processo de investigação para tornar os novos edifícios adequados a este lugar, com recurso a materiais e sistemas construtivos também “tradicionais”.

O mesmo se pode verificar na estufa – em redor existe um amplo espaço que a complementa destinado à agricultura – para a qual foram estudados vários exemplos de outras estufas a fim de conseguir criar um edifício preservando a atmosfera do lugar. A estufa localiza-se próximo da casa da cliente para que o acesso até esta seja facilitado e rápido. Neste mesmo socalco há ainda uma mesa de pedra no centro de algumas árvores já existentes no local, aproveitando a proteção que elas oferecem ao utilizador, para refeições ou convívio entre hóspedes. Poderá ainda servir como mesa de trabalho ou de “repouso” durante o processo de cultivo.

Há igualmente mais um espaço que foi motivo de intervenção, o da ruína da antiga casa. Este distingue-se do restante programa por ser unicamente um espaço de estar, onde o utilizador pode contemplar a paisagem em seu redor. O único propósito da in-

tervenção neste espaço foi o de enaltecer o que restava da construção. Tornei este espaço mais permeável, com vários acessos para além do já existente, entre os quais umas escadas que ligam o socalco da estufa à ruína e uma ligação entre a ruína e a estrada de acesso automóvel. É possível verificar através da planta de coberturas da Quinta em análise que os edifícios de carácter “rural”, isto é, a estufa e as cavalariças, se encontram próximos da casa da cliente, na zona mais a Este do terreno, e mais próximos da entrada. As habitações encontram-se na zona mais alta do terreno, a Oeste, distantes das restantes construções. Para concluir, devo ainda referir, conforme já pude demonstrar, que o espaço que envolve cada equipamento foi trabalhado como parte desse mesmo programa, em oposição aos restantes espaços que se mantiveram com as mesmas atmosfera e ecossistema encontrados antes da minha intervenção.

Como será possível verificar e irei desenvolver, o desenho é uma ferramenta frequentemente usada para desenvolver conceitos e ideias que, mesmo que por vezes não se concretizem no projeto final, são um importante passo para a idealização e compreensão do espaço como um todo.

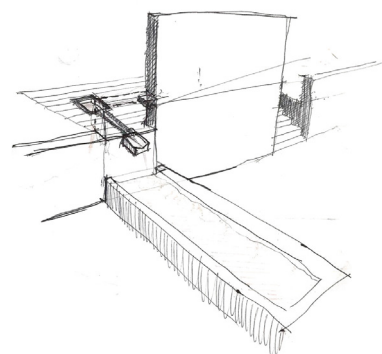
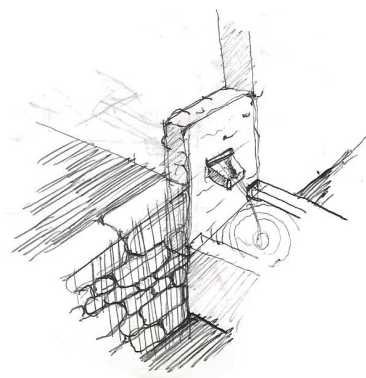
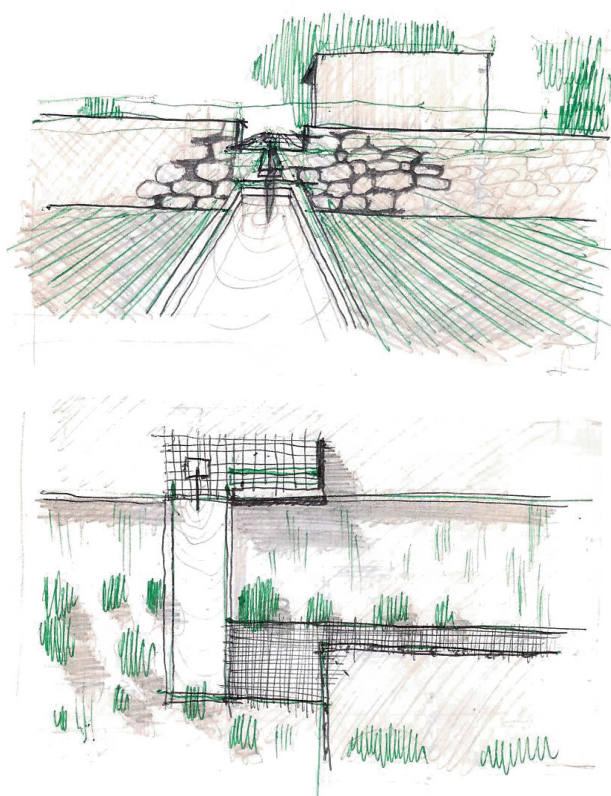
Durante o desenvolvimento deste trabalho, foram desenvolvidas várias propostas de detalhes para determinados equipamentos, como para



o portão da Quinta, ou o desenho do tanque das cavalariças, juntamente com o desenho de uma área de estar na parte traseira do tanque. Embora, em determinada altura, certos esboços sejam feitos para comunicar uma ideia, nem sempre esta tem lugar no projeto final. No entanto, estes esboços são importantes para o desenvolvimento do processo, ao mesmo tempo que assinalam determinadas intenções para o projeto.

Estes desenhos são estudos e possibilidades para esse elemento de marcação da entrada da Quinta. Contudo, quando a proposta de reabilitação da mesma se aproximava do seu desenho final, não achei que o portão fosse um elemento crucial e prioritário a substituir. Em qualquer caso, aqui se apresentam três desses estudos para este elemento de marcação da entrada da Quinta [i25].

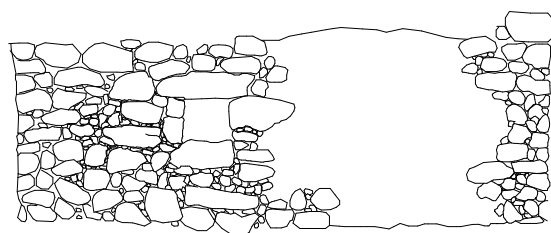
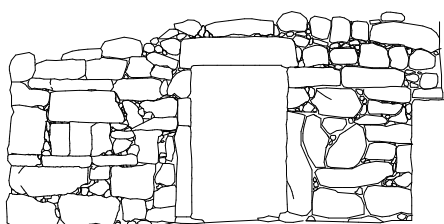
Em relação ao desenho do tanque das cavalariças, embora esse tanque se tenha mantido, o espaço de estar adjacente ao mesmo irá ser retirado durante o desenvolvimento da proposta. Aqui se apresentam alguns desenhos desse espaço [i26].



i25: desenhos de estudo para o portão da Quinta realizados ao longo do desenvolvimento do projeto

i26: desenhos de estudo para uma área de estar adjacente ao tanque das cavalariças

[27]



PRIMEIRA FASE / PROPOSTA

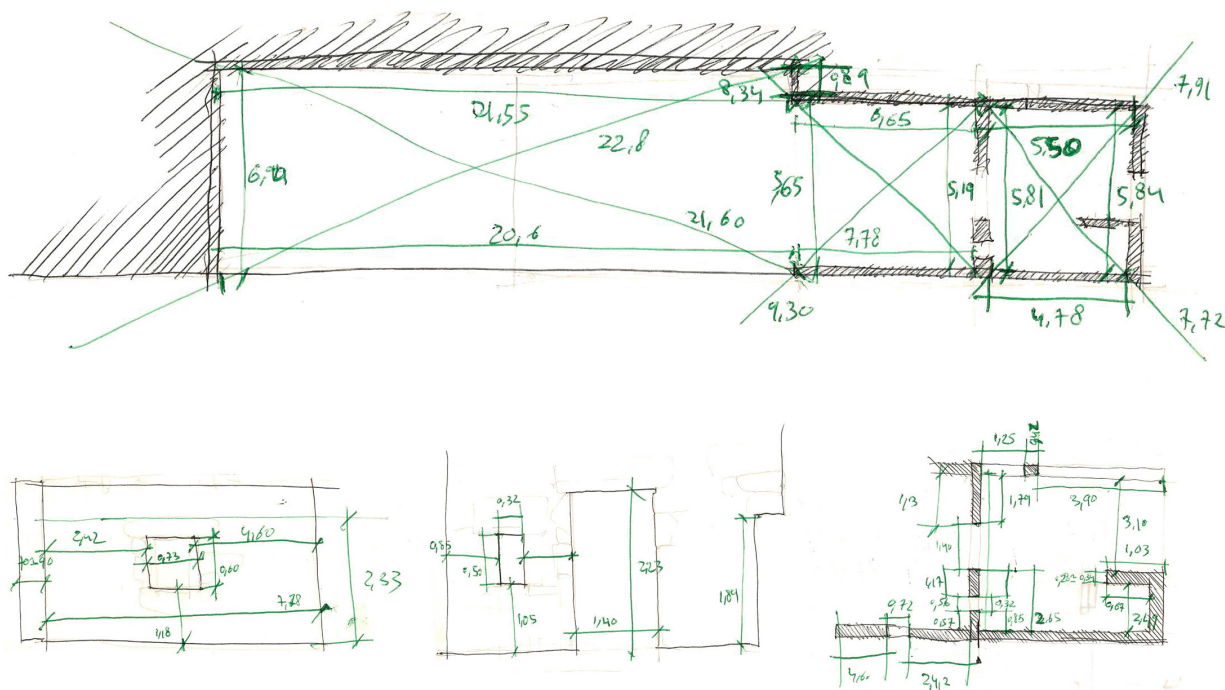
Junto à entrada da Quinta da Granja situava-se a antiga casa. Atualmente, essa casa encontra-se devoluta mas o seu espaço foi reaproveitado para a improvisação de um galinheiro [img. 31, 32, 33 e 35 em anexo: fotografias atuais da ruína da casa]. Sendo esta Quinta uma área abundante em água, no centro do espaço que compreende o galinheiro podemos encontrar um pequeno lago/tanque em forma de elipse.

Desde o início do processo de projeto pretendo reabilitar a ruína da casa da Quinta, não no sentido literal da palavra (voltar a habitar, reabilitando-a e criando uma nova habitação) mas com o propósito de enaltecer a memória da ruína enquanto tal, preservando o seu carácter [27]. Ponderei a hipótese de quer as cavalariças quer a estufa se apropriarem deste espaço adaptando-o a uma nova função. Contudo, devido à sua localização, afastei essa intenção de projeto. Consequentemente, pensei a ruína como um novo espaço, com um novo desenho interno,

tendo o propósito de a preservar, enaltecendo a sua memória, dando-lhe um ar cuidado e criando um espaço no qual seja possível estar.

No interior desta ruína existe um espaço protegido dos ventos, dada a existência de muros à sua volta. Por se encontrar devoluto, e pela inexistência de uma das paredes, este espaço abre-se a nascente generosamente para a paisagem. Foi este culminar de situações que tornaram, na minha perspetiva, este num excelente *espaço de estar*, aberto para a paisagem, com uma boa exposição solar e protegido dos ventos. Uma vez que este espaço já possui um lago/tanque no seu interior, o existente será mantido aproveitando a água que para lá irriga, mas, após a minha intervenção, com outra configuração. Achei necessário alterar este tanque visto que o existente ocupa uma grande área do espaço disponível. Este lugar será mais um dos lugares de estar desta Quinta, onde se poderá contemplar a natureza bem como as vistas que as paisagens proporcionam, acompanhando-as pelos sons envolventes.

No estado em que a ruína se encontra atualmente, e

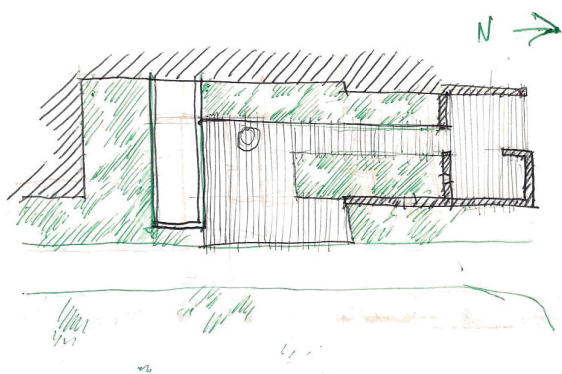


devido ao programa que de momento lhe é destinado, (de galinheiro), a ruína só tem um acesso, uma porta de ferro que se apropriou das cantarias em pedra. É notório que esta porta não faz parte do desenho inicial da casa. Posto isto, desde cedo propus a remoção da mesma, assim como a de outros elementos. Na extremidade oposta à da porta de entrada para a ruína, existe um muro de sustentação que delimita a extensão total da casa [28]. Entre estes dois, porta e muro, existia em tempos uma outra parede que separava o interior do exterior e que ruíu; no seu lugar, foi colocada uma rede que naturalmente será mais um elemento a remover, assim como o murete no qual a rede se apoia. É de notar, através da análise da colocação das pedras deste murete, que estas não fazem parte da construção inicial. Percebe-se que foram ali colocadas, possivelmente, na mesma altura que essa rede, servindo-lhe de suporte.

Inicialmente, quando pensei na intervenção sobre a ruína, decidi de imediato preservar a sua forma original, limpando o seu espaço interior e removendo o que nela não era de origem mas deixando as plantas que, ao longo dos anos, se foram apropriando das suas paredes e respeitando a sua memória e atmosfera criada. Contudo, com o decorrer do projeto, achei pertinente acrescentar algumas alterações, entre as quais um novo tanque, como já pude referir, e alguns percursos internos de acesso [i29].

i27: levantamento dos alçados da ruína;
obs. Preocupei-me sobretudo em estudar os vãos da ruína, a sua tectónica. Estudo esse aplicado no desenho dos alçados do projeto final das habitações

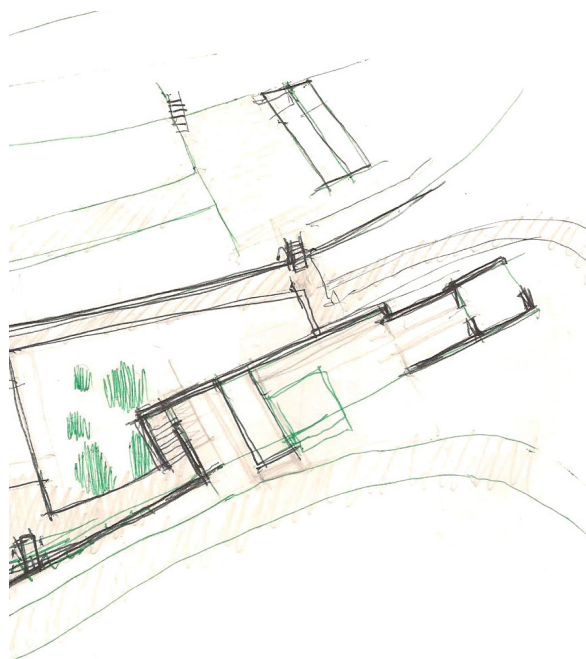
i28: planta do levantamento topográfico da ruína



Nesta primeira fase pude também experimentar algum desenho de pavimento, medida que achei importante para assim definir o que seria praticável e o que era destinado às plantas que crescem neste espaço. As vedações foram retiradas tornando assim possível a entrada na ruína por dois lados. No meu primeiro projeto para o tanque da ruína, o desenho deste é bastante semelhante ao encontrado na fase final no patamar das cavalariças. Como pretendia que este tanque tivesse água corrente, foi propositalmente encostado ao muro para que a água jorrasse a partir dele. O pavimento estende-se desde o interior da ruína até ao muro do tanque e sai ligeiramente dos limites daquela até à linha da estrada interior da Quinta.

SEGUNDA FASE / PROPOSTA

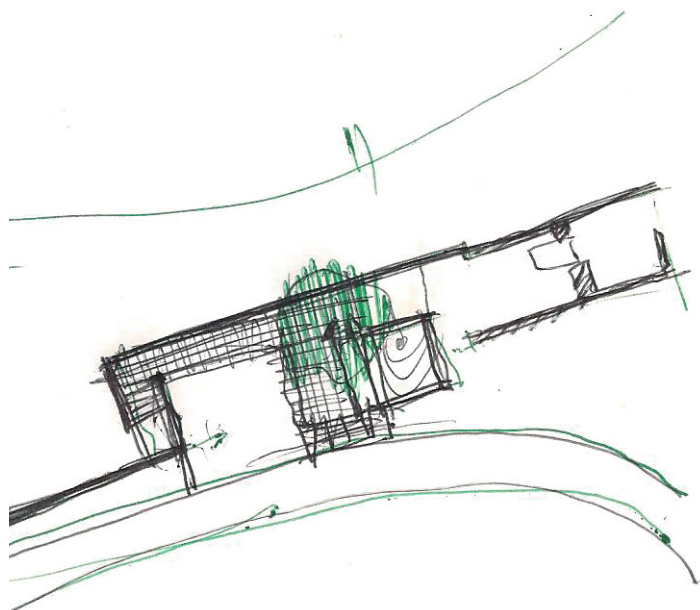
Na fase seguinte do processo que agora abordarei, considerei necessário haver uma ligação mais direta entre o patamar inferior da ruína e o superior. Nesta altura, no patamar superior passou a localizar-se a estufa, local escolhido pela sua aproximação à casa



da cliente. Esta ligação, no meu entender, fez sentido a fim de aproximar a ruína e a estufa, criando uma atmosfera conjunta e unitária. Uniram-se memórias do passado referentes à memória da casa, agora em ruína, no patamar inferior, e a memória da produção agrícola outrora existente através da criação da estufa no patamar imediatamente superior ao da ruína. Neste desenho, proponho a abertura de escadas entre o patamar superior e inferior. Saliento que o desenho destas, pela sua pertinência para a comunicação entre as várias plataformas e compreensão total do espaço, se manteve inalterado até à fase final do projeto por se revelar bastante pertinente com esta configuração. Nesta fase, a ruína passa no meu projeto a apresentar três entradas possíveis, o que se torna interessante pela permeabilidade que este espaço passou a ter, tornando-o eventualmente num edifício bastante mais acessível e mais apelativo.

Ao passar estas novas ideias para o papel, tornou-se perceptível para mim através do desenho [i30] que a circulação entre as extremidades da ruína seria pouco natural caso o tanque se mantivesse com o

[31]



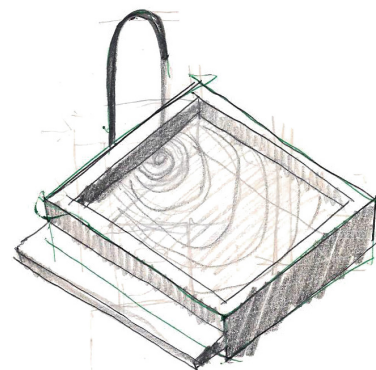
mesmo desenho da fase anterior, sendo preciso contorná-lo completamente para chegar à outra extremidade deste espaço. O espaço entre a estrada da Quinta e a ruína era diminuto, o que dificultou o desenho do tanque. Apesar de me questionar por diversas vezes sobre a pertinência deste, recordava sempre que já havia um nesse mesmo lugar, apesar de não ser original.

A localização e o tamanho do tanque, assim como a sua existência, permaneceram durante algum tempo como uma incógnita para mim.

TERCEIRA FASE / PROPOSTA

Nesta nova fase, foi feito um novo estudo dos percursos internos [i31]. Estes ligam as escadas ao tanque, estabelecendo também a ligação entre a estufa no socalco superior e a Ruína. A grande maioria do espaço é deixado sem pavimento para manter o seu carácter naturalista. O tanque como elemento central, assume agora uma forma quadrada libertando o espaço à sua volta. Este novo desenho do tanque incorpora na sua volumetria um assento de costas voltadas para o mesmo [i32]. Nesta fase este banco está orientado para as escadas, mas esta opção revelou-se contraproducente, uma vez que o que me mais interessava era relacionar os vários espaços e a utilização dos mesmos por parte do utilizador com a paisagem.

[32]



i29: planta de estudo para o projeto da ruína

i30: planta de estudo para o projeto da ruína

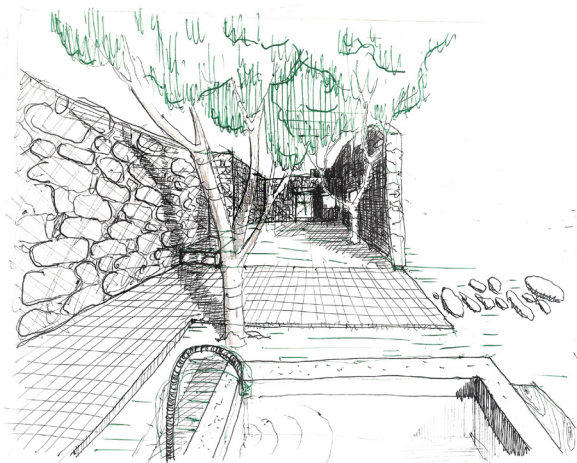
i31: planta de estudo com incidência no desenho dos percursos e na localização do tanque para o projeto da ruína

i32: desenho do novo tanque

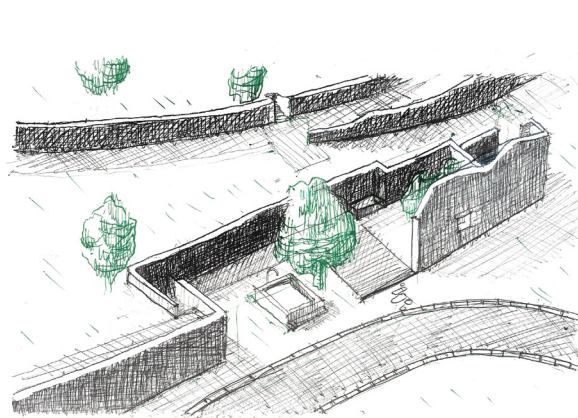
6.1 INTERVENÇÃO NA RUÍNA

projeto final

[33]



[34]



A ruína assume uma posição central entre a casa da cliente e os vários socacos de pomar. Este edifício é o primeiro contacto visual estabelecido ao entrar no perímetro da Quinta, por isso foi importante torná-lo um espaço simples mas apelativo e permeável para que fosse possível aceder a este através de vários pontos. A intenção de reabilitação da ruína foi, desde o início da proposta, a de enaltecer a sua memória, removendo tudo aquilo que se revelasse posterior à sua construção e que descaracterizasse este espaço.

Este desenho [35: planta de estudo da intervenção no ruína] é o último estudo efetuado antes do desenho final da proposta. É possível observar grandes similaridades entre este e o desenho final. Consequentemente as relações entre estes dois momentos do projeto são de mero ajuste de escala e dimensões. As escadas mantiveram o desenho inicial e até à fase final foi tomada a mesma posição.

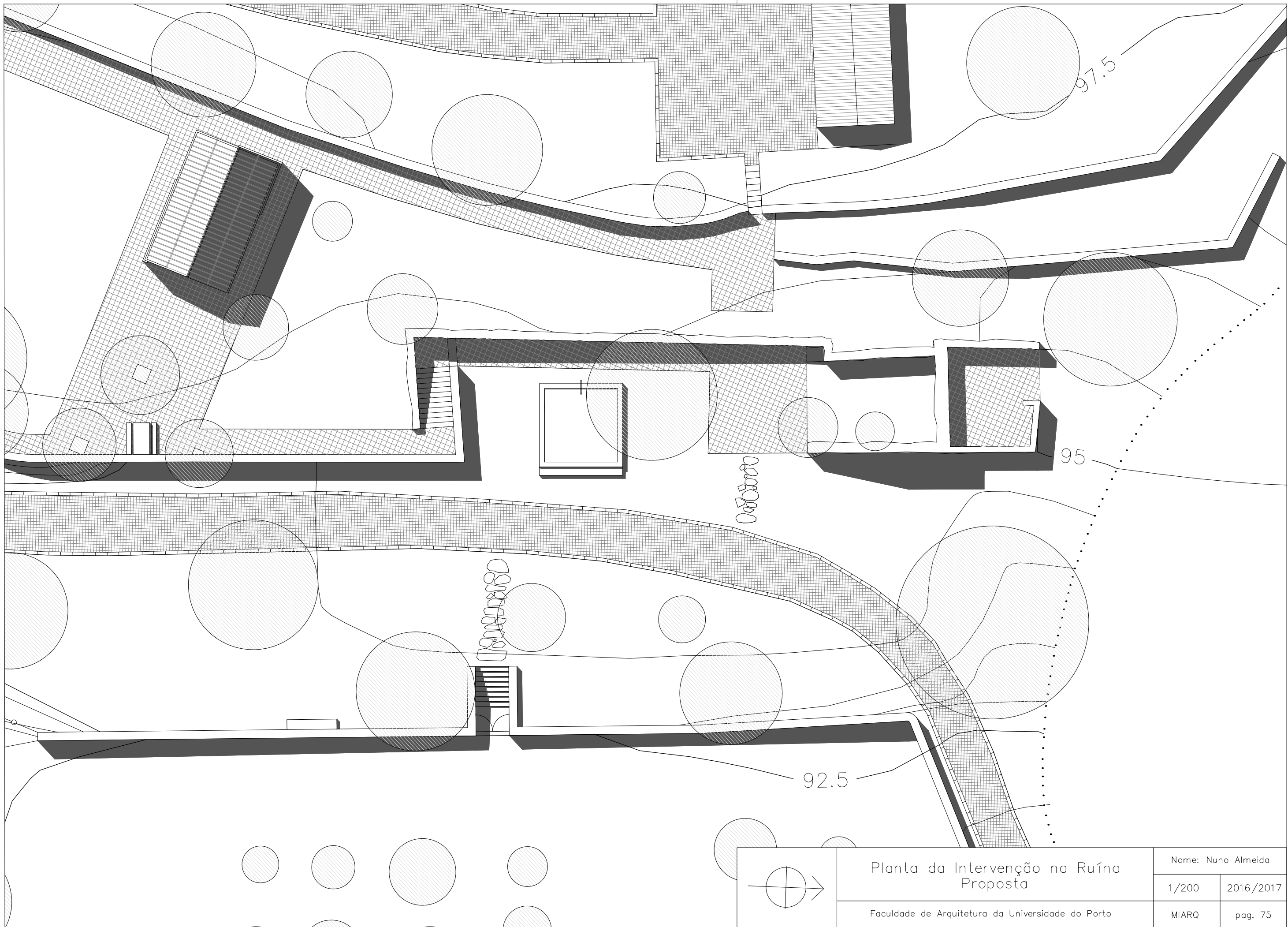
Foram afinadas as dimensões dos percursos assim como a localização do tanque que, neste desenho, saía dos limites da ruína, aproximando-se em demasia do acesso automóvel.

Na proposta de projeto final o tanque recua, os caminhos tornam-se mais estreitos e é feito um acesso de pedra irregular ligando a ruína à estrada, semelhante aos encontrados nas habitações e no acesso pedonal às mesmas. Em contrapartida, o acesso de pedra irregular pelo interior da ruína foi retirado.

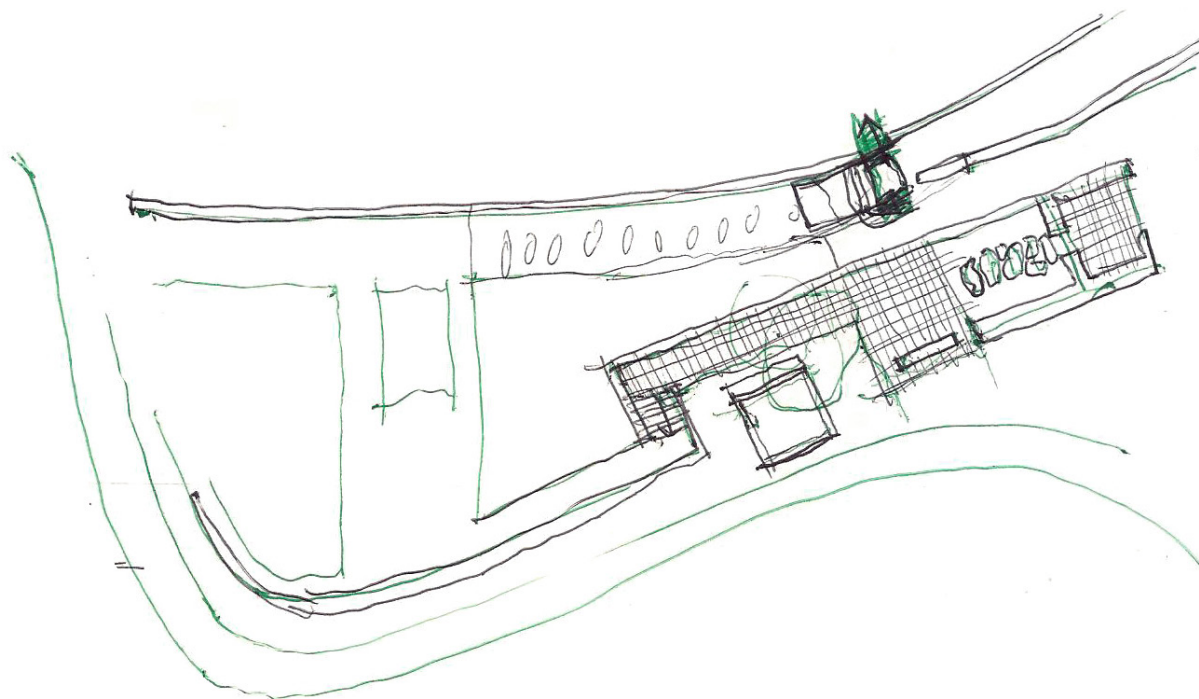
O banco incorporado no desenho do tanque mais uma vez foi alterado, porque virava costas à paisagem. Ao passar este desenho a rigoroso [planta da intervenção na ruína pag. 75] o banco do tanque foi alterado para uma posição mais apropriada, agora virado para a paisagem.

Como já referido, a vegetação que cresceu e se apropriou dos muros e paredes será mantida inalterada para que se preservasse a atmosfera criada ao longo dos anos sobre a ruína. A maior parte do espaço é deixado sem aplicar qualquer pavimento, permitindo que a vegetação possa crescer e que, mesmo depois da intervenção, as plantas que ao longo dos anos transformaram a imagem deste espaço possam continuar a fazê-lo, preservando a atmosfera própria de uma ruína.

Esta transformação da ruína, reabilitando-a, foi de-



	Planta da Intervenção na Ruína Proposta		Nome: Nuno Almeida	
	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto		1/200	2016/2017
			MIARQ	pag. 75



veras importante para deste modo tornar este edifício praticável, ao mesmo tempo que faz parte de uma ideia conjunta de intervenção e melhoria dos diferentes espaços da Quinta. O grande objetivo com a intervenção sobre ruína foi o de criar um espaço capaz de abrigar confortavelmente o utilizador. Isso é possível, dada a sua envolvente, através dos socalcos e muros que proporcionam um espaço resguardado e protegido dos ventos, permitindo ao mesmo tempo ao utilizador ter uma franca relação com a paisagem contexto [i33].

Este espaço embora seja relativamente próximo das restantes construções, apresenta-se como um refúgio em relação aos outros espaços da Quinta. O seu fechamento através dos socalcos e muros à sua volta torna a ruína num espaço abrigado relativamente ao seu contexto [i34].

A reabilitação da ruína é aquela que, das várias intervenções do programa para a Quinta, se manteve mais inalterada e fiel à sua imagem inicial. Embora tenho havido poucas alterações, as que foram realizadas pretendem transformar por completo este espaço. Este é um elemento indispensável e fulcral para a compreensão da reabilitação da Quinta como um todo.

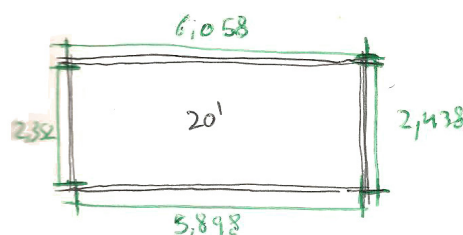
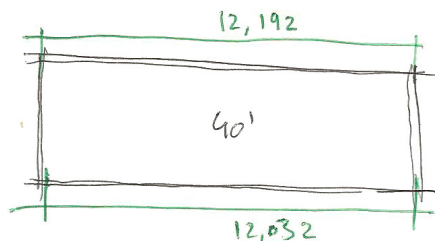
i33: desenho do “interior” da intervenção da ruína

i34: desenho da intervenção da ruína

i35: planta de estudo da intervenção no ruína

[36]

$h = 2,591$
 $h_i = 2,350$



PRIMEIRA FASE / PROPOSTA

O que me despertou maior interesse, nesta fase inicial, foi perceber o que a cliente sentia como necessidade, vontade, ou desejo a fim de tornar este um espaço melhor para habitar.

Na primeira conversa com a cliente e nos primeiros registros daí resultantes, pude verificar a vontade de construir, entre outras coisas, uma ou duas casas, que mais tarde poderiam destinar-se a arrendamento. Optei por não sugerir nenhum outro programa para além do proposto pela cliente, a fim de respeitar a sua vontade.

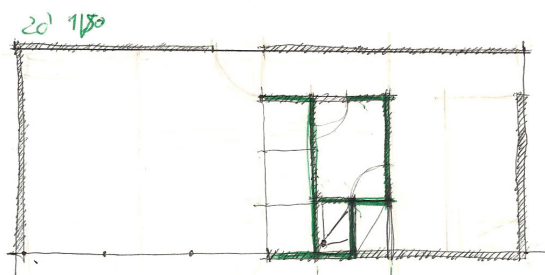
Comecei desde então a trabalhar. A primeira abordagem que fiz ao projeto da nova casa teve uma forte influência das Case Studies Houses. O programa Case Study House, foi um movimento californiano pós-guerra, que deixou a sua forte marca um pouco por todo o mundo, promovendo uma arquitetura acessível a todos e de baixo custo. Tal como estas Casas de Estudo, eu pretendia criar as minhas usando do mesmo modo materiais contemporâneos

e acessíveis e providenciando assim um baixo custo associado. Neste sentido, após alguma pesquisa, pude encontrar alguns sites que mostravam várias casas e instalações concebidas usando como base um contentor marítimo. Dessa forma, iniciei a minha pesquisa sobre o tema. Encontrei dois tipos de contentores, os 20' e os 40' cujas dimensões internas e externas podem ser vistas nos desenhos [36].

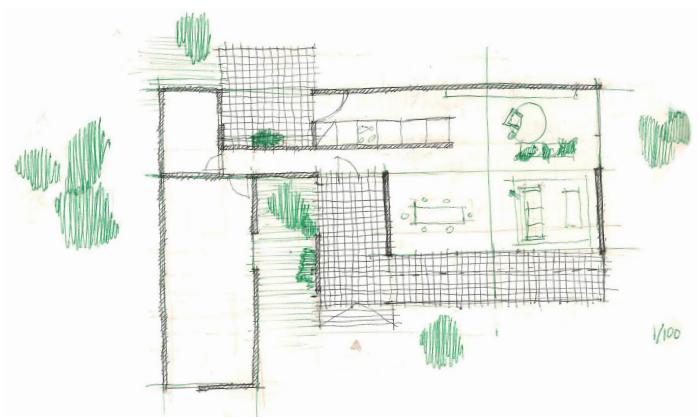
A ideia, com este projeto, era fazer as minhas próprias “casas de estudo”, recorrendo às Case Studies Houses, usando-as como referência e utilizando o módulo do contentor como medida. A partir dessa medida, associaria vários contentores capazes de organizar espaços diferenciados. Assim sendo, poderia usar um único contentor e criar um habitáculo, ou, em contrapartida, juntando vários contentores, quer do mesmo tamanho, quer de tamanhos diferentes, criar um T2, T3, etc.

Assim, comecei por usar um contentor 20' e desenhar um habitáculo para uma única pessoa capaz de satisfazer, num espaço muito reduzido, as necessidades essenciais e básicas do ser humano. Criar áre-

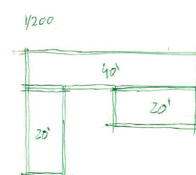
[37]



[38]



[39]



as para comer/cozinhar, dormir, receber, tomar banho etc. seriam as condições mínimas para a conceção destes espaços. No desenho [i37] vemos um estudo desta habitação. É de notar que o uso do plano assim com o L é frequente e entre eles rompem-se as aberturas de relação com o exterior.

No desenho [i39] ensaiei um outro estudo, desta vez usando dois tipos de contentores. Neste desenho [i38], os três contentores, dois de 20' e um de 40', organizam uma habitação [i40]. Por razões de isolamento e manutenção, este tipo de construção é geralmente levantado vinte centímetros acima do chão. Usei essa distância para criar uma plataforma de receção ao utilizador.

Posteriormente, quando reuni com o professor para debater o trabalho, foram-me feitos vários reparos, como a necessidade e a pertinência de eu especificar qual o programa ao qual dava resposta o meu projeto, assim como a legislação que o suportava. Também foi reforçada a importância de compreender em que grupo a Quinta se integrava a nível do Plano Diretor Municipal (PDM) - classificação dos solos, planta de condicionantes - e também uma planta com levantamento topográfico sobre a qual pudesse trabalhar.

Nesta fase, entrei em contacto com a Câmara Municipal de Guimarães solicitando que me fosse facilitado o acesso ao material necessário para desenvolver este projeto. Como já foi explicado, através da análise do

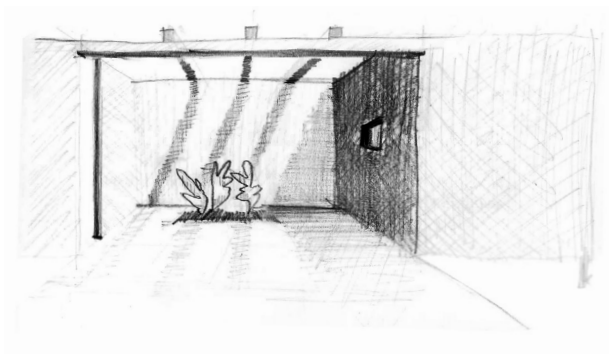
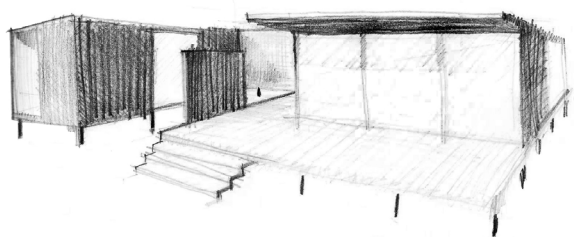
i36: dimensões dos vários contentores marítimos existentes no mercado

i37: estudo em planta para um habitáculo usando um contentor de 20'

i38: planta desenvolvida com base no estudo representado na imagem 39

i39: estudo de organização dos vários contentores

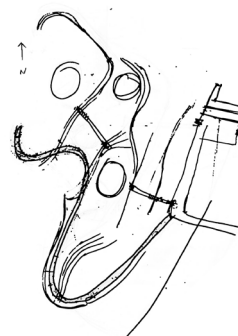
[40]



PDM e sua regulamentação, pude constatar que a Quinta tinha as dimensões necessárias para albergar um projeto inserido no turismo, mas também pude constatar a dualidade de terrenos compreendida nos seus limites, REN (Reserva Ecológica Nacional), RAN (Reserva Agrícola Nacional), ou seja, espaços florestais de proteção e espaços agrícolas.

Em seguida, houve um período em que o desenho das habitações deu lugar ao desenho do projeto das cavalariças e da estufa. Este momento de reflexão fez-me perceber que talvez a ideia das Case Studies Houses, ou seja, a utilização dos contentores marítimos para a estrutura das habitações, não fosse a mais indicada para este terreno nem para o projeto, que agora pretendia estender à prática turística rural. Daí, a minha atitude projetual passar a debruçar-se sobre a ideia de criar edifícios que complementassem o lugar, integrando materiais da região como a pedra granítica e a madeira para que desse modo as construções tivessem menor impacto na paisagem e no ambiente. Durante o desenvolvimento do trabalho tomei consciência e tive a preocupação de tornar

[41]



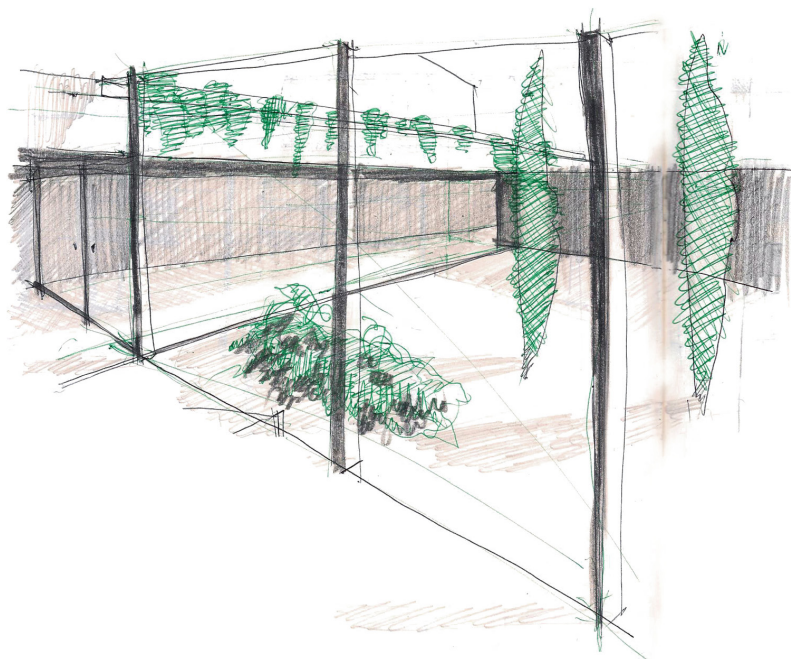
a estadia dos futuros utilizadores o “mais rural possível”, porque, qualificando esta experiência turística como turismo rural, estava à partida a transmitir uma imagem de ruralidade.

SEGUNDA FASE / PROPOSTA

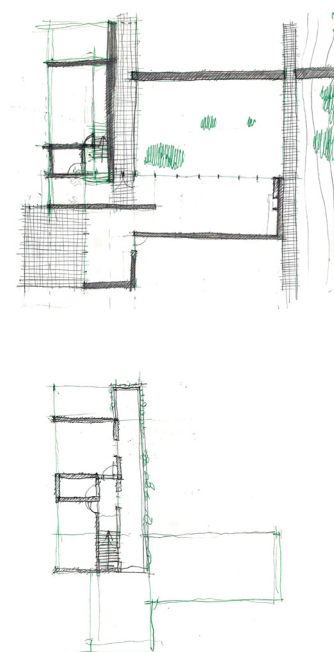
Desenhei nesta fase um pequeno esquema de uma planta, muito simplificada [i41]. Na minha opinião, tendo em conta o lugar, as localizações por mim escolhidas seriam mais pertinentes para a construção das várias casas, tendo em conta o terreno, assim como a exposição solar e as vistas proporcionadas. É de notar que nesta fase do projeto a via automóvel criada circula em paralelo com os limites desse terreno. Como vemos na planta, as casas estão espalhadas pela área à qual o percurso automóvel dá acesso. Naturalmente, todo o espaço da Quinta pode ser percorrido pedonalmente pelos seus eventuais hóspedes, daí a necessidade de criar casas capazes de se fechar para o “espaço público” sem privar o edifício do diálogo com o lugar e com o exterior.

No desenho [i42] vemos a representação da sala e

[42]



[43]



a sua relação com o espaço exterior, que corresponde à imagem da planta [i43]. Esta habitação é um T2 composto por dois pisos e, para aceder ao seu interior, dever-se-á seguir o percurso pedonal até à porta de entrada. Para isso, atravessa-se um plano que separa o “público” do “privado”. Do outro lado deste plano foi criado um pátio que nos acolhe e que, por sua vez, dialoga com a sala, com o plano da entrada e com a encosta que sobe para Oeste. Após a entrada na habitação, à direita, foi projetado um grande vão envidraçado enquadrando e tornando visível a paisagem exterior. Essa paisagem não estava disponível ao olhar durante o percurso retilíneo exterior e que conduz à entrada. De igual modo, ao lado da sala, e comunicando diretamente com esta, a cozinha abre-se para a paisagem e há, anexo a ela, um espaço exterior lajeado. No piso acima do descrito localizam-se os quartos.

O projeto de habitação que acabo de apresentar foi beber ao projeto da Casa Hooper II de Marcel Breuer (1902-1981), arquiteto de origem húngara, sobretudo no que respeita ao desenho do pátio.

O PÁTIO - CASO DE ESTUDO: CASA HOOPER

A casa-pátio Casa Hooper, (Baltimore County, Maryland, EUA) construída em 1959, situa-se no centro de uma zona arborizada junto a um lago que é possível contemplar das suas janelas voltadas a nascente. É fascinante observar a relação francamente aberta da sala de estar com

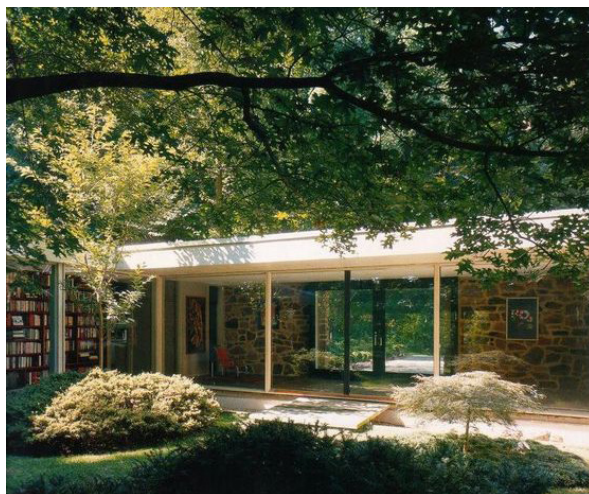
i40: dois desenhos do exterior da habitação tendo como base contentores marítimos

i41: esquema para a implementação das habitações no terreno

i42: desenho do pátio da habitação

i43: planta do 1º e 2º piso da habitação T2

[44]

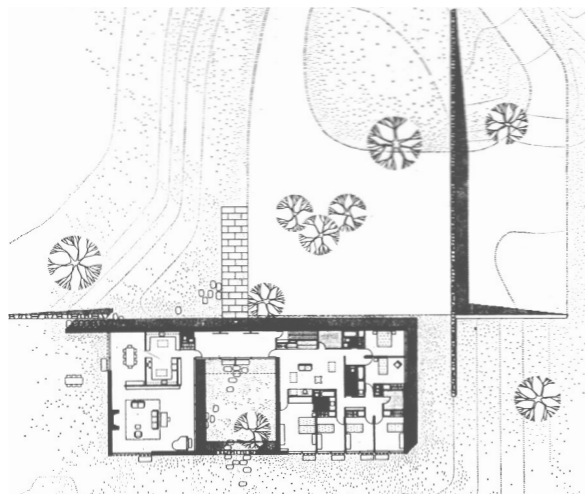


o pátio, a natureza, o verde das plantas. A luz entra calorosa e naturalmente para o seu interior, o mesmo se podendo observar na relação do pátio da casa com a sua entrada [i44]. Este pátio exterior organiza um espaço central na casa: de um lado, os quartos, do outro, as salas e cozinha [i45]. Breuer projeta de forma inteligente as zonas privadas da casa e as zonas comuns, de receber, separando-as por intermédio de um pátio central.

Nesta fase, desenhei ainda várias outras casas, sempre com um ponto em comum entre si: deveriam manter a sua privacidade face ao espaço exterior, abrindo-se dentro de si mesmas mas ao mesmo tempo, quando possível, voltando-se a paisagem. Para isso, recorri a vários artifícios, entre eles o da casa-pátio como modelo.

Uma destas habitação será um T1 que projetei como uma casa de pequenas dimensões, eliminando sempre que possível espaços de circulação. A casa, representada pela zona assinalada mais a Norte na Quinta, localiza-se a meia encosta, no esquema [i41]

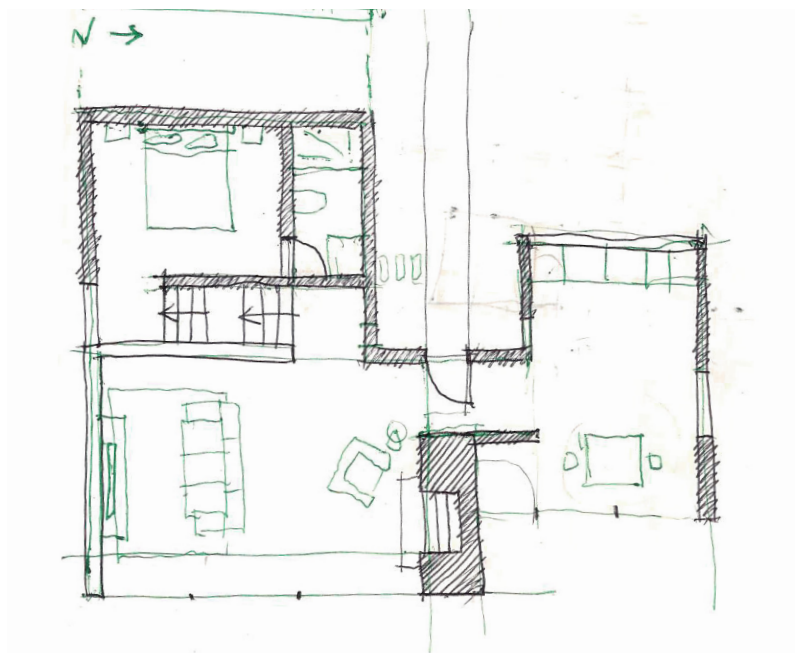
[45]



e a sua implantação surge junto ao desnível deste soalco, projetando-se sobre paisagem. Deste modo, toda essa fachada no limite do soalco se abre para o exterior, voltando-se para Este, e as fachadas restantes fecham-se em relação à paisagem [i47]. Quando entramos no edifício somos recebidos por um pequeno *hall* que organiza o espaço, estabelecendo a comunicação entre a sala e a cozinha/sala de jantar [i46]. Para a sala de estar, foi projetada uma lareira, embutida num corpo maciço que simultaneamente se volta para a cozinha/sala de jantar.

Acedendo por degraus ao piso superior, poderemos contemplar as vistas exteriores através de uma janela virada a Sul [i48]. Neste piso há um quarto e um quarto de banho concebidos a um nível mais alto, para que, mesmo não havendo porta de separação entre sala e quarto, a privacidade deste seja mantida. Em qualquer edifício deste projeto houve também a preocupação de abrir vãos que permitissem a maior exposição solar possível. Neste caso concreto, aproveitando o pé-direito duplo, abri um vão virado a Sul, de peitoril suficientemente alto para garantir a

[46]



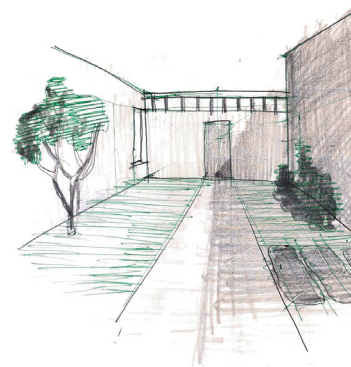
privacidade no interior da casa. Deste modo convida-se também o sol, baixo de inverno, a entrar e, através de uma pala sobre a janela, evita-se que o sol, alto de verão, entre.

TERCEIRA FASE / PROPOSTA

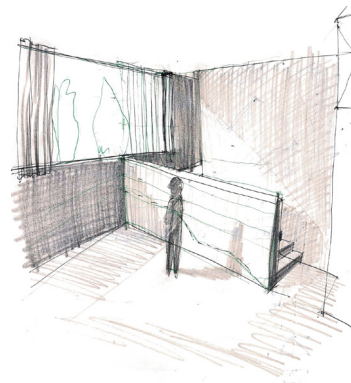
Numa das conversas de debate sobre o projeto, quando conversávamos sobre este na fase anterior, o orientador alertou-me para o custo eventual de cada casa e consequentemente o preço total do projeto. Disse-me que, supondo que por cada habitação se gastassem 100 mil euros, o custo total (tratando-se de três habitações) viria a triplicar, ou seja, haveria um investimento inicial muito elevado para albergar três famílias por curtos períodos de tempo.

Foi-me sugerido que pensasse em casas móveis, estas possivelmente atreladas aos cavalos, podendo o próprio hóspede vir a escolher o lugar em que queria “acampar”. Em suma, pequenos habitáculos independentes, de baixo custo, que poderiam ser feitos conforme as necessidades de procura para esta oferta turística. Casas de dimensões reduzidas, cada uma um habitáculo, com quarto, cozinha, sala, quarto de banho, tudo isto num espaço mínimo, com a mais-valia de poderem ser transportadas como caravanas. Desta sugestão retirei sobretudo a ideia de construção de um tipo organismo que pudesse crescer gradualmente à medida que o negócio singrasses, o que se revelou bastante importante

[47]



[48]



i44: fotografia da Casa Hooper II de Marcel Breuer, relação do pátio com a entrada

i45: planta da Casa Hooper II de Marcel Breuer

i46: planta da habitação T1

i47: desenho da entrada para a habitação T1

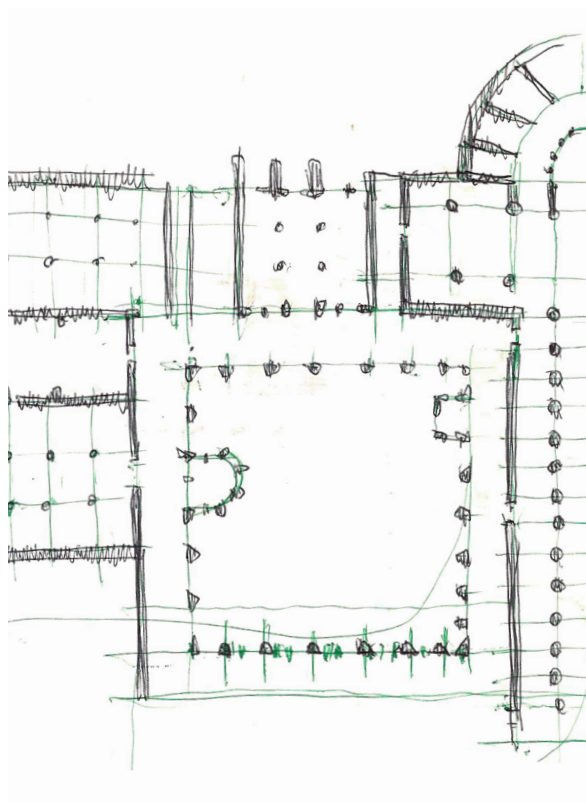
i48: desenho da relação entre a sala e o acesso ao quartos



para o desenvolvimento da proposta final. Comecei então e como consequência por desenhar um edifício em banda, para que fosse crescendo em módulos à medida das necessidades, mas a forma longitudinal da proposta não me agradou.

A IDEIA: O CLAUSTRO

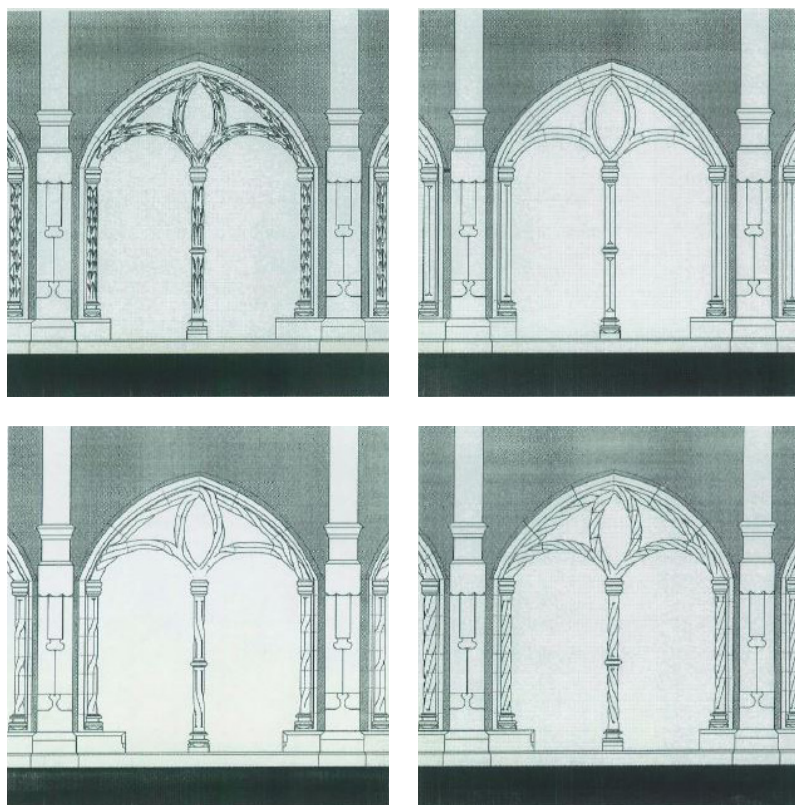
Ao ler um livro de História de Arte (ALMEIDA, José António Ferreira de. *Tesouros artísticos de Portugal*. 2ª reimpressão. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1976. Pag. 64), deparei-me com a imagem do claustro principal do mosteiro de Alcobaça, mosteiro gótico da ordem de Cister dos finais do séc. XII [i49]. Após uma pequena investigação, e enquanto desenhava a planta deste mosteiro, obviamente com base na planta original [i50], cheguei a uma conclusão importante para o meu projeto: os claustros são elementos fundamentais para a distribuição das dependências em seu redor. Por exemplo, no Mosteiro de Alcobaça, refeitório, cozinha, sala do capítulo, sala dos monges etc., são espaços maioritariamente de único acesso pelo claustro, havendo excecional-



mente espaços intercomunicantes entre si. Os claustros, de planta sensivelmente quadrada, dão a todas estas salas adjacentes igual importância, ao mesmo tempo que criam um todo centralizado.

Inspirando-me na forma deste claustro, comecei por desenhar para as habitações da Quinta o espaço central de pátio de planta quadrada à volta do qual se irá organizar o respetivo programa. Devo confessar que, numa primeira abordagem desta ideia, a forma quadrada não me agradou por se tratar uma forma rígida, ou seja, de lados iguais. Sentia que, nos primeiros esboços desenvolvidos, todas as alas e salas adjacentes passariam a ter a mesma importância. Tornou-se complexa a diferenciação e organização das áreas comuns e das áreas privadas, assim como a construção de uma narrativa ou percurso interno em torno do pátio, isto porque uma forma quadrada unifica de tal modo o espaço que é difícil de romper com esta união.

Talvez por os claustros serem totalmente fechados ao exterior, a planta quadrada é, no entanto, a forma ideal para um edifício se fechar sobre ele mesmo,



dando a esses claustros uma noção de centralidade e unidade e ao mesmo tempo transmitindo uma sensação de aconchego e proteção. Embora tenha tido alguma dificuldade em construir uma narrativa dentro desta forma, tenho que admitir que é possível encontrar ao longo da história vários exemplos de claustros que o fazem.

NARRATIVA E MOVIMENTO - CASO DE ESTUDO: O MOSTEIRO DE SANTA CRUZ

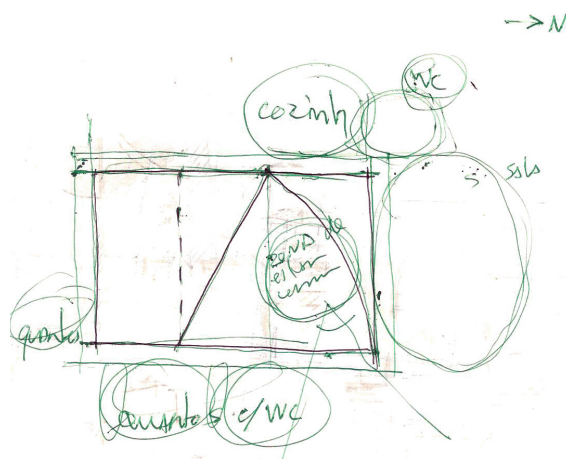
É interessante referir que, embora os claustros sejam regra geral de planta quadrada, conseguem transmitir dinâmica e até construir uma narrativa no seu interior, como é o caso do claustro do Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra (c.1521).

A reforma arquitetónica manuelina no Claustro do Silêncio deste Mosteiro provoca grandes transformações nas suas alas. Esta simbologia metafórica arquitetural é transmitida ao utilizador através de uma narrativa circular. Neste claustro as alas tornam-se um espaço e via de redenção para a comunidade monástica. Esta simbologia é transmitida através de artifícios arquitetónicos, que metaforicamente remetem para a caminhada seguindo Cristo, transmitindo ao mesmo tempo uma noção de percurso circular nas alas do claustro. Esta ideia é reforçada pelo significado transmitido pelos quatro panos dos alçados que, em conjunto, criam uma narrativa exposta nas arcadas que separam as alas

i49: fotografia da ala Este do Mosteiro de Alcobaça

i50: planta parcial do Mosteiro de Alcobaça

i51: tramo central das quatro galerias inferiores do Mosteiro de Santa Cruz, claustro do Silêncio



do claustro da praça a descoberto.

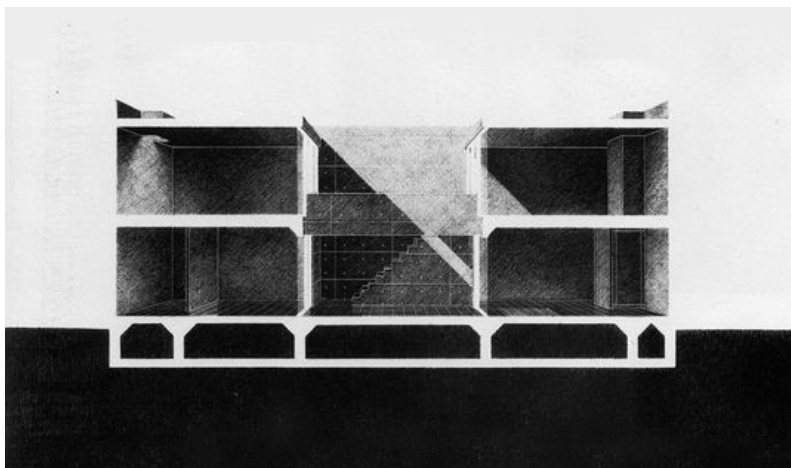
Cada um dos panos dos quatro alçados é diferente e esta diferença é transmitida pelo desenho dos vários fustes das colunas e dos arcos. À medida que passamos de uma ala para a outra, as colunas vão-se torcendo sobre elas mesmas, uma metáfora para um percurso de transformação para aqueles que aceitam Cristo e o seguem, um percurso até à salvação [i51].

Por oposição à imagem de um claustro, no meu projeto fui sentindo que, com a utilização da planta quadrada o espaço se fechava gradualmente sobre si mesmo. Desta forma, uma vez detetado que a forma quadrada não seria a mais indicada para este programa, tive a necessidade desenhar uma forma mais alongada e assim, anexando as salas a este novo retângulo, desenvolver nesta nova forma vários espaços diferenciados capazes de dialogar entre o interior e exterior do pátio. Tendo como referência o quadrado e a partir de uma construção geométrica (retângulo de ouro), defini o pátio central da construção. Assim criei uma forma harmoniosa com a

capacidade de nela organizar vários momentos diferenciados. Este pátio central manteve-se até ao fim do projeto e foi uma âncora para o desenvolvimento do mesmo. Nesse sentido e tendo como base esta nova construção geométrica, esbocei em forma de organigrama as áreas do programa [i52]. Este exercício foi bastante pertinente para o meu projeto, uma vez que foi a partir dele que surgiu, depois de várias fases de trabalho, o que veio a ser o projeto final.

Importante será dizer que este novo espaço, apesar de pertencer todo ele à mesma unidade, não é uma casa única, mas o resultado de um espaço conjunto de quartos, espaços de refeição e de estar interiores e exteriores em torno de um pátio, formando as habitações, integrando num só espaço todos os hóspedes e ao mesmo tempo minimizando os custos de construção. Devido ao pátio, esta construção tem uma extrema cumplicidade com o exterior. Assim como nos claustros é necessária a passagem pelo exterior para entrar noutra divisão, aqui o conceito é o mesmo, embora contrariando os claustros, uma vez

[53]



que, nesta fase do projeto, nem todos os percursos exteriores seriam abrigados, opção que vim a alterar mais tarde. A ideia por de trás da decisão enunciada era a de que, ao atravessar o percurso dos quartos até à sala, o utilizador fosse convidado a sentir a natureza, o sol, o vento ou a chuva.

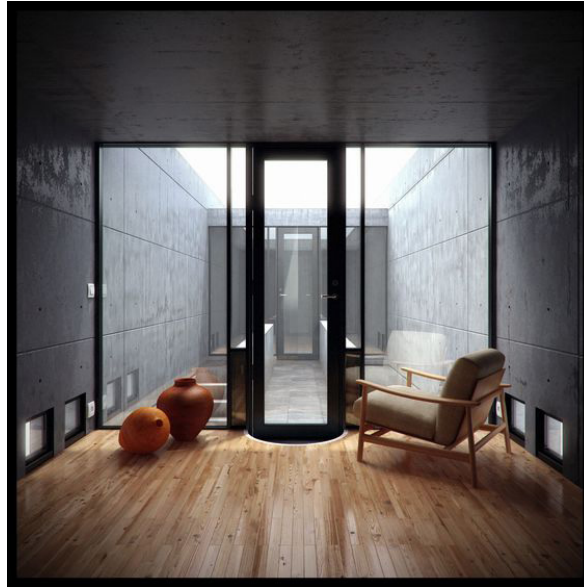
PERCURSOS EXTERIORES - CASO DE ESTUDO: CASA AZUMA

Esta cultura de constante contacto com a natureza, de ligação entre o interior e o exterior, o edifício e o utilizador, está bastante presente na arquitetura tradicional dos povos asiáticos, na qual, por vezes, para passar da sala para o quarto ou casas de banho é necessário atravessar o exterior, contactando com lindos jardins interiores cuidadosamente cuidados.

Tadao Ando (1941-), arquiteto japonês, na Casa Azuma, traz para a contemporaneidade estes comportamentos tão ancestrais, e cria uma casa pátio no centro de um bairro operário em Osaka. A Casa Azuma é dividida longitudinalmente em três partes iguais [i53], tendo ao centro o pátio, que por sua vez organiza nas suas extremidades todas as divisões e dependências da casa. Este pátio é um elemento central nesta habitação, isolando-a do exterior. No entanto, abre-se na sua verticalidade sobre a paisagem, como se de uma grande janela, por onde entra a luz, o céu e o sol, se tratasse. Protegido da agitação da cidade,

i52: organigrama de estudo da organização e comunicação do programa

i53: corte longitudinal da Casa Azuma



mas exposto aos elementos da natureza, à chuva e ao sol que incidem nas paredes texturadas do betão, cria uma vivência intimista deste espaço, em favor de uma “poesia” que o utilizador possa contemplar. O utilizador, ao percorrer o espaço da casa, passando da sala para a cozinha ou desta para os quartos, é obrigado a cruzar o pátio exterior e, deste modo, a sentir parte da natureza e das estações no interior da sua habitação, ao longo do ano [i54].

Assim como na Casa Azuma, o pátio tem um papel central no meu projeto das habitações. À sua volta, os volumes dos quartos, da sala, da cozinha e o espaço que resulta da sua organização e ausência permitem diferentes espaços entre si, assim como definem em conjunto enquadramentos de paisagem. Neste primeiro projeto todas as divisões têm contacto com o pátio exterior e todas são isoladas das restantes. Ou seja, deste modo, ao separar a cozinha da sala e esta dos vários quartos, projeto um conjunto de elementos soltos. Esta atitude perante o programa permite-me que o processo de constru-

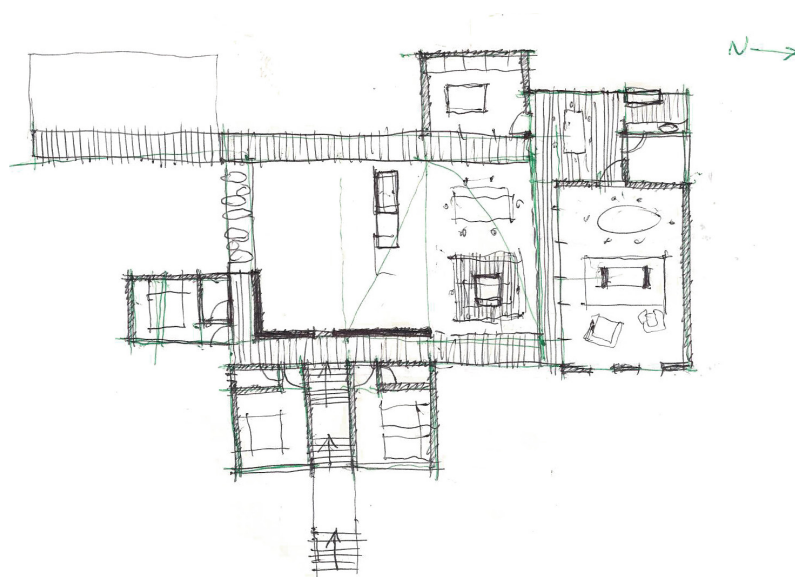
ção seja gradual, pois uma vez que os quartos são elementos autónomos, poderão progressivamente ser acrescentados ao programa, se necessário, sem perturbar o funcionamento interno desta oferta turística e permitindo que o investimento financeiro seja gradual.

Esta primeira proposta [i55] apresenta três quartos, cada um com o respetivo quarto de banho. Os quartos estão orientados para Este, em consola sobre a paisagem. Embora o programa da Quinta tenha como público-alvo famílias, pode também ter outro tipo de utilização, mostrando-se assim versátil, e podendo alojar vários casais ou uma família numerosa.

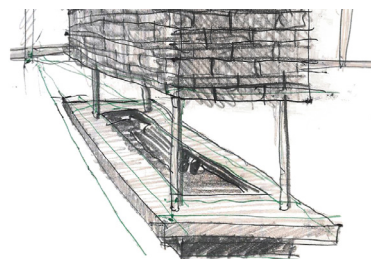
Do lado poente da construção encontra-se a cozinha, espaço que se vira para o interior do pátio. É um lugar estritamente reservado à preparação de refeições, com vários fogões, uma vez que pode destinar-se a ser utilizado em simultâneo por diversas pessoas.

No exterior, foram projetadas duas churrasqueiras. Do lado norte do pátio, mas virada a sul, desenhei a

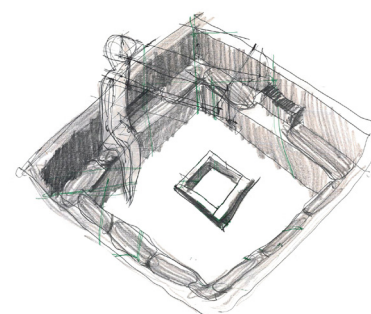
[55]



[56]



[57]



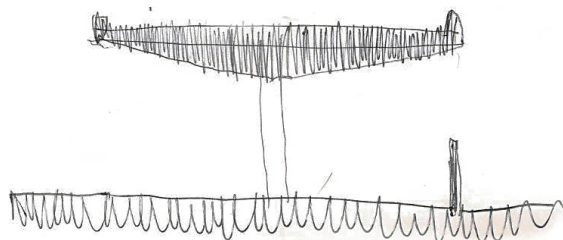
sala comum, um espaço interior de estar e de convívio com uma lareira [i56] ao centro organizando duas áreas: a de refeições, identificada no desenho com uma mesa, e o espaço de estar, com sofás. A cozinha e a sala estão ligadas por um espaço exterior coberto, onde se encontra uma das churrasqueiras, uma mesa e uma casa de banho comum. Os espaços anteriormente descritos fazem parte da zona comum da casa. Desde a primeira planta de estratégia [img. 22 pag. 58], proponho um espaço central de convívio entre as várias casas para os respetivos hóspedes. Mas, de certo modo, durante as várias propostas das casas individuais que desenhei no início do trabalho, talvez devido ao afastamento destas entre si, nunca consegui desenhar este espaço comum de convívio exterior de forma coerente. O pátio como espaço central foi nesta fase a proposta ideal para este programa: uma mesa para refeições ao ar livre, juntamente com uma churrasqueira, e também um espaço com bancos “escavados” na terra (ou seja, desnivelados em relação ao solo) e uma fogueira ao centro [i57] são alguns dos equipamentos que se podem encontrar nesta fase do projeto no pátio central. Deste modo, a organização destes equipamentos visa incentivar o convívio entre os vários hóspedes. O desenho apresentado difere em escala do da planta, na qual este espaço é relativamente maior do que o desenhado. Para o objetivo aqui descrito, entendo que um espaço de maiores dimensões, como o desenhado na planta, seria o mais

i54: fotografia do piso superior da Casa Azuma

i55: planta das habitações

i56: primeiro estudo da lareira

i57: desenho do espaço de convívio com uma fogueira ao centro



apropriado, porque albergaria um maior número de pessoas; por outro lado, um outro mais pequeno e uma excessiva proximidade da fogueira traria algum desconforto aos utilizadores.

Nesta fase há ainda um área coberta destinada ao estacionamento de automóveis [i58], e também umas escadas que ligam estas habitações à zona baixa do terreno de forma mais retilínea.

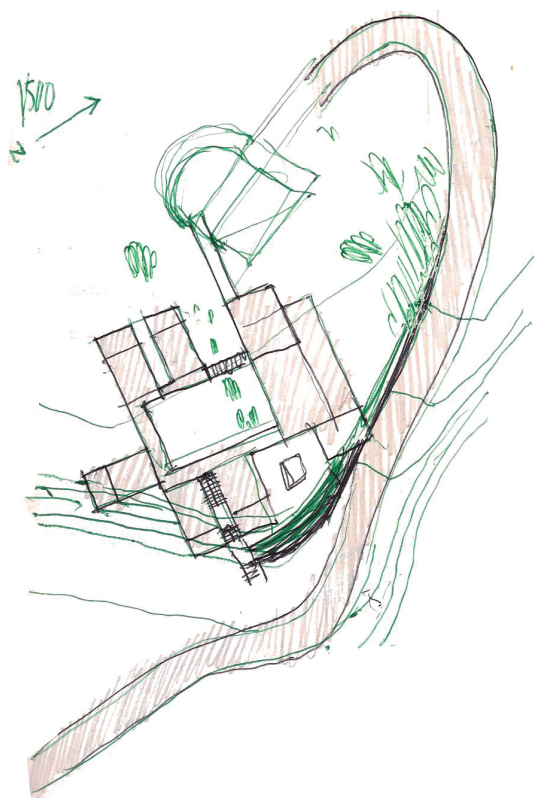
Na passagem desta fase para a seguinte, senti que seria pertinente desenhar um outro compartimento para guardar lenha, roupas de casa e produtos de limpeza e ainda uma lavandaria, ou seja, uma zona técnica.

QUARTA FASE / PROPOSTA

Depois de análise e reflexão sobre o projeto na fase anterior concluí, juntamente com o orientador, que embora a ideia para estas novas habitações fosse um tema interessante a trabalhar (conseguindo, através da disposição dos elementos na proposta, albergar vários hóspedes num só edifício e minimizando assim os custos da construção), podiam detetar-se

algumas lacunas.

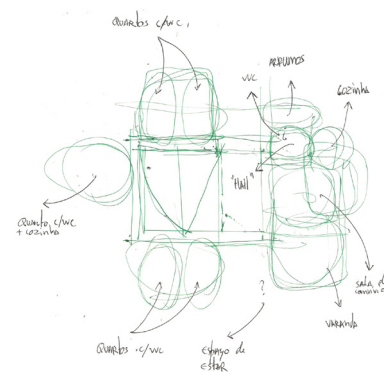
Em primeiro lugar, as áreas de circulação apresentavam-se demasiadamente expostas às condições atmosféricas, não havendo zonas de abrigo na travessia entre os quartos e as restantes salas. Além disso, também foi importante refletir sobre a total separação entre as várias dependências, sendo sempre necessário atravessar o exterior na passagem de uma para outra divisão. O lugar onde essa faceta do projeto se revelava mais preocupante e menos adequada era na transição da cozinha para a sala de jantar. Para além de ser um percurso longo, se pensarmos nele como necessário para as mais simples tarefas domésticas (como por e levantar a mesa para as refeições ou transportar recipientes com comida para a mesa), também o percurso não era o mais retilíneo, ou o mais fácil, sendo necessário abrir a porta da cozinha, contornar a mesa no exterior e abrir a porta da sala para o completar. Outros fatores foram repensados, como o acesso ao socalco no qual se implantam as habitações, os lugares de estacionamento e a entrada principal para o construído,



entre outros [i59]. Este repensar do lugar levou ao desenvolvimento do projeto em direção a uma nova fase.

Foi assim necessário recomencá-lo. O conceito inicial do claustro manteve-se, embora a localização de algumas dependências em torno do pátio tenha sido alterada. Comecei então o projeto do mesmo modo que o começara na fase anterior, isto é, com o desenho do pátio, elemento central como que “envolvido” pelas várias salas e circunscrito ao mesmo retângulo de ouro desenhado na fase anterior. Através desse retângulo e de um esquema em organigrama [i60], foi possível de forma rápida pensar e organizar a relação de intercomunicação entre as várias dependências.

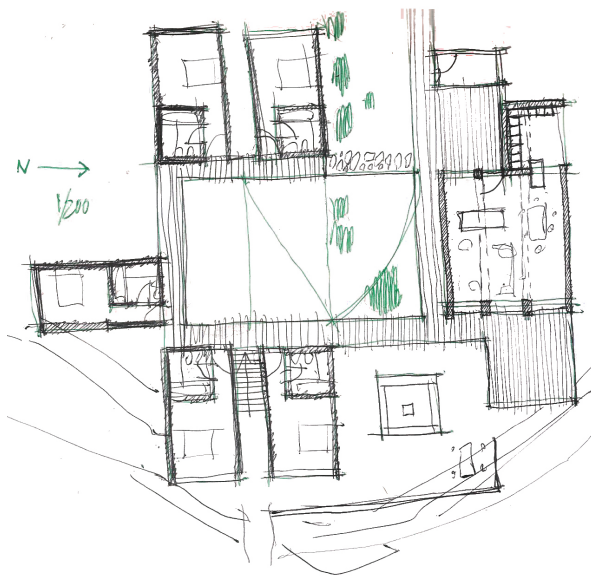
É importante neste momento apontar algumas das diferenças entre este esquema e o da fase anterior. Consegue observar-se à primeira vista que este propõe mais dois quartos do que o primeiro, pois entendemos, eu e o orientador, que a ideia de os quartos circundando o pátio deveria ser levada até ao máximo das suas possibilidades e, deste modo, devia desenhar-se o maior número de quartos para este espaço tendo em conta o programa e respetivas áreas. Como o número de quartos aumentou e as áreas comuns se mantiveram, decidi que a um dos quartos, neste caso o mais a sul do edifício, deveria anexar-se uma cozinha para que as áreas comuns não fossem excessivamente lotadas. Esta ideia, quando desenhada à escala, perdeu-se, por não ter uma jus-



i58: corte pela zona de estacionamento das habitações

i59: planta de coberturas do edifício das habitações

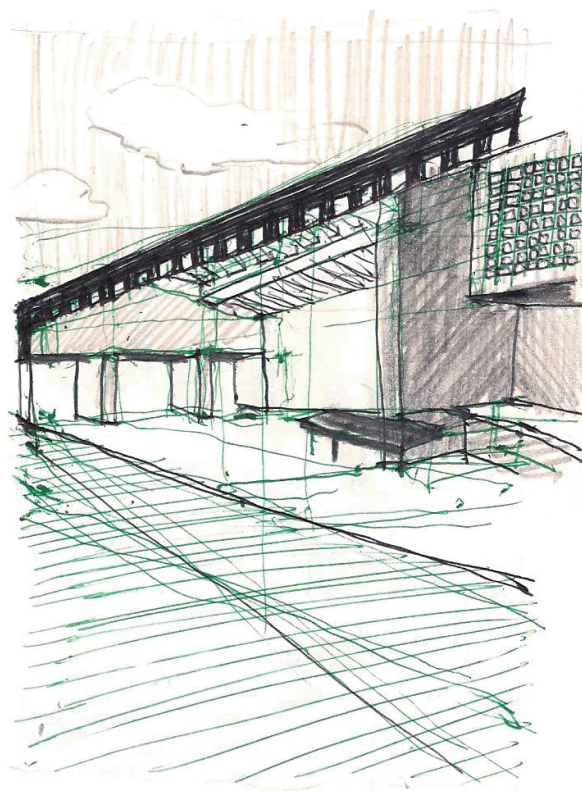
i60: organigrama de estudo da organização e comunicação do programa



tificação aparente para além da acima mencionada. Desenhei igualmente uma nova sala destinada a armazéns, lavandaria etc.. Junto a esta sala comum criei um novo espaço de varanda dando-lhe continuidade [i61].

Nesta nova proposta, a entrada para o complexo é feita junto à sala e cozinha, zonas de utilização comum para os hóspedes. Pela primeira vez neste projeto a sala e a cozinha são dois espaços que comunicam entre si. O espaço comum de mesa, churrasqueira e fogueira que se encontrava, na fase anterior, no centro do pátio passou agora para uma cota mais baixa, a meia encosta. Os quartos continuam a ter a mesma dimensão e equipamento interior.

No desenho [i62] é possível ver a relação entre a cozinha e a sala, agora bastante mais direta e funcional. Também é possível verificar neste mesmo desenho a criação de uma nova entrada de luz na zona da cozinha, um quadriculado de cheios e vazios permitindo uma maior luminosidade e criando, a partir deste vão, um jogo de sombras interessante na parede oposta.

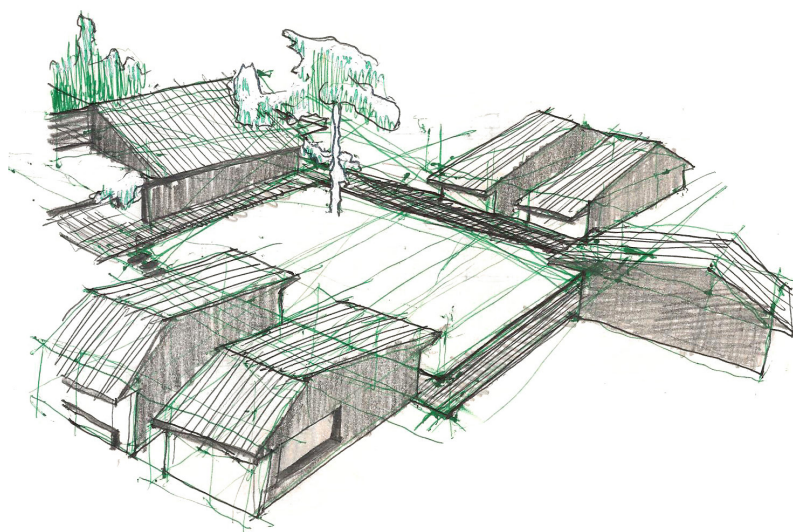


Embora tenha pensado e redesenhado o abrigo junto a entrada dos quartos, a solução encontrada não foi a que mais me agradou. É possível ver no desenho [i63] que é criado um alpendre na continuidade da cobertura dos quartos para receber o utilizador, protegendo-o do sol e da chuva no momento de entrada no respetivo quarto. Também no mesmo desenho é possível perceber a tridimensionalidade da proposta. O desenho foi em todo o processo deste projeto uma ferramenta usada para compreender a organização do espaço e volumetria.

Segundo Peter Zumthor em “Pensar a arquitetura” (Barcelona : Gustavo Gili, 2005)

“Esboços que apontam expressamente para uma realidade que ainda está no futuro, são importantes no meu trabalho.” [c17]

Para mim, o desenho a mão levantada, seja ele ambíguo ilustrativo ou inequívoco, é uma ferramenta constante e de extrema importância como método



de trabalho. Utilizei-o desde os primeiros esboços e esquemas de implantação até aos desenhos de pormenor, caixilhos, paredes etc.

Um simples esboço tem uma importância extrema para o desenvolvimento de um projeto: por vezes, o desenho é sugestivo e a sua ambiguidade alimenta outras ideias e soluções. A grande vantagem desta ferramenta é que conseguimos muito rapidamente transmitir uma ideia para o papel, algo que com o computador nem sempre resulta tão autêntico e livre.

O desenho é assim e no meu entender uma forte ferramenta para muitos arquitetos. É do conhecimento geral que o arquiteto Siza Vieira o usa para pensar os seus projetos e o seu quotidiano, como refere numa entrevista dada à revista “Visão”. (SIZA Vieira, Álvaro. Revista Visão / Sete (Nº 1212, 26/5 a 1/6/16, pag. 28))

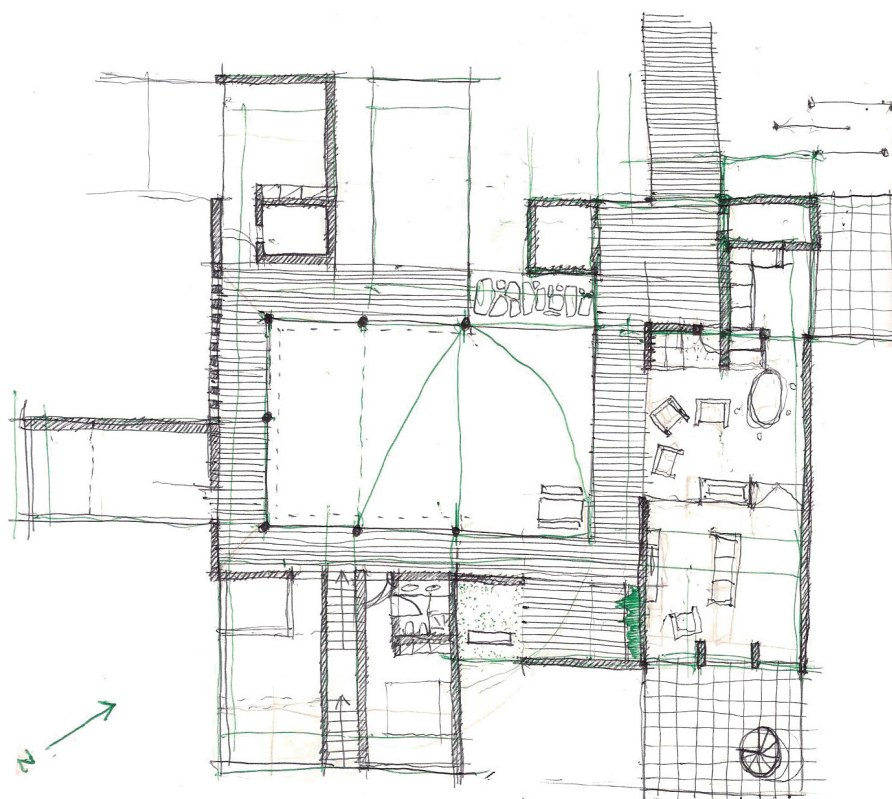
Não fiquei, no entanto e nesta fase, satisfeito com o resultado visível nesta representação: não há grande relação das várias dependências com o pátio, (sobretudo entre a sala de convívio e este último, pois sendo ambas áreas comuns, faria mais sentido que tivessem uma ligação mais imediata); e as dependências parecem elementos soltos no espaço, privando este do seu carácter unitário, e fazendo-o parecer apenas um percurso “marcado” no chão envolto pelos quartos.

i61: planta das habitações

i62: desenho em corte da relação entre a sala e a cozinha

c17: ZUMTHOR, Peter. *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. Pag.13

i63: desenho aéreo das habitações, relação entre os vários volumes



QUINTA FASE / PROPOSTA

A fase seguinte, agora apresentada, tornou-se o protótipo para o projeto final das habitações, uma vez que poucas alterações foram feitas antes da proposta final. Esta fase revelou-se sobretudo como um período de experimentação processual de espaço, de pormenores e equipamentos. Embora muitos destas experiências fossem retiradas ou melhoradas na passagem para a próxima e última proposta do projeto das habitações, esta fase teve uma enorme importância para sedimentar a ideia base e a volumetria da proposta. Deste modo, tendo-se a forma e o espaço do edifício aprimorado e praticamente concluído, tive oportunidade de refletir sobre algumas relações interesaciais relativas à sedimentação do edifício no lugar, capazes de proporcionar ao utilizador uma ligação espacial e visual com o mesmo, e consequentemente relacionar o edifício com ambos.

Mais uma vez a estrutura do projeto manteve-se, a de um único edifício em torno do pátio central, e o programa ocupa as mesmas localizações da fase

anterior.

A cobertura foi redesenhada permitindo um percurso abrigado entre os quartos, o pátio e zonas comuns do programa. Esta cobertura é visível na planta a tracejado e consequentemente nos pilares que a sustentam [164]. As alas do pátio e os volumes que as envolvem ganham um caráter unitário partilhando deste modo a mesma cobertura. Esta nova opção de projeto cria um ambiente mais protegido, definindo este espaço com maior coesão em relação à proposta anterior.

Nesta planta também é possível identificar o ensaio da criação de espaços “privados” exteriores aos quartos, assim como a de uma zona exterior, comum, na cozinha. Esta nova opção tornar-se-á uma mais-valia para cada quarto, principalmente para o novo quarto, com cozinha privada, que passará a oferecer um espaço complementar como zona de refeições. De igual modo, com o espaço exterior pavimentado junto à cozinha comum, cria-se um prolongamento do espaço da cozinha para o exterior. Também foram estudadas mais algumas relações

entre o construído e a paisagem, como é o caso do banco na zona nascente da proposta, entre a sala e os quartos, um espaço protegido pelos muros à sua volta mas com franca relação com a envolvente à sua frente.

O espaço quadrado destinado a lavandaria junto à entrada do complexo foi adicionado, embora, mais tarde e na proposta final, a sua localização se tenha alterado. Na fase agora descrita, a volumetria do espaço de lavandaria estava a interferir com as proporções da proposta, pelo que a sua localização foi repensada na fase seguinte.

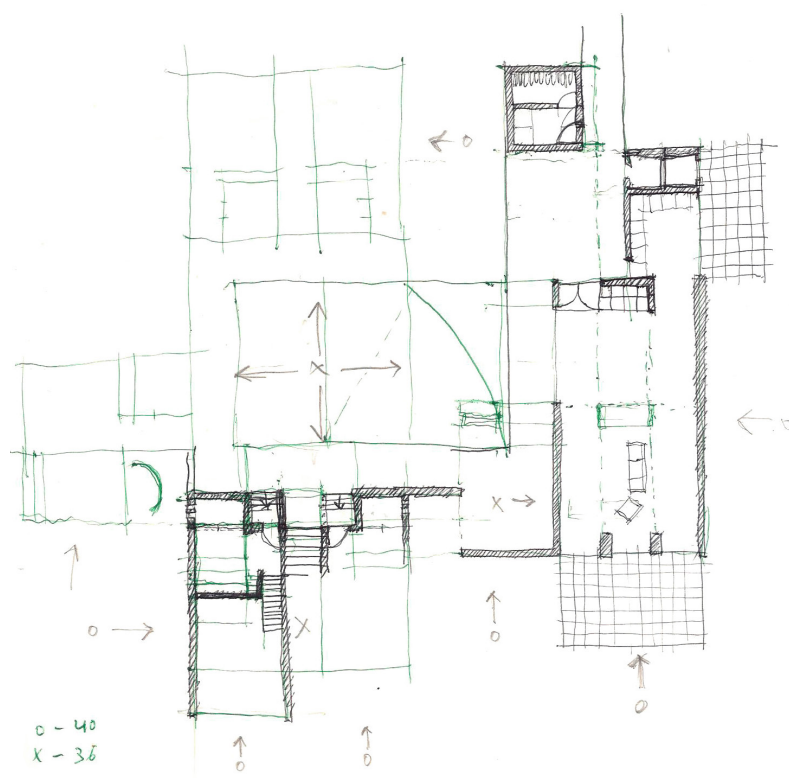
Na atual planta, a sala teria um desnível junto à lareira, com uma pequena rampa para que fosse possível vencer essa diferença de cotas. Esta foi outra das soluções repensadas e neste caso rejeitadas, pois apercebi-me de que esta opção iria romper com a perceção do espaço da sala como um todo.

A varanda que se estende sobre a paisagem ganha as dimensões de largura da sala, dando continuidade à mesma para o exterior. É possível observar nela o desenho de umas escadas em caracol, decisão mais tarde afastada.

i64: planta das habitações

MATERIALIDADE DA PROPOSTA

Como já referido, esta fase foi sobretudo um período de experimentação sobre a proposta. Pude ensaiar não só volumes e espaços como



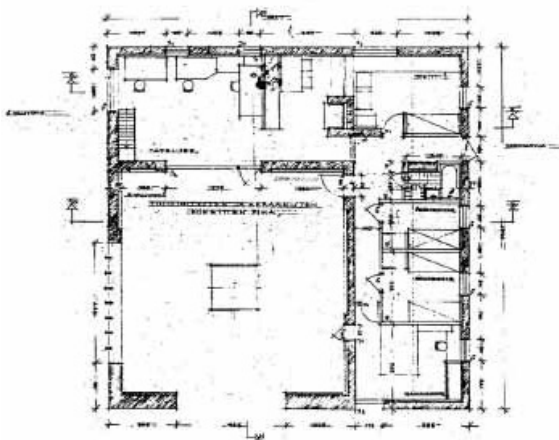
também materiais. O desenho aqui apresentado [i65] é o reflexo de mais um ensaio sobre o espaço e nele chamo a atenção para a sinalética usada. As setas representadas neste desenho identificam as paredes correspondentes e o respetivo material: os “O” representam uma parede de alvenaria de pedra granítica e os “X” representam as paredes rebocadas e pintadas de branco. As primeiras, exteriores são todas elas em alvenaria de pedra e as segundas, interiores, rebocadas e pintadas de branco.

Não só refleti sobre a materialidade a usar nas paredes, como também sobre a dos vários pavimentos interiores e exteriores do projeto. Os vários lajeados exteriores, representados com uma quadrícula, seriam de granito, assemelhando-se à cor da pedra usada nas paredes. O material escolhido para o pavimento dos percursos do pátio é uma tijoleira da cor tijolo, de produção artesanal. A escolha deste método de produção justifica-se pois a imagem desta tijoleira, irregular e tosca, aproxima-se da imagem de ruralidade que quero transmitir com esta obra. Este material foi escolhido não só por ser tosco,

mas também pela sua cor, que, combinada com as madeiras, com a pedra de granito e com as paredes brancas, cria uma imagem coesa e harmoniosa de “cores de terra”. Os pavimentos interiores, da sala e dos quartos, são ambos de madeira, formados por peças largas e extensas, semelhantes às encontradas em construções vernaculares. Concluindo, os materiais usados nas habitações tentam aproximar-se do que seria expectável encontrar numa casa rural.

Desde sempre que tive em mente alguma da materialidade que poderia usar do meu projeto, materiais locais de baixo custo e sustentáveis, como a pedra granítica, e a madeira. Mas houve várias etapas no projeto e em certos momentos a aplicação de materiais em determinados planos foi para mim uma incógnita. Foi a partir da planta anteriormente analisada que finalmente tive uma perceção geral da materialidade para as habitações.

[66]



[67]



MATERIALIDADE - CASO DE ESTUDO: CASA EXPERIMENTAL PARA ELISSA E ALVAR AALTO

“There have been many suggestions for the ‘source’ of the motif – the Finnish landscape, the contour plans he drew with his father, his distinctive sketching style, abstract art – but they are ultimately beside the point. Aalto clearly had a fascination for lines – as expressions of movement and natural processes, as the laminations of wooden furniture,” [c18]

A escolha dos materiais e imagem propostos para os alçados das habitações tem uma profunda influência da Casa Experimental para Elissa e Alvar Aalto. Alvar Aalto (1898-1976) foi um arquiteto finlandês que procurou perceber cada lugar para que as suas obras pudessem coexistir em harmonia com este. Nota-se marcadamente nele a capacidade de desenhar espaços capazes de estabelecer ligações de enquadramento entre si, seja qual for o ambiente em que estas se implementem.

A casa aqui em análise, também chamada Summer-house, foi construída em 1953 e está localizada em Muuratsalo, Finlândia. Esta casa de férias foi para mim uma fonte de inspiração.

i65: planta de estudo da materialidade para o projeto das habitações

c18: WESTON, Richard. *Alvar Aalto*. London: Phaidon, 1996. Pag.114

i66: planta da Casa Experimental para Elissa e Alvar Aalto, de Alvar Aalto

i67: fotografia da Casa Experimental para Elissa e Alvar Aalto, de Alvar Aalto



A casa de férias do arquiteto Alvar Aalto é uma casa de planta quadrada, em torno de um pátio [i66]. É interessante observar que ao centro deste há um espaço desenhado destinado a uma fogueira [i67]. Relembrando fases anteriores desta minha proposta, também criei um espaço similar. Embora este equipamento tenha sido descartado com o avançar do meu trabalho, continuo a perceber a sua pertinência. Assim como nas casas em geral as lareiras são usadas como ponto de reunião e podem ser o símbolo do lar, em fases anteriores do meu projeto entendi que a fogueira no centro do pátio poderia ser uma mais-valia para proporcionar o convívio entre os hóspedes. Mas devido à localização das habitações da Quinta e à vasta área de vegetação em redor, o fogo poderia tornar-se num perigo iminente para esta área, pelo que afastei esta hipótese de trabalho. Continuando a analisar a Casa Experimental de Alvar Aalto, acho quase poética a sua entrada para o pátio, encerrada por meio de dois planos, enquadrando a paisagem em frente [i68], onde as enormes árvores se abrem numa “avenida” tão linear que

quase parecem ter sido plantadas pela mão do Homem. Ao fundo, podem-se vislumbrar as margens do lago Ristiselka. Os planos que contornam o pátio desenharam uma magnífica perspetiva sobre a paisagem contrabalançada pelas cores e pelo conforto do próprio pátio, protegido dos ventos pelos planos a toda a volta e integrado na imensidão da paisagem. A casa é feita em tijolo que, para Aalto, era um material maravilhoso, e podemos ver a sua utilização em muitas das suas obras. No interior deste pátio o tijolo foi deixado à vista, formando variadas composições. Devido às suas medidas complementares, este material pode ser utilizado em várias posições e, se usado segundo uma regra, as suas medidas complementam-se formando uma composição métrica rigorosa. Nos alçados exteriores do edifício, o mesmo tijolo é pintado de branco.

Esta relação entre a materialidade do exterior e a do interior do pátio foi interpretada no meu projeto. Nas minhas habitações, os quartos e as salas rodeiam o pátio central. Na casa de férias de Alvar

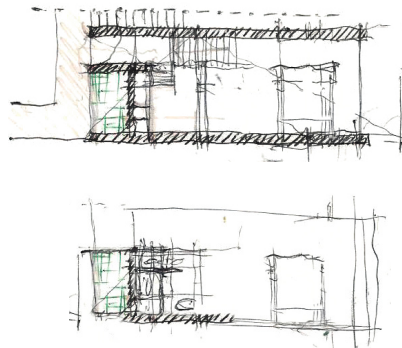
Aalto, este utiliza o mesmo material, no exterior, pintado, e, no interior, deixado ao natural, exposto. No meu projeto a ideia parte assim do conceito enunciado, mas revertido: o exterior é deixado exposto, com alvenaria de granito, e o interior é pintado de branco. Contudo, depois de alguma reflexão achei que a pedra pintada de branco não seria a melhor apresentação para o material, e esta foi substituída por uma parede rebocada e pintada da mesma cor. O uso do granito neste projeto foi a materialidade a usar nas paredes, tentando que a imagem deste novo edifício parecesse natural ao lugar. Pensando no programa em que o meu projeto se insere, as habitações deveriam inspirar-se na casa vernacular, pois seria o expectável por parte do hóspede, para uma casa de turismo rural em que tenciona passar um fim-de-semana no campo. Por este motivo, tentei criar uma atmosfera de ruralidade mas sem perder de vista as necessidades atuais da habitação.

Para concluir esta fase da proposta, devo ainda referir que, para além dos vários ensaios já enunciados, um outro foi levado a cabo antes de passar à proposta final. Este veio a ser descartado entretanto, por não se justificar e descaracterizar a proposta. Embora não tenha avançado até ao projeto final, relevou-se bastante útil no exercício e no aprofundamento do projeto.

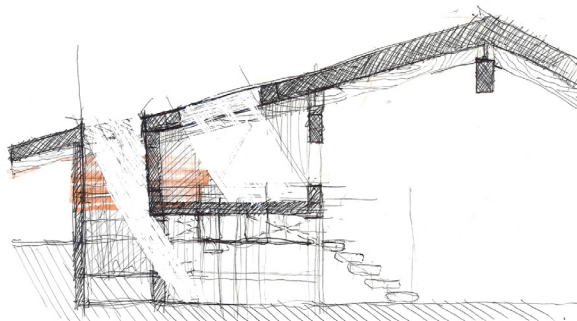
Ao longo das várias fases atravessadas, considerei que deveria haver, pelo menos no conjunto das habitações, um quarto com cozinha, para

i68: fotografia da relação e enquadramento entre o pátio e a paisagem da Casa Experimental para Elissa e Alvar Aalto, de Alvar Aalto

[69]



[70]



a eventualidade de a cozinha da zona comum estar sobrelotada. Nos dois quartos a nascente, e localizados a Este do pátio, desenhei também zonas de refeições independentes das dos restantes hóspedes [i69]. Ao entrar num destes quartos projetei um pequeno *hall* e, imediatamente à sua direita, localizaria uma cozinha com zona de preparação e refeição em *mezzanine* sobre o restante quarto. Este desnível no espaço interior seria executado de modo a aproveitar o socalco existente para que o edifício acompanhasse a inclinação do terreno. No corte [i70] é possível ver a relação entre os diferentes espaços e como a luz zenital entra na cozinha através da sua cobertura. Entre o quarto e o pátio das habitações existe um segundo pátio, este de mais pequenas dimensões, com estrita ligação ao quarto de banho, que por sua vez se localiza na zona inferior da área de cozinha descrita. Com a criação deste segundo pátio privado ajardinado, iria providenciar uma entrada de luz para o quarto de banho, valorizando-o. Esta foi a proposta afastada, como referido no parágrafo anterior, por questões de mobilidade ligadas

à eventual necessidade de construção e utilização de escadas, bem como por se entender que estas poderiam quebrar a unidade global do conjunto.

i69: planta de estudo para um quarto de
pé-direito duplo com cozinha incluída
i70: corte de estudo para um quarto de
pé-direito duplo com cozinha incluída

7.1 HABITAÇÕES

projeto final

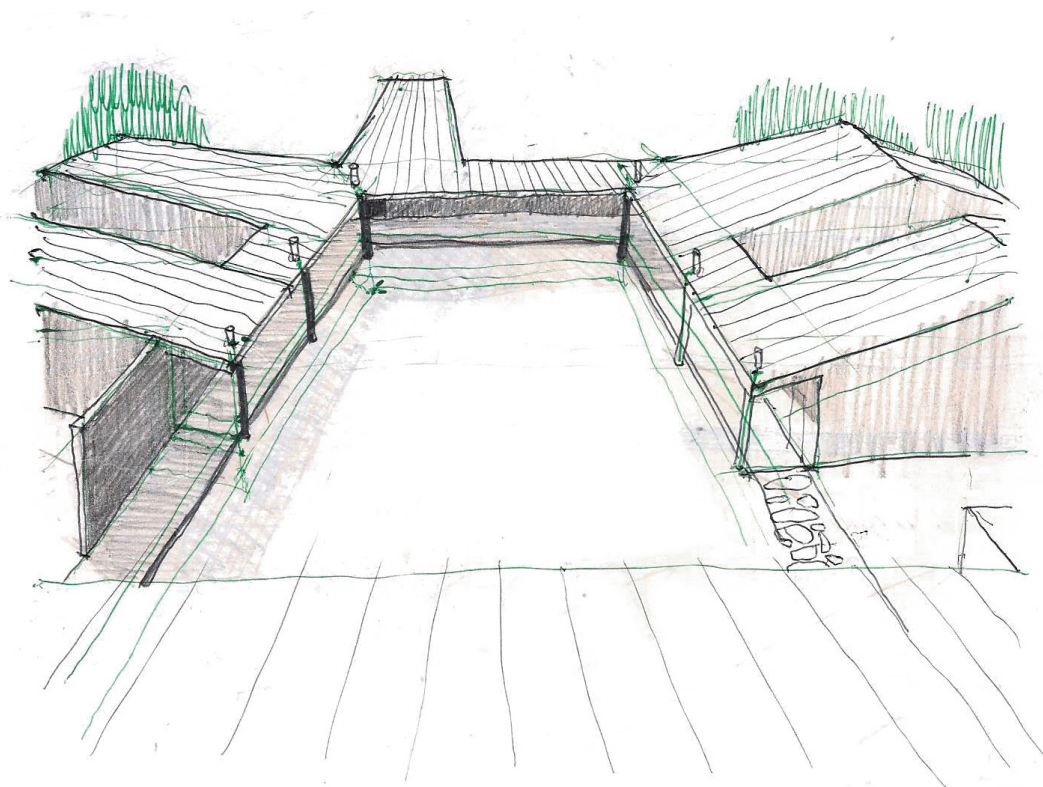
“Senti assim sempre e cada vez mais a necessidade de uma ligação entre o interior e exterior não imediata e total, (...) Na travessia entre dentro e fora é sempre necessária uma mediação, uma transição.” [c19]

As habitações, como já explicado em momentos anteriores, nasceram enquanto ideia a partir da análise de um claustro, bem como da reflexão sobre a sua funcionalidade, considerando aspetos como a ligação entre o próprio claustro e a alas envolventes. Essa mesma ideia de “pátio” onde as alas estabelecem uma conexão entre todas as dependências circundantes criou uma noção de espaço que o meu projeto teve como referência. Transportando este conceito para a prática projetual, como já dito, o desenho das habitações desenvolveu-se à imagem de um claustro. Deste modo, as habitações projetadas apresentam um espaço central, o qual é rodeado por vários volumes independentes, como salas e quartos

[i71]. Mas o espaço que resulta do meu exercício, ao contrário do que acontece num claustro, em que as alas são por norma totalmente fechadas à paisagem exterior, é um pátio que comunica com o exterior por meio das aberturas existentes entre os vários volumes que organizam entre si enquadramentos sobre a paisagem.

As relações entre exterior e interior não devem ser vivenciadas de forma gratuita, o que significa que deve haver mistério para haver surpresa. Na minha opinião, os momentos em que um edifício enquadra a paisagem têm de ser trabalhados e devem ser intrínsecos ao desenho nas várias etapas que formam o projeto. Consequentemente, a importância do lugar, de o conhecer e visitá-lo várias vezes, torna-se uma prioridade para que possamos, através da combinação inteligente entre o nosso edifício e o *lugar*, tirar o maior partido deste último.

É na primeira visita ao terreno que a percepção do *lugar* é mais genuína e mais inquietante. Ideias e volumes surgem no meio das pedras, dos muros e das árvores, e é no terreno que podemos imaginar o



nosso edifício, onde vão ficar as salas, os quartos, etc. e para onde estes se deverão abrir.

Quando o *lugar* e consequentemente a paisagem fazem parte das ferramentas projetuais utilizadas no desenho de um espaço, e estas se tornam parte das sensações que o arquiteto quer provocar com o seu projeto, podemos criar pontos de contemplação e reflexão, por hipótese, capazes de surpreender o utilizador, criando, por exemplo, no mesmo admiração pelos “quadros” proporcionados entre os vãos do edifício. Assim sendo, se o projeto funcionar em harmonia com o espaço desenhado e que o envolve, cria-se um lugar onde o utilizador se sente bem, confortável e acolhido, num ambiente total e unitário. Naturalmente não basta ter um só edifício esteticamente agradável para que isto aconteça. A escolha do lugar ideal é essencial para o começo de um bom projeto.

No meu projeto, é possível identificar no espaço da Quinta, dada a sua dimensão, a existência de pequenas atmosferas díspares e espalhadas pela terreno, que se tornam *lugares* dentro do *lugar*.

i71: desenho aéreo das habitações, relação entre os vários volumes com o pátio
c19: SIZA, Álvaro. *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000. Pag.45

PERCURSOS E ENQUADRAMENTOS - CASO DE ESTUDO: CASA DE CHÁ DA BOA NOVA

“(...) Fernando Távora acompanhou-nos numa visita



ao local e disse: “o edifício deve ficar aqui”. (...) a solução surge hoje como óbvia e inevitável” [c20]

A Casa de Chá da Boa Nova é um projeto que sempre me serviu de referência, quando necessário ao longo da vida académica. Um projeto rico de significados, de perspetivas, e de surpresas intencionalmente provocadas pelo arquiteto Siza Vieira. O seu estudo foi bastante pertinente para o meu projeto das habitações, ajudando-me a compreender certas relações espaciais, desde o percurso de acesso ao edifício às relações entre o interior e exterior.

“Ao longo do caminho de acesso, a casa surge e desaparece mas nunca se deixa de ver e compreender totalmente.” [c21]

O percurso que é feito desde o parque de estacionamento até à entrada do edifício leva-nos por

uma jornada de contemplações quer da paisagem, das ondas do mar a embater nas rochas, quer do edifício, dos seus materiais, das suas cores, alturas e texturas. Nesse sentido, iniciando o percurso em direção à Casa de Chá, é possível ver como a envolvente e o edifício se complementam e se encaixam de forma tão natural que quase custa a crer que alguma vez esta construção não fizesse parte desta paisagem [i72]. Para aceder às escadas, que por sua vez elevam o edifício sobre as rochas, o utilizador é obrigado a virar costas ao mar, observando unicamente o próprio edifício. Lentamente, a cada passo que é dado e a cada degrau alcançado, vemos mais um pouco de céu, mais um pouco de mar, e descobrimos uma nova perspetiva sobre a paisagem, até que chegamos ao cimo do primeiro patamar. Deste lugar é possível contemplar o edifício e o mar como um todo. Seguindo o trajeto em direção à entrada, contudo, ao continuar o percurso, o utilizador é obrigado, mais uma vez, a virar costas ao mar e, mais uma vez, contemplar unicamente o edifício e a sua entrada, com um pé direito baixo que nos recebe



e abriga dos elementos climatéricos, a chuva, o sol, e o vento.

Assim que se cruza a porta de entrada, uma janela estreita e horizontal, ao nível dos nossos olhos, enquadra, como se de um quadro se tratasse, a linha do horizonte. Por vezes, este enquadramento é sublinhado por pequenas ou grandes embarcações que compõem um magnífico cenário. Torna-se quase obrigatório parar para contemplar a vista que nos é proporcionada. Descendo as escadas de acesso ao salão de chá, o utilizador é absorvido e acompanhado pelos ritmos do belíssimo trabalho nas madeiras que formam o lambril das escadas. Assim que as descemos por completo uma nova vista do exterior preenche o espaço. Aqui, nesta sala de espera, vemos, através dos vidros que nos separam do mar, um exterior perfeitamente enquadrado pelo chão e pela pala de cobertura escondendo e desvendando parte do céu. Depois, dentro dos salões, somos expostos a diferentes enquadramentos acompanhados pelas rochas e pelo mar [i73].

Fazendo um paralelo entre o exemplo descrito da Casa de Chá e o meu projeto, posso afirmar que eu próprio quis trazer para a Quinta, mais concretamente para o acesso pensado até às habitações, esta mesma sensação de percurso, de *suspense* e de descoberta, enunciada no percurso até à Casa de Chá. É importante referir que o percurso criado para acesso até às habitações é feito por meio de uma nova via empedrada

c20: SIZA, Álvaro. *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000. Pag.31

c21: PORTAS, Nuno; GOMES, Paulo Varela. *Casa de Chá da Boa Nova: 1958-1963*. Lisboa: Blau, 1999. Pag.19

i72: fotografias da Casa de Cha da Boa Nova, de Siza Vieira

i73: fotografia da relação entre o salão de chá e o exterior. Casa de Cha da Boa Nova, de Siza Vieira

Nova, de Siza Vieira



que se sobrepõe em alguns pontos a um percurso existente anterior à intervenção.

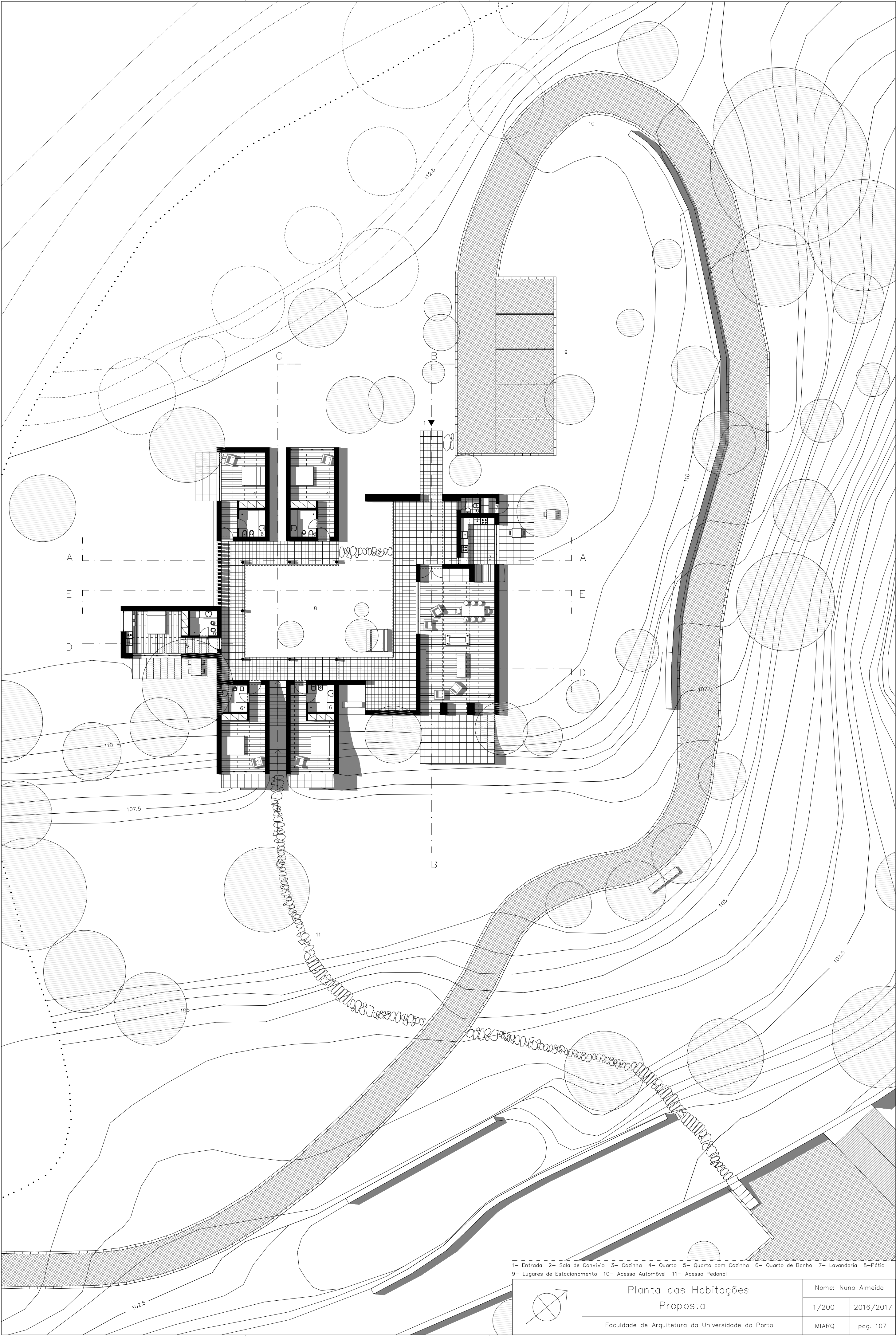
Neste novo percurso, consequentemente, tentei recriar o “ver” o edifício e o “ver” paisagem que descrevi no percurso da Casa de Chá da Boa Nova. Conforme se vai subindo em direção às novas habitações, contemplamos de um lado a paisagem que se estende no horizonte e, do outro lado, o edifício [174].

É devido às cotas íngremes que somos obrigados a contornar a casa por completo para poder aceder ao cimo do monte e consequentemente à entrada das habitações, vencendo facilmente, deste modo, o declive existente. Este momento em que somos obrigados a contornar as habitações não deixa de ter a sua importância. Durante este percurso viramos costas para a paisagem e somos absorvidos pelos verdes e pelas árvores que sobem a encosta, para mais à frente, depois de contornar o edifício por completo, darmos de caras com a fachada de entrada.

Esta entrada principal localiza-se no final do cami-

nho empedrado projetado para acesso automóvel. Além desta, há uma segunda entrada de acesso pedonal, uma entrada secundária de rápido acesso, que conecta as habitações e o restante programa da Quinta, sem necessidade de contornar a colina. Ambos os caminhos das entradas, embora separados, contornam e apropriam-se do terreno até ser possível chegar à cota mais elevada deste, no qual se implantam as habitações. O acesso automóvel tem formas mais naturais, ou seja, possui curvas e contracurvas, contornando os caminhos mais acentuados e íngremes para que o declive se esbata. Em contrapartida, o percurso pedonal é mais linear, intersectando o acesso automóvel num único ponto. Assim, dada a sua função, ou seja, ligar de forma rápida as habitações com a casa da cliente e restante programa, este caminho rasga o terreno e apropria-se das encostas utilizando escadas quanto é necessário vencer cotas mais íngremes.

Depois de terminado o caminho empedrado de acesso automóvel, há, no final deste percurso, um pequeno parque de estacionamento destinado aos



hóspedes, que a partir deste momento deverão seguir a pé até a um pequeno acesso exterior que conduz à entrada do edifício. Trata-se de um caminho a uma cota ligeiramente mais elevada, marcando a transição entre a o percurso interno da Quinta e um novo espaço e uma nova atmosfera que se pretende aqui criar. Este degrau também é pertinente para elevar a construção, para que no interior das habitações haja um desnível entre as “alas” e o pátio ajardinado. Ao percorrer o trajeto inicial de acesso às habitações, deparamo-nos com um plano que impede a visibilidade para o interior do edifício. Este artifício, separando visualmente dois espaços que se querem atmosferas distintas, será usado, embora de um modo bastante diferente, no edifício das cavalariças (capítulo 8.1). Este plano tem uma única abertura, um vão que permite a passagem para o interior das habitações e nos convida. Neste âmbito, devo esclarecer que embora “habitações” seja um nome no plural, se refere a um espaço singular, o que quer dizer que este foi desenhado para a representação de um espaço único.

“Em primeiro lugar, a entrada claro, é sempre importante. É ali que nasce a experiência e ali se resume o tipo de experiência que você vai ter.” [c22]

i74: planta de estudo da cobertura, relação entre o edifício e o relevo

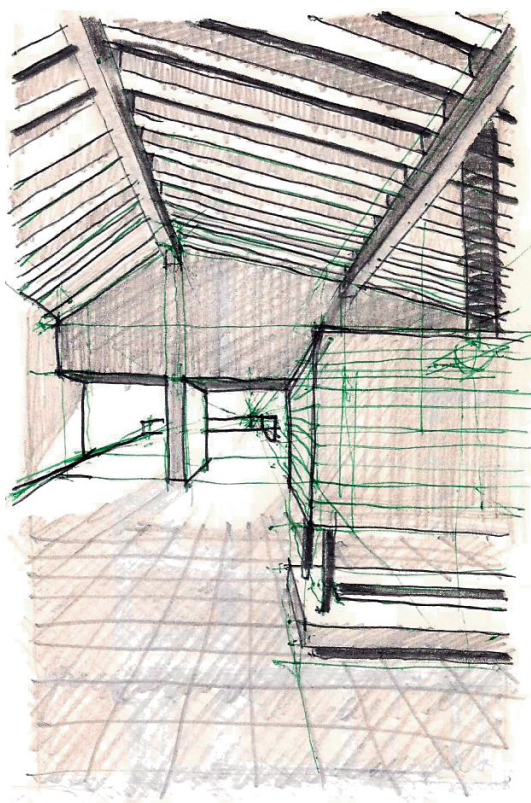
c22: ANDO, Tadao. *Conversas com Michael Auping*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. Pag.39

precioso que relaciona pela primeira vez o exterior com o interior, proporcionando uma experiência inicial entre o utilizador e o edifício. Obviamente que, quando vemos um edifício a partir do exterior, já o estamos a avaliar. Paradoxalmente a imagem interior e exterior nem sempre são coerentes, havendo edifícios muito bem resolvidos a nível de fachadas, e até bastante apelativos, que no seu interior nem sempre este estão organizados da melhor maneira, sendo o contrário também válido. É na entrada que há o primeiro contacto e apreensão do espaço, sendo por isso fundamental o primeiro contacto entre o exterior e o interior. No entanto, em arquitetura, a melhor forma de conhecer um edifício e formar uma opinião sobre o mesmo é viver e percorrer todo o seu espaço.

Assim que passamos o único vão rasgado neste plano, somos recebidos por um pequeno átrio exterior, mas coberto, onde numa primeira instância é possível parar e pousar a bagagem. Deste pátio conseguimos ter a total perceção do espaço central das habitações.

Assim como numa casa, depois da porta de entrada, há por norma um átrio, um primeiro momento para receber e convidar a entrar, no meu projeto para as habitações esse espaço também foi previsto, embora situando-se ao ar livre. Este átrio foi para mim objeto de constante reflexão e redesenho. Pretendia que ele permitisse uma total visualização do pátio confinante, nomeadamente das portas dos quartos, para que facilmente os possíveis hóspedes pudessem perceber a localização dos mesmos, sem haver necessidade de alguém lhes fornecer orientações, ou de os acompanhar. Este átrio não possibilita uma relação com a paisagem, uma vez que quaisquer relações entre “interior” e exterior estão estrategicamente enquadradas entre os volumes dos quartos, assim como noutros espaços que mais tarde referirei.

Há também junto a este pátio de entrada uma pequena casa de banho de serviço, com apenas uma sanita e um lavatório. Esta serve os espaços exteriores mas igualmente a sala e a cozinha, permitindo deste modo que os hóspedes possam usá-la sem terem de se dirigir aos próprios quartos.



Embora a ideia inicial fosse a de ocultar a paisagem partindo da entrada, tornando-a numa procura e descoberta à medida que o edifício se percorre, houve uma exceção logo de imediato pensada, mesmo antes do acesso ao construído. Esta é uma relação entre o percurso de entrada e a paisagem para lá do edificado possível devido aos alinhamentos entre vários vãos. Depois de passar o estacionamento e posteriormente subir o degrau que marca o percurso pedonal até à entrada do edifício, ao aproximarmo-nos do vão do alçado Oeste, somos confortados com a luz e vistas sobre a Quinta que invadem o olhar e partem do fundo da sala de convívio situada mais à frente. Esta intenção foi concretizada por meio do alinhamento entre vários vãos. Consequentemente, o vão de entrada no alçado Oeste possui o mesmo alinhamento da porta de entrada em vidro para a sala de jantar/sala de estar e posteriormente o mesmo alinhamento de uma das janelas ao fundo da sala de estar. Neste sentido, somos atraídos pela luz e pelas vistas para zona comum da casa, a sala de convívio, de refeição e de estar [i75].

Houve neste caso uma procura da materialidade adequada para permitir que este alinhamento existisse não só em planta mas principalmente durante a vivência do espaço. Anteriormente à conceção deste alinhamento, as portas para a sala eram iguais a todas as restantes portas deste projeto, em madeira, ou seja, opacas. Mas, na sequência do que foi atrás referido, optou-se por uma mudança da materialidade desta

i75: desenho da sala de estar. Obs.: este desenho de estudo foi bastante importante para aprimorar o desenho do teto, assim como a relação entre a sala e a varanda



porta, adequando-a à intenção de alinhamento descrita, para que o projeto ganhasse uma maior relação com o lugar.

Passo a analisar um diálogo que transcrevo a seguir:

“MA. Le corbusier disse que a arquitetura é “a própria civilização” – em outras palavras a forma última da escultura social.

TA: Eu concordo. A forma arquitetural reflete e induz o modo como nos relacionamos conosco mesmo, com os outros, com a natureza, com os materiais.” [c23]

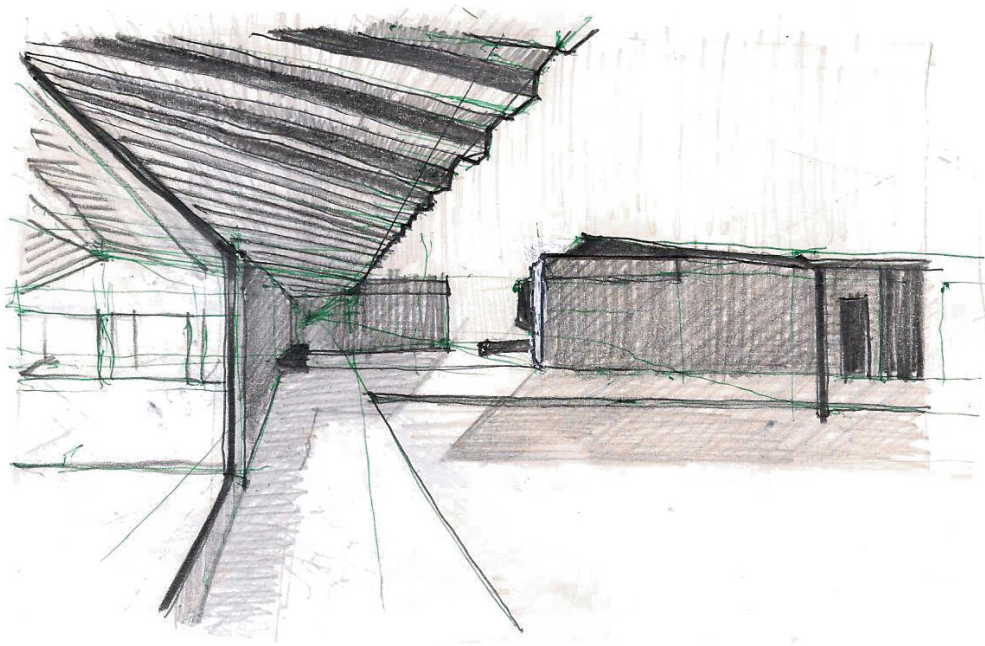
Durante o meu trajeto acadêmico fui percebendo um pouco do que era fazer arquitetura. A arquitetura tornou-se nos meus projetos mais que um edifício que procura resolver um programa. Por exemplo, para mim, o simples ato de por uma cadeira ao centro de uma sala vazia é arquitetura, porque estamos com ela a organizar espaço e a provocar nas pessoas maneiras diferenciadas de reagir a este

espaço. A arquitetura e por consequência a organização do espaço reflete nos seus utilizadores modos de se relacionarem com o espaço e com os outros.

Para mim, um bom projeto é aquele que provoca sensações, que interage com os sentidos e isto pode ser conseguido através da luz, dos sons, da textura dos materiais, dos ritmos, e de muitos outros meios. Todavia, esta não é uma receita exclusiva para uma boa obra arquitetónica. Cada arquiteto terá a sua solução e a sua interpretação o seu modo de fazer. E estes são instrumentos e ferramentas de trabalho, tão importantes como a própria matéria.

Foi por este motivo que desenhei o alinhamento anteriormente descrito. Este enquadramento, entre muitos outros, proporciona uma relação espacial entre a obra, o utilizador e a natureza.

Assim como refere a citação acima, a arquitetura é um instrumento que relaciona o utilizador com a sua envolvente. Neste projeto, assim que entramos no pátio central somos como que “fechados” pela sua espacialidade. Este pátio como elemento central procura relacionar toda a atmosfera das habitações,

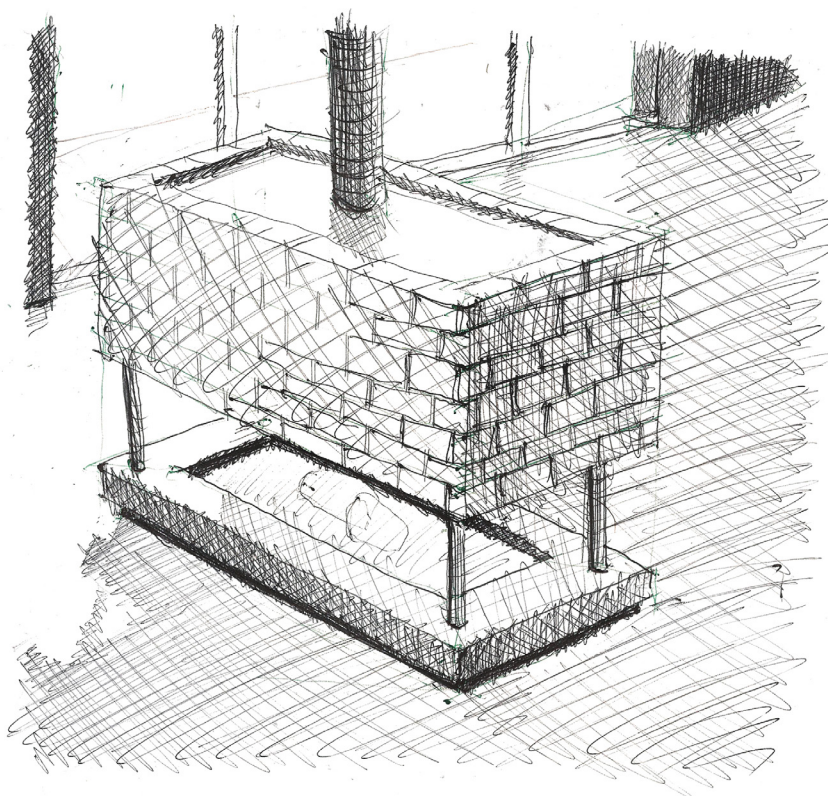


é o elemento que organiza os diferentes espaços e é a partir dele que o utilizador pode manter o diálogo entre a natureza, as pessoas e a arquitetura. Em contrapartida, tenho consciência de que este espaço, o pátio, não se abre na sua plenitude para a paisagem que por si é tão bela; em vez disso, abre-se pontualmente para ela, por meio de pequenas relações e enquadramentos, tentando provocar surpresa no utilizador. Tudo o que é em demasia perde o seu encanto, torna-se banal, e é por esse motivo que a escolha das aberturas e vãos foi tão ponderada neste projeto.

Um dos espaços que rompe com o fechamento do pátio para a paisagem está localizado a Este do mesmo pátio, entre os quartos e a sala de estar [i76]. Demarca-se do pátio por um plano que se estende dando continuidade a um outro plano que divide o pátio dos quartos. No limite deste pequeno espaço há um banco em pedra virado para a paisagem, sendo abrigado dos ventos pelos volumes dos quartos e da sala, que o envolvem. A paisagem é controlada por estes mesmos volumes que delimitam a perspectiva sobre ela. Este espaço é encerrado do lado Sul pelo volume do quarto e do lado Norte por um plano que dobra, em L, que parte da parede da sala e tem como limite o mesmo alinhamento que o limite desta. Este plano também define a linha limite praticável, a partir da qual o banco recua um metro permitindo uma distância suficiente e confortável. Esta abertura não é suposta servir como entrada;

c23: ANDO, Tadao. *Conversas com Michael Anping*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. Pag.15

i76: desenho de estudo da relação entre a sala, o pátio e os quartos. *Obs. Neste desenho, vê-se ao fundo entre planos da sala e dos quartos um banco com relação com a paisagem, sendo esse o espaço ao qual me refiro no texto*



pelo contrário, tentei, através das curvas de nível do terreno, escolher um lugar onde este diálogo entre o “interior” e exterior pudesse acontecer, formando um púlpito sobre a paisagem, de modo a torná-lo inacessível pelo exterior da construção. Deste modo pretendia, através do terreno e dos vários volumes e planos que envolvem este banco, criar um lugar de contemplação e de aconchego.

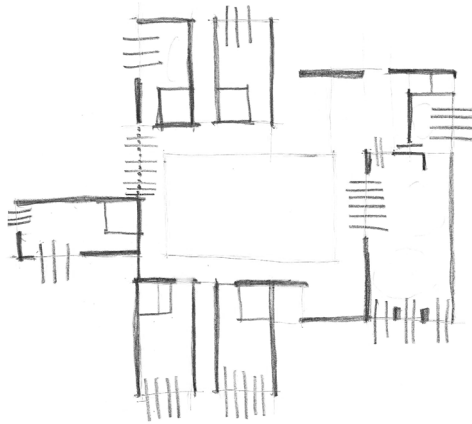
Este é um espaço de introspeção, de contemplação da paisagem, mas também dos materiais do edifício à sua volta.

O plano em L que delimita este espaço também tem como função “privar” o utilizador da paisagem partindo do átrio. Privilegia assim o alinhamento entre as várias entradas até à sala e, conseqüentemente, a vista que se pode observar através das janelas ao fundo, guiando o utilizador, numa primeira instância, para a zona comum na casa.

A sala, de dimensões generosas, é um espaço onde todos os hóspedes poderão conviver (ver televisão, fazer as refeições, sentar-se junto à lareira, etc.). Na extremidade oposta à da entrada, prevêem-se gran-

des planos envidraçados, tendo um deles o mesmo alinhamento da porta de acesso à sala (alinhamento atrás referido). Estes vão relacionam o utilizador, a uma cota mais elevada, com a paisagem até então escondida devido ao percurso que é feito até à parte mais elevada do terreno. Esta sala termina junto à extensa varanda que se prolonga, em balanço, pelo espaço, em busca do sol e das melhores vistas deste lugar. É um espaço intimista, protegido pelos volumes em volta, dando continuidade à sala, mas sem invadir a privacidade dos outros espaços. É neste ponto importante chamar a atenção para a espessura com que desenhei esta parede, referenciando-a aos vãos das casas vernaculares nas quais as paredes são bastante espessas devido ao tipo de material utilizado. No centro da sala de estar desenhei uma lareira [i77] de grandes dimensões, justificadas pela necessidade de haver uma chama forte para aquecimento. Esta lareira, com uma base de mármore e corpo em tijolo elevado por pequenos pilares de aço, é aberta em quatro direções para que a chama no seu interior possa ser apreciada e possa expandir-se, seja qual for

[78]



o lado onde o utilizador se encontre. Do lado da lareira, junto à entrada, organizei o espaço para colocação de algumas poltronas. Nesse mesmo lado há a possibilidade da colocação de uma mesa para refeições. (É de referir que o desenho da localização dos móveis apresentado é meramente sugestivo, uma vez que a cliente poderá optar pela disposição desejada).

Do outro lado da lareira encontra-se a sala de estar, mais relacionada com a extensa varanda e com a paisagem. Chamo a atenção para o facto de os vários vãos deste edifício terem sido estrategicamente escolhidos a fim de relacionar o espaço com o exterior. Por exemplo, a janela junto à porta de entrada, virada sensivelmente a Sul, relaciona uma primeira zona de estar e de refeição com o interior do pátio, assim como procura que o sol de inverno entre no edifício, aquecendo-o, tornando esta zona de estar junto à lareira agradável num dia de inverno. Ao mesmo tempo, a cobertura que se estende para o exterior cria uma pala que bloqueia os raios solares, mais altos durante o verão, em relação ao interior da sala neste período do ano. A outra janela, ao fundo da sala, relaciona a sala de estar com a varanda e consequentemente com a paisagem. As janelas pivotantes permitem que este plano envidraçado se abra em toda a sua dimensão, alongando o espaço entre o interior e o exterior, o que será mais pertinente num dia de verão [78]. A cozinha é o único espaço que comunica diretamente com a sala.

i77: desenho de final da lareira

i78: desenho de estudo de entradas de luz no edifício



Estes dois espaços são, como já explicado, os únicos que comunicam entre si sem necessidade de passagem pelo exterior.

Para aceder à cozinha é necessário atravessar uma passagem relativamente extensa, de cota reduzida, para a qual se prevê uma materialidade diferente das restantes, nas paredes, no teto e no chão. Esta opção de projeto é uma tentativa de diferenciação desta ligação, prolongando a travessia e marcando a transição entre a sala e a cozinha. Deste modo, esta passagem torna-se num espaço quase autónomo, que procura tornar distintos dois espaços que o são: a sala de estar/convívio/jantar da cozinha, ou seja, uma zona de lazer de uma zona de serviço. A cozinha é organizada por um único balcão em L com vários fogões e vários lava-loiças e com suficiente espaço livre para diversos hóspedes poderem preparar refeições em simultâneo. Acima do balcão, no teto, há uma pequena claraboia [179] que penso ser um elemento interessante e pertinente para este espaço, trazendo não só maior luminosidade, como também uma incidência de luz direta. Em frente ao balcão e

do lado oposto, uma janela abre-se para o exterior, sensivelmente para norte e para um espaço lajeado diretamente ligado com a própria cozinha. Poderá ser usado para fazer uma refeição no exterior num dia quente de verão uma vez que por estar virado a norte, é um espaço em sombra e menos exposto ao calor. Este espaço exterior articula-se não só com a cozinha, zona de serviço, mas também com uma pequena lavandaria, que poderá destinar-se tanto aos hóspedes como à cliente.

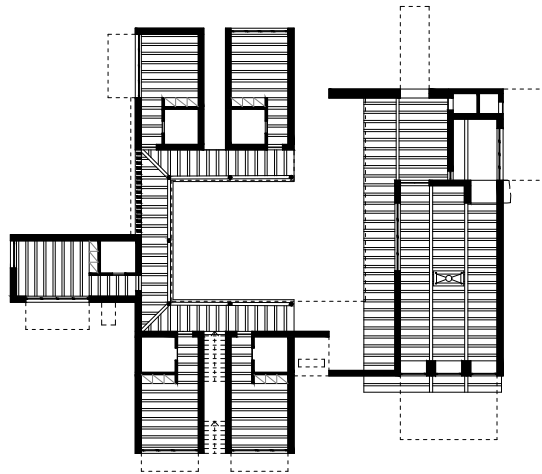
Como já explicado, o projeto prevê a construção de cinco quartos, embora inicialmente se tenham previstos apenas três quartos. De qualquer forma a ideia de um número maior de quartos a rodear o pátio foi levada ao limite. Cada um deles apresenta uma perspectiva sobre a paisagem diferente das restantes, com orientações variadas e relações distintas entre interior e exterior. No entanto, não será necessário numa fase inicial, como já explicado, construir a totalidade do edifício, ou seja, o projeto foi concebido e a localização e desenho dos quartos foi pensada para construções independentes e eventualmente

progressivas até ao limite de cinco quartos. Este limite foi determinado não só e principalmente por razões estéticas, mas também pela consciência de que, nesse caso, as áreas comuns (sala de estar/jantar e cozinha) das habitações teriam que ser muito maiores.

Todos os quartos partem de um mesmo modelo, embora apresentem algumas diferenças entre si. Ao entrar, há um tapete incorporado no próprio pavimento que se estende até ao limite da porta do quarto de banho. Também de um dos lados da entrada do quarto existem dois cubos em mármore elevados cerca de 20cm e no mesmo alinhamento que o tapete onde poderá colocar-se um objeto ornamental com flores ou um recipiente para guarda-chuvas, conforme determinado pela estação do ano que se achesse. Os quartos de banho também são idênticos entre os vários quartos e providos de sanita, bidé, lavatório e chuveiro. Desenhei o móvel do lavatório com duas cotas diferentes, a primeira, onde o lavatório se insere, a uma altura confortável para a sua utilização, a outra zona, do móvel, mais baixa, junto ao chuveiro para pousar produtos de higiene. O chão no espaço do chuveiro é desnivelado em direção ao ralo para que a água escorra e um vidro separa o chuveiro do restante espaço dos quartos de banho. No interior dos quartos há sempre um armário embutido para arrumação, quer vestuário quer roupas de casa.

Como já referi, apesar de todos os quartos partirem de uma base co-

i79: corte pela cozinha, estudo da claraboia e da disposição dos moveis



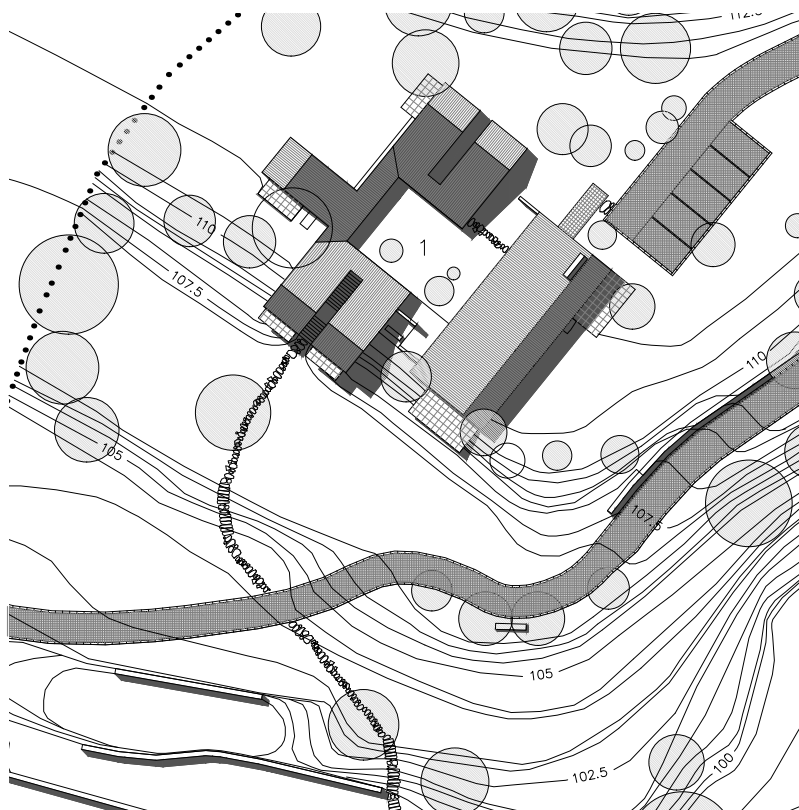
mum, todos diferem em alguns aspetos. Descrevo em primeiro lugar aquele que é mais distinto dos restantes e se situa mais a sul no edifício. A principal diferença, neste caso, é que este integra uma pequena cozinha, com o equipamento necessário à preparação de refeições rápidas (um fogão com duas bocas e um lava loiças). Isto justifica-se pelo facto (já detetado numa fase anterior) de determinado tipo de hóspedes não ter facilidade, pela sua idade ou por outras circunstâncias, de se deslocar até à zona comum de cozinha. No seguimento do balcão da cozinha deste quarto foi incluída uma mesa da qual o utilizador poderá observar a paisagem exterior enquanto desfruta da sua refeição. O programa deste quarto é uma exceção, como já referido, pois para mim foi mais importante criar espaços de incentivo ao convívio entre os vários hóspedes, pelo que as zonas de estar e refeição são não sua maioria comuns.

Para além da cozinha, este quarto tem uma zona exterior lajeada virada a Este, assim como, nessa mesma frente, uma mesa para refeições ou convívio no

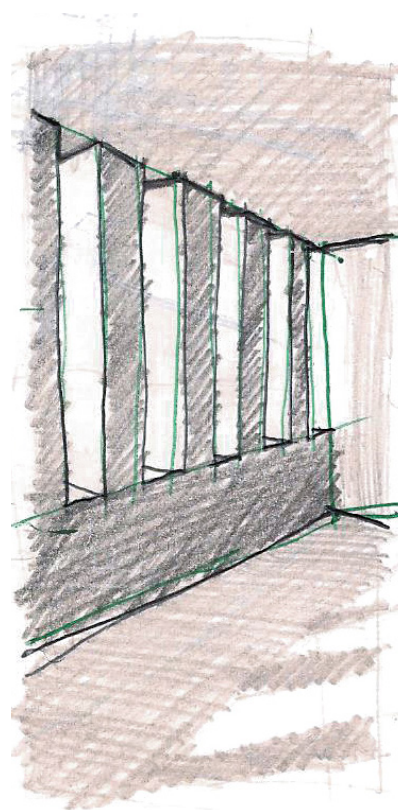
exterior, apoiada por uma única perna e suportada pela parede em pedra.

Os dois quartos a Este são simétricos entre si, avançando ambos sobre o desnível do terreno. Nos dois foi prevista uma varanda que se relaciona com o exterior e com a natureza. A cobertura destes quartos é de madeira estando as madres à vista e sendo o ripado igual em todos os quartos. Este princípio foi importante para criar no projeto um carácter unitário, sendo que os tetos também foram considerados como parte do desenho do projeto [i80]. Por debaixo destes dois quartos a Este, na continuidade do desnível do terreno, há sob cada um deles uma sala de acesso privado. Aqui poderão encontrar-se as máquinas para bombear a água até todas as divisões do edifício, assim como os depósitos de água para abastecimento. Também haverá espaço nestas salas para colocação de tudo aquilo que for de carácter técnico, como os sistemas de controlo dos painéis solares que, apesar de não estarem desenhados na planta de cobertura, terão aí espaço para a sua colocação, caso a cliente o desejar. Na extremidade

[81]



[82]



oposta a estes quartos, do lado Oeste do pátio, situam-se mais dois quartos. Um deles, o mais próximo das zonas comuns, comunica através do vão com o lado Oeste; o outro abre-se para Sul e tem uma área exterior lajeada e um extenso banco. As aberturas dos vários quartos foram pensadas de modo a que a privacidade dos mesmos, assim com as zonas exteriores respetivas, fosse preservada.

Na planta de cobertura [i81] é possível verificar que os percursos de ligação entre os cinco quartos é coberto, o mesmo acontecendo no percurso entre a entrada e a sala. Todavia, há uma pequena zona que se apresenta a céu aberto e que é a que estabelece o acesso dos quartos à sala.

Como já referido, houve numa fase inicial a intenção de conceber todos os espaços exteriores de ligação entre as várias salas e quartos completamente descobertos, mas, por vários motivos, adiante explicados, com o decorrer do projeto esta ideia perdeu-se. Desenhei então uma cobertura, ora como proteção contra a chuva, ora como proteção contra o sol de verão, ora ainda para criar vários momentos de luz e sombra importantes na minha prática arquitetónica. Como é o caso do pormenor do desenho [i82] na parede sul. Pretendi com esta solução abrir um vão para entrar luz, fechando a relação com o exterior do edifício. Assim, desenhei uma composição com cheios e vazios que transmitem belos jogos de sombras que variam ao longo do dia, projetando

i80: planta de tetos do projeto final das habitações: escala 1/500

i81: planta de coberturas do edifício das habitações

i82: desenho de estudo do pormenor do vão do alçado sul e respetiva relação com o pátio

diferentes ritmos nas paredes e no chão.

A principal razão para o contacto entre as várias salas e o exterior seria permitir que a construção deste edifício fosse progressiva, e também submeter às condições atmosféricas os hóspedes, para que estes sentissem as diferentes estações do ano, e para que esta experiência pudesse ser vivenciada de forma diferente de estação para estação. A passagem entre as várias dependências das habitações, como expliquei, é sempre feita pelo exterior. Fazendo uma analogia, cada quarto é como se fosse, numa cidade ou aldeia, uma casa, o “nosso” espaço, o espaço privado. Por hipótese, num dia de chuva e de frio, ao vir da sala aquecida pelas chamas da lareira em direção ao quarto tem que passar-se pelo exterior fugindo da chuva. Ao abrir-se a porta, abrigados pelo alpendre do pátio, como que se abre a porta de nossa casa para entrar num espaço privado e aconchegante que estabelece uma franca relação com a paisagem exterior num cenário de chuva a bater na janela. Devo evidenciar que só me permiti fazer o projeto deste modo, expondo o utilizador à natureza e às condi-

ções atmosféricas, por esta ser uma casa de retiro para uma estadia curta.

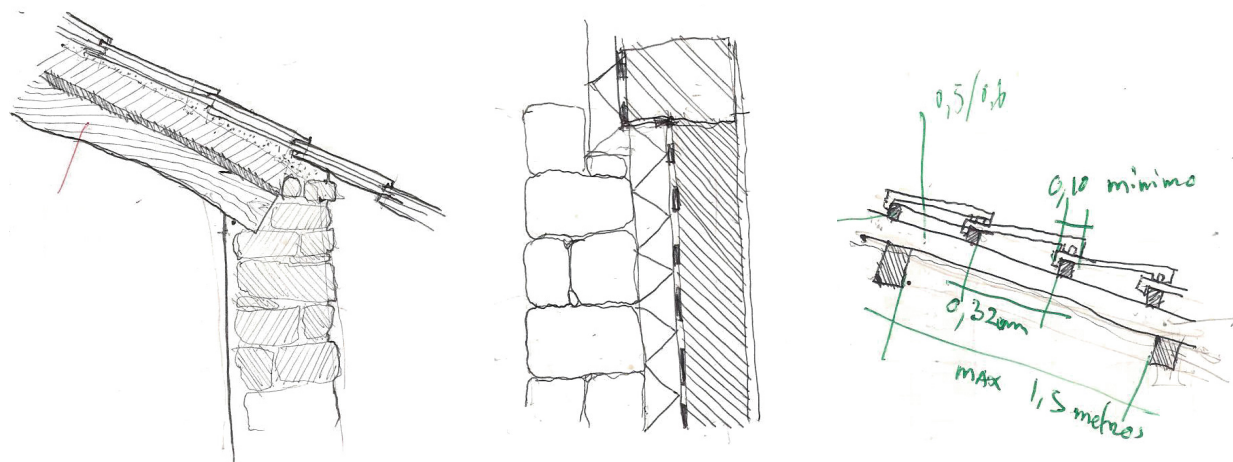
Para além disto, devo salientar que as portas dos quartos são desalinhadas entre si, à semelhança do que é muitas vezes observável na arquitetura urbana de países árabes, acautelando questões de privacidade. Assim, também neste projeto, se dois quartos com localizações opostas estiveram ambos com as portas abertas, não será possível ver de um quarto para o interior de outro.

DESENHO DOS CAIXILHOS

“o desenho é uma espécie de libertação” [c24]

Foi a partir do desenho que pude, ao longo do projeto, experimentar várias soluções e exprimir de forma rápida a minha compreensão e noção das mesmas, bem como da forma como se relacionam e comunicam com o *lugar*. Por vezes, o desenho é um simples esboço de uma ideia, usado como imagem

[83]



[84]



de referência, que se torna mais um elemento de representação do projeto, complementados depois pelos cortes e pelas plantas. Muitas vezes uso o desenho como maneira de pensar a arquitetura e o espaço. Imagens e formas que na minha cabeça ainda estão turvas começam a materializar-se quando as passo para o papel. O desenho é para mim mais que uma representação da realidade ou uma forma de tornar visíveis as minhas ideias; é uma ferramenta que uso para desenvolver e acompanhar o projeto. Ao desenhar no papel um espaço, experimento volumetrias, texturas, aberturas, alturas dos espaços e vãos, risco e volto a riscar acrescentando planos, aberturas etc.

Para mim, a luz tem uma enorme importância nos projetos e consequentemente nos meus desenhos. A luz é sempre representada desenhando a sombra que os edifícios, as vigas, as paredes e pilares produzem, tentando com este exercício aproximar o desenho da realidade e assim trabalhar com as sombras que esta produz.

Certos desenhos conseguem congregam em si plantas, cortes ou vários alçados numa única imagem que será aquela que o desenho rigoroso traduz e vice-versa.

O desenho foi desde cedo no meu percurso académico uma ótima ferramenta para idealizar e organizar espaço, mas também uma ferramenta para compreender o mesmo. Usei o desenho inúmeras vezes para, através de um esboço, compreender como funcionam porme-

c24: SIZA, Álvaro. Revista Visão / Sete (Nº 1212, 26/5 a 1/6/16, pag. 28)

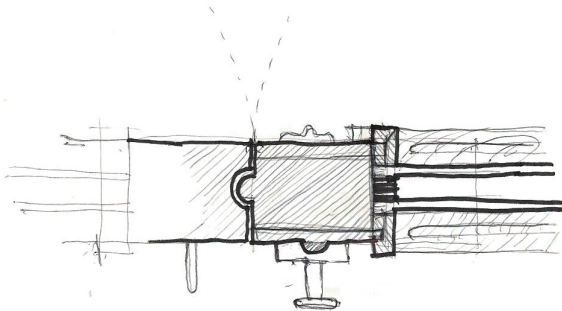
i83: pormenores construtivos: estudo da tectónica na construção de uma cobertura inclinada de estrutura de madeira. Estudo da composição de uma parede

i84: desenho de estudo de algumas peças de iluminação

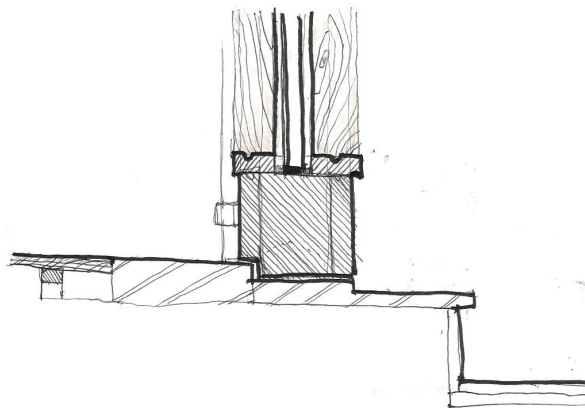
[185]



[186]



[187]



nores construtivos com uma cobertura de madeira inclinada, por exemplo [i83].

Desenhei para a Quinta vários equipamentos que, apesar de não fazerem parte do projeto final, serviram como forma de distração pessoal relativamente aos repetidos traços que esbocei sobre a mesma planta. Tal é o caso de algumas peças de iluminação [i84].

Em anos e experiências anteriores, tive por vezes alguma dificuldade em compreender a complexidade dos caixilhos de pvc ou alumínio que aplicava nos meus projetos. Apesar de distinguir a parte fixa da móvel, o número de linhas que encontrava no interior de um caixilho criava-me alguma perplexidade. Quis estudar o caixilho para o melhor compreender e esse estudo revelou-se bastante interessante e produtivo.

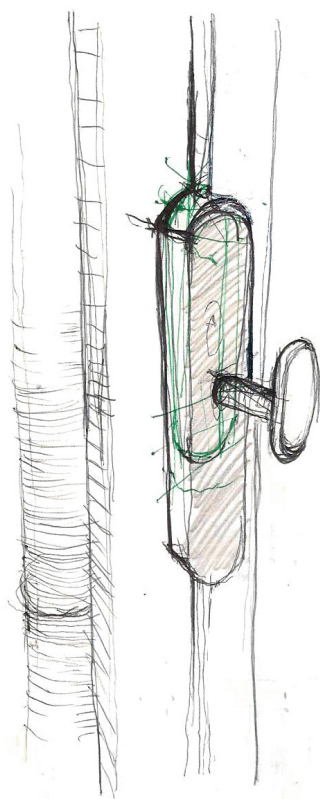
O gosto pelo desenho associado a novas competências levou-me à criação de caixilhos únicos para o meu projeto. Tenho consciência de que nos tempos atuais o desenho de certos pormenores como caixilhos é raro no percurso de um arquiteto. Em

vez disso, tenta encontrar-se no mercado aqueles que mais se enquadrem na representação de cada um. No entanto, no meu caso, por este ser um trabalho académico e por este projeto poder não vir eventualmente a concretizar-se, não estando assim dependente de aprovação camarária, pude permitir-me conceber o meu próprio desenho de caixilhos sem ter de preocupar-me com possíveis questões de ordem regulamentar.

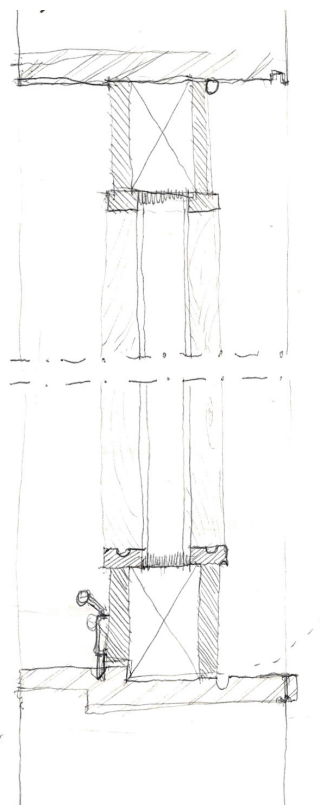
Os caixilhos que desenhei, apesar de adotarem várias formas, partem todos eles de uma base comum: São de madeira e poderão ser de batente, basculantes, ou pivotantes.

O primeiro que desenhei para as habitações foi um caixilho de batente, em madeira, de duas folhas. Na representação [i85] pode ver-se que, caso o vão venha a ter quatro folhas, as duas folhas centrais quando abertas irão sobrepor-se às duas das extremidades e irão encaixar-se numa peça de ferragem que será o negativo da peça visível na planta, do lado exterior da janela e do lado oposto à maçaneta [i86]. Também desenhei a maçaneta para este caixilho de

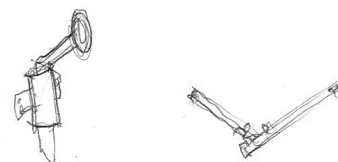
[88]



[89]



[90]



forma ergonômica adaptando-se à mão do utilizador [i88]. Esta maçaneta, quando rodada, irá subir ou descer o mecanismo para trancar e destrancar a porta. Esse tubo de metal terá a altura da porta e, na soleira e na padieira, haverá um furo para encaixe [i87]. Num outro desenho [i86] é observável um outro puxador, colocado na outra folha da janela, este em forma de C, controlando a abertura e fecho das portas. Desenhei outra opção de caixilho, este de basculante, que abre para o exterior, como se pode ver no corte [i89] com as respectivas ferragens [i90].

DESENHO DOS ALÇADOS

Os vários vãos e enquadramentos organizados entre os volumes revelam-se neste projeto de extrema importância, mostrando-se necessários para integrar a obra no lugar ao mesmo tempo que proporcionam a fruição da paisagem rica da Quinta pelo utilizador. Como já demonstrei, essas aberturas foram trabalhadas como tema projetual e pensadas para que as relações entre o interior e exterior se tornassem numa experiência de descoberta. Para mim, essa descoberta e procura é extremamente importante nas relações entre a obra, o utilizador e o exterior e faz parte da experiência que o arquiteto quer transmitir.

i85: esquema da abertura do caixilho de batente

i86: planta do caixilho de batente para as habitações

i87: corte do caixilho de batente para as habitações

i88: desenho da maçaneta do caixilho de batente para as habitações

i89: corte do caixilho basculante para as habitações

i90: ferragens para o caixilho basculante das habitações

“É claro que um edifício não é uma forma apenas. É preciso oferecer às pessoas uma experiência de espaço. Elas poderão apreciar a arte de uma forma íntima, mas também haverá espaços que combinem interior e exterior, arte e natureza. Elas poderão se integrar à natureza olhando lá fora, além do lago, e não para arte, ou olhar para dentro, para a arte.” [c25]

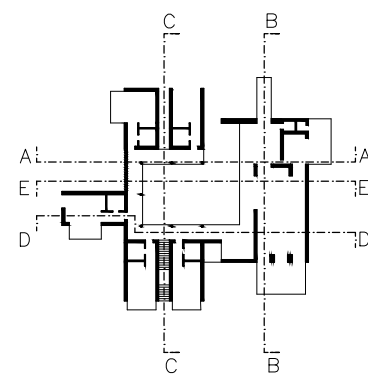
Neste excerto o arquiteto Tadao Ando descreve a importância da relação interior/exterior no Modern Art Museum of Fort Worth (Fort Worth, Texas), o que me pareceu pertinente para introduzir este subcapítulo.

Como já referi, cada caixilho é diferente nos diversos vãos das habitações, ainda que seguindo uma base comum. Esta opção projetual é tomada devido às várias composições criadas no desenho dos alçados, adaptando esse mesmo desenho a cada pla-

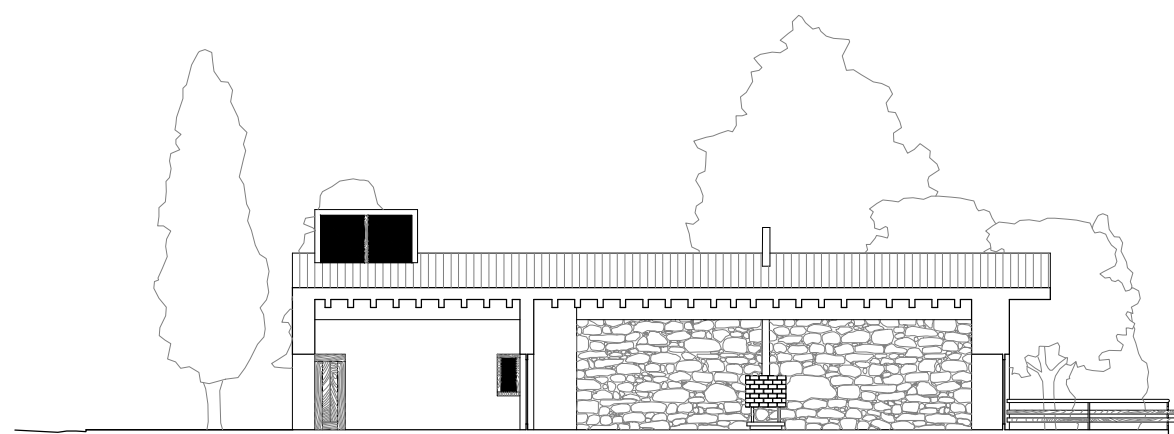
no do projeto. Embora se tenham usado diferentes abordagens de desenho nesses vários alçados, houve necessariamente o cuidado de enquadrar num todo cada uma das opções tomadas, de modo a criar um desenho unitário para o projeto.

No alçado Nordeste [alçado NE pag. 125], correspondente à sala, à cozinha e à lavandaria, são visíveis várias materialidades como a pedra, a madeira e o reboco pintado. O grande plano da sala, em concordância com as restantes faces exteriores do projeto, é de alvenaria de pedra. Entre este plano e o vão da cozinha pode ver-se um plano vertical de madeira que acompanha toda a dimensão da altura da parede. Este painel de madeira foi importante para a composição deste alçado, estabelecendo um remate entre a pedra e o vão.

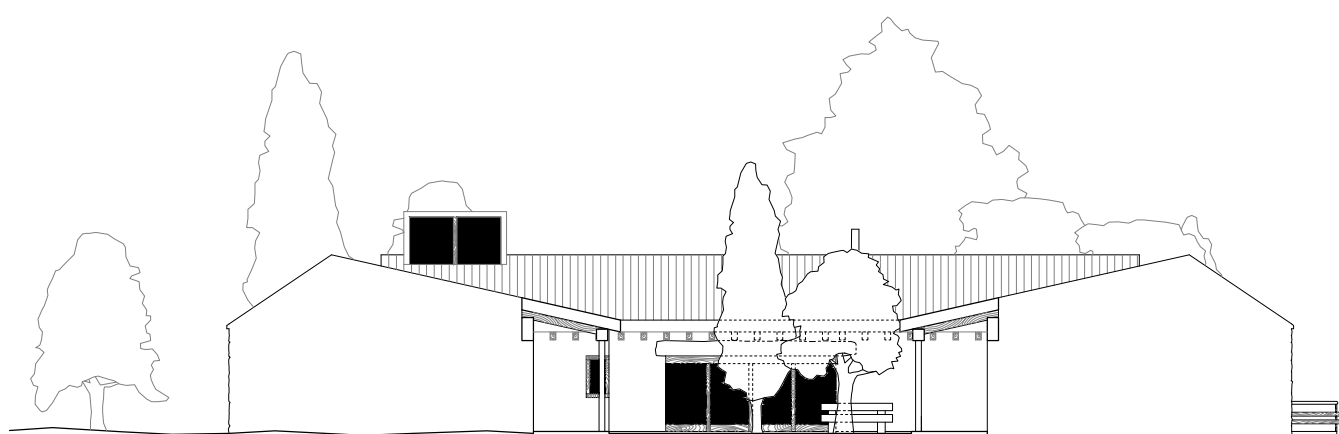
Acontece por vezes, como neste caso, que a decisão sobre certas medidas a tomar, eventualmente baseada em questões estéticas, acaba por revelar-se útil ao projeto por razões de funcionalidade. Este plano vertical de madeira, para além de rematar a passagem entre o plano de alvenaria de pedra e o caixilho,



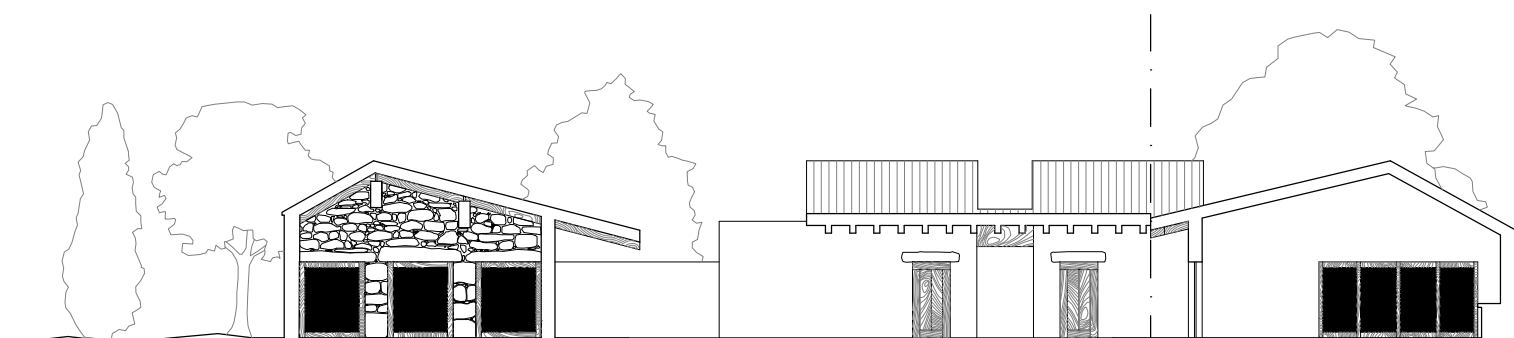
Corte A



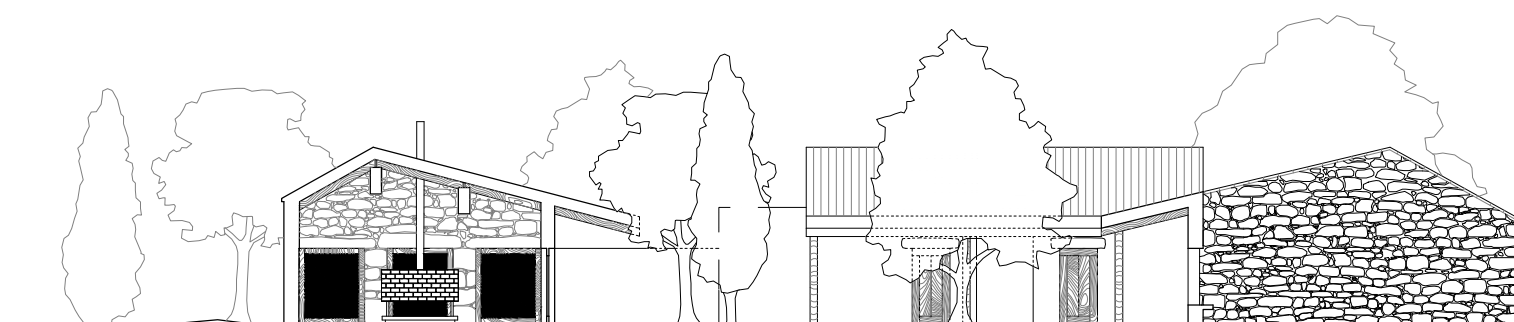
Corte B



Corte C



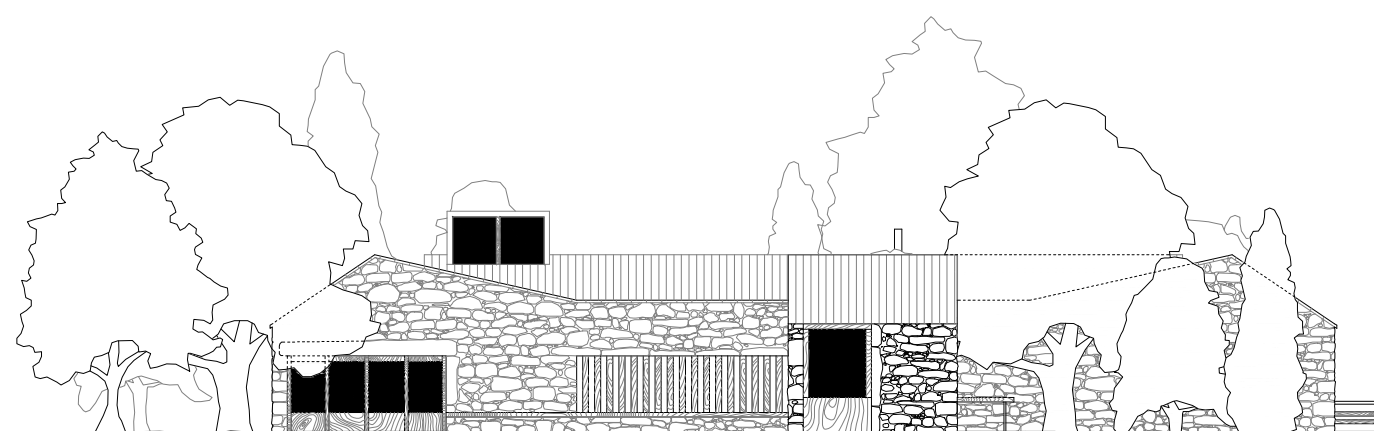
Corte D



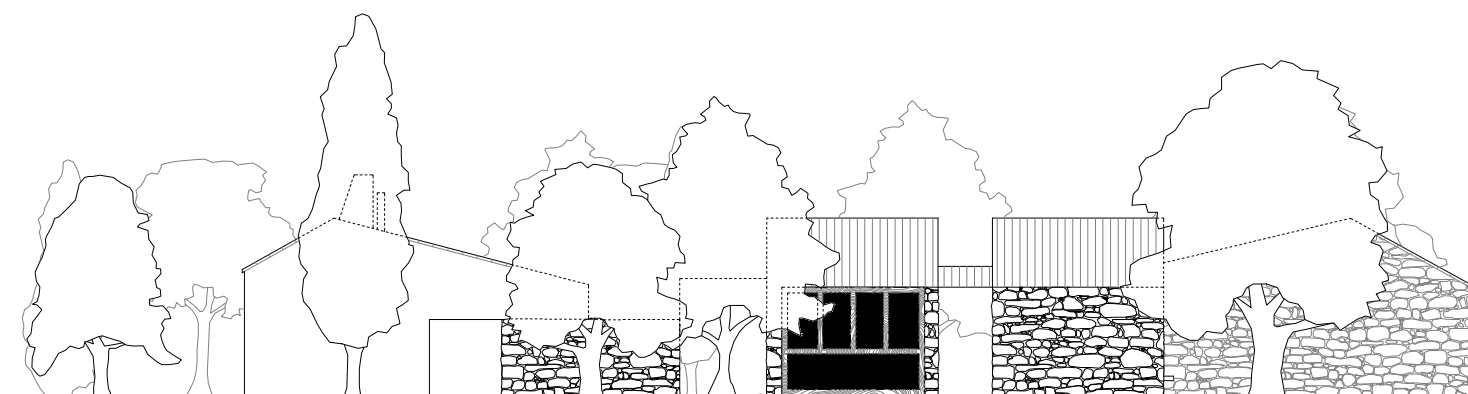
Corte E



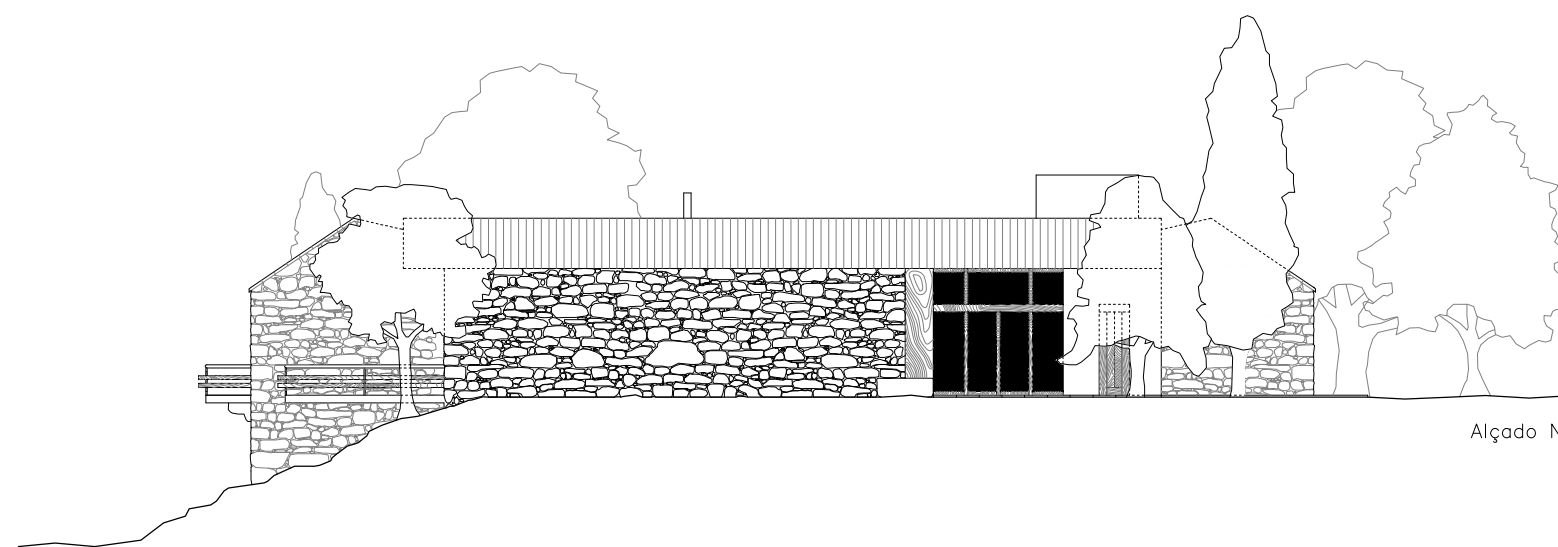
Alçado SE



Alçado SW



Alçado NW



Alçado NE

Cortes e Alçados das Habitações
Proposta

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Nome: Nuno Almeida

1/200

2016/2017

MIARQ

pag. 125

também serve de encosto para o banco de pedra para ai projetado, conferindo ao mesmo um carácter mais confortável. O caixilho do vão da cozinha tem toda a altura do pé-direito.

Achei importante criar um vão amplo e alto para conferir ao espaço interior, a cozinha, que por sua vez é uma das zonas comuns das habitações, maior espacialidade. A dimensão deste vão é também justificada pela sua localização e a sua orientação sensivelmente a Norte. O desenho do caixilho para este vão é um dos representados em desenhos anteriores **[img. 86,87 pag. 122]**. Este caixilho é seccionado em quadro faces, sendo duas dessas móveis e as restantes fixas. A ferragem anteriormente mencionada e que serve para prender as portas deste caixilho às das extremidades, quando abertas, é bastante útil nesta situação, uma vez que a cozinha comunica com uma área lajeada exterior. Fixando desse modo o caixilho aberto, ela facilita a passagem de dentro para fora. Ainda neste alçado vemos que parte da parede é rebocada, decisão que foi tomada pelo facto de no alçado Noroeste **[alçado NW pag.125]** o plano da entrada ser igualmente rebocado, formando um L, visível em planta.

No alçado Noroeste **[alçado NW pag.125]** que compreende a entrada principal e três dos quartos das habitações, rompe-se a regra anteriormente enunciada referente à utilização de alvenaria de pedra nas paredes exteriores das habitações e de reboco pintado de branco nas

c25: ANDO, Tadao. *Conversas com Michael Auping*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. Pag.21

paredes exteriores no interior do pátio. Esta opção de rutura foi tomada para que este volume se distinguísse dos restantes e marcasse a entrada para o construído. Por questões de privacidade, tentei que esta fachada, no que diz respeito aos vãos dos quartos, fosse cega, tentando oferecer maior privacidade, uma vez que a entrada se faz por este lado. No entanto, neste alçado vemos que um dos quartos abre diretamente para o mesmo lado. Embora controversa, esta foi a decisão que entendi mais adequada à situação, dado que aberturas viradas a Nordeste ou a Sudoeste seriam totalmente desajustadas. Como se pode ver nos desenhos finais do projeto das habitações, irão ser plantadas algumas árvores que sirvam de barreira visual entre a entrada para o construído e o interior do quarto. É possível observar mais uma vez que os caixilhos aqui utilizados são diferentes dos anteriores, embora partam do mesmo modelo. Este quarto é o único que não tem uma área exterior adjacente devido à sua localização junto a uma zona de passagem e isso reflete-se na escolha e desenho dos caixilhos.

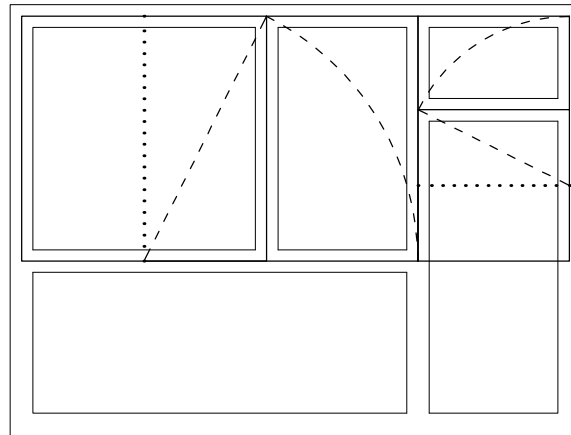
No alçado sudoeste **[alçado SW pag.125]** é possível verificar que todo este plano se prevê em alvenaria de pedra, havendo contudo e pontualmente pormenores em madeira que equilibram a materialidade desta composição, como é o caso do ripado que faz a separação entre o interior e o exterior do pátio. É importante referir que este artifício não é apenas um capricho formal e que a sua existência e localização foi deviamente pensada. Este ripado localiza-se no alçado Sudoeste que se encontra exposto permanentemente à luz solar. Ele confere ao interior do pátio um belíssimo jogo de luz e sombras. Ainda neste alçado, junto ao ripado, há um banco de madeira que estabelece uma concordância com o nível das madeiras do caixilho do quarto à esquerda do ripado. Ao centro do alçado há uma janela visivelmente mais elevada que os restantes vãos do mesmo. Este vão juntamente com o corpo no qual se insere cria uma noção de ritmo dada pelas diferentes alturas dos vários vãos e pelo delinear do limite da parede de alvenaria do alçado. A mesma janela está ao nível do balcão interno da cozinha deste quarto, para haja

uma imediata continuidade entre ele e o exterior. Do lado nascente deste mesmo quarto há uma mesa de madeira, que por sua vez dá continuidade à linha do nível da janela anteriormente mencionada.

Os dois quartos com vãos orientados a Sudoeste, visíveis neste alçado, são complementados por uma zona exterior privada, lajeada, para que os hóspedes possam usufruir do exterior sem abdicar da sua privacidade.

O alçado Sudeste **[alçado SE pag.125]** é aquele que se apresenta com um maior número de aberturas e zonas exteriores. Esta decisão foi motivada pelo facto deste lado do edifício ser o que tem maior ligação com a paisagem. O edifício localiza-se num ponto mais alto relativamente às restantes construções, na cota mais alta do terreno e junto a um declive do mesmo, projetando-se sobre este. Consequentemente fez todo o sentido proporcionar ao utilizador o maior contacto possível com a paisagem. Pode verificar-se que este alçado é todo ele em alvenaria de pedra e, sendo aquele que será mais visível quando se chega à Quinta, desenhei-o com um traçado influenciado pelas casas vernaculares e rurais. Vistas de longe, as habitações assemelham-se a um aglomerado de casas de pequenas dimensões que parecem formar uma comunidade. Do lado direito do alçado há três janelas com caixilhos pivotantes que relacionam a sala de estar com a respetiva varanda. Ao centro, há mais dois quartos com varanda, onde os caixilhos, assim

[91]



como o desenho do pátio, têm como base um desenho relacionado com o retângulo de ouro [91]. Neste desenho há caixilhos basculantes e caixilhos de batente, estes últimos correspondendo à porta que permite a passagem do quarto para a varanda. O desenho técnico destes caixilhos já foi anteriormente apresentado. Entre estes dois quartos projetei umas escadas que ligam a cota baixa do terreno ao pátio, sendo esta a entrada secundária para as habitações por acesso pedonal. A abertura ao cimo das escadas que se prolonga entre os quartos é mais um exemplo de enquadramento da paisagem possibilitando ao utilizador a sua contemplação. Do lado esquerdo do alçado vemos o quarto com cozinha incorporada. O vão desenhado na parede Este deste quarto é o que permite o acesso à zona lajeada e à mesa de refeições, ambas exteriores. Para este alçado prevêem-se desenhos de caixilhos distintos, cada um deles usado para cumprir determinada função e estabelecer uma relação entre o interior e o exterior. Gostaria de chamar a atenção para mais alguns pormenores deste projeto, como é o caso neste corte

das padieiras em pedra [corte D pag. 125] que se localizam nas várias portas existentes no perímetro do pátio. Assim como, noutro corte, devo salientar o desenho rigoroso da lareira [corte E pag. 125] e ainda, num terceiro corte, o desenho da claraboia da cozinha [corte A pag. 125] que permite a entrada de luz solar direta para o interior da mesma.

i91: estudo da composição do caixilho.
escala 1/50

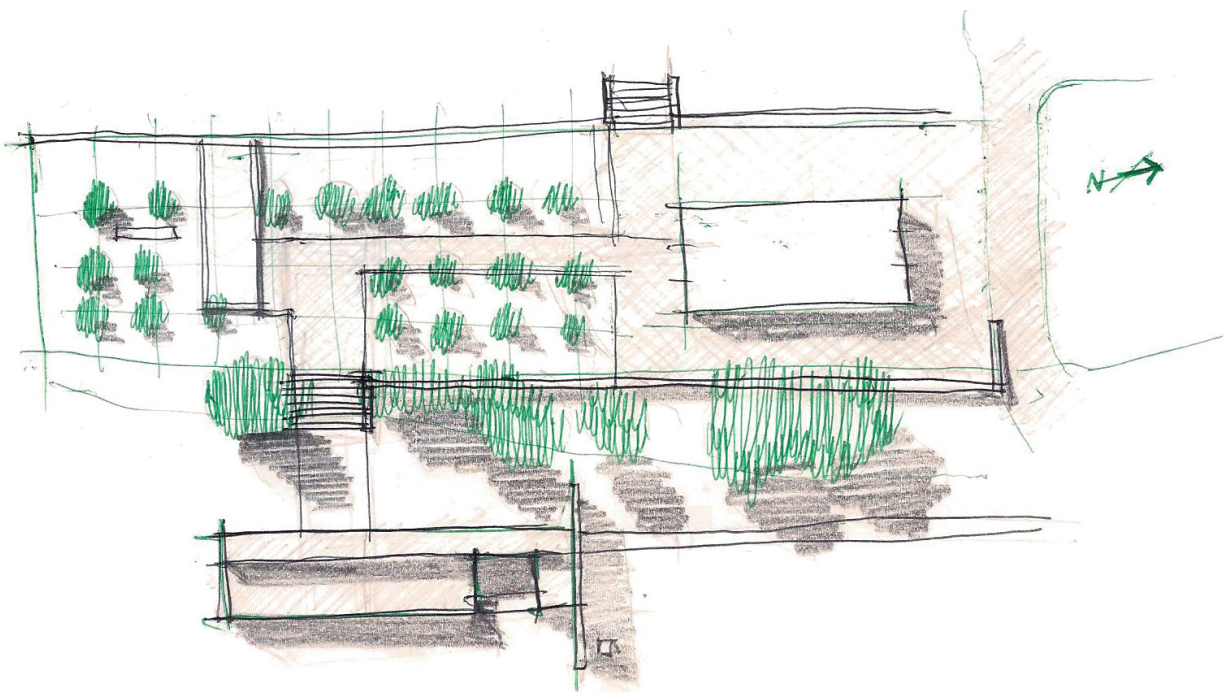
O Turismo de Portugal assume que o país, dispõe de uma raça de cavalos altamente reconhecida pelas suas características avançadas - o Cavalo Lusitano. Esta raça constitui um marco de referência e de atratividade nas atividades equestres como no sector turístico. Adicionalmente, a entidade refere que Portugal dispõe de diversas características que garantem o sucesso da atividade equestre, sendo que o clima privilegia a criação de equinos e o desenvolvimento da atividade no ensino do hipismo. A fantástica paisagem e as boas áreas de acesso para a prática da atividade asseguram de igual forma a excelência da atividade equestre em solo português. Ao projeto da Casa da Quinta da Granja associou-se, por isso, o desenho de um espaço para a criação e a prática equestre.

PRIMEIRA FASE / PROPOSTA

“(...) muitas vezes construir num local muito belo equivale a destruí-lo” [c26]

A primeira intervenção que projetei para as cavalariças localizava-se na plataforma inferior do terreno. Em minha opinião, numa fase inicial, esta plataforma seria o lugar ideal para qualquer tipo de construção, uma vez que é um espaço amplo, aprazível e detentor de uma boa exposição solar e de uma vista privilegiada sobre a paisagem. Nesta plataforma, as árvores existentes posicionam-se no espaço sem nunca obstruírem a vista sobre os longos campos vizinhos e alguns aglomerados de casas. Ao fundo de toda esta paisagem outro monte se ergue complementando-a agradavelmente.

Numa época em que a atividade agrária servia de principal fonte de rendimentos levando à proliferação da agricultura como atividade principal, a plataforma inferior servia inicialmente como campo de



cultivo e hoje este é o único espaço na Quinta que mantem bastante visível essa mesma memória. Todo o restante espaço foi apropriado pela cliente e nele foram plantadas árvores como carvalhos e árvores de fruto que romperam com a amplitude característica dos campos agrícolas.

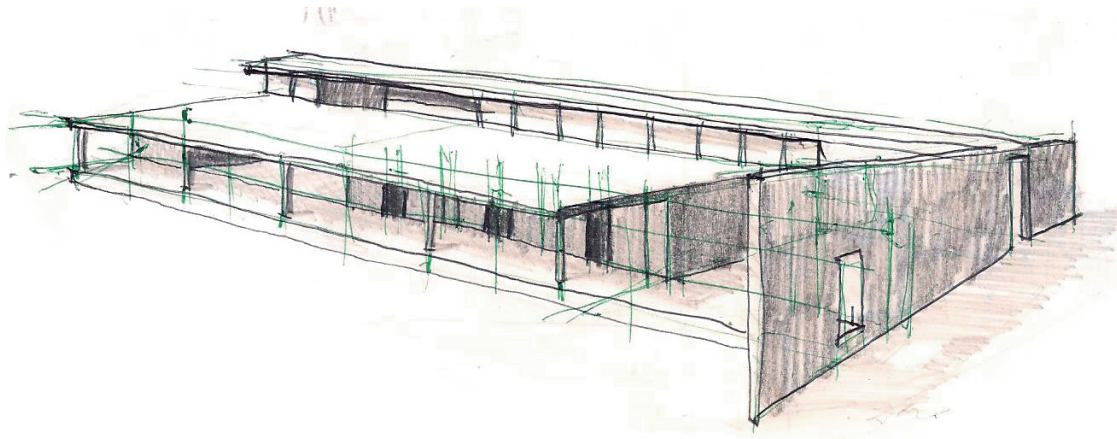
Considerados estes pontos, construir aqui algum edifício seria como destruir a atmosfera descrita. Conforme referi, à plataforma inferior foi primeiramente destinado o edifício das cavalariças, mas algumas observações críticas por parte do orientador - salientando que contruir neste campo seria como que construir um edifício no meio de uma praça, rompendo a relação interna da mesma - vieram descredibilizar essa localização, fazendo-me considerar um outro local para a sua instalação.

Embora esta hipótese de trabalho tenha sido afastada, ela permitiu-me trabalhar ideias e conceitos bastante importantes para a definição do programa do edifício, possibilitando-me a aquisição e consolidação de conhecimentos vários mais tarde utilizados.

A primeira proposta implantava-se no terreno paralelamente aos seus socos, junto ao soco que separa esta plataforma da superior [i92] para que a ligação entre as duas fosse possível e trabalhada. A entrada para as cavalariças fazia-se através de um longo percurso que atravessava todo o prado, até a meio deste. Ao longo deste percurso, o

c26: SIZA, Álvaro. *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000. pag.23

i92: planta de cobertura de relação entre as cavalariças e a estufa



edifício seria escondido por um plano da altura do mesmo e com cerca de três metros a mais para cada lado, à largura, ocultando-o. Assim, o edifício seria descoberto progressivamente. Tinha em mente para este imponente plano virado a Norte a utilização de uma cor forte, como vemos nas obras do arquiteto mexicano Luis Barragan (1902-1988). A cor de tijolo seria uma possibilidade, para contrastar com os musgos e pequenos micro-organismos verdes que fossem crescer ali, uma vez que este lado do edifício não estaria exposto à luz solar. É também por esse mesmo motivo que o plano é compacto e com poucas aberturas [i93]: uma para a porta, estreita e alta, marcando deste modo a entrada, e outra abertura mais pequena, mais concretamente uma janela relacionando ambos lados do plano.

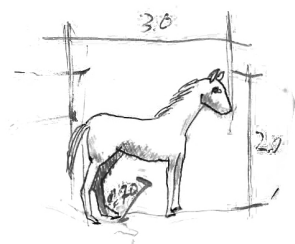
Para aceder ao edifício teria de atravessar-se parte do socalco. Este teria como objetivo, para além da edificação das cavalariças, servir de pasto aos cavalos e de local para serem montados. Ainda que, no início, esta convivência quase imediata entre o utilizador, entrando naquele pasto em direção às cavalariças,

e os cavalos à solta me agradasse, rapidamente, em conversa com o orientador, me pareceu desaproprada. Deve supor-se que nem todos os visitantes possam estar familiarizados e à vontade com estes animais, e por isso este percurso poderia tornar-se desagradável ao invés da tranquilidade pretendida.

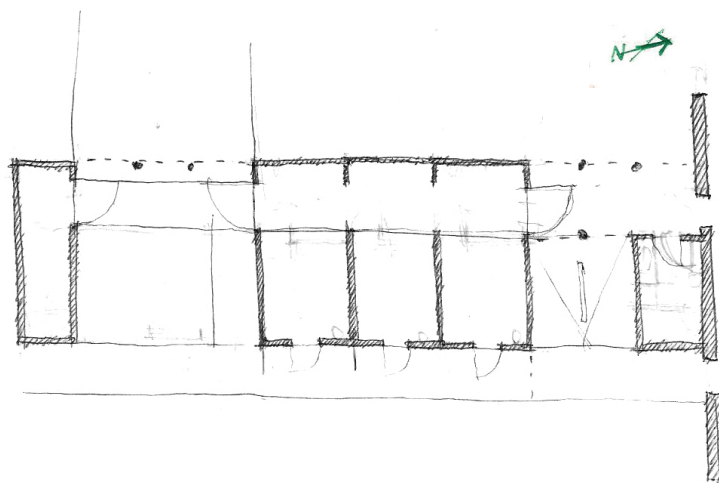
Depois de ter estudado a implementação da proposta no terreno, ainda nesta mesma fase, defini os espaços interiores. Quando se desenham casas, museus, escolas, é necessário saber e dominar a medida do Homem. Neste caso concreto, ao desenhar um espaço onde a presença dos cavalos era dominante, foi preciso conhecer as medidas médias desses animais [i94], embora estas dimensões variem de raça para raça. Encontrei, de qualquer modo, uma medida média à qual me restringi. Não só as medidas foram tidas em conta, mas também outras condicionantes foram consideradas na definição deste espaço, e serão explicadas ao longo das várias fases do projeto.

A entrada principal faz-se a norte e está intimamente relacionada com a entrada da Quinta, pois é dos

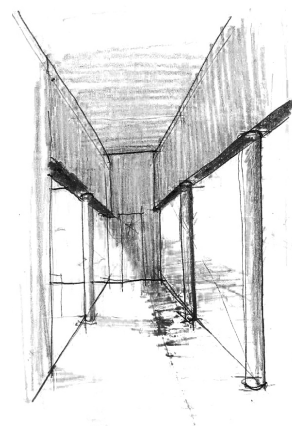
[94]



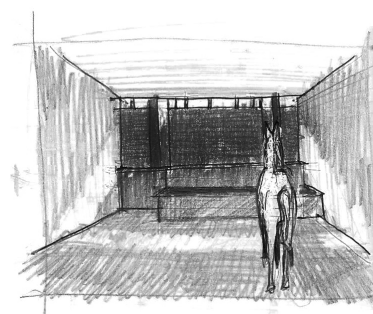
[96]



[95]



[97]



primeiros espaços a serem descobertos no desenvolvimento do trajeto até à casa [i96]. Existem no entanto duas entradas para as cavalariças. Após o plano atrás referido, há um primeiro volume destinado a balneário e onde o cavaleiro poderá equipar-se etc., de seguida continuando o percurso em direção às boxes [i95]. Entre o balneário e o volume principal há um espaço para o arreio e higiene dos cavalos.

Este segundo volume está organizado em três boxes de 3m por 3,7m com acesso pelo interior através do “corredor da alimentação” e, pelo exterior, através da porta por onde o cavalo irá sair [97]. No interior do corredor interno, há também um espaço para arrumação do material de cada cavalo. Estes espaços/intervalos estão organizados pela continuação do limite das boxes e separados por pilares. Em cada um deles será guardado o material do cavalo que ocupa a boxe correspondente. O terceiro volume é destinado ao armazenamento de comida. Entre o volume das boxes e este último há um espaço exterior coberto onde o utilizador se poderá sentar, contemplar a paisagem ou ver alguém a montar. Também é possível prender aqui um cavalo, numa caixa de areia, caso seja necessário limpar alguma das boxes. É por este espaço entre os dois volumes que se faz a segunda entrada, ou passagem do socalco das cavalariças à zona da estufa, através de umas escadas que estabelecem a ligação entre os dois socalcos. A luz entra nas cavalariças pelo volume mais alto [i97] por ambos os lados. A decisão de abertu-

i93: desenho das volumetria das cavalariças

i94: desenho de um cavalo e respetivas medidas

i95: entrada para o edifício das cavalariças

i96: planta do edifício das cavalariças

i97: desenho do interior de uma boxe, e estudo da entrada de luz na mesma

[98]



[99]



ra de vãos no volume superior não foi uma medida tomada de ânimo leve - é um requisito para este tipo de espaços ter janelas a uma cota alta por motivos de segurança (em cavaleriças as janelas não devem estar a uma altura a que o cavalo consiga aceder).

UM OLHAR “MODERNO” SOBRE O PROGRAMA - CASO DE ESTUDO: CENTRO HÍPICO SPORT CLUBE DO PORTO

Apesar de ter alguns conhecimentos na área da equitação, foi necessário visitar alguns centros de equitação a fim de melhor conceber o meu projeto, bem como algumas cavaleriças para conhecer quais as necessidades destes espaços. Não me limitei a ver e estudar o espaço de uma boxe ou aquilo de que necessita um cavalo, precisei também de conhecer os hábitos das pessoas que frequentam estes espaços, o que valorizam num edifício deste tipo ou o que acham nele mais necessário. Pretendi assim estudar simultaneamente os animais e o Homem no espaço. As primeiras cavaleriças visitadas pertencem ao Centro Hípico Sport Clube do Porto e localizam-

-se na Rua de Silva Porto, na cidade do Porto. Este centro é usado para a prática deste desporto assim como oferece sessões de equitação terapêutica para crianças com “problemas”, entre os quais a paralisia cerebral.

Este é um centro de grandes dimensões, dotado de um picadeiro exterior e dois interiores, sendo estes um pequeno e outro de grandes dimensões, assim como um padoque, espaço normalmente em areia, utilizado para o cavalo poder andar solto num recinto controlado.

Estas cavaleriças são um edifício de dois andares [i98]: no piso superior, localiza-se um escritório que não considero relevante para o programa em desenvolvimento; e, no inferior, que será mais pertinente no estudo que envolve o meu projeto, as boxes e equipamento de apoio à prática do desporto. Neste edifício há cinco boxes principais, cada uma delas equipada com um bebedouro, assim como com um recipiente para a ração [i99]. O lugar para arrear e lavar os cavalos (duche) localiza-se numa das extremidades do edifício, com pé-direito duplo, junto à

[100]



sala de arrumo do material [i100]. Estes dois espaços, duche e sala de arrumo, encontram-se próximos, o que representa um ponto a considerar em qualquer projeto deste género, por possibilitar, pela sua proximidade, que facilmente se transite entre eles quando se arreiam os cavalos. O duche aqui descrito pode acomodar dois cavalos ao mesmo tempo (é de notar que as mangueiras são colocadas a uma altura superior à do cavalo o que serve para prevenir, na eventualidade de o animal calcar a mangueira quando estiver a ser lavado). Do lado da parede, segundo monitores e tratadores, encontram-se vários ganchos considerados bastante úteis, quer para prender o cavalo, quer para segurar o material sem serem precisas grandes deslocações.

No extremo oposto a este edifício há um padoque, lugar vedado onde o cavalo pode deixar-se à solta. Atrás do edifício e no interior, existe um extenso corredor onde se guarda o feno e ração dos cavalos.

SEGUNDA FASE / PROPOSTA

Visitar edifícios com o mesmo programa representa uma mais-valia para um projeto, sendo que o meu em particular beneficiou marcadamente como já referido com visitas que contribuíram para a aquisição de novos conhecimentos e de novos pontos de vista sobre a organização do espaço.

i98: fotografia do picadeiro exterior e ao fundo as cavaliças e escritórios do Centro Hípico Sport Clube do Porto

i99: fotografia do interior de uma boxe do Centro Hípico Sport Clube do Porto

i100: fotografia de cabeçadas

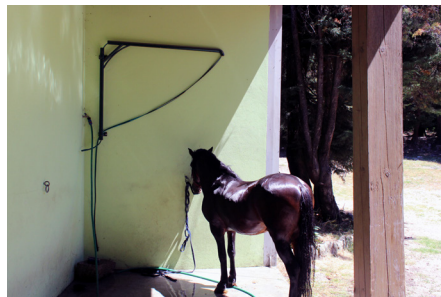
[101]



[102]



[103]



UM OLHAR “TRADICIONAL” SOBRE O PROGRAMA - CASO DE ESTUDO: CAVALARIÇAS CASAS ABRIGO SERRADELA

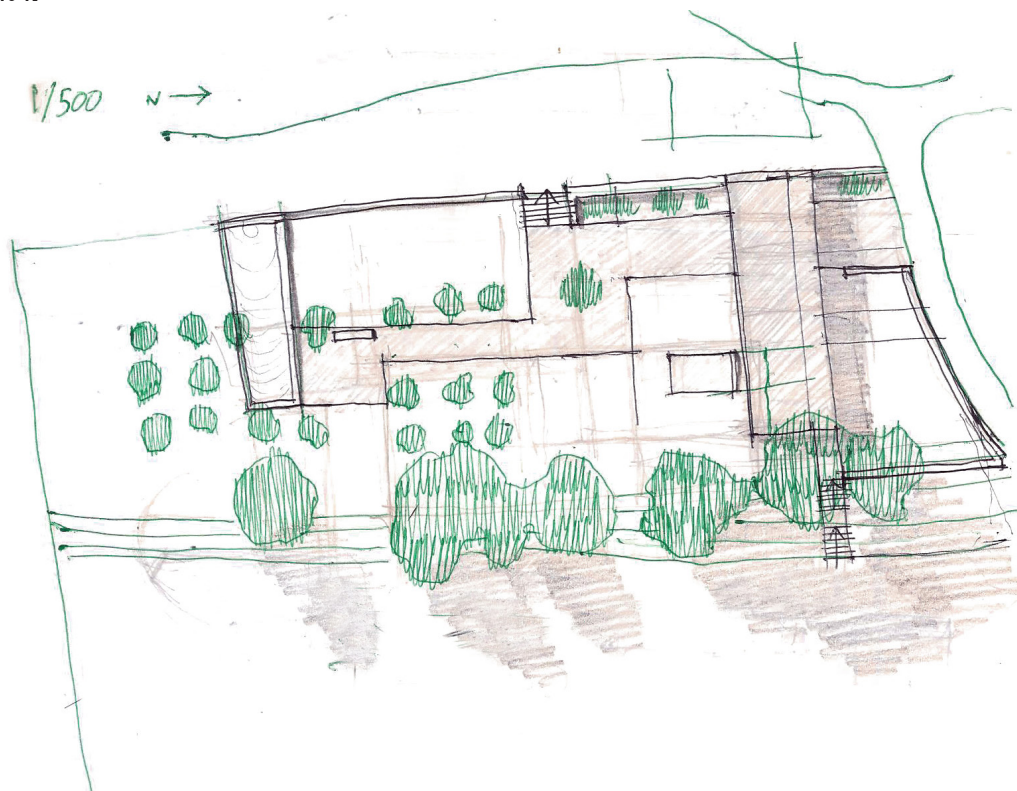
Visitei também outras cavalariças que se localizam em Serradela, perto de Vieira do Minho, num programa de turismo rural. Os passeios de cavalo são o principal atrativo desta oferta turística, mas também no grande salão pitoresco aí existente se podem organizar jantares e outros eventos.

Estas cavalariças são mais “tradicionais” que as anteriormente apresentadas, com uma estrutura em madeira, paredes caiadas, chão empedrado e cobertura inclinada, todos estes materiais funcionando em harmonia e realçando a atmosfera deste lugar [i101]. Têm oito boxes e em cada uma delas há uma porta de duas faces independentes, abrindo por completo ou parcialmente [i102]. Cada boxe tem um bebedouro no seu interior. Podemos verificar que os bebedouros são um equipamento usual no interior das boxes e aparecem tanto nestas como nas anteriores, pois representam uma necessidade para

o bem-estar do cavalo. Nestas cavalariças, uma das boxes é usada para guardar os arreios, localizando-se junto ao duche.

É na extremidade do edifício que se pode encontrar o lugar de arreio e lavagem dos cavalos. Mais uma vez vemos que as mangueiras são colocadas acima do nível a que estes se encontram, evitando que as calquem. Apesar de haver a estrutura adequada, nesta imagem [i103] vemos que a mesma não está a ser utilizada e que ironicamente se estende no chão uma mangueira que o cavalo está a calcar, o que demonstra a pertinência da utilização de mangueiras sempre a uma cota superior à do cavalo.

Neste terreno também existe um padoque, neste caso maior do que o anteriormente descrito. Os cavalos andam soltos e pastam pela propriedade, sem grandes constrangimentos. Apesar de o padoque não ser aqui frequentemente utilizado, isso não invalida a necessidade da sua existência, caso seja necessário manter os cavalos confinados a um determinado espaço, para limpar ou reparar as boxes, por exemplo.



Neste local há igualmente um picadeiro coberto para usar quer na aprendizagem quer em passeios organizados em dias de chuva.

A zona para guardar o feno situa-se relativamente distante das boxes, uma característica que torna a alimentação dos cavalos num trabalho mais demorado.

De acordo com o que já expliquei, numa primeira fase, a localização do edifício e a sua implantação no terreno não foi a mais adequada ao lugar; sendo necessária a escolha de um novo espaço para este fim. Contudo, algumas das utilizações espaciais estabelecidas no projeto anterior foram mantidas. Por exemplo, o socalco inferior do terreno, embora já sem o edifício, é pela sua amplitude e grande dimensão o espaço que servirá tanto para montar livremente como para pastagem sendo que estas funcionalidades já vinham estabelecidas na fase anterior. Pela proximidade entre este pasto e a plataforma superior, tornou-se pertinente manter as cavalariças o mais próximo possível do mesmo. Consequentemente, as cavalariças subiram para o socalco superior, lugar para o qual a estufa estava de início prevista.

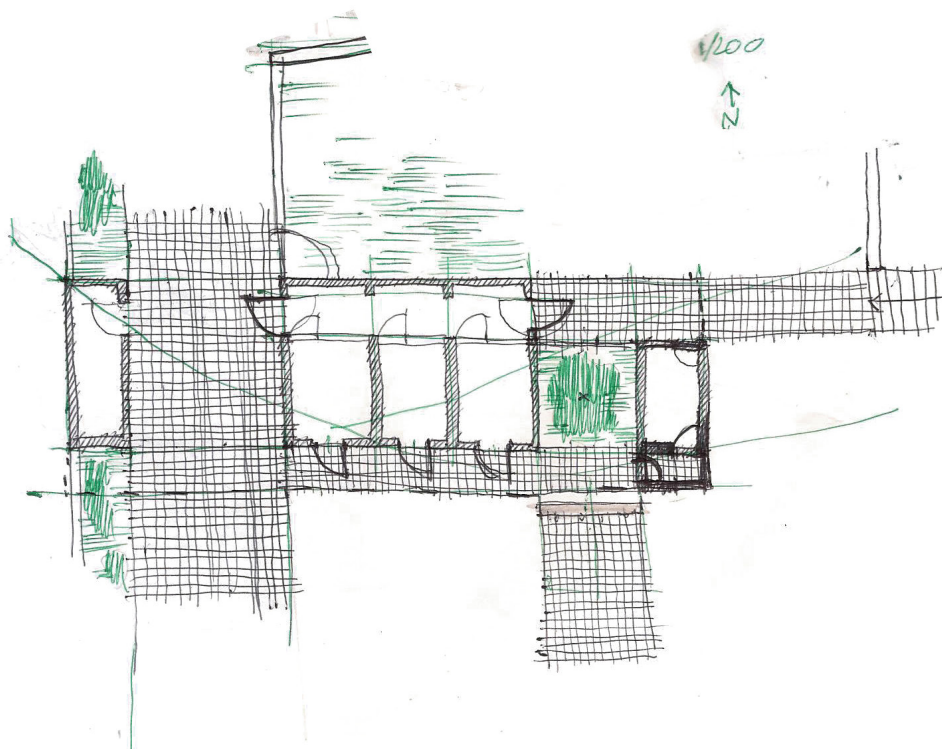
É no socalco superior que as novas cavalariças se vão desenvolver. No projeto anterior existia uma ligação entre as duas plataformas por via de umas escadas que partiam das cavalariças e essa ideia, embora com um traçado diferente, manteve-se [i104].

i101: fotografia das várias boxes das cavalariças Casas Abrigo Serradela

i102: fotografia do exterior de uma boxe das cavalariças Casas Abrigo Serradela

i103: lugar para arrear e lavar o cavalo

i104: plana de cobertura do edifício das cavalariças



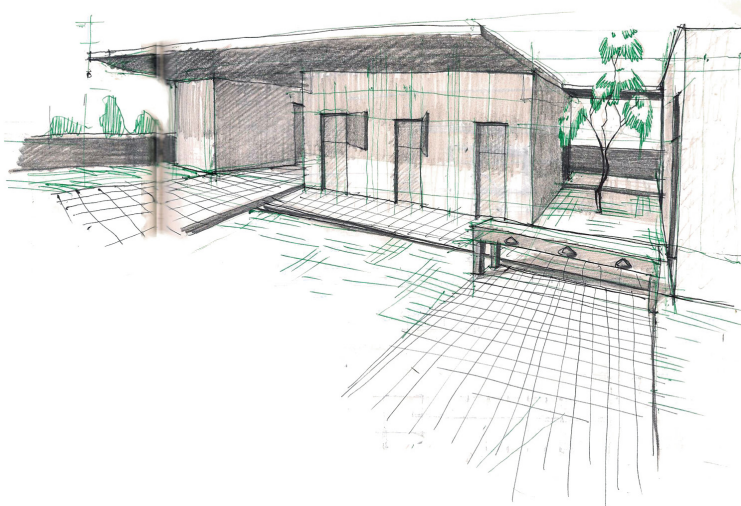
Também no socalco superior se localizavam as antigas boxes dos cavalos da Quinta, estando estas em condições precárias e provisórias. A nova localização das cavalações, contudo, é projetada na extremidade oposta à das antigas boxes. Assim, o novo edifício das cavalações estabelece uma maior proximidade com a estrada interior e restante área da Quinta.

Nesta etapa do projeto, o volume implementa-se perpendicularmente ao movimento natural dos muros dos socacos. Encosta-se ao muro existente que delimita o socalco, e estende-se até quase ao limite do patamar oposto. O desenho do espaço e dos caminhos para as cavalações foi adaptado a partir do traçado feito para o espaço envolvente da estufa. O tanque de água foi mantido, assim como o percurso que liga este tanque até a estrada, o mesmo acontecendo com as escadas na parte superior do desenho, a Oeste. Na proposta anterior estas escadas ligavam esta plataforma com a superior, ou seja, a estufa a uma zona de cultivo; neste projeto, as escadas ligam as cavalações à estufa que passou para o patamar superior a Oeste. Algumas alterações foram operadas:

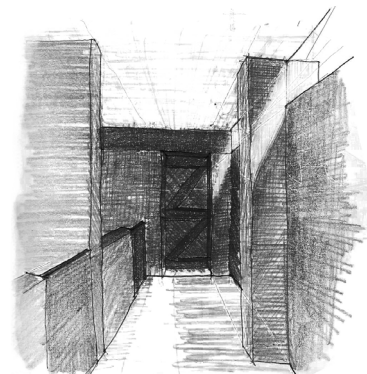
por exemplo, já não me parecia pertinente a ligação que fazia na proposta anterior entre o tanque e o seu espaço envolvente, e as escadas de acesso à plataforma inferior; também foram alteradas as linhas de força do trajeto feito entre o tanque e a estrada. Em relação à volumetria do edifício, como o lugar não é o mesmo, o projeto teve de sofrer algumas alterações, embora o conceito se mantenha. O extenso plano virado a norte que rompia com a relação visual entre o arrumamento e as cavalações desapareceu, uma vez que esse plano já não me pareceu apropriado para esta nova implantação. Houve assim sempre uma preocupação de adaptar o edifício ao lugar. As entradas inverteram-se e o que no projeto anterior era a entrada secundária passou a ser a entrada principal; e a principal passará a relacionar as duas cotas do terreno, a do pasto com o socalco das cavalações [i105]. O volume mais alto que marcava a entrada na proposta anterior desapareceu, mantendo-se uma cobertura de laje única que se abre no espaço onde existe um pátio com uma árvore.

No centro do edifício localizam-se as boxes, articu-

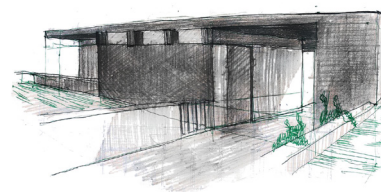
[106]



[107]



[108]



lando-se a Oeste com a entrada através do corredor da alimentação, e consequentemente com o armazém; e a Este com o pátio já descrito e sequencialmente com a casa de banho. Como é possível observar, a disposição entre os vários núcleos manteve-se, contudo, a entrada para a casa de banho/balneário ocupa agora o lado oposto à entrada principal.

Uma das observações que me foram feitas por parte do orientador foi que, para passar das boxes aos balneários, era preciso nesta fase do meu projeto atravessar um percurso descoberto, o que considerou inadequado. Esta observação foi tida em conta nas fases seguintes.

O lugar para arrear os cavalos também se alterou, passando a localizar-se num prolongamento dos limites do pátio [i106].

No interior das cavalariças desenhei uma entrada de luz, entre as boxes, no corredor da alimentação, e a separação entre boxes foi feita através de um plano [i107]. Penso que esta última solução tornava o interior da proposta visualmente muito pesado, o que é bastante visível no desenho apresentado, tornando-se uma prioridade a sua alteração.

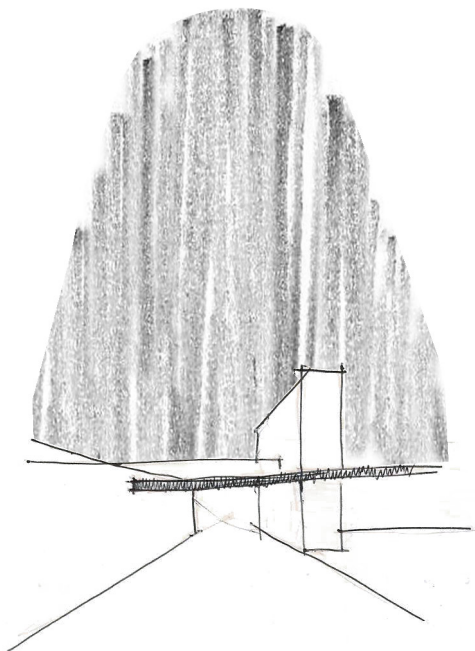
Há também nesta fase a criação de um novo espaço, o padoque, uma área controlada e de dimensão reduzida, onde os cavalos – para além do que acontece no pasto - podem andar em liberdade. Este espaço localiza-se atrás das cavalariças no limite com o arrumamento [i108].

i105: planta do edifício das cavalariças

i106: desenho da volumetria do edifício das cavalariças

i107: desenho do corredor da alimentação

i108: desenho da entrada para o edifício das cavalariças e padoque

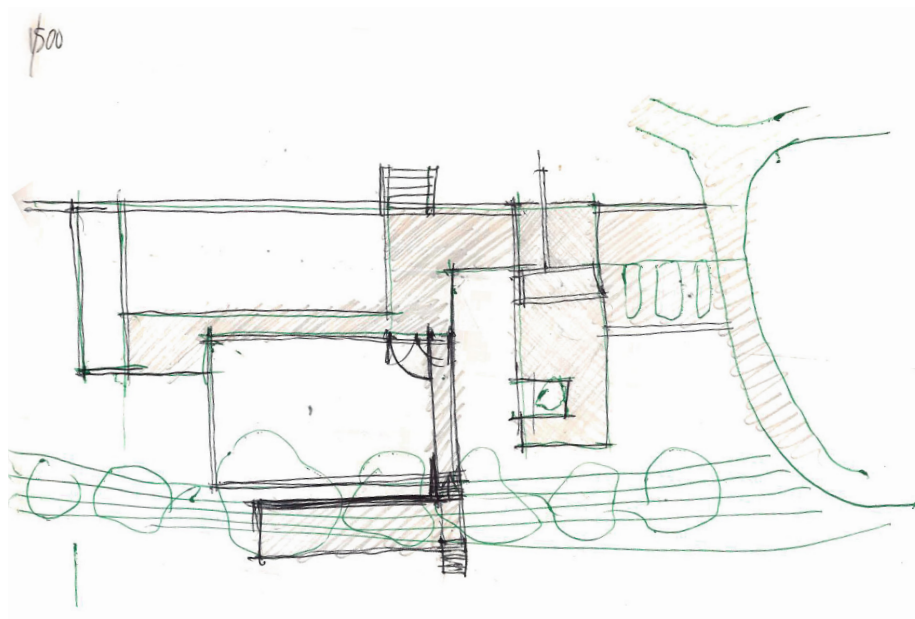


TERCEIRA FASE / PROPOSTA

No projeto das cavaliças, a organização do espaço envolvente foi sofrendo ligeiras alterações ao longo das várias propostas. Esta nova proposta distingue-se das anteriormente expostas pela sua verticalidade. Como verificamos até agora, os espaços das boxes, arrumos e balneários relacionam-se entre si no mesmo plano, conferindo uma imagem de horizontalidade à proposta. Nesta fase, a partir de um esboço, um traço vertical ameaçou romper com a horizontalidade do projeto das cavaliças [i109]. Transmisti deste modo, por meio de um novo volume, uma noção de verticalidade que por sua vez serviria de ponto de referência no espaço. Este volume apareceu por razões meramente estéticas e houve da minha parte alguma dificuldade em lidar com o programa que viria a ser-lhe destinado. Nessa busca pensei em várias soluções possíveis: numa primeira hipótese, na parte superior, o espaço interior desse volume serviria para a colocação de uma claraboia; numa outra hipótese, este espaço serviria para alber-

gar no seu interior máquinas de ventilação e aquecimento de água. Apesar de poder optar, para a parte superior, quer por uma hipótese quer por outra, no espaço inferior e interior criei um local para arrumação de materiais vários e para armazenagem de ração e feno para a alimentação dos cavalos. Consequentemente a antiga sala de arrumos encostada ao muro desapareceu.

Também o espaço envolvente das cavaliças foi alterado. Entre o tanque de água a Sul deste socalco e estas cavaliças criei um novo espaço, um padoque [i110], reposicionando a sua localização em relação à fase anterior. Este saiu de trás do edifício e passou para um lugar mais adequado. O problema da localização do padoque na proposta anterior resultava de que estava localizado para lá do edifício, fora dos limites do espaço das cavaliças, rompendo com a sua atmosfera. Houve desde muito cedo a tentativa de criar um ambiente próprio deste lugar e a tentativa de que tudo o que lhe pertencesse se juntasse e se complementasse como um todo. Este novo espaço, para além de ser um padoque, é também, devido ao



seu tamanho, um picadeiro (destinado à aprendizagem da equitação). Por ser considerado de dimensões reduzidas para o fim a que se destina, servirá apenas para iniciação à aprendizagem da equitação, embora o objetivo final seja o de que os utilizadores / hóspedes circulem livremente pela Quinta e pelo seu exterior.

Em paralelo a estas alterações, criei um novo equipamento para complementar o espaço das cavaliças. Desde o início que houve a preocupação em criar uma zona para observação dos cavalos a pastar ou a serem montados, pois acho importante haver esta relação entre o utilizador, o programa e a paisagem. Na primeira proposta do trabalho esta área encontrava-se nas próprias cavaliças entre os volumes das boxes e arrumos por de baixo da cobertura do edifício. Nesta proposta foi-me sugerido que criasse um espaço autónomo com esse fim.

i109: desenho de estudo da volumetria do edifício

i110: planta de coberturas das cavaliças

c27: TRIGUEIROS, Luiz. *Fernando Távora*. Lisboa: Blau, 1993. pag.74

VARANDA / TRIBUNA - CASO DE ESTUDO: PAVILHÃO DE TÊNIS DA QUINTA DA CONCEIÇÃO

“(...) O problema que se colocava era o de marcar o parque com um edifício, criando ali um objeto dotado de presença, que afirmasse o eixo dos campos de ténis e que servisse como ponto de referência (...)” [c27]



Quando Fernando Távora (1923-2005) projetou o Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição, pretendeu rematar o eixo dos campos de ténis, ao mesmo tempo que criava um ponto de referência dentro da Quinta, proporcionando um espaço capaz de receber o utilizador que observa o jogo. Este projeto serviu-me numa primeira instância como referência para a criação de um novo espaço para contemplação dos cavalos.

Apesar da importância do volume na marcação do espaço, é dado no edifício um enorme destaque às relações e questões estilísticas, sendo clara a fusão entre os elementos arquitetónicos modernos e os tradicionais. Desta forma é destacada a horizontalidade do desenho do edifício dada pelos planos de parede, horizontais, guardas, vigas e mesmo a cobertura inclinada, que são representados em planos diferentes e sobre tonalidades diferentes, onde o branco, a madeira e o betão contrastam harmoniosamente no espaço. O edifício apresenta-se “levantado” no terreno, resultando de um embasamento em alvenaria de granito no qual assenta um plano

de parede superior branco [i111]. No piso de baixo existem balneários e sobre estes a varanda.

“O mais curioso é que a tribuna do pavilhão não funciona porque é desconfortável e a visibilidade sobre os campos é má; tal facto não me preocupa grandemente porque se trata de mais um caso, entre tantos, em que o elogio máximo que pode fazer-se-lhe é o de que não serve para nada, exceto, naturalmente, as suas instalações situadas em baixo (...)” [c28]

Ao ler este excerto, confesso que não concordo com o que é dito e acho que haverá algum tom de ironia nas palavras de Távora. Revejo-me nesta citação no desenho da varanda que projetei para as cavalariças. O Pavilhão de ténis é um projeto para uma quinta e o arquiteto deve ter sensibilidade, quando intervém num espaço unitário como este. Deverá, sem perder de vista as condicionantes do programa, perceber

[i112]



de que tipo de construção o espaço que lhe é destinado necessita. Não podemos, naturalmente, comparar este campo de ténis com o campo e bancadas, por exemplo, do Estoril Open, pois o programa e necessidades que devem satisfazer são outras. Penso que esta tribuna consegue superar favoravelmente as condições impostas pelo programa e as suas necessidades, dado ao número de jogos e de espetadores naquela tribuna.

De igual modo, a minha varanda do projeto das cavalariças, apesar de pequena e plana, organiza dentro de si muitas outras relações inter-espaciais. Mas, em ambos os casos, nas varandas/tribunas o utilizador, quando debruçado sobre o peitoril, tem total visibilidade do espaço sobre o qual se debruça [i112]. Tenho clara consciência de que, no meu projeto, dados o programa e o lugar, haverá características mais intimistas e familiares. As cavalariças e respetiva tribuna não terão de albergar um imenso número de espetadores e consequentemente o seu tamanho e equipamentos podem ser reduzidos ao essencial. Embora as cavalariças não sejam só destinadas aos hóspedes, e a sua edificação resulte de uma necessidade da própria Quinta, a varanda terá mais utilidade quando os cavalos estiverem no socalco inferior quer a ser montados pelos hóspedes, quer a pastar.

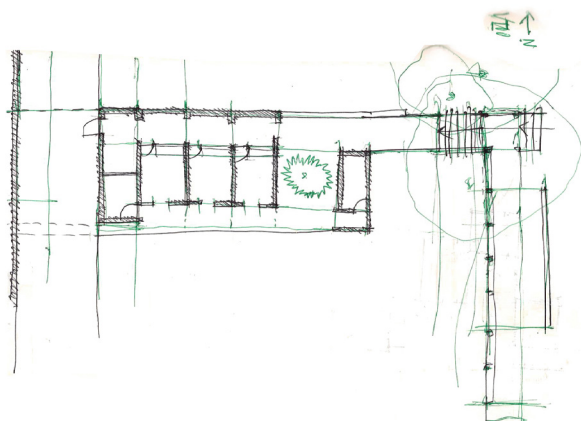
Antes do desenho da proposta final para a varanda das cavalariças,

i111: fotografias do Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição

c28: TRIGUEIROS, Luiz. Fernando Távora. Lisboa: Blau, 1993. pag.74

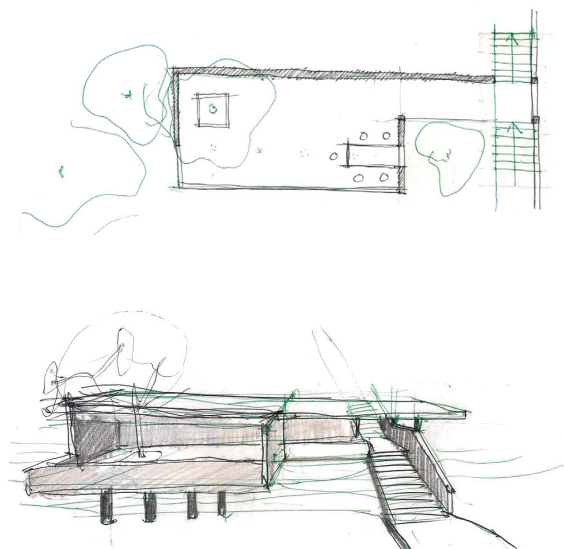
i112: fotografia do Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição, tribuna

[113]



experimentei duas outras localizações para esta tribuna. A primeira, no seguimento das escadas que partem das cavaliças, implanta-se a meia encosta [i113]. Neste primeiro estudo que desenvolvi para a varanda, tentei organizar um espaço não só com o fim de servir como tribuna para o socalco inferior, mas também proporcionar ao utilizador equipamentos que permitissem qualificar este espaço como um lugar de estar, como é possível verificar no desenho [i114]: a mesa de betão servirá como pretexto para conviver com os restantes hóspedes numa atmosfera diferente da da restante Quinta, onde os cavalos a pastar no socalco inferior “pintam” uma paisagem rural e pitoresca. A segunda localização experimentada para esta varanda foi projetada junto ao pica-deiro/padoque e acabou por ser a que mais me satisfiz nesta fase do projeto. Trata-se de uma varanda a meia encosta sobre a plataforma inferior, o pasto. Devido à densidade e abundância de árvores nesta área não achei necessário desenhar uma cobertura, pois a sombra das árvores iria incidir sobre a varanda criando sombra e abrigo para o utilizador [i116].

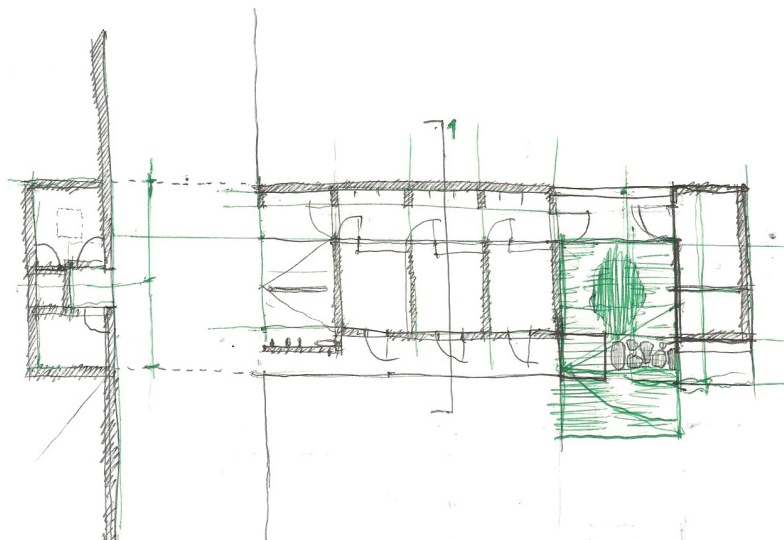
[114]



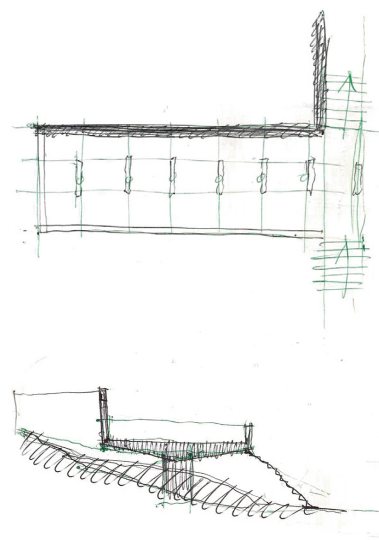
Como podemos observar na planta de coberturas das cavaliças [i110 pag. 143], há agora um novo acesso entre o socalco das cavaliças e o pasto feito por intermédio de umas escadas que cruzam a tribuna. Consequentemente, o projeto do edifício para as cavaliças alterou-se, uma vez que as escadas que ligavam este edifício ao socalco do pasto passaram para junto do padoque.

Repensei toda a organização interna do edifício das cavaliças, invertendo as posições dos volumes laterais às boxes. [i115], mais concretamente, a casa de banho/balneário passou para junto da entrada, enterrada atrás do muro de sustentação de terra. Este espaço teria uma claraboia para o preencher com luz zenital. Ao seu lado, criei uma sala de arrumos para o material necessário de apoio. Na outra extremidade do edifício, a Este, passou a localizar-se o armazém para a ração dos cavalos. Por um lado, gostei da nova localização dos balneários, uma vez que se tornou mais acessível para o utilizador. Mas, em contrapartida, o armazém localizado na extremidade oposta à entrada passou a ser um problema

[115]



[116]



para o projeto, tornando a descarga da ração e o seu armazenamento mais complexos/complicados.

Em contrapartida, no piso térreo dentro do volume vertical organizei um espaço para arrear e lavar os cavalos (duche), o que foi um passo importante para a localização deste equipamento no edifício. A sua localização próxima da entrada estabelece um primeiro contacto entre o cavalo e cavaleiro e oferece uma experiência visual sobre os cavalos aos que passam do outro lado do edifício.

Embora visualmente esta volumetria me agradasse e esta contraposição entre vertical e horizontal fosse um tema que pudesse ser explorado na continuidade do projeto, a sua função para o programa afigurava-se como meramente estética. Na passagem para a próxima fase houve um “limar de arestas” que retirou da proposta tudo aquilo que era supérfluo, como este volume vertical, o que leva a proposta a regressar à horizontalidade que a caracterizava.

QUARTA FASE / PROPOSTA

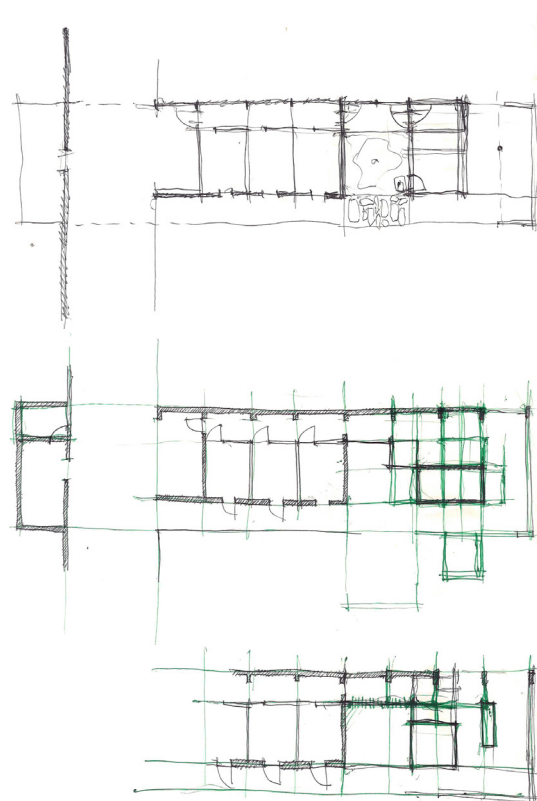
Um dos objetivos pretendidos com a localização deste edifício, implantando-o perpendicularmente ao terreno, foi que este se impusesse de tal modo sobre o socalco que servisse como uma barreira visual, “escondendo” o que para além existisse e criando algum suspense no utilizador durante a travessia entre os dois lados. Esta barreira terá

i113: planta do edifício das cavaliças e varanda

i114: planta e desenho da volumetria para a tribuna sobre o pasto

i115: planta do edifício das cavaliças

i116: planta e corte da tribuna sobre o pasto



idêntica função quando o utilizador se posicionar do outro lado do edifício.

Desde o início deste projeto que revelo preocupação em criar uma atmosfera própria para este lugar, em que as cavaliças serviriam de porta de embarque para um novo espaço onde o desenho e equipamentos deste socalco e a presença dos cavalos conduza à contemplação e introspeção, o que será tomado sempre como referência conceptual posteriormente. Neste momento do projeto e na passagem para esta nova fase de trabalho, quando analisava em planta à escala 1/500 o edifício no terreno, perturbava-me o facto de este não tapar na totalidade a relação entre os dois lados do socalco. O edifício afastava-se do limite deste último, mas não o suficiente para que este espaço resultante, entre o limite do socalco e o edifício, “pudesse respirar”. A anterior zona de implantação deste edifício criava a impressão de que o mesmo por pouco que não cabia no espaço disponível, pois não atingia o limite do socalco, mas também não se afastava o suficiente desse limite, assim como não avançava sobre ele.

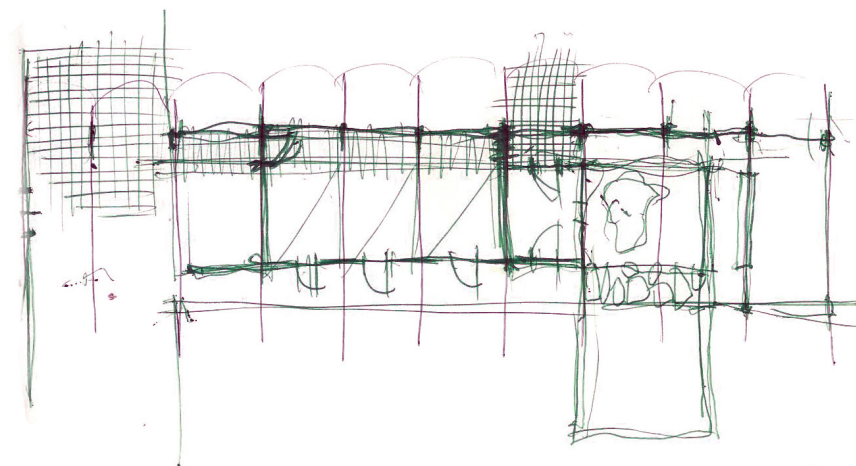
Deste modo, da antiga fase do projeto para esta última há uma profunda mudança.

Para que o edifício crescesse sem que o espaço das boxes, balneários ou armazéns aumentasse, surgiu-me a ideia de unir a tribuna a este corpo das cavaliças, formando uma varanda sobre o pasto e compreendendo todos estes elementos do programa num único edifício.

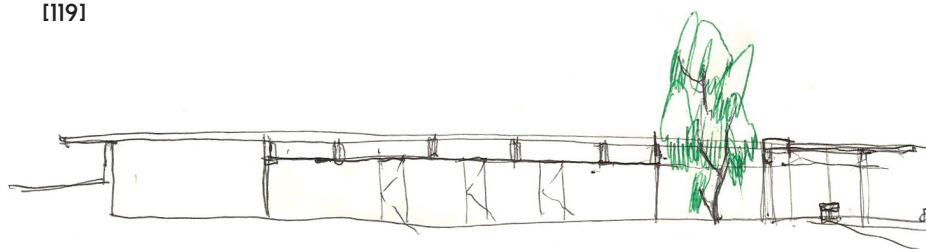
Esta experiência resultou na adição da varanda ao edifício desenhado na fase anterior. Esta planta, embora experimental, serviu como um excelente rascunho para desenvolver a proposta final. Parti de uma série de experiências para conseguir definir este novo espaço de varanda em concordância com o restante edifício [i117].

Depois de várias tentativas, cheguei a uma hipótese que me satisfaz. Em primeiro lugar, atribui ao edifício uma métrica relacionada com um módulo. Este módulo tem a medida da largura de uma boxe, três metros, e foi usado repetidamente ao longo do edifício. Como podemos ver no esquema em planta [i118] a entrada tem a medida de dois destes módu-

[118]



[119]

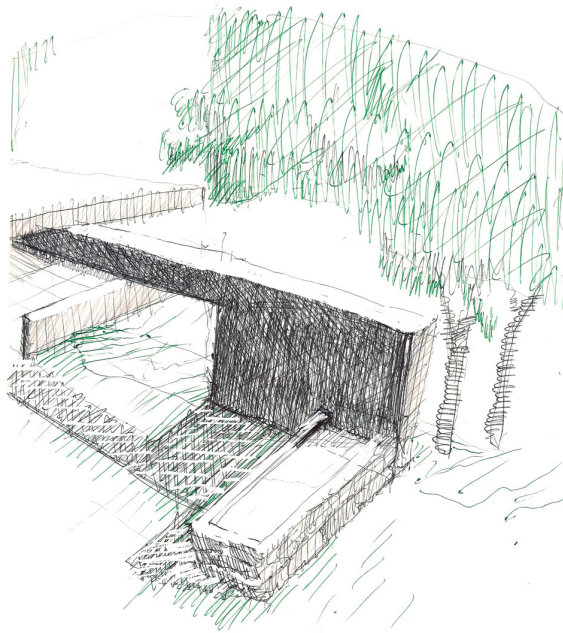


los. Do lado esquerdo, à entrada, não representado no desenho, encontrar-se-ia o armazém, também ele com a largura de um módulo; o lugar para arrear os cavalos, do lado direito, à entrada, tem também ele a medida de um módulo e perde o volume vertical referido na fase anterior. Continuando esta leitura, seguem-se as três boxes, sendo cada uma delas o próprio módulo. Imediatamente a seguir às boxes encontra-se o balneário, igualmente com a medida de um módulo, e, a partir deste e até ao fim do edifício, mais três módulos são usados, partilhados, de igual modo, entre o pátio e a varanda, ou seja, um módulo e meio pelo pátio e o outro módulo e meio pela varanda. É nestes últimos quatro módulos que se dão as maiores diferenças relativamente ao projeto da fase anterior. Os balneários encostam-se ao edifício por razões de simetria no alçado Sul [i119]. As três boxes e respetivas portas para o exterior são agora ladeadas neste alçado por dois planos lisos, um de cada lado. Estes planos correspondem à parede que limita o espaço para arrear os cavalos e o balneário. Foi feita uma segunda entrada no seguimento do módulo do balneário que vem resolver um problema já detetado em fases anteriores quando colocava o balneário longe da entrada principal. Deste modo, não é necessário passar pelas boxes ou, como em anteriores propostas, pelo exterior para aceder aos balneários. O lugar desta entrada secundária foi escolhido de modo a que este vão não revelasse a paisagem do outro lado do socalco. Por fim, estes

i117: Plantas de estudo para a integração da varanda no edifício das cavalariças

i118: Planta de estudo do edifício das cavalariças

i119: estudo do alçado sul do edifício das cavalariças



três últimos módulos criam um espaço autónomo, com entrada independente, organizado pelo pátio e varanda, sendo esta última, por sua vez, em consola sobre o pasto. Neste espaço há um banco em betão, virado para a paisagem circundante, permitindo ao utilizador a sua contemplação.

Como é possível verificar na planta o corpo da varanda foi acrescentado ao edifício. Durante a conceção deste edifício, a estrutura do mesmo era concordante com as paredes da própria construção, mas na varanda só um dos lados do edifício tem uma parede estrutural. Consequentemente, a cobertura deste espaço passou a ser um novo problema a resolver. Foi necessário pensar como é que a mesma, de betão, em balanço, seria suportada. Por vezes, os projetos têm vontade própria e é preciso deixar que nos guiem e acrescentar-lhes alguns elementos para que tudo funcione. A solução que encontrei para resolver este problema foi criar um novo plano com uma viga nele apoiada e estendendo-se até à parede existente do outro lado do edifício. Contudo, a colocação deste novo plano não deveria ser um elemen-

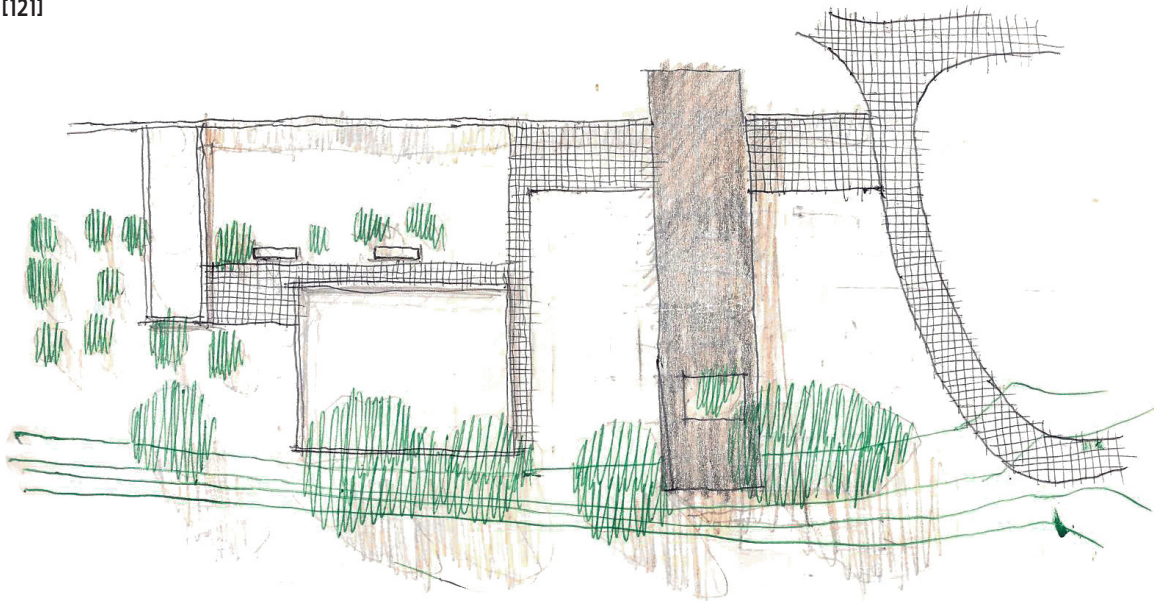
to sem propósito, ou seja, “gratuito” para o espaço. Como mostra o desenho [i120], resolvi acrescentar um novo tanque encostado a esse novo plano que suportará a viga para que a cobertura descarregue as suas forças. Este novo tanque, mais próximo do edifício das cavaliças, tornou-se uma mais-valia para o espaço. Junto a ele é possível por os cavalos a secar, num lugar fresco, depois de serem lavados, podendo ser deixados neste espaço e refrescar-se nele. Este novo tanque torna-se um lugar muito mais conveniente para o cavalo beber se comparado com o outro tanque projetado, que se localiza na extremidade do socalco oposta ao edifício.

i120: desenho do novo tanque, plano e viga que suportam a cobertura do edificio

8.1 CAVALARIÇAS

projeto final

[121]



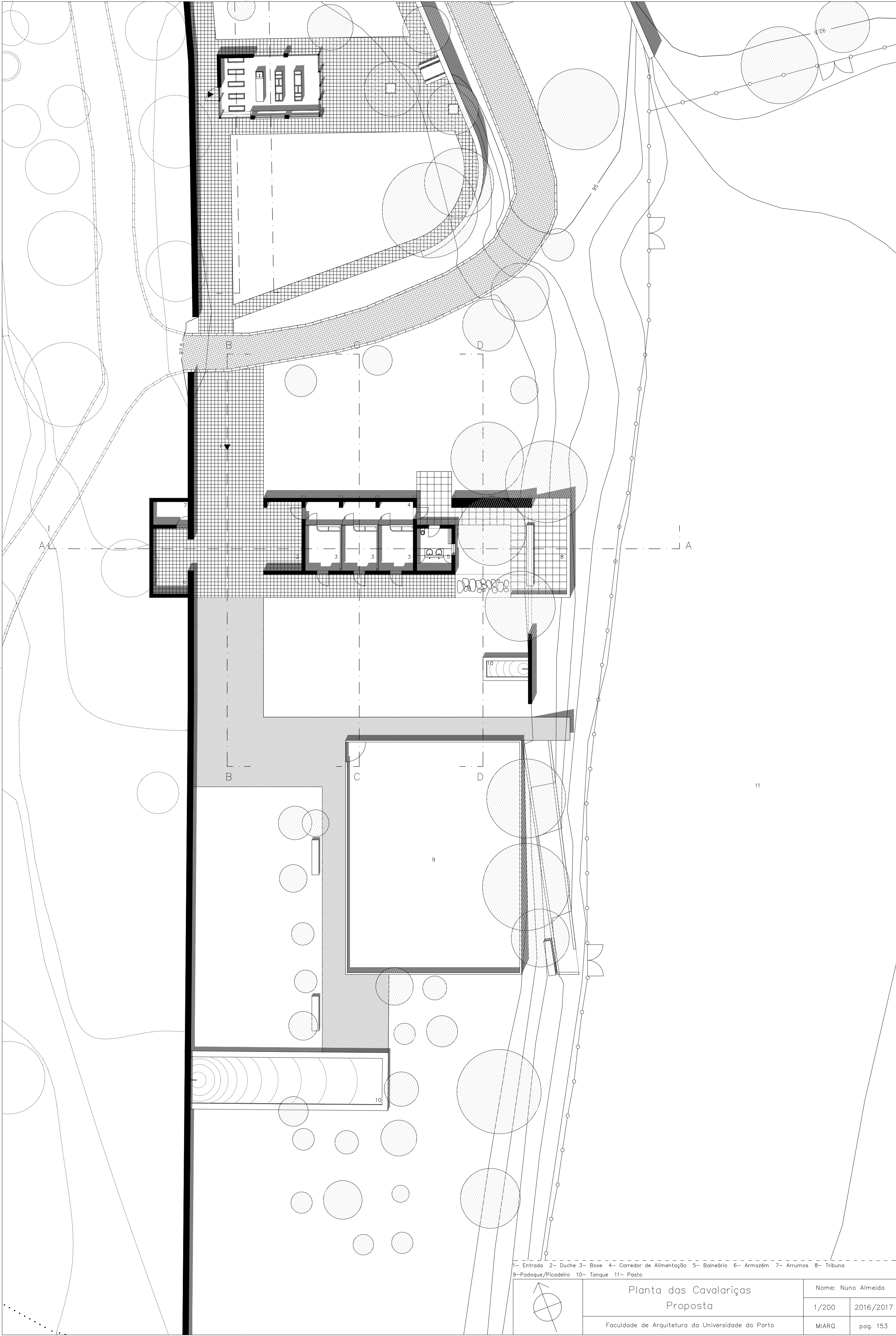
Como já expliquei em fases anteriores, houve uma constante preocupação em criar relações entre os percursos e a paisagem - por vezes, privar as pessoas da relação com o exterior em certas partes do projeto é tão importante como expô-las depois a esse espaço para que o seu impacto seja valorizado.

No programa das cavalariças tentei que a extensão da plataforma intermédia, à qual destinei o edifício das mesmas, formasse um todo sendo parte da mesma unidade, com o objetivo principal de criar uma atmosfera própria daquele socalco, abrindo à paisagem não só o espaço como o edifício, privilegiando-a. Todavia, pretendi da mesma forma fechar o espaço em relação à sua envolvência a fim de criar uma atmosfera própria conjunta e permitir uma clara relação e identificação com as cavalariças. O socalco ladeado por um muro, de um lado, e as árvores, do outro, conferem uma sensação de proteção e abrigo ao utilizador, abrindo pontualmente entre os troncos e as copas das árvores relações com as restantes plataformas e a paisagem [i121].

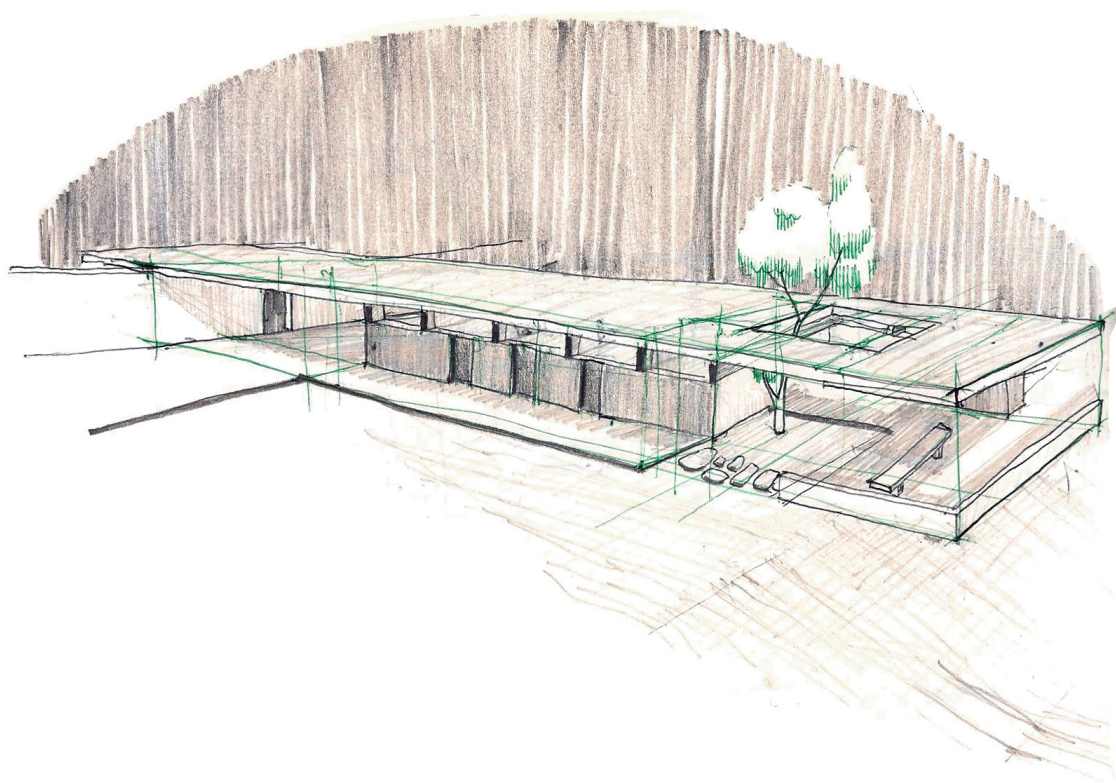
No espaço deste socalco podemos encontrar, para

além do edifício das cavalariças, outros equipamentos importantes para uma adequada utilização destas e dos cavalos. Como já tive oportunidade de referir, criei um padoque/picadeiro: no caso de ser utilizado como padoque, para os cavalos andarem soltos num espaço controlado e fechado, de pequenas dimensões, caso seja necessária a manutenção/limpeza das boxes; no caso de ser utilizado como picadeiro, no ensino, se necessário, da prática da equitação.

Podemos encontrar no limite deste socalco um extenso tanque, quer para os cavalos se refrescarem quer para este preencher, através da sonoridade da água corrente, o espaço à sua volta. No percurso que liga as cavalariças ao tanque encontram-se dois bancos: um deles junto a este e virado para a paisagem; o outro virado para o padoque/picadeiro, permitindo ao utilizador observar os cavalos. Do lado Este do último espaço referenciado, junto ao desnível do socalco, encontra-se uma rampa (mecanismo de acesso mais lento) que estabelece a ligação entre o socalco das cavalariças e o do pasto. Esta ligação já foi prevista na planta de estratégia [img. 22 pag.



1- Entrada 2- Duche 3- Boxe 4- Corredor de Alimentação 5- Banheiro 6- Armazém 7- Arrumos 8- Tribuna			Nome: Nuno Almeida	
9-Paddock/Picadeiro 10- Tanque 11- Pasto			1/200	2016/2017
			Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto	MIARQ pag. 153



58].

O edifício contraria o movimento natural dos socacos implantando-se perpendicularmente aos mesmos. Quem acede à Quinta, depois de passar os portões e subir em direção à casa pelo camainho interior do terreno, pela proximidade desta, inevitavelmente se depara com o edifício das cavalariças.

Este edifício, dotado de um corpo extenso, atravessa toda a largura desta plataforma e apresenta poucas aberturas que impedem a visibilidade entre os dois lados: assim, do arruament não há uma relação direta com o que está para lá do edifício. Com esta opção, tive como principal objetivo criar alguma tensão e curiosidade no utilizador. Assim, o edifício que se prolonga pela total dimensão da largura do socaco é usado como barreira visual e deste modo fecha ou separa a relação entre os dois lados da construção [i122].

A entrada das cavalariças, uma área coberta apoiada entre o muro de sustentação do terreno e o edifício, é o único contacto entre o caminho e o socaco. Esta transição entre as duas atmosferas é feita por debaixo da cobertura das cavalariças e estende-se, numa única laje de cobertura, ao longo de toda a largura do edifício, de forma a prolongar a transição entre dois espaços tão distintos e díspares. O espaço desta transição é um lugar que deve ser considerado como abrigo do sol ou da chuva, mas também deve ser entendido como um espaço controla-

i121: planta de coberturas do projeto final das cavalariças

i122: desenho de estudo da volumetria para o projeto final das cavalariças



do, sendo mais contido e mais escuro, e permitindo assim ao utilizador uma experiência de transição antes de entrar na atmosfera distinta das cavalariças. Após a transição, o espaço, desta vez já exposto aos elementos, preenchido por sons, como o som dos cavalos ou o correr de água das duas fontes opostas nas extremidades da plataforma, produz uma sensação de bem-estar e tranquilidade. Outro aspeto que privilegia o sentido da audição é a utilização dos pavimentos em brita nos percursos internos ao longo do socalco, tornando-se cada passo audível e marcando o som de caminhar e o momento da chegada.

TRAVESSIA DE CONTRASTES - CASO DE ESTUDO: BASÍLICA DE BRASÍLIA

Um projeto no qual esta “sensação de travessia” é evidente e cujo conceito e execução foi bastante pertinente e uma referência para o meu trabalho, é a catedral de Brasília, obra do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer (1907 – 2012). Neste projeto, o arquiteto cria um percurso extenso de entrada e acesso ao interior da Basílica. Esta obra, embora a uma

escala completamente diferente da do meu edifício das cavalariças, cria a mesma sensação que descrevi no texto sobre o meu projeto.

Ao aproximarmo-nos da Basílica de Brasília, somos recebidos por uma ampla praça, partilhada pelo lajeado e um enorme relvado. Também importante de referir, é a simplicidade da construção da Basílica. Nela a estrutura do edifício é a própria forma do mesmo e o espaço formado em negativo na estrutura é preenchido com vitrais. A Basílica assenta sobre um espelho de água, característica típica de algumas obras de Niemeyer, que reflete a sua imagem criando uma sensação de leveza e serenidade [i123].

Quando, ao chegar das largas vias de Brasília, iniciamos o percurso de acesso à catedral, depois de percorrermos parte da praça, somos levados, através de um mecanismo de acesso mais lento, a rampa, para uma cota mais baixa. Somos transportados para baixo da enorme praça que envolve a catedral e, neste percurso, descemos lentamente e, aos poucos, deixamos de ver o edifício e a envolvente e mergulhamos na escuridão. A transição aqui experienciada

[124]

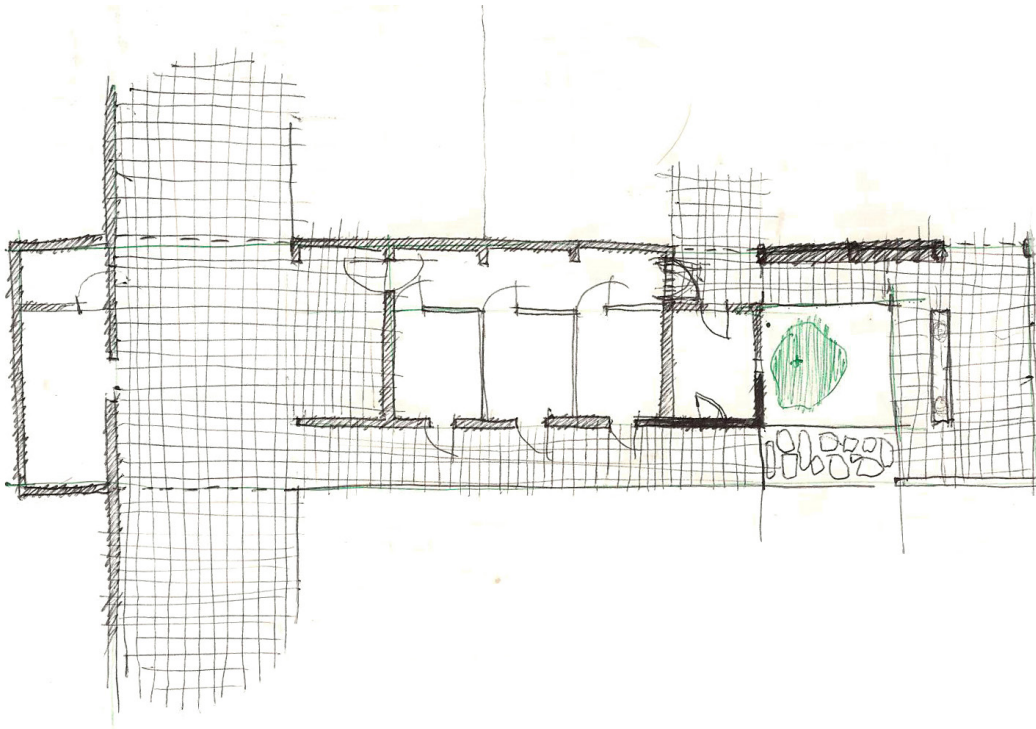


entre um espaço exterior, exposto aos elementos, e um espaço interior, fechado, compacto, fresco e escuro, faz-nos esquecer a luz do dia e as formas do edifício que vimos a desaparecer durante a descida da rampa. Durante a travessia, vemos ao fundo uma luz e encaminhamo-nos na sua direção. Quando, por fim, atingimos o fim desta travessia entre o espaço exterior e o interior e entramos no espaço da Basílica, somos surpreendidos pelas cores dos vitrais, pela luz que ilumina o espaço, pela surpresa de ver o inesperado [i124]. Esta, como qualquer experiência criada para o utilizador, enriquece o projeto, é importante termos presente de que é para o Homem que estamos a projetar; e que, a luz, a sombra, a paisagem, os enquadramentos, as texturas, o abrigo, entre outros, são elementos que, se combinados e usados de forma complementar, são ferramentas importantes e essenciais para uma boa prática arquitetónica.

Há a intenção de recriar, como já referi, esta sensação de surpresa na transição de dois espaços. Entrando no edifício, indo ver os cavalos, equipando-se, arriando o cavalo, etc. não temos contacto visual com o espaço do socalco; e as janelas, a uma cota alta, rompem com essa ligação visual (apesar de esta não ser a única causa para a altura a que elas se projetam, uma vez que não é aconselhável que sejam de fácil acesso para o cavalo). Em contrapartida, quando finalmente se sai do edifí-

i123: fotografia da Basílica de Brasília e respetiva entrada

i124: fotografia do interior da Basílica de Brasília



cio, é-se surpreendido pelo espaço e pela atmosfera deste lugar.

“Será necessário então, através do ajuste das medidas, TEMPERAR esses espaços, e esses tempos dimensionando-os, proporcionando-os, dotando-os de escala, em suma colocando-os em relação com o homem. (...) É preciso conhecer as MEDIDAS com que se vai erguer a arquitectura.” [c29]

São neste excerto utilizadas três palavras-chave: dimensão, proporção e escala. Três aspetos que devem permanecer unidas e complementares num bom projeto de arquitetura. No entanto, contudo para considerarmos uma obra proporcional, não lhe é intrínseca a ideia de medida ou escala. A proporção num alçado pode tornar-se uma obsessão para um arquiteto, e em certas fases do processo de projeto pode ser trabalhada de modo independente relativamente à medida ou à escala. Em fases posteriores

ou finais se estes três conceitos não se desenvolvem em paralelo, o arquiteto pode criar uma “casa de bonecas” que, apesar de bonita e proporcional aos nossos olhos, se torna num lugar que não é possível habitar e que não foi feito à escala humana. Daí que, quando Campo Baeza diz, na citação acima referida, que é preciso conhecer as medidas, o mesmo se refere às medidas das coisas e do Homem.

Como já expliquei, durante o processo de conceção do edifício das cavaliarias, quando comecei a desenhá-lo, foi-me necessário conhecer a medida das “coisas”: a medida dos cavalos, dos fardos de palha, dos arreios, das boxes etc.; saber quanto ocupa um cavalo e de que espaço ele precisa para se mexer livremente dentro da box, mas também saber a medida deste quando caminha lado a lado com o homem, para deste modo, tendo a medida das coisas inerente aos traçados, conseguir desenhar o melhor espaço para aquele *lugar*.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Há duas entradas de acesso para ao edifício das ca-

valariças, a principal, empedrada, privilegiando quer o automóvel quer o Homem, e uma secundária, unicamente destinada ao acesso pedonal [i125]. A entrada principal dá continuidade ao percurso automóvel interno da Quinta, e o empedrado em granito nesse percurso continua a ser o material usado até à linha limite final do edifício das cavalariças determinada pela projeção da cobertura. A escolha desta materialidade justifica-se pela eventual necessidade de efetuar cargas e descargas de alimentos ou cavalos naquela zona. Achei também pertinente que houvesse um cais coberto destinado a cargas e descargas. Para facilitar este serviço, defini este espaço de modo a que fosse de fácil acesso, próximo do caminho da Quinta mas também do local de armazenamento da ração e das boxes. Obviamente a criação deste espaço é feita atendendo às necessidades do programa das cavalariças e definida pela sua localização e proximidade da entrada.

O espaço para guardar a ração dos animais localiza-se do lado Oeste do edifício, semienterrado no socorro superior para lá do muro de contenção de terra. Para que fosse possível aceder a ele, foi necessário rasgar o muro. Pessoalmente, sempre considerei estranha a abertura de portas ou janelas em muros dado que são elementos muito compactos e com uma presença marcante nos espaços, não sendo da sua natureza a existência de aberturas. Perante isto foi-me bastante difícil pensar numa solução de abertura ideal neste espaço. A solução encontrada

c29: BAEZA, Alberto Campo. *Pensar com as mãos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. Pag.35

i125: planta de estudo para o projeto final das cavalariças

para este problema, apesar de simples, agrada-me enquanto resultado final. O vão que criei estende-se até à altura da cobertura, dando a ilusão de que existe uma rutura vertical criando dois muros autónomos. Durante as tentativas de romper o muro, a solução encontrada não seria possível se o vão criado fosse de pequenas dimensões, pois, em minha opinião, iria aparentar uma simples porta. É por este motivo que este vão é tão extenso, o que mais tarde se tornou conveniente para a passagem de carrinhos de mão, baldes, e outros utensílios necessários para o transporte da alimentação dos cavalos. Por razões de simetria, a abertura do muro foi feita a eixo da medida transversal da área coberta da entrada.

Imediatamente encostada ao espaço para guardar o feno e ração há uma pequena sala de arrumos para o material complementar do edifício (baldes, pinos, barreiras, etc.).

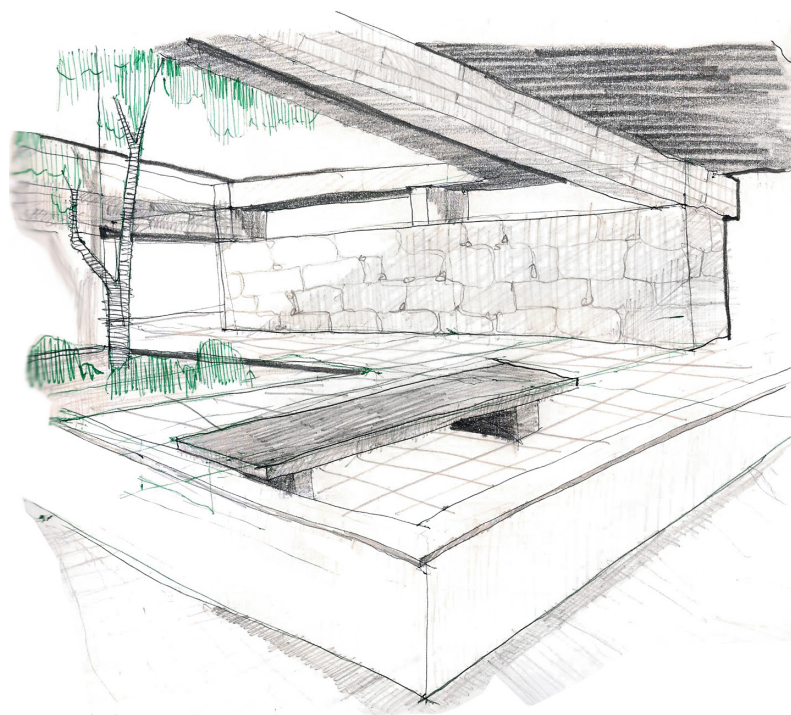
Do outro lado da entrada, encontra-se o edifício das boxes que engloba, adjacente à parede exterior destas, junto à entrada, um espaço de largura igual à de uma boxe, a zona para arrear e lavar os cava-

los (duche). Também é por este alçado que se entra para as boxes. Estes dois espaços encontram-se muito próximos pois são complementares, sendo o primeiro sítio para que um cavalo se desloca quando sai da boxe para ser montado. O edifício tem três boxes, cada uma com 3m por 3,70m, divididas entre elas por um pequeno murete e, em cima deste, uma estrutura metálica que termina à altura das portas, sendo rematada com ripa de madeira. Cada boxe tem um bebedouro assim como um recipiente para a ração. O feno é posto no chão para os cavalos comerem e se deitarem sobre ele.

Em várias cavaliças que visitei é comum encontrar um bebedouro no interior das boxes; a ração é normalmente dada aos cavalos em baldes. Numa das cavaliças que visitei havia no interior das boxes, assim como acontece no meu projeto, um recipiente próprio para a ração. Mas, em conversa com um dos tratadores dos cavalos, apercebi-me de que continuavam a usar baldes para este fim porque estes seriam de limpeza mais fácil por oposição aos recipientes presos à parede. Uma das mais-valias encontradas

ao visitar outros edifícios com um mesmo programa é que podemos aprender com as qualidades dos espaços projetados por outros, mas também com os erros. Uma vez detetada a inadequação referida nos comedouros integrados nestas boxes, no meu projeto, decidi que o recipiente para a ração, embora com o mesmo fim, deverá ser amovível, sendo deste modo mais fácil a sua limpeza. Cada boxe tem duas portas, uma para o exterior das cavaliças, outra para o corredor da alimentação. Ambas as portas abrem “para fora” estando orientadas de modo a não constituir um obstáculo para a circulação dos cavalos. A porta que dá para o exterior é uma porta de duas faces independentes, abrindo por completo ou parcialmente, permitindo que o cavalo espreite para o exterior dando uma imagem muito característica das cavaliças.

A porta interna das boxes dá acesso ao corredor de alimentação, sendo um mecanismo interno de acesso às várias boxes. Apesar de esta porta poder ser usada para a entrada e saída dos cavalos, a sua principal função é permitir aos tratadores aceder às boxes e aos recipientes para a ração usados durante o período de alimentação dos cavalos. Também no corredor da alimentação, como já referido em fases anteriores, se encontra o material de cada cavalo num espaço específico, dividido entre os pilares do edifício. Por norma, o material para os cavalos que constitui o respetivo arreio é guardado numa sala própria (como já verificado nos casos de estudo apontados) convenientemente situa-



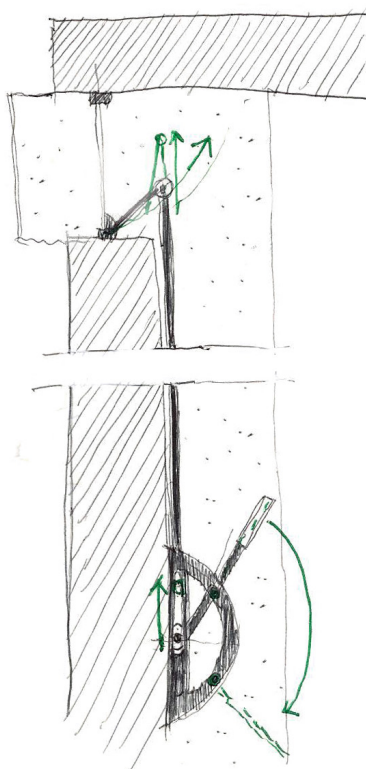
da junto ao duche. Esta solução é sobretudo usada em escolas de equitação, onde por vezes o mesmo material é utilizado por vários cavalos. No entanto, neste projeto, devido à sua pequena dimensão, achei mais cómodo assim como mais adequado ao aproveitamento do espaço e organização do material de cada cavalo, que cada cavalo tivesse à frente da sua boxe o material que lhe é correspondente. Esta opção poderá justificar-se por se tratar de uma Quinta destinada a atividades de lazer, facilitando assim que cada hóspede disponha do seu “próprio” equipamento de equitação, podendo identificá-lo.

Houve a determinada altura do projeto a noção da importância de haver um espaço para estar e contemplar os cavalos a pastar ou a ser montados. A entrada secundária do edifício das cavalariças leva-nos a esse espaço, um espaço em balanço coberto sobre o pasto [i126]. É equipado com um banco de betão para que utilizador possa sentar-se a contemplar o ambiente à sua volta. A guarda da varanda é baixa e larga podendo também servir de assento. A altura desta guarda é um aspeto importante para o espaço

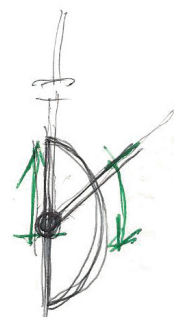
pois não quebra a visibilidade da paisagem quando o utilizador se encontra sentado no banco de betão. Este espaço de varanda está envolvido pela natureza, tem vista sobre a paisagem à sua frente para Este, e inclui atrás um pequeno pátio que preserva uma única árvore já existente no lugar a qual parece romper a cobertura. Este espaço em consola encontra-se ao lado de um pequeno tanque com água corrente e onde os cavalos podem beber. O som da água corrente preenche o espaço da varanda anexa às boxes.

Imediatamente junto à entrada secundária, entre as boxes e a varanda, há um balneário. Esta segunda entrada para as cavalariças permite um rápido acesso à varanda mas também do balneário para o exterior, para que não seja necessário ao cavaleiro, depois de se desequipar, atravessar todo o edifício das boxes. Este pequeno balneário é dotado de um chuveiro, um banco corrido, lavatório e sanita. Sabendo à partida que esta casa de banho não será plenamente utilizada, pois os hóspedes preferirão usara o chuveiro do seu quarto, desenhei-a contudo totalmente

[127]



[128]



equipada havendo a possibilidade do edifício das cavaliças poder vir a funcionar independentemente dos hóspedes ou das habitações.

A localização desta casa de banho no edifício foi estudada para que o vão desta segunda entrada não revelasse o espaço que se opõe ao mesmo edifício, tirando protagonismo à entrada principal. Assim, o balneário fecha com essa eventual ligação visual.

DESENHO DOS CAIXILHOS

Para o edifício das cavaliças, assim como para o edifício das habitações, quis desenhar os meus próprios caixilhos. Confesso que o desenho destes constituiu um grande desafio e foram precisas várias tentativas para compreender o funcionamento dos mesmos.

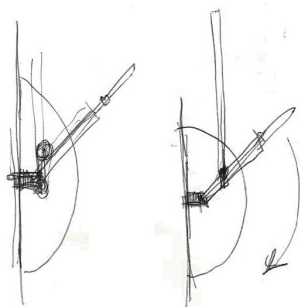
O desenho do aro dos caixilhos nas cavaliças seria, no meu projeto, igual ou semelhante ao desenhado para as habitações. O que tornou ambicioso o desenho destes caixilhos foi o facto de estes, ao contrário dos das habitações, estarem a uma altura que os torna inacessíveis ao utilizador. Posto isto, tive de criar uma ferragem que permitisse a uma altura confortável abrir, através de um mecanismo, as várias janelas. Esbocei no desenho [i128] o movimento necessário para o fazer. Compreendi que deveria haver uma alavanca a um nível médio e confortável para o utilizador que, quando puxada, abriria a janela. Quando desenhei este mecanismo no corte [i127] e refleti sobre a sua

i126: desenho de estudo para a varanda do projeto final do edifício das cavaliças

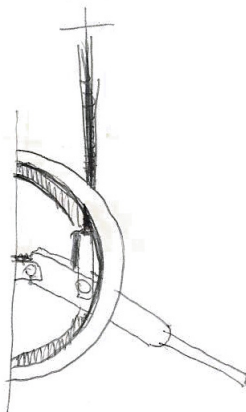
i127: corte do mecanismo de abertura dos caixilhos das cavaliças

i128: rascunho da alavanca para abertura de uma janela

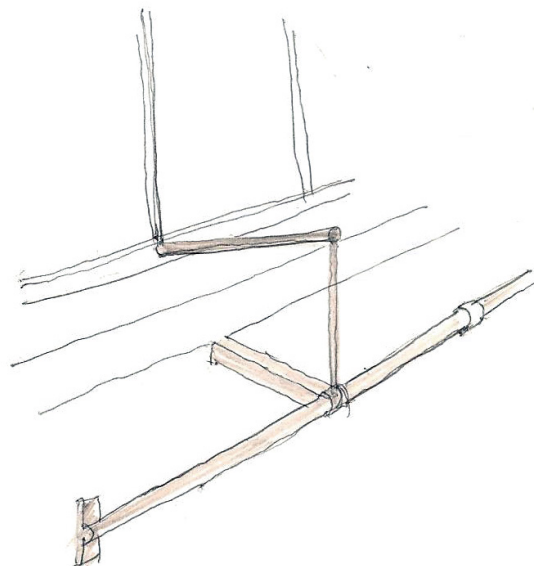
[i129]



[i130]



[i131]



eficácia, compreendi que, tal como tinha concebido esta ferragem, quando puxada a alavanca, não haveria qualquer tipo de movimento ascendente do tubo que encostava à parede. Foi necessário perceber como é que este tipo de mecanismo funcionaria melhor, visitando exemplos idênticos ao que estava a desenhar. Na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Porto, há vários caixilhos que requerem a utilização de uma alavanca para serem abertos e que, embora não correspondessem ao mesmo problema que eu queria resolver, apresentavam um mecanismo muito semelhante. Inspirado nesse exemplo, desenhei o mecanismo usado nas janelas das cavaleiras no meu projeto.

No desenho [i129] fiz um estudo que me levou a compreender que, para o tubo de ligação entre a janela e a alavanca subir e descer, este tinha de estar ligado à própria alavanca e não à “rótula” da mesma, como inicialmente desenhei.

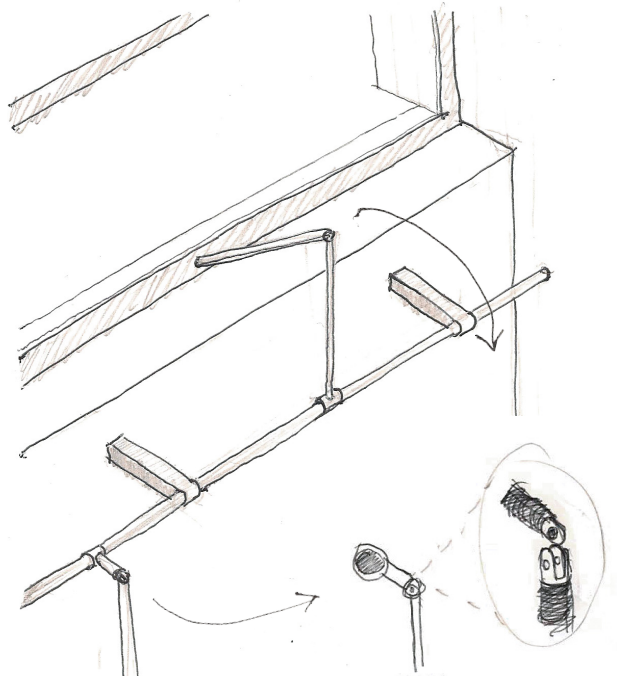
O desenho [i130] mostra o mecanismo da alavanca. Esta, quando acionada, iria fazer com que o tubo vertical ascendesse e este, por sua vez, iria forçar o

tubo horizontal a rodar sobre o seu eixo. Este tubo horizontal está preso à parede mas não fixo. Ou seja, os braços que saem da parede seguram o tubo horizontal permitindo-lhe rodar sobre o seu eixo [i131]. Este, quando rodado, irá, através do mecanismo representado, empurrar o caixilho fazendo com que este se desloque e abra.

Após os desenhos acima expostos, prossegui com a “afinação” dos mesmos, resultando no mecanismo de abertura do caixilho que será aplicado neste projeto [i132]. As ligações entre os vários tubos com um ponto de ligação comum e diferentes direções articulam-se com a rótula desenhada.

Entendo que o desenho deste caixilho teria de ser testado com um protótipo antes de ser aplicado, pois o seu funcionamento é complexo e provavelmente haveria ajustes a fazer. No entanto, assim como nas habitações, mais que desenhar os meus caixilhos e os seus mecanismos de abertura, tive a necessidade de resolver os problemas que me foram apresentados no decorrer do projeto.

A reabilitação da Quinta da Casa da Granja é um



projeto de intenções, que muito dificilmente irá ser concretizado e, deste modo, expandi a sua abordagem consoante os problemas e dificuldades a superar. O gosto pela área e pelo desenho levou-me a explorar os projetos e a levá-los aos seus limites. Contudo, repetindo-me, sei que é improvável que certos desenhos de caixilhos, guardas etc. venham a ser concretizados.

É também por este mesmo motivo, por este ser um projeto de intenções e por estar a trabalhar com um terreno real inserido num contexto legislativo real, que não apresento cortes construtivos dos vários projetos, apesar de os mesmos terem sido estudados e estarem representados em anexo. Definitivamente e em caso de concretização, haveria muitos ajustes a fazer antes da construção do projeto que teria que ser revisitado. No entanto, alguns pilares, vigas e outros elementos construtivos foram trabalhados porque representavam um problema fulcral para o projeto, mesmo sem uma perspetiva de concretização (como, por exemplo, a viga que suporta a cobertura da varanda das cavalariças, sem a qual essa cobertura cairia).

Para a criação do edifício das cavalariças teve de haver a noção e compreensão total do programa de medidas e do lugar. O edifício não responde só as necessidades do programa base, mas também pensa no Homem que usa o espaço. Este é um lugar para o Homem e para os cavalos, desenhado de forma que se pretende adequada a fim de

i129: desenho de estudo para a alavanca e mecanismo associado

i130: alavanca e mecanismo final da abertura para o caixilho das cavalariças

i131: primeiro estudo para o caixilho das cavalariças

i132: mecanismo de abertura do projeto final das cavalariças

providenciar conforto e segurança aos cavalos, mas também privilegiando as vistas sobre a Quinta.

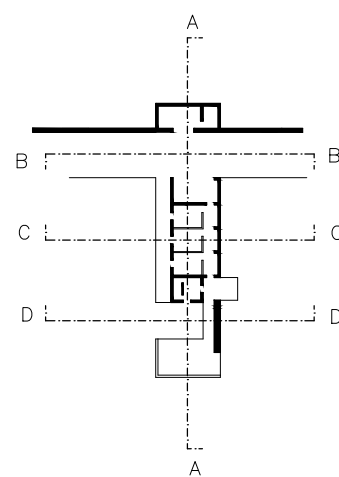
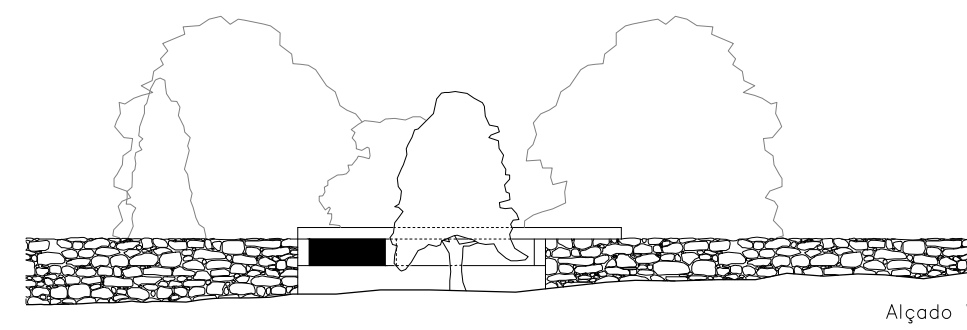
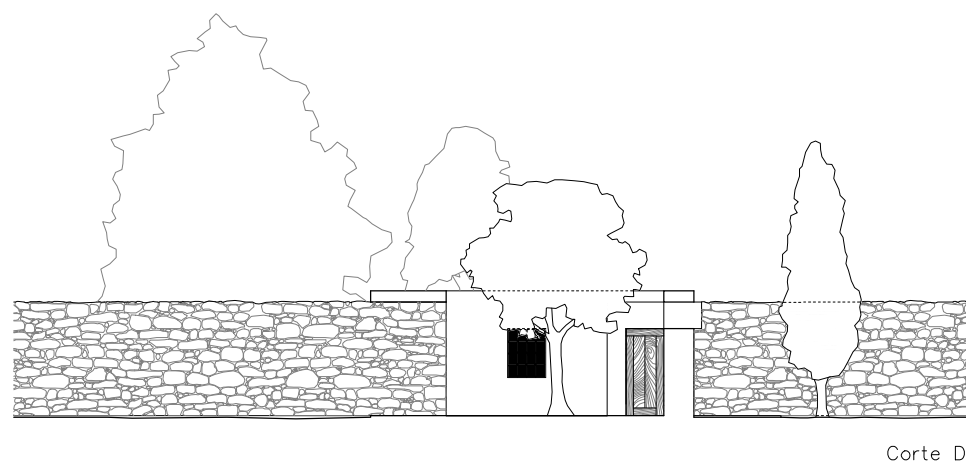
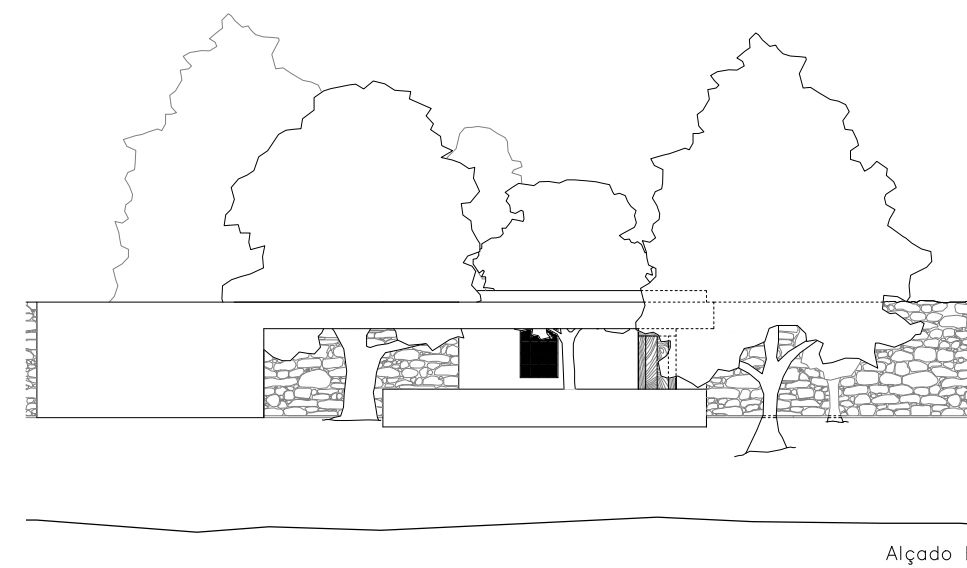
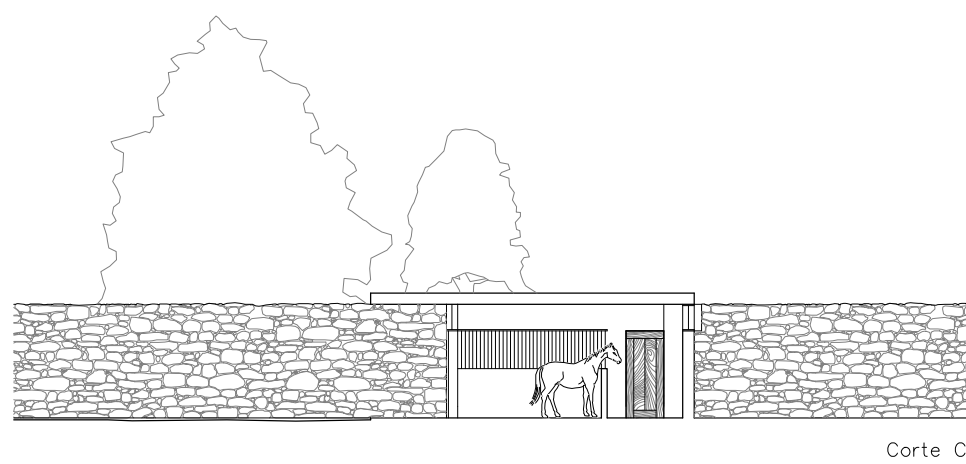
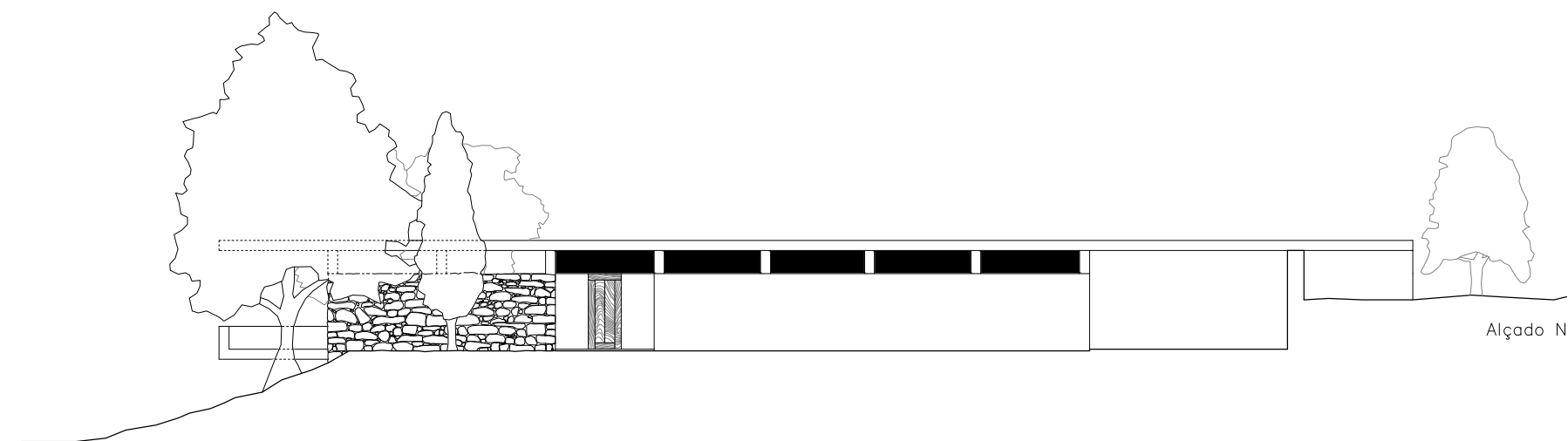
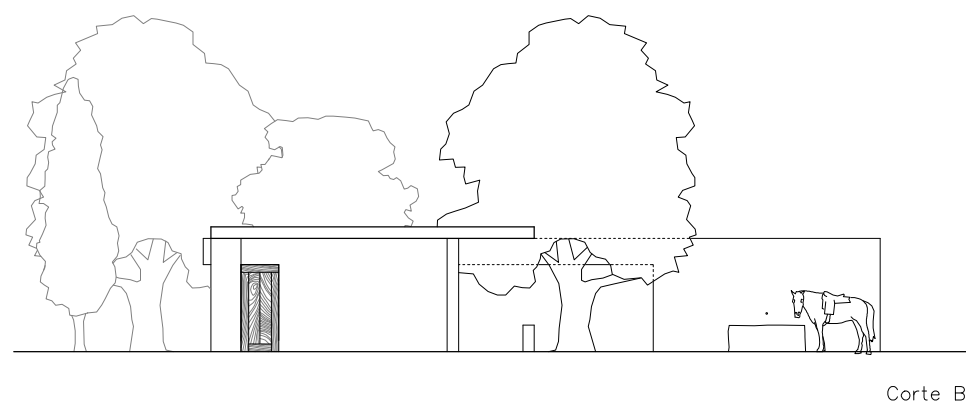
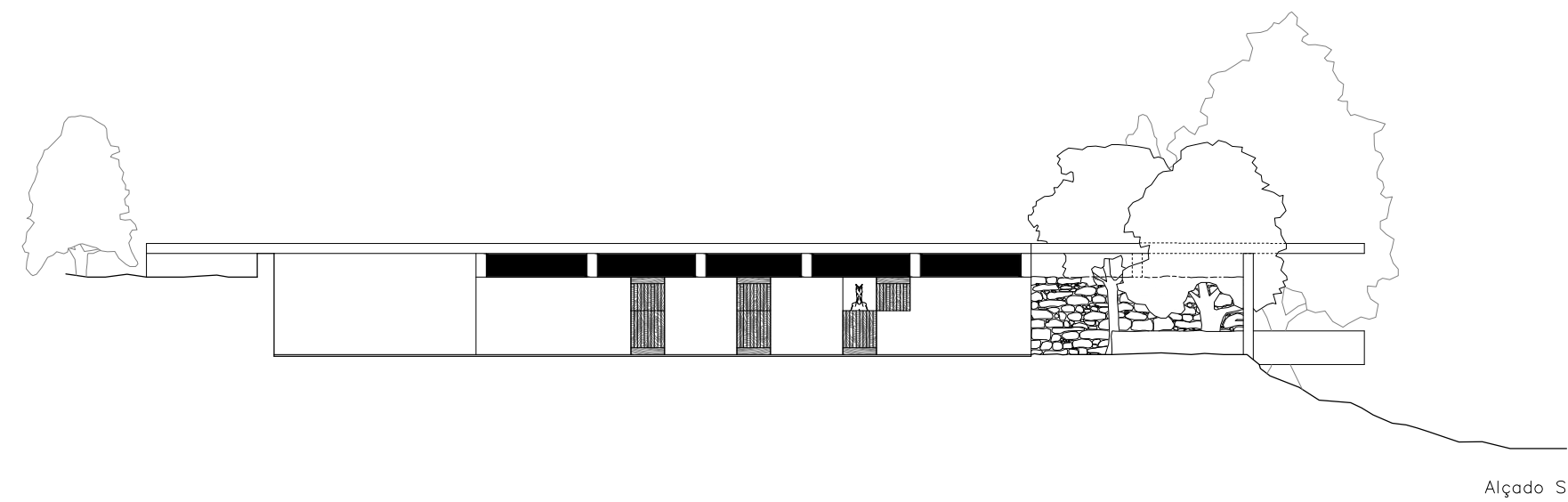
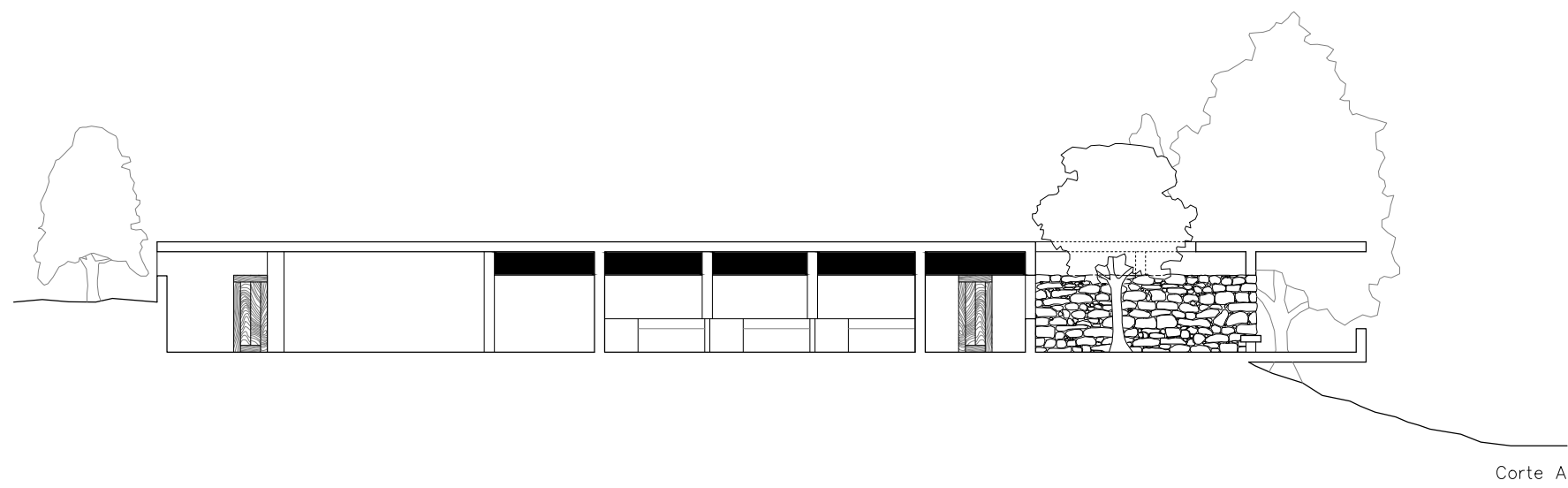
DESENHO DOS ALÇADOS:

Nesta fase do projeto, a medida lateral das boxes, apesar de estas serem uma peça fundamental no espaço interior, não era visível a partir do exterior. Assim, trouxe essa medida para os alçados, através dos pilares e dos vãos com a mesma dimensão que crio entre eles. Esse espaçamento é usado regularmente ao longo de todo o alçado Norte **[alçado N pag.167]** e é visível pelos vãos abertos entre os planos verticais e o plano horizontal da cobertura. Esta medida é usada como módulo que se estende desde o muro de sustentação até ao socalco, destacando-se em consola sobre a paisagem. A repetição do módulo usada, visível no alçado, provoca uma noção de ritmo de cheios e vazios, definindo planos e vãos, entradas e obstruções. Do lado poente do alçado vemos um grande vão, a entrada principal. A entrada secundária, do lado nascente do mesmo alçado, é mais pequena que a anterior. Como já explicado,

esta entrada dá acesso quer à casa de banho quer à varanda em balanço sobre o pasto. Vemos como a casa de banho esta concebida de forma a impedir (porque se encontra em frente à entrada secundária) a visão sobre o socalco das cavalições, não tirando protagonismo à entrada principal.

É notório que o alçado Sul **[alçado S pag.167]** apresenta bastante mais aberturas, estabelecendo, deste modo, maior relação com o socalco das cavalições. Como é possível ver no desenho do alçado, as três portas projetadas são de duas faces independentes, abrindo na totalidade ou parcialmente. Estas portas dão acesso às boxes. Do lado nascente deste alçado vê-se o tanque, adjacente ao plano que suporta a cobertura da varanda. Este tanque possui a mesma cota que a guarda da varanda.

No alçado Este, **[alçado E pag.167]** destaco o desenho do plano que suporta a cobertura, onde o tanque, do outro lado/atrás do plano, se localiza. Deste ponto de vista, o edifício é escondido pelas árvores, não tendo uma presença marcante na paisagem. Vemos ainda o desenho da janela da casa de banho que



	Cortes e Alçados das Cavalariças Proposta		Nome: Nuno Almeida	
			1/200	2016/2017
	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto		MIARQ	pag. 167

se abre para o pequeno pátio das cavaliças.

Por fim, o alçado Oeste **[alçado W pag.167]** é, dos quatro, o que menos presença tem na paisagem. O muro de contenção que suporta a cobertura esconde grande parte do edifício, só sendo possível ver a sala de arrumos, do lado Norte deste alçado, e o “armazém”, do lado Sul, sem vidro para que dentro dele haja ventilação.

PRIMEIRA FASE / PROPOSTA

A primeira localização da estufa foi no mesmo local onde, no projeto final da Quinta, se encontram as cavaliças. Nesta primeira fase do projeto, esta localização pareceu-me ideal devido à abundância de água assim como de árvores. Estas, em conjunto com a estufa, iriam transformar esta plataforma num lugar harmonioso em que o edifício contemplaria o espaço em concordância com a natureza à sua volta.

Assim sendo, nesta primeira fase, achei que a escolha do lugar para este projeto seria a ideal, pois deste modo poderia dar um novo uso a esta plataforma, uma vez que as “cavaliças” existentes seriam removidas. Nesta altura, mais do que retirar as “cavaliças” daquele espaço, pretendi alterar a área principal onde os cavalos costumavam andar em liberdade a fim de impedi-los de roerem dos troncos das árvores existentes, danificando-as. Esta área, na minha opinião, também não era suficientemente ampla para os mesmos. É certo que os cavalos pas-

savam grande parte do tempo no pasto do socalco inferior mas, quando regressavam às boxes, dispunham de uma área muito limitada.

É importante referir que, nesta primeira fase, os desenhos da estufa e das cavaliças foram simultâneos por ambas serem muito próximas.

O espaço foi sempre pensado como um todo. Assim sendo, indo de encontro à intenção da primeira planta de estratégia [img. 21 pag. 58], estabeleci uma ligação entre esta e ambas as plataformas que a limitam a Este e a Oeste: uma ligação à plataforma inferior, a nascente, através de umas escadas junto à entrada secundária das cavaliças da primeira proposta; e uma outra ligação à plataforma superior, próxima dos limites da estufa, que liga a estufa a um campo que seria usado para cultivar. Organizei assim dois espaços distintos, um mais ligado ao lazer, o da estufa, próxima da estrada interna da Quinta, com uma forte relação entre o socalco superior a Oeste, assim como com a envolvente, criando uma atmosfera própria, relacionada com o lazer, cultivo e trabalho da terra; outro espaço a Sul da estufa, um

espaço mais arborizado, de estar, com percursos entre as árvores, bancos de madeira e, ao fundo, um tanque redesenhado a partir do existente. Este tanque e o espaço à sua volta formariam uma zona comum, de comunicação entre a estufa e as cavalariças.

Para uma melhor compreensão deste programa e do espaço que o envolve, visitei algumas estufas, sendo o estudo das mesmas bastante útil para a compreensão genérica do que requer uma estufa.

Durante o estudo dos espaços que visitava, pude identificar dois tipos de estufas de carácter distinto: uma estufa de trabalho, pensada para o homem e para a utilização de equipamentos apropriados a este espaço, com mesas de trabalho no interior e várias mesas com plantas em vasos para mais tarde serem colocados no exterior; outra, uma estufa de “contemplar”, desenhada e pensada para proporcionar pequenos ecossistemas às plantas, por onde o utilizador pode deambular observando as plantas através dos percursos internos em volta dos canteiros. Este tipo de estufa, pela sua espacialidade e organização, constitui verdadeiros jardins de inverno.

ESTUFA DE CONTEMPLAÇÃO - CASO DE ESTUDO: ESTUFA DO JARDIM BOTÂNICO DO PORTO, CASA ANDRESEN

Uma das estufas que pude visitar, sendo bastante pertinente nesta fase do projeto, foi a estufa do Jardim Botânico do Porto, Casa Andresen.

[i133]



Esta localiza-se no meio de um grande jardim, onde há lagos artificiais, jardins românticos e uma grande diversidade de espécies, espaços e atmosferas. A estufa encontra-se na zona Sudeste do terreno, envolvida por catos a toda a volta. Esta área da Casa tem um caráter bastante exótico proporcionado por aquelas plantas, pelos pavimentos e por toda a envolvente do lugar.

Este é um dos exemplos de uma estufa de contemplação. A sua forma é arrojada, no entanto, muito equilibrada e proporcional, com estrutura de aço e cobertura de uma água [i133]. Apresenta dois corpos separados pela entrada principal, que se localiza no centro da estufa. A entrada é um volume mais baixo que divide a estufa em duas, criando duas áreas com climas distintos. A outra entrada encontra-se na extremidade do edifício, sendo uma entrada mais pequena e mais próxima da casa, com ligação a um lado único da estufa. No interior, há um percurso entre os canteiros, para o utilizador poder usufruir quer das plantas quer do edifício.

UM OLHAR “MODERNO” SOBRE O PROGRAMA - CASO DE ESTUDO: ESTUFA DA CASA DO VARANDÃO

Outra das estufas que visitei engloba-se também na categoria de estufa de contemplar. Encontra-se na Casa do Varandão, em Barcelos, estando um pouco mais dissimulada no espaço se a compararmos com o caso anterior. Foi necessário um olhar atento para a reconhecer, não porque esteja escondida, mas porque a sua volumetria não se assemelha à imagem de uma estufa convencional.

Penso que esta estufa não terá os mesmos resultados que outras na criação de um microclima no seu interior, pois só três dos seus lados são em vidro, deixando deste modo a cobertura e um dos alçados opacos. As faces em vidro são protegidas por um ripado em madeira, material também utilizado no teto do edifício [i134]. A estrutura da construção é em aço.

Esta estufa tem uma particularidade em relação às “estufas convencionais”, visto que não é unicamen-

[134]



[135]



te uma estufa mas uma construção engenhosa que permite esconder outro programa. De um dos lados do edifício, no alçado da entrada, há duas portas, sendo uma a entrada para a estufa e outra dando acesso à casa das máquinas da limpeza, aquecimento e filtragem de água da piscina da casa junto à qual a estufa se localiza. Há duas entradas para o espaço interior da estufa, uma na parede cega do edifício, e outra do lado oposto a esta, incorporada no alçado de vidro.

Outro aspeto importante desta estufa é que, junto à entrada, dispõe de um lavatório com acesso a água, recurso pertinente neste tipo de programa.

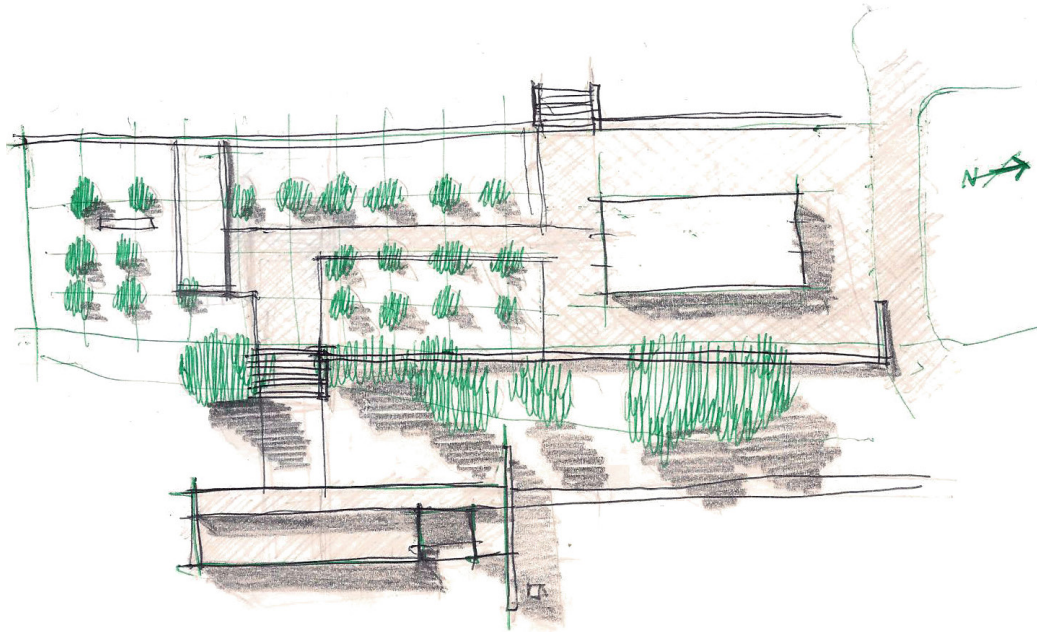
No seu interior não há bancadas de trabalho nem canteiros [i135], o que torna para mim ambígua a funcionalidade deste espaço. De qualquer forma, em minha opinião e como atrás referido, esta estufa aproxima-se mais daquilo a que posso chamar “estufa de contemplar”.

Por norma, quando iniciamos um novo projeto, independentemente do seu programa, somos tendencialmente induzidos a representar ideias através de esboços ou plantas. Contudo, acho igualmente válido começar um projeto por um corte. Traduzi as minhas primeiras ideias sobre a estufa através do desenho de um corte, pois preocuparam-me sobretudo as relações interesaciais verticais e volumétricas do edifício. Foram feitos vários cortes esquemáticos para, deste modo,

i133: fotografias da Estufa do Jardim Botânico do Porto

i134: vista exterior da estufa da casa do varandão

i135: espaço interior da estufa da casa do varandão



estudar as diversas formas que esta estufa poderia vir a assumir [i136].

A planta deste edifício seria “simples” e, ainda que não tivesse concebido uma forma para as paredes, sabia que o conjunto se iria circunscrever a um retângulo. Desenhei esse mesmo retângulo no espaço, com 7m por 15m, medidas que rapidamente se mostraram desapropriadas pela sua exagerada dimensão dadas as exigências do programa. Contudo, desenhei o espaço que envolvia a estufa definindo os limites e o desenho desta plataforma [i137]. Como já referi, do lado oposto ao da estufa, desenhei um novo tanque, substituindo um já ali existente por achar que este não apresentava as condições necessárias ao novo espaço. Tratava-se de um tanque escavado na terra, sem trazer nenhuma qualidade ou mais-valia a este lugar.

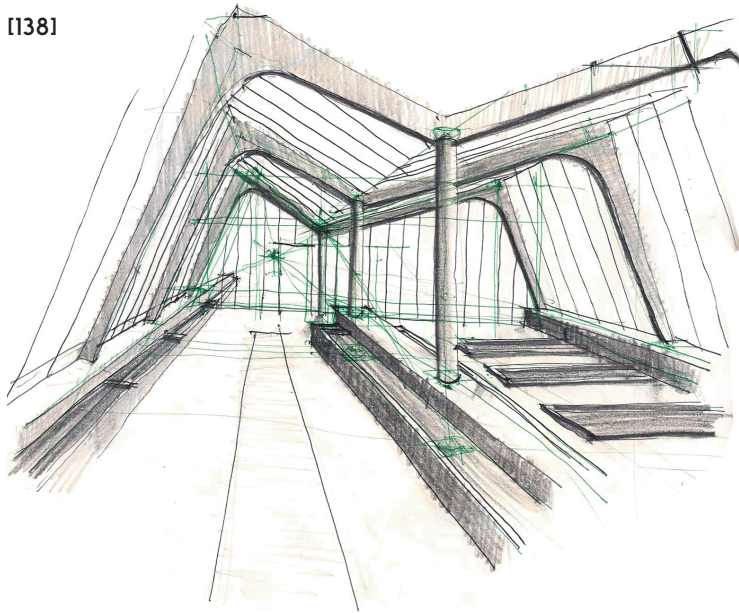
Desenhei um percurso entre as árvores que unisse todos estes elementos, as escadas, a estufa e o tanque, de modo a preservá-los. Um muro de contenção é lançado entre as escadas para as cavalariças e a até ao limite da estrada, alongando o espaço supe-

rior da plataforma em redor da estufa.

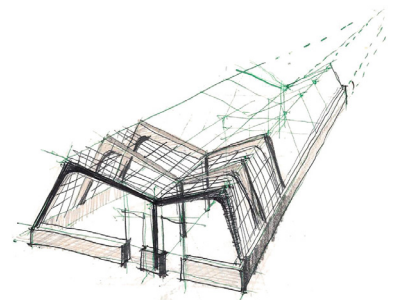
Através de um corte da estrutura desenhada e da multiplicação deste, defini a volumetria da estufa: um M assente sobre um murete sobre qual a estrutura assentava [i139].

Nesta primeira proposta, a estufa foi pensada para ser construída em aço ou mesmo em betão e vidro, com uma forma arrojada mas justificável. Com a cobertura em forma de M a água era conduzida através da inclinação desta para o centro da estufa. Ao longo da mesma vários pilares ocos transportavam a água recolhida para um depósito. Essa água seria mais tarde usada para regar as plantas que se encontravam no interior da construção [i138]. O principal problema deste artifício de rega é que, para que ele funcionasse sem que fosse necessária a utilização de motores para elevar a água, o tanque teria de estar imperativamente acima do nível das áreas a serem regadas.

[138]



[139]



SEGUNDA FASE / PROPOSTA

Quando as cavalariças passaram a ocupar o espaço onde, na fase anterior, se tinha projetado a estufa, esta passou para o patamar do socalco superior, local destinado a zona de cultivo [i140]. Assim sendo, juntei os campos e a estufa num patamar único, criando uma nova envolvente e uma nova atmosfera à volta da estufa intrinsecamente ligada ao cultivo. Deste modo, a estufa, vinda de uma “zona de lazer”, passou a integrar-se na zona de cultivo, fazendo logicamente ambas parte do mesmo programa. A volumetria manteve-se, contudo um dos problemas detetados na fase anterior, relativo à altura do depósito de água, foi repensada.

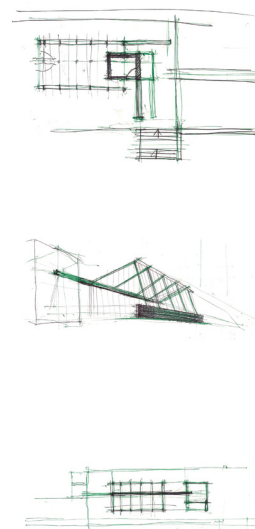
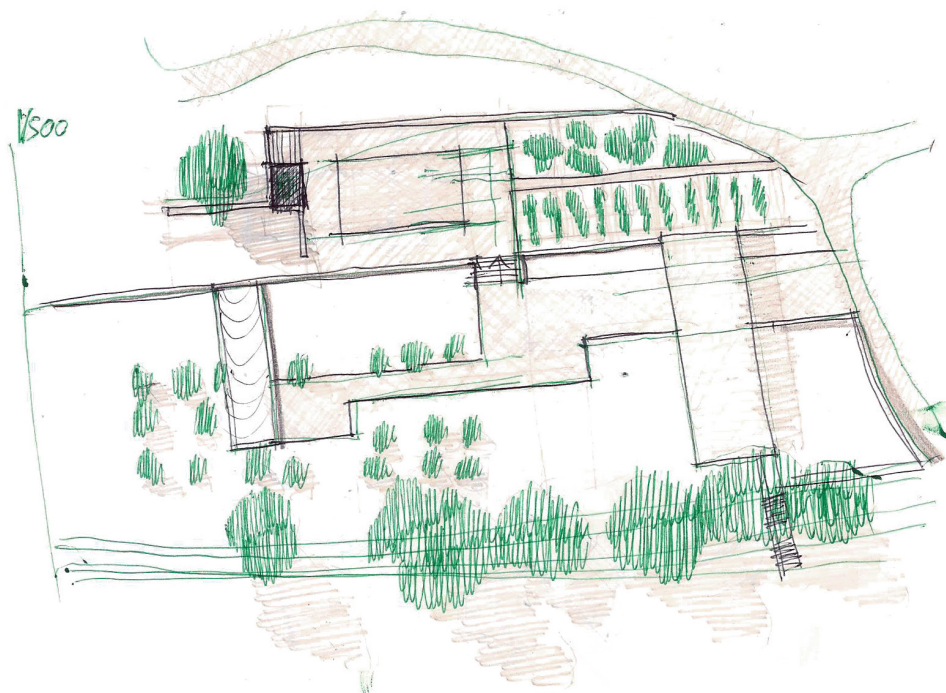
Experimentei usar alguns artifícios que me permitissem ter um depósito de água ao nível da cobertura e, utilizando este método, regar todas as plantas no interior da estufa. Num primeiro desenho em planta, incorporei esse volume e respetivo depósito dentro da estufa, com um acesso independente pelo exterior. Na zona inferior, o espaço seria aproveitado para guardar material de jardinagem; na parte superior do volume, a água enchia o depósito de rega. Quando o depósito estivesse cheio, a água seria encaminhada para o tanque do patamar inferior das cavalariças, seguindo um percurso natural. Experimentei colocar este volume/depósito em diferentes disposições, ora dentro da estufa,

i136: primeiros estudos para a volumetria em corte da estufa

i137: planta de coberturas da plataforma da estufa e relação com as cavalariças

i138: desenho de estudo do interior da estufa

i139: desenho de estudo da volumetria da estufa



ora fora dela, ora incorporado no desenho do muro [i141].

No início do projeto da estufa, este artifício pareceu-me uma mais-valia, mas com o decorrer do mesmo cheguei à conclusão de que seria mais um capricho formal do que uma necessidade. Depois de alguma reflexão, verifiquei que não seria necessária a existência deste depósito para armazenamento de águas pluviais, porque no terreno existe abundância de água.

Quando mudei a localização da estufa, passando-a da antiga localização para este socalco, esta opção não me pareceu a mais adequada, e foi em pouco tempo que a sua localização foi novamente alterada. O espaço onde a estufa estava nesta fase implantada já não me parecia tão promissor quanto o anterior e foi-me então sugerido pelo orientador que a localização da estufa fosse motivada pela conveniência da sua utilização, tornando-a mais próxima da casa da cliente.

ESTUFA DE TRABALHO - CASO DE ESTUDO: ESTUFA DA FUNDAÇÃO DE SERRALVES

Enquanto repensava as formas, as medidas e a localização do novo espaço, visitei a estufa contruída em meados do século XIX nos jardins da Fundação de Serralves. Encontra-se implantada no centro de um jardim de plantas aromáticas, o que é comum acontecer por se tratar de espaços relacionados com a natureza [i142]. Esta é uma estufa de trabalho, de construção tradicional, com mesas em betão no seu interior [i143]. É de base retangular e possui duas entradas localizadas nas extremidades longitudinais do edifício, uma virada para Sudoeste e outra para Nordeste. O edifício apresenta-se com cobertura de duas águas e uma estrutura em madeira criando a sua forma. O estudo da estrutura desta estufa foi bastante útil e conveniente para o meu projeto, pois ajudou-me a perceber como é que, no seu interior, as asnas de madeira se suportavam mutuamente, assim como as aberturas e vidros.

Esta estufa de madeira assenta a sua estrutura numa

[142]



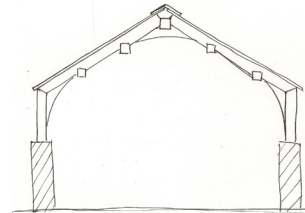
[143]



[144]



[145]



base maciça rebocada envolvida por heras que trepam pela sua base opaca [i144]. No seu interior há, a toda a volta, mesas onde as várias plantas crescem em vasos e, ao centro, duas mesas de trabalho, uma com terra, outra com vasos em manutenção. De um dos lados do edifício existe um pequeno móvel, com gavetas de pequenas dimensões onde se guardam sementes devidamente identificadas.

Também achei interessante nesta estufa a simplicidade e ao mesmo tempo a eficácia do mecanismo de abertura das janelas, ajustável, algo importante para a regulação da temperatura e ventilação do espaço interior.

Na representação do corte do edifício [i145] pude estudá-lo melhor, perceber como é que a respetiva asna foi pensada e como é que os vários perfis se encaixam uns nos outros. Neste edifício temos quatro madres de perfil quadrado, duas de cada lado e, no meio, uma cumeeira também ela de perfil quadrado. As asnas, por sua vez, estão apoiadas em cada extremidade da estufa. As madres apoiam-se sobre as pernas através de um encaixe que forma o negativo das primeiras. As cargas são depositadas lateralmente na madeira que, por sua vez, as deposita na base do edifício.

i140: planta de coberturas da estufa e relação com as cavaliças

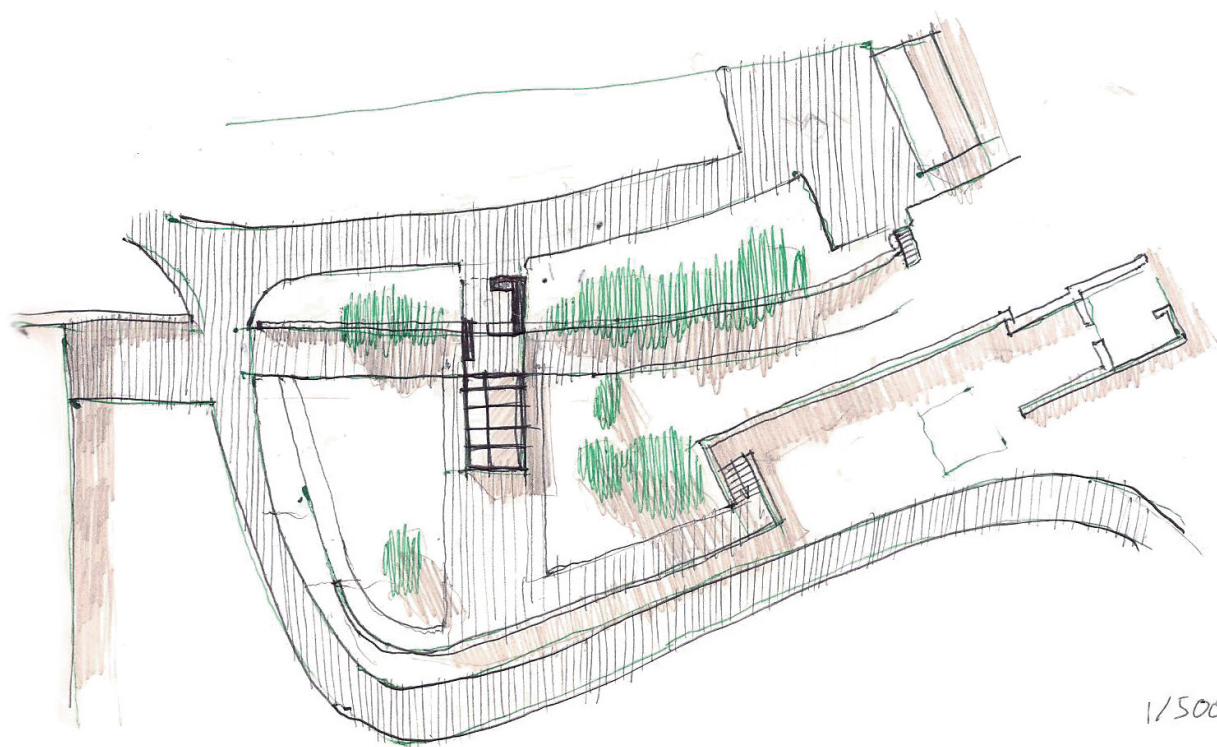
i141: desenhos de estudo para o depósito de água da estufa

i142: fotografia estufa da Fundação de Serralves vista ao longe

i143: fotografia do interior da estufa da Fundação de Serralves

i144: fotografia das paredes exteriores da estufa da Fundação de Serralves

i145: corte de estudo da estufa da Fundação de Serralves



TERCEIRA FASE / PROPOSTA

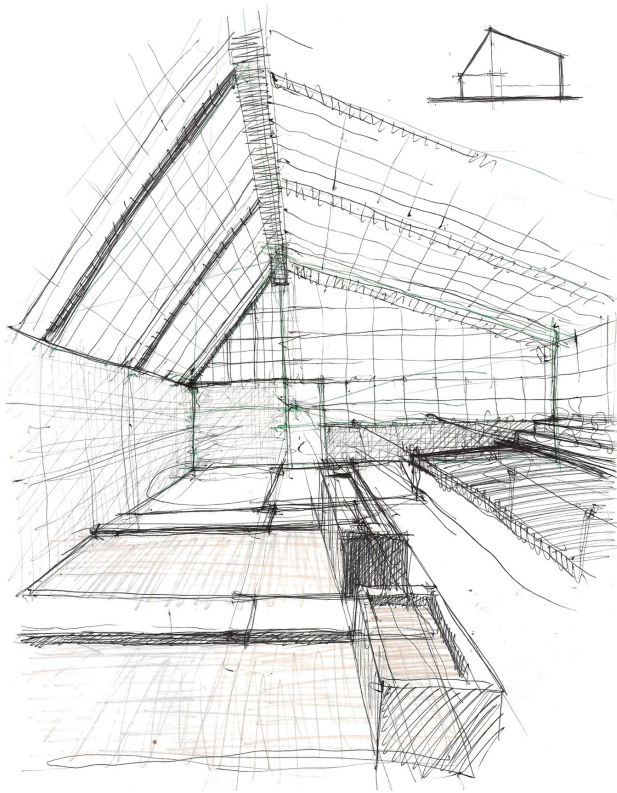
“A decisão por determinadas medidas dependerá do “quê” e do “para quê”. Dependerão da função, da construção, do contexto, da luz e da economia.”
[c30]

Como é possível verificar nas fases anteriores, este é um edifício cujo desenvolvimento tem mudado sucessivamente de acordo com os novos problemas que vão surgindo à medida que o projeto se aprofunda. Mais uma vez, nesta fase da proposta, desenhei a estufa mais próxima da casa, entre as cavalariças, a casa antiga, agora em ruína, e a habitação da cliente. Para relacionar esta nova estufa com a envolvente, desenhei ligações entre aqueles três edifícios. A estufa forma assim uma articulação entre as cavalariças, a casa e a ruína. A ligação quer à casa antiga quer à casa da cliente é feita através de escadas que vencem diferentes cotas impostas por muros e

pelo declive do terreno. Também é importante referir que a ligação a partir da estufa até às cavalariças é bastante direta, havendo uma relação de alinhamento entre os muros destes dois espaços (estufa e cavalariças).

Durante as várias fases da proposta para a estufa e quando iniciava cada uma delas, alterando a localização da mesma, focava-me sobretudo no desenho do espaço envolvente. A estufa seria um complemento do espaço de cultivo existente e assim deveria coexistir com ele e com a natureza de forma coerente e harmoniosa. Nesta nova localização, em volta da estufa prevê-se assim algum espaço para cultivo [i146]. Este foi um dos aspetos positivos que aproveitei da proposta anterior, adaptando-o a esta. Algumas das árvores de pequeno/médio porte que foram retiradas da plataforma das cavalariças para a construção da mesma e dos seus percursos, passam agora para o espaço em volta da estufa.

Nesta fase da proposta, a volumetria da estufa foi alterada, porque a da fase anterior se relevou de dimensões exageradas para o que o programa exigia.



Mais uma vez, para iniciar o desenho de uma nova estufa, recorri ao corte para pensar e representar a sua volumetria e deste modo passar para o papel algumas possíveis novas formas [i148]. Desta vez limitei-me ao desenho de uma cobertura de duas águas, fazendo deste modo o paralelo entre a forma da estufa mais tradicional e as coberturas das novas habitações, também elas de duas águas.

Para esta fase do trabalho, o anterior estudo da estufa dos jardins da Fundação de Serralves foi crucial. Desenhei um primeiro esboço para o espaço interno que o corte escolhido representava. Contudo, neste primeiro esboço da estufa [i147], esta ainda revelava uma exagerada volumetria, dimensão e ocupação do território, possivelmente ainda por influência das proporções das anteriores estufas desenhadas. Para o fim que o programa exigia com este edifício, o tamanho desta primeira proposta era exagerado. Como referi anteriormente, não pretendia uma estufa para produção em massa, mas, ao invés, uma estufa que juntasse a realidade do programa com a experiência turística do projeto da Quinta. Esta deveria ser capaz de proporcionar ao visitante a oportunidade de ter uma experiência relativa ao trabalho no campo, mas sem perder de vista as necessidades da cliente, ou seja, o objetivo de uma estufa capaz de produzir algum alimentos.

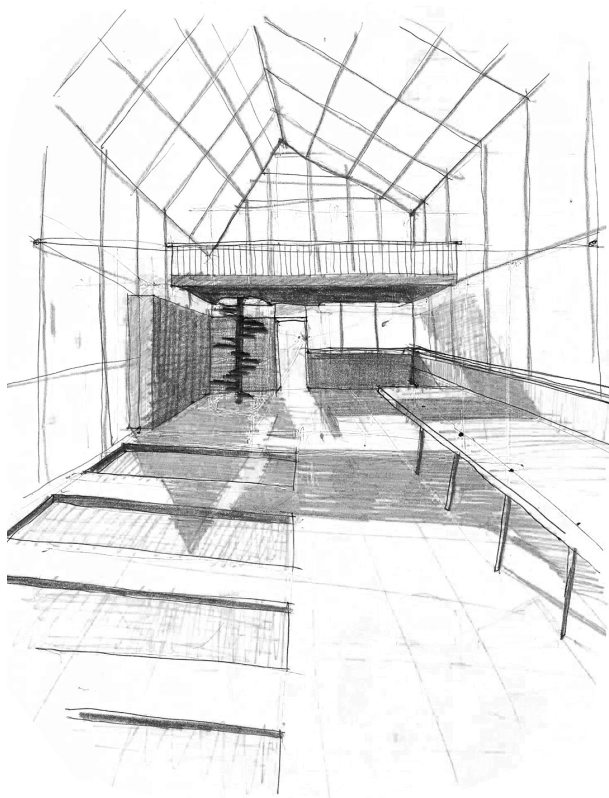
A estufa sempre foi, neste projeto, um edifício que transitou de forma em forma. Assim como a decisão sobre a sua localização que tardou

c30: BAEZA, Alberto Campo. *Pensar com as mãos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. Pag.46

i146: planta de coberturas da estufa

i147: desenho de estudo do espaço interno da estufa

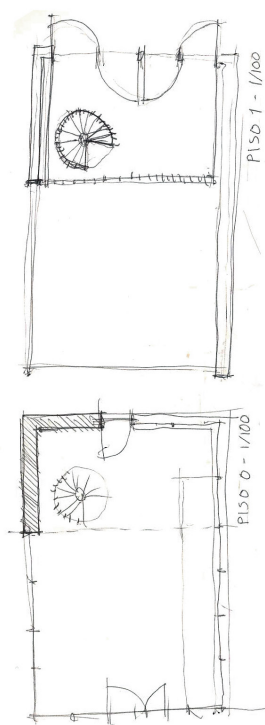
i148: desenho de estudo da em volumetria em corte da estufa



até finalmente se implantar no lugar que para mim acabou por definir-se como o mais indicado – junto à casa da cliente.

No capítulo 2 “A Quinta da Casa da Granja, considerações e caminhos até ao projeto – a ideia (pag32)” expliquei com detalhe o conceito da estufa. A sua volumetria esguia deve-se à imagem de um espigueliro que serviu de modelo para o desenvolvimento do projeto. Este corpo delgado deu lugar, no interior, à criação de uma estrutura de pé direito duplo que, por sua vez, me permitiu criar uma *mezzanine* sobre o interior da estufa [i149]. Esta varanda interna possibilitou a interligação entre a estufa e o socalco superior no qual a casa da cliente se localiza.

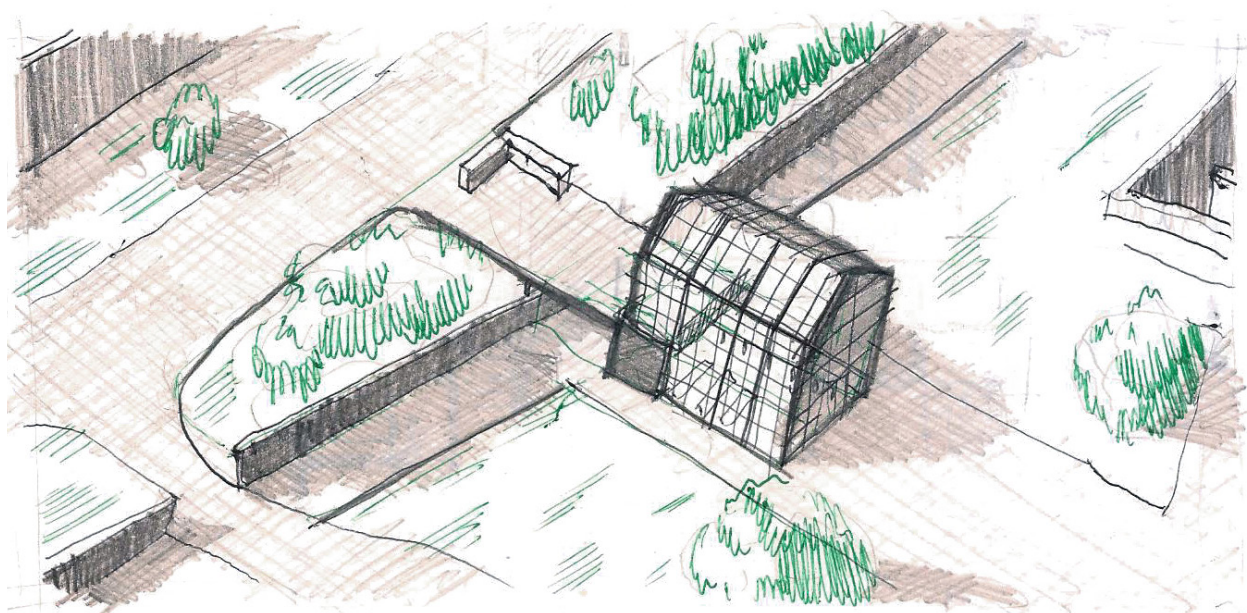
Ao imaginar o edifício no terreno, a minha primeira opção foi a de o aproximar encostando-o quase ao muro para que fosse possível pela cota superior, através da plataforma em balanço, aceder ao interior da estufa. Deste modo, esta plataforma permite estabelecer uma ligação mais direta entre os dois socalcos [i151], ao mesmo tempo que aproxima a casa da estufa por um percurso mais direto e interior.



No socalco superior, esta plataforma de acesso foi prevista como saindo da terra e como se a ela pertencesse. Penetra o interior da estufa, suportada por um contrapeso escondido pelo muro de sustentação da terra do socalco. Na plataforma, na parte superior, criei um espaço de transição com o interior, com canteiros, mesas e bancos. Há uma franca abertura controlada na relação entre estufa e a plataforma. Nesse alçado, pensei em portas que, como se mostra na planta do piso 1 [i150], se podem abrir na totalidade do vão, criando uma abertura igual à largura da estufa e prolongando, através da plataforma e deste contacto, o interior para o exterior e vice-versa.

Ainda nesta plataforma, mas dentro da estufa, podíamos ter a perceção, a partir de cima do espaço interno deste edifício, dos canteiros, das plantas a crescer e das mesas de trabalho. É através de uma escada em caracol que se comunica entre a plataforma em *mezzanine* e o piso térreo do edifício.

A citação com que começo o texto e esta fase da proposta, reflete a aprendizagem feita durante esta etapa do meu trabalho. Nesta fase, compreendi que



a medida e o programa estão intimamente relacionados. A medida é mais do que a área da construção, é o conjugar de outros fatores que variam desde a função ao contexto e ao preço.

Assim sendo, apesar de me agradar bastante o espaço desenhado pela sua relação com a envolvente e com o lugar - conseguindo criar um elemento que entra por outro em balanço, transmitindo a este plano horizontal uma extrema leveza - esta opção revelou-se pouco indicada principalmente pelos custos que envolvia, por contraste com os de construção da própria estufa.

Há momentos no projeto em que devemos refletir sobre a finalidade do edifício em causa e ponderar se decisões tomadas são efetivamente importantes para a compreensão geral do espaço. Apesar de aquela plataforma ter sido retirada do projeto devido à sua “medida”, a sua conceção e a conceção do espaço onde se integra foram importantes para a definição da volumetria da estufa, assim como para a definição do local de implantação do edifício que se manteve até ao projeto final.

i149: desenho do espaço interno da estufa

i150: planta do piso térreo e primeiro piso do edifício da estufa

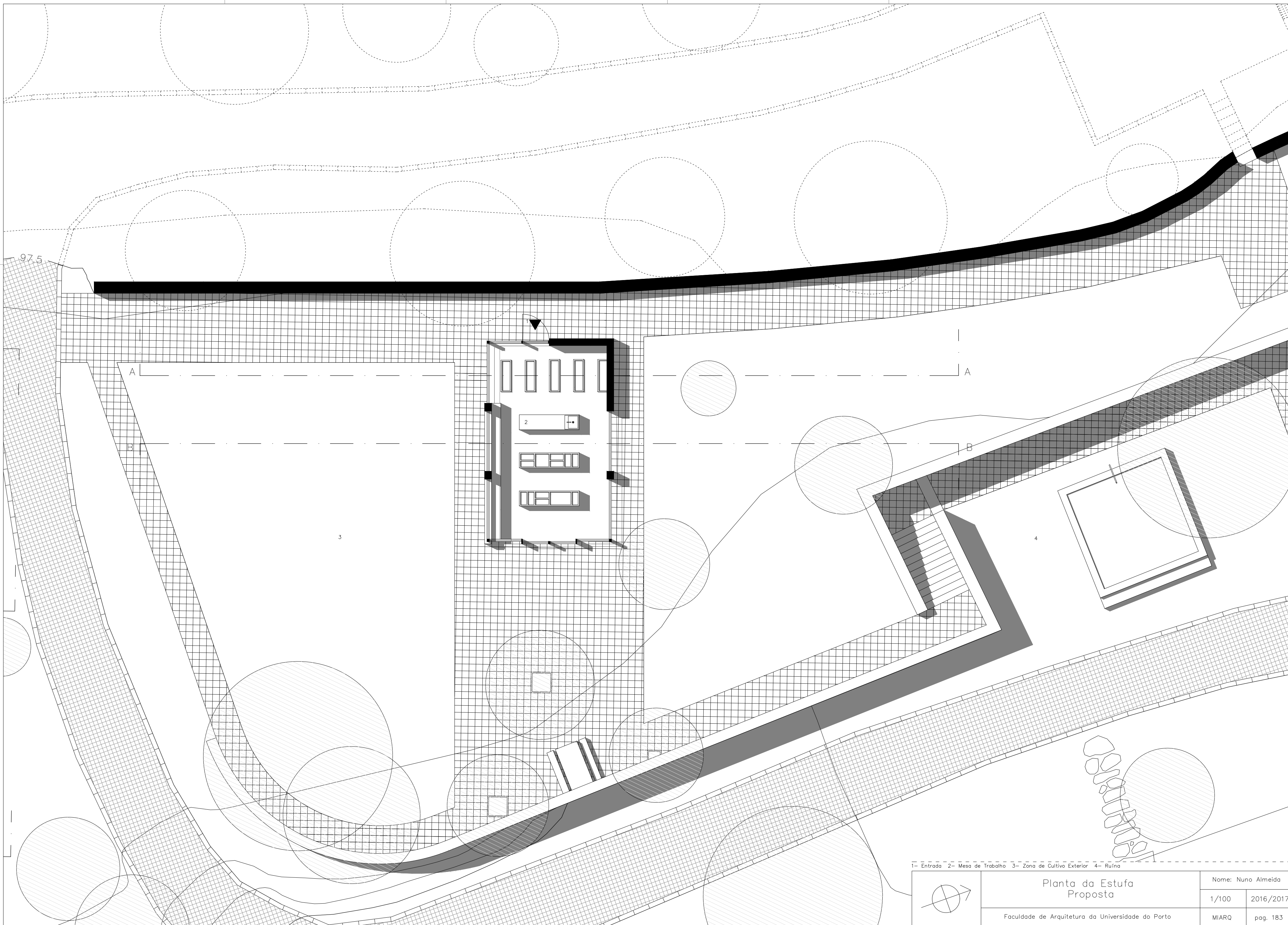
i151: desenho de estudo da relação entre os vários socacos e a estufa

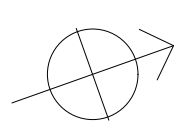
9.1 ESTUFA

projeto final

No projeto final do edifício da estufa esta localiza-se no centro do triângulo formado pela casa da cliente, a ruína da antiga casa e as cavalariças agora projetadas. O lugar foi escolhido pela proximidade com a casa da cliente, assim como pelo facto de nesta área do terreno já haver algumas árvores de fruto, que a meu ver são uma mais-valia para a localização deste tipo de programa. Deste modo, a estufa e o espaço circundante dominado por árvores de fruto relacionam-se mutuamente, o mesmo acontecendo com os restantes edifícios que os envolvem, quer por questões de alinhamento quer por proximidade. O alinhamento do muro encostado à estufa e o percurso que lhe é inerente estabelecem com as cavalariças uma relação de continuidade e unidade. Este alinhamento do muro era preexistente no lugar, embora não seja visível devido à apropriação daquele espaço pela natureza. É possível aceder à casa da cliente pela continuidade deste percurso que criei, encostado ao muro, através de escadas já existentes, localizadas a Norte da estufa no final deste trajeto. Estas escadas são atualmente usadas como acesso

pedonal rápido entre a casa e a entrada da Quinta, passando pela entrada do atual galinheiro, a ruína. Também foi tida em conta durante a definição desta área complementar à estufa a ligação entre esta e a ruína da casa, que é feita conectando diferentes cotas por meio de novas escadas que desenhei, incorporando-as na ruína, e que permitem o acesso à mesma. O tanque de água que projetei para a intervenção na ruína, assim como um outro existente junto à casa da cliente, sendo em ambos audível o som da água corrente, preenchem o espaço envolvente da estufa que se localiza entre estes. O som da água que se espalha em todas as direções, juntamente com o som dos cavalos ao longe e o dos pássaros que vagueiam pelas árvores deste socalco traz uma sensação de bem-estar e tranquilidade a este espaço, conferindo-lhe uma agradável sonoridade. A estufa e o espaço que a envolve formam ao mesmo tempo um lugar de trabalho e lazer e ainda um espaço de estar, apresentando uma mesa e bancos que permitem um olhar sobre a paisagem. Um muro novo foi criado, completando o muro de



1- Entrada 2- Mesa de Trabalho 3- Zona de Cultivo Exterior 4- Ruína		Nome: Nuno Almeida	
	Planta da Estufa Proposta		1/100
	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto		pag. 183

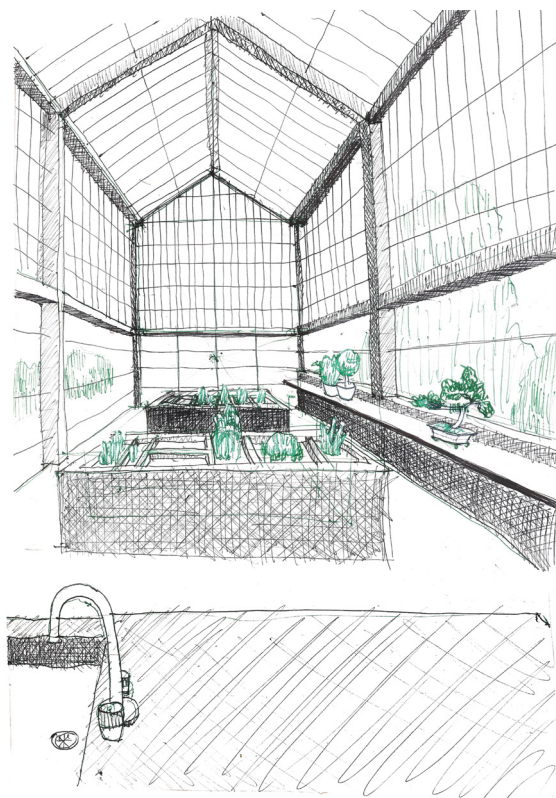
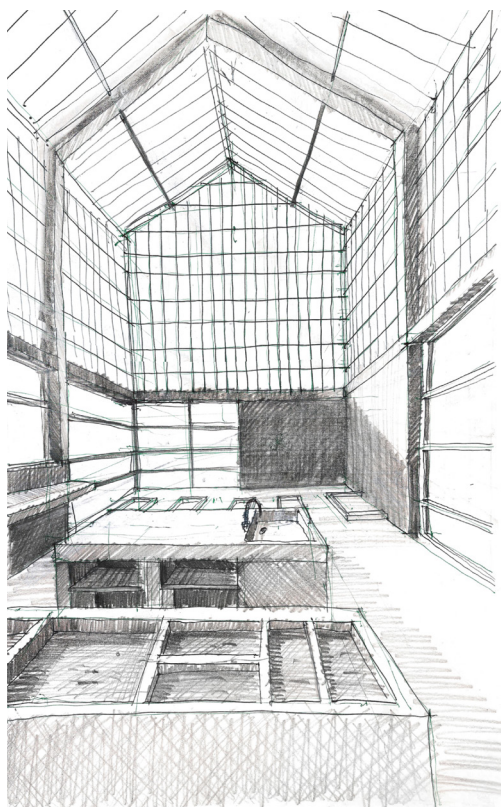
contenção que parte das paredes da ruína, elevando-o em altura e formando uma guarda, a fim de permitir que este espaço se torne mais seguro para aqueles que o usam.

c31: MOREIRA, Cristiano José de Sousa. *Reflexões sobre o método*. 2ª ed. Porto: Faup Publicações, 1994. Pag.37

“A problemática da criação é importante para toda a invenção humana desde uma máquina a uma teoria científica ou uma obra de arte, mas todas elas nascem a partir duma ideia e é à volta dela que se desenvolvem.” **[c31]**

Mais uma vez e como foi explicado no capítulo 2 “A Quinta da Casa da Granja, considerações e caminhos até ao projeto – a ideia (pag32)”, a volumetria final da estufa é inspirada na forma esguia de um espigueliro com um telhado de duas águas. Creio no entanto que o resultado final não terá que corresponder por completo à imagem “literal” do conceito usado.

Para mim, a ideia é uma forma de abordar o problema do programa e da sua espacialidade, não tendo necessariamente estas últimas que ser uma concretização cabal dessa ideia/conceito. A ideia é uma fonte de inspiração e reflexão e pode exprimir-se através das mais diversas formas e objetos. Por exemplo, as escamas de um peixe podem transfigurar-se e transitar, por hipótese, para o desenho de um azulejo mi-



metizando a sobreposição ou forma das escamas. A ideia é uma ferramenta útil e recorrente na prática projetual, sendo necessariamente utilizada pelos arquitetos, e pode inspirar-nos, por exemplo, no que respeita à volumetria, a um detalhe visível na obra ou permanecer meramente como uma visão pessoal não concretizada e sem relação aparente com o projeto.

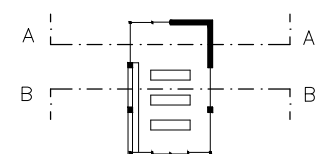
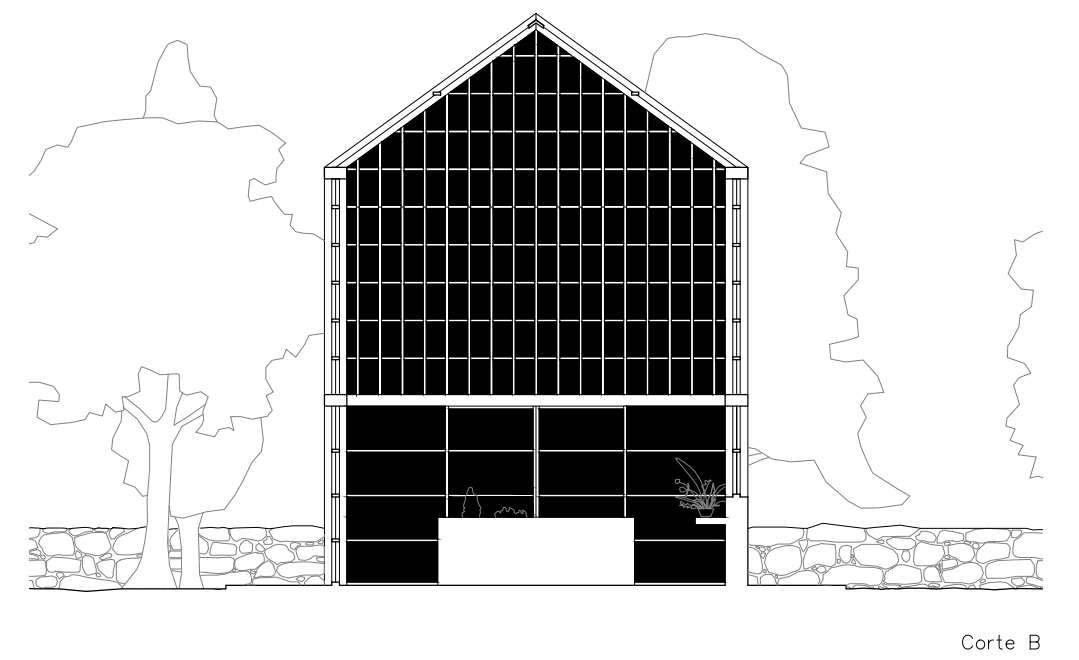
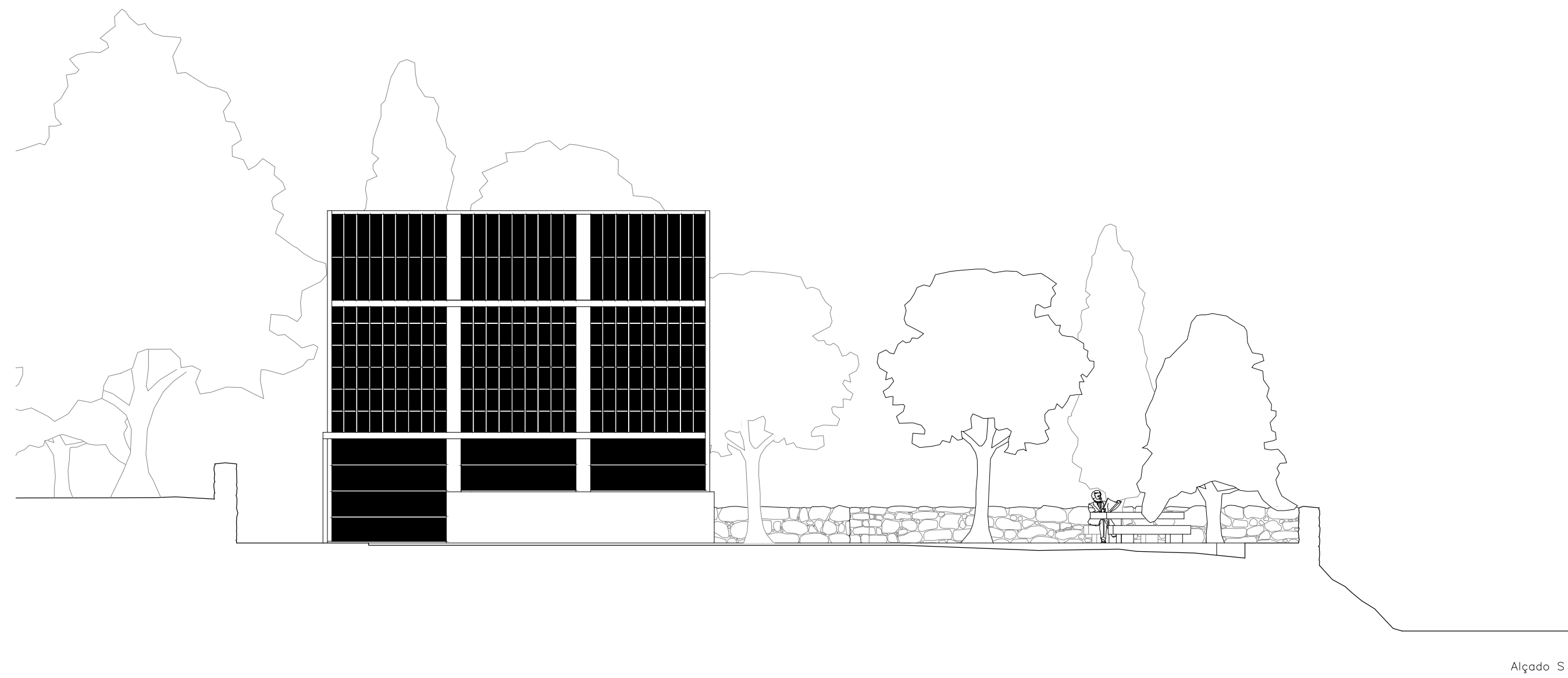
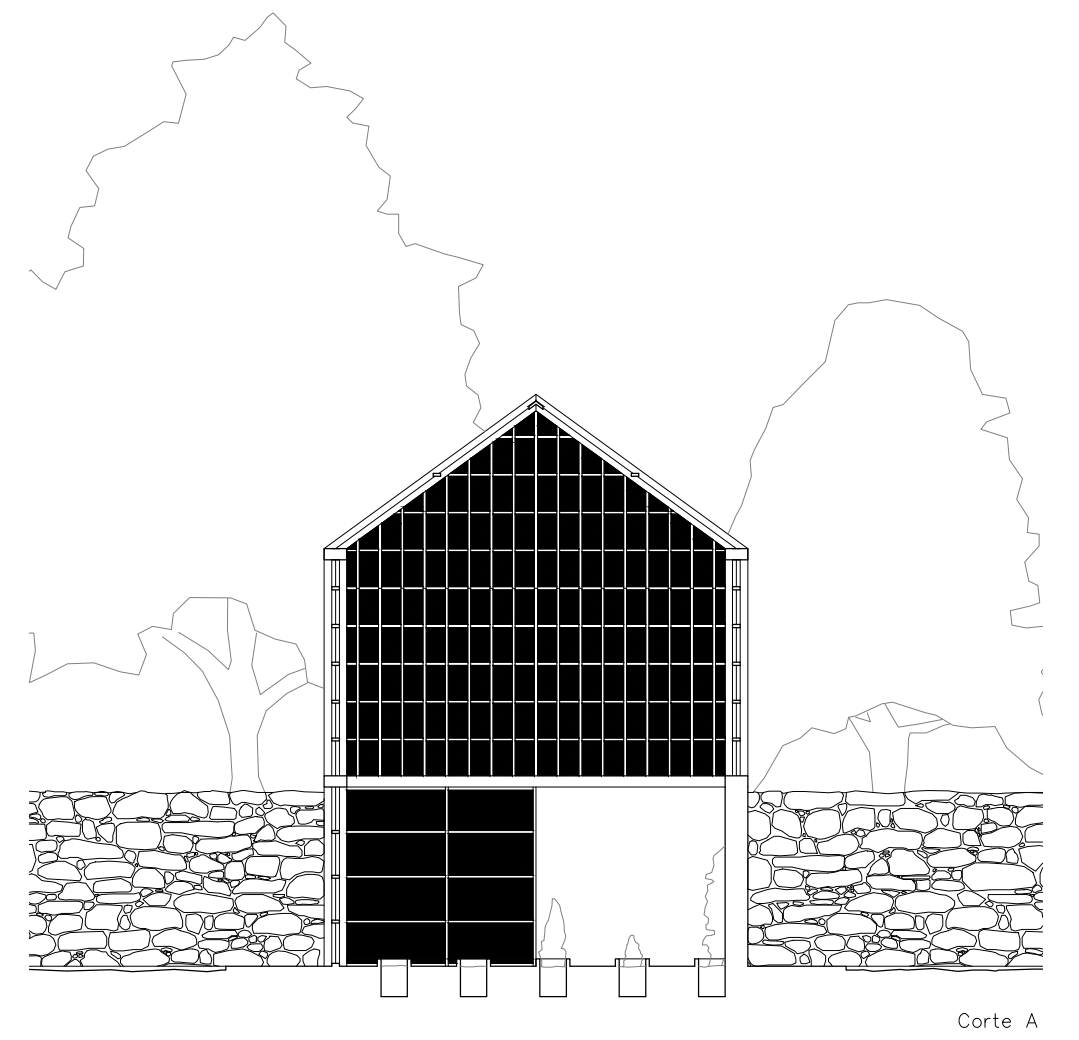
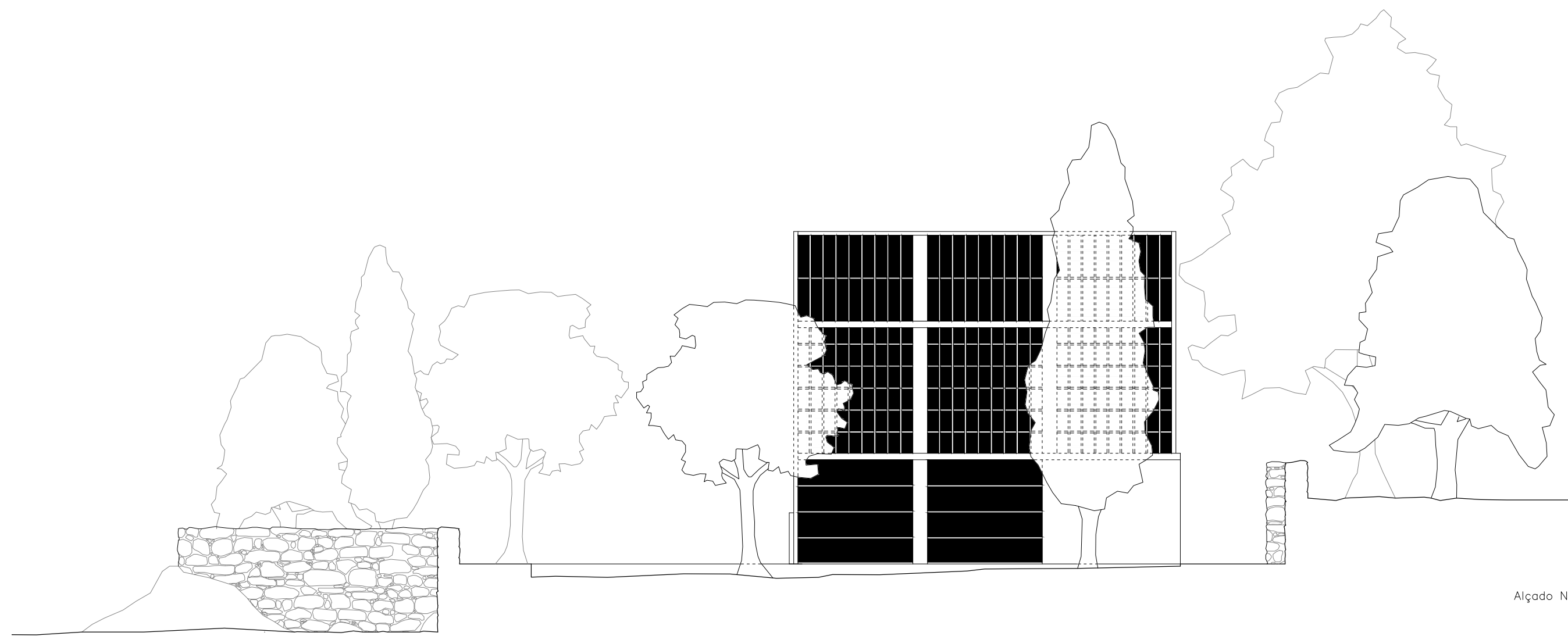
A estrutura desta estufa é em aço devido a tratar-se dum material leve e resistente. O vidro, material quase obrigatório neste tipo de construção, é naturalmente usado, bem como o tijolo rebocado pontualmente utilizado nas paredes e muretes da estufa. A estufa tem duas entradas, uma do lado Oeste, virada para o muro de contenção, e uma outra na extremidade oposta à primeira, virada a Este. Deste lado, o pavimento exterior é empedrado em toda a sua extensão até ao muro, junto ao qual é possível, sentando-se o utilizador numa mesa localizada entre três árvores, contemplar a paisagem à sua frente e usufruir da sombra por elas proporcionada.

No interior da estufa há uma mesa de trabalho com

um lavatório numa das suas extremidades [i152]. Existem ainda mais duas mesas, com canteiros embutidos no seu próprio desenho, para a plantação de plantas rasteiras (isto é, salsa, manjeriço, morangos, malaguetas, entre outros). Irá proporcionar-se ali um microclima que permitirá a produção durante todo o ano, ao invés do que aconteceria se as plantas se encontrassem no exterior, dependentes da sazonalidade. Existem ainda uma outra bancada junto à janela, virada a Sul, onde se poderão colocar vasos que mais tarde poderão ser transplantados para o exterior. Junto à entrada a norte, organizei uma série de canteiros ao nível do chão para outros tipos de cultivo nomeadamente o de plantas que cresçam em altura. Devo salientar que um destes canteiros se encontra propositadamente encostado à parede tirando partido desta para que ali se possam plantar algumas plantas trepadoras ou que necessitem de sustentação, devido ao seu tipo ou à sua altura.

DESENHO DOS ALÇADOS

Como já referi a estufa tem duas entradas, a Oeste



	Cortes e Alçados da Estufa Proposta		Nome: Nuno Almeida	
			1/100	2016/2017
	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto		MIARQ	pag. 187

e a Este. A primeira **[corte A pag. 187]** é a entrada mais conveniente por se encontrar junto ao percurso ladeado pelo muro, que faz a ligação entre a casa e as cavaliças e por isso a mais próxima da casa da cliente. A outra entrada, do lado Este, **[corte B pag. 187]**, é constituída por duas portas de correr que se abrem em toda a sua extensão para permitir uma relação franca entre o interior e o exterior, mas também para possibilitar a entrada fácil de plantas ou material de jardinagem.

A partir dos alçados Norte **[alçado N pag. 187]** e Sul **[alçado S pag. 187]** é possível verificar que a estufa foi dividida longitudinalmente em três, sendo essa marcação acentuada por vigas de aço. Tentei para o alçado Sul o máximo possível de exposição solar. O murete, baixo, é o único elemento que produz sombra no interior; contudo, aproveitando a altura deste, é aqui que se encontra a bancada para colocar alguns vasos. Ainda neste alçado, na extremidade Oeste, o vão estende-se até ao chão. Atrás deste vão, no interior, encontram-se os canteiros já referidos, ao nível do chão. A sua localização é pertinente para permitir a entrada da luz solar necessária às plantas. No alçado Norte, há um vão que foi totalmente “tapado” por um plano, que constitui uma parede à qual um dos canteiros ao nível do chão se encosta. Este plano desenha um L que contorna o edifício até o alçado Oeste.

i152: desenhos do espaço interno da estufa

CONCLUSÃO

A presente dissertação aborda o tema da reabilitação da Quinta da Casa da Granja, em Brito, no concelho de Guimarães. Este é, assim, o objeto do desenvolvimento deste trabalho, embora sejam nele debatidos outros temas inerentes à reabilitação e ao processo de projeto/projetar.

Numa fase inicial, foi para mim muito interessante trabalhar com assuntos relativos a legislação. Através do estudo de leis publicadas em Diário da República e relativas ao Plano Diretor Municipal do concelho de Guimarães, fui capaz de, após avaliar as condicionantes impostas, afinar a concretização do programa preliminar proposto pela cliente. Projetei uma intervenção no sentido de trabalhar não só com cada equipamento do programa, mas também de inseri-lo num conjunto unitário de intervenção e reabilitação da Quinta, respeitando no programa-base por mim proposto as condicionantes legislativas do turismo rural. A definição deste programa-base só foi possível dada a sugestão/exigência, por parte do meu orientador, de que trabalhasse segundo condicionantes reais, com regras estabelecidas pelo Plano Diretor Municipal do concelho de Guimarães, o que levou o trabalho a seguir uma direção em parte diferente, mas paralela à proposta pela cliente.

Ainda nessa fase inicial tive alguma dificuldade em trabalhar sobre o terreno da Quinta, dada a sua grande dimensão, uma vez que a área total era tão vasta que possibilitava uma infinidade de localizações para a implantação dos equipamentos do programa.

Para manter um carácter unitário na intervenção, surgiu inicialmente como uma prioridade pensar na proposta apenas enquanto projeto de intenções (como abrir/fechar, ligar, articular, unificar, construir, reabilitar) não projetando logo à partida quaisquer edifícios. Esta abordagem, após o desenvolvimento de uma planta conjunta de análise dos vários espaços da Quinta, ajudou-me a organizar uma planta de estratégia para a proposta e, após esta, os edifícios puderam começar a ganhar forma.

A planta de estratégia para a reabilitação da Quinta foi o principal fator que permitiu que a intervenção resultasse numa proposta unitária, pois com ela desenhei e organizei os espaços envolventes de cada elemento do programa, assim como as suas ligações. Esta planta permitiu-me também que os vários edifícios, apesar de terem sido trabalhados individualmente, pudessem fazer parte de um conjunto e, deste modo, o desenho geral da Quinta fosse um trabalho em constante mutação e atualização.

Estas plantas revelaram-se bastante importantes, pois nunca me permitiram perder de vista a linguagem comum que deveria utilizar para os vários equipamentos, mesmo que eles apresentassem programas, formas ou materiais por vezes tão díspares. Essas mesmas plantas também possibilitaram que os diversos equipamentos do programa se articulassem entre si.

A proposta para a reabilitação da Quinta da Casa da Granja teve como principais focos de incidência os

edifícios que formam o programa-base, durante o trabalho discriminados (Reabilitação da Ruína, Habitações, Cavaliarias e Estufa). Em cada uma destas construções é possível comprovar que a localização das mesmas na primeira fase/proposta não foi a utilizada na fase final do trabalho. Este repensar constante da localização dos edifícios foi um processo bastante importante para uma boa prática arquitetónica, e de certo modo “ambiental”. Não me contentando com as primeiras ideias e localizações pensadas, pude privilegiar uma melhor apropriação do espaço, o que só foi possível concretizar ganhando ao longo do tempo uma maior sensibilidade e uma maior capacidade de reflexão sobre o lugar.

A constante comparação entre as fases de processo e o desenho da geral da Quinta tornou-se não só uma necessidade, mas uma obrigação, o que levou a proposta a ser espacialmente funcional na escolha e localização dos equipamentos. Ou seja, a implantação dos edifícios privilegiou, na sua localização, a utilização dos mesmos no dia-a-dia da cliente, aproximando-os ou afastando-os da casa atual da mesma.

Também os desenhos/esboços ou os de notação rigorosa, assim como *maquetes*, foram uma ferramenta preciosa para a compreensão do espaço da Quinta e para o desenvolvimento adequado da proposta.

Preocupe-me não só com a funcionalidade e articulação dos espaços internos dos projetos realizados, mas também com a relação destes com o exterior e com os restantes edifícios do programa.

A preocupação em relacionar os projetos com o lugar potencializou o seu resultado final. Para isso utilizei materiais da região, inserindo os projetos no espaço envolvente. Os enquadramentos provocados quer pelos vãos dos edifícios, quer pelos espaços resultantes dos volumes dos mesmos, ou ainda dos enquadramentos “naturais” existentes (entre os troncos e copas das árvores, por exemplo) foram tema de projeto como demonstrei ao longo do trabalho apresentado. Os enqua-

dramentos referidos integraram parte das reflexões projetuais, com a finalidade de relacionar, obviamente, o edifício com o espaço da Quinta, mas tendo como foco a relação entre o utilizador e o *lugar*. Esta dissertação representou um assimilar de vários conceitos e ideias. Ao trabalhar com um programa que nunca antes tive a oportunidade de desenvolver, as dificuldades encontradas foram várias. Contudo, essas mesmas dificuldades foram gradualmente superadas ao visitar edifícios com o mesmo programa que o dos edifício que projetei. Essas visitas e a aprendizagem delas resultante foi um dos principais fatores que contribuíram para o desenho dos vários edifícios. Com elas pude apreender conhecimentos com os seus utilizadores, transpondo-os para a minha prática projetual. Essa busca de uma aprendizagem com aqueles que “habitam” os edifícios representará para mim um aspeto e uma necessidade obrigatórios em futuros projetos.

Esta dissertação foi um trabalho demorado, ao qual dediquei muitas horas de estudo, de desenho projetual, de leitura e de redação, sempre na procura de uma resposta aos problemas às dificuldades e dificuldades surgidos no seu desenvolvimento. Os vários livros, textos ou artigos referenciados tornaram a reabilitação da Quinta da Casa da Granja um projeto mais fundamentado e coerente, mesmo que muitas vezes não existisse uma relação direta entre os textos lidos e analisados e o projeto em questão. Desta forma, as ideias transmitidas por esses mes-

mos textos permitiram-me aprofundar questões e ideias de projeto que fui debatendo e usando como referência.

Estes processos de leitura, que indiretamente se refletem em todo o trabalho, foram bastante importantes para uma correta aprendizagem da qual resultou o projeto final da Quinta que provavelmente não será concretizada em obra edificada. Ficou a experiência, a aprendizagem e a reflexão sobre o processo de projeto.



Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Desenho feito durante o processo de trabalho da presente Dissertação

Aquarela (17x13,5 cm)

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- ALMEIDA, José António Ferreira de. *Tesouros artísticos de Portugal*. 2ª reimpressão. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1976.
- ANDO, Tadao. *Conversas com Michael Auping*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.
- BAEZA, Alberto Campo. *A ideia construída*. 2ª ed. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008.
- BAEZA, Alberto Campo. *Pensar com as mãos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011.
- BRAGANÇA, D. Diogo de. *Arte equestre: Pícaria Antiga Equitação Moderna*. Lisboa: Inapa, 1997.
- BUENDÍA, José María; EGUIARTE, Guillermo; VERA, Juan Palomar. *Luis Barragan*. México: Editorial RM, 2001.
- COBBERS, Arnt. *Breuer*. Lisboa: Taschen, 2009.
- CRAVIDÃO, Fernanda; SANTOS, Norberto. *Turismo e cultura: destinos e competitividade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. *A Origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- JENCKS, Charles. *Movimentos modernos em arquitectura*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- KAHN, Louis. *Conversa com Estudantes*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- KASTENHOLZ, Elisabeth; EUSÉBIO, Celeste; FIGUEIREDO, Elisabete; CARNEIRO, Maria João; LIMA, Joana. *Reinventar o turismo rural em Portugal: cocriação de experiências turísticas sustentáveis*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2014.
- LE CORBUSIER. *Conversa com os estudantes das escolas de arquitectura*. 3ª ed. Lisboa: Cotovia, 2003.
- LE CORBUSIER. *Precisões sobre um estado presente da arquitectura e do urbanismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- MOREIRA, Cristiano José de Sousa. *Reflexões sobre o método*. 2ª ed. Porto: Faup Publicações, 1994.
- NEVES, José Manuel das. *Serralves: a fundação, a casa e o parque, o museu, o arquitecto, a colecção, a paisagem*. 1ª ed. Porto: Fundação de Serralves, 2002.
- PORTAS, Nuno; GOMES, Paulo Varela. *Casa de Chá da Boa Nova: 1958-1963*. Lisboa: Blau, 1999.
- RASMUSSEN, Steen Eiler. *Viver a arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.
- REED, Peter. *Alvar Aalto: Between humanism and Materialism*. New York: The Museum of Modern Art, New York, 1998.
- RISPA, Raul. *Barragán: Obra Completa*. 2ª ed. Lisboa : Dianlivro, 2003.

- SAITO, Yutaka. *Luis Barragán*. 1ª ed. México: Noriega, 1994.
- SILVA, Jorge Henrique Pais da - *Dicionário de termos de arte e arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.
- SIZA, Álvaro. *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- SIZA, Álvaro. *Uma Questão de Medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009.
- TÁVORA, Fernando - *Da organização do espaço*. 3ª ed. Porto: Faup Publicações, 1996.
- TANIZAKI, Junichiro - *Elogio da sombra*. Lisboa: Relógio d'gua, 2008.
- TRIGUEIROS, Luiz. *Fernando Távora*. Lisboa: Blau, 1993.
- WESTON, Richard. *Alvar Aalto*. London: Phaidon, 1996.
- ZUMTHOR, Peter. *Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.
- ZUMTHOR, Peter. *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.
- ZEVI, Bruno - *Saber ver a arquitectura*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TRABALHOS ACADÉMICOS

- BICAS, Joana Mafalda de Freitas Farinha. *Lugar: projecto, construção e memória: entre a contribuição e a pertinência*. Porto: Faup, 2016.
- LUÍS, Ana Rita Rosa. *A arquitectura no espaço agrícola: intervenção na Quinta da Mesquita*. Porto: Faup, 2016.
- LUÍS, Ana Rita Rosa. *A arquitectura no espaço agrícola: intervenção na Quinta da Mesquita*. Porto: Faup, 2016.
- OLIVEIRA, Marta Maria Peters Arriscado de. *Arquitectura Portuguesa do tempo dos descobrimentos: assento de prática e conselho cerca de 1500*. Porto: FAUP, 2004.
- PEIXOTO, Helena Joana Lemos. *Faça-se luz, e a luz foi feita: análise e reflexão sobre o uso da luz na três igrejas de Agostinho Ricca*. Porto: Faup, 2013.
- SEIXAS, Cátia Dulce Souto. *A quinta da casadeira no Dão: o levantamento como primeira ação de projeto*. Porto: Faup, 2015.

REVISTAS E JORNAIS

- SIZA, Álvaro. Revista Visão / Sete (Nº 1212, 26/5 a 1/6/16, pag. 28)
- SIZA, Álvaro. Revista Visão (Nº 1214, 9/6 a 15/6/2016, pag. 86)
- SIZA, Álvaro. Revista Visão / Sete (Nº 1215, 16/6 a 22/6/16, pag. 23)
- HENRIQUES, Ana Maria. Jornal Publico (Nº 9363, 3/12/2015, pag. 10)

INTERNET

- <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2238/1/comunica%C3%A7%C3%A3o%20TERN.pdf>
- <https://www.dezeen.com/2016/12/07/marte-marte-architects-concrete-wood-horse-veterinary-practice-austria-alps/>
- <https://www.dezeen.com/2013/09/28/caballeriza-la-solana-horse-stable-by-nicolas-pinto-da-mota/>
- <http://www.carloscastanheira.pt/pt/arquitectura/projectos/centro-hipico-empreendimento-agro-pecuario>
- <https://docs.google.com/file/d/0B0oJkXFn5m1XTm5ySjFGeVZDVTQ/edit>
- <https://www.google.pt/maps/@62.1403965,25.7692137,3a,75y,245.15h,87.09t/data=!3m7!1e1!3m5!1sEkUWO5bvAqqSfOrur8Z52w!2e0!3e5!7i13312!8i6656>

ÍNDICE DE IMAGENS

- 1 – Fotografia da autoria do autor
- 2 – Fotografia da autoria do autor
- 3 – Fotografia da autoria do autor
- 4 – Fotografia da autoria do autor
- 5 – Fotografia da autoria do autor
- 6 – <http://quieneson.com.mx/2017/03/09/arquitecto-luz-color/>
- 7 – https://www.google.pt/search?q=fedex&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjrqcz5y97VAhWJXBoKHesdAyUQ_AUICigB&biw=1920&bih=974
- 8 – Fotografia da autoria do autor
- 9 – Fotografia da autoria do autor
- 10 – Fotografia da autoria do autor
- 11 – Fotografia da autoria do autor
- 12 – <http://www.porto24.pt/memoria/um-campo-de-trigo-de-silva-porto/>
- 13 – <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/alberto-caeiro.htm>
- 14 – Planta fornecida pela Câmara Municipal de Guimarães
- 15 – Planta fornecida pelo Arquiteto Sérgio Bastos
- 16 – Desenho da autoria do Autor
- 17 – Plantas da autoria do Autor
- 18 – Planta de condicionantes fornecida pela Câmara Municipal de Guimarães
- 19 – Planta de ordenamento fornecida pela Câmara Municipal de Guimarães
- 20 – Esquema da autoria do autor
- 21 – Planta da autoria do autor
- 22 – Esquema da autoria do autor
- 23 – Fotografia da autoria do autor
- 24 – Fotografia da autoria do autor
- 25 – Desenhos da autoria do Autor
- 26 – Desenhos da autoria do Autor
- 27 – Levantamento da autoria do Autor
- 28 – Levantamento da autoria do Autor
- 29 – Planta da autoria do autor
- 30 – Planta da autoria do autor
- 31 – Planta da autoria do autor
- 32 – Desenho da autoria do autor
- 33 – Desenho da autoria do autor
- 34 – Desenho da autoria do autor
- 35 – Planta da autoria do autor
- 36 – Planta da autoria do autor
- 37 – Planta da autoria do autor
- 38 – Planta da autoria do autor
- 39 – Planta da autoria do autor
- 40 – Desenho da autoria do autor
- 41 – Planta da autoria do autor
- 42 – Desenho da autoria do autor
- 43 – Planta da autoria do autor
- 44 – <https://i.pinimg.com/originals/8b/94/f3/8b-94f38e6d4b6edd6ca93365005654fb.jpg>
- 45 – <http://an-architectural-statement.tumblr.com/post/85233893619/arkiiv-marcel-breuer-hooper-house-ll>
- 46 – Planta da autoria do autor
- 47 – Desenho da autoria do autor
- 48 – Desenho da autoria do autor

- 49 – Fotografia da autoria do autor
- 50 – Planta da autoria do autor
- 51 – Oliveira, Marta Maria Peters Arriscado de - *Arquitectura Portuguesa do tempo dos descobrimentos : assento de prática e conselho cerca de 1500*. Porto : FAUP, 2004. Pag. 929
- 52 – Planta da autoria do autor
- 53 – <http://sarahwardrope.tumblr.com/image/45065105805>
- 54 – <http://webcache.googleusercontent.com/journal/house-of-the-week-azuma-house-by-tadao-ando/>
- 55 – Planta da autoria do autor
- 56 – Desenho da autoria do autor
- 57 – Desenho da autoria do autor
- 58 – Desenho da autoria do autor
- 59 – Planta da autoria do autor
- 60 – Planta da autoria do autor
- 61 – Planta da autoria do autor
- 62 – Desenho da autoria do autor
- 63 – Desenho da autoria do autor
- 64 – Planta da autoria do autor
- 65 – Planta da autoria do autor
- 66 – <https://en.wikiarquitectura.com/building/house-in-muuratsalo/#lg=1&slide=4>
- 67 – <http://www.steipenybarno.es/blog/2011/10/04/la-casa-experimental-de-alvar-a-alto/>
- 68 – Reed, Peter - *Alvar Aalto, Between humanism and Materialism*. New York: The Museum of Modern Art, New York, 1998. Pag. 232
- 69 – Planta da autoria do autor
- 70 – Corte da autoria do autor
- 71 – Desenho da autoria do autor
- 72 – <http://portugalconfidential.com/casa-de-cha-da-boa-nova-alvaro-siza-rui-paula-leca-da-palmeira-matosinhos/>
- 73 – <http://www.arch2o.com/boa-nova-tea-house-alvaro-siza-vieira/arch2o-serpentine-gallery-pavilion-2005-arupalvaro-siza-vieira-and-partners-45/>
- 74 – Planta da autoria do autor
- 75 – Desenho da autoria do autor
- 76 – Desenho da autoria do autor
- 77 – Desenho da autoria do autor
- 78 – Planta da autoria do autor
- 79 – Corte da autoria do autor
- 80 – Planta da autoria do autor
- 81 – Planta da autoria do autor
- 82 – Desenho da autoria do autor
- 83 – Desenhos da autoria do autor
- 84 – Desenhos da autoria do autor
- 85 – Planta da autoria do autor
- 86 – Planta da autoria do autor
- 87 – Corte da autoria do autor
- 88 – Desenho da autoria do autor
- 89 – Corte da autoria do autor
- 90 – Desenho da autoria do autor
- 91 – Desenho da autoria do autor
- 92 – Planta da autoria do autor

- 93 – Desenho da autoria do autor
- 94 – Desenho da autoria do autor
- 95 – Desenho da autoria do autor
- 96 – Planta da autoria do autor
- 97 – Desenho da autoria do autor
- 98 – Fotografia da autoria do autor
- 99 – Fotografia da autoria do autor
- 100 – Fotografia da autoria do autor
- 101 – Fotografia da autoria do autor
- 102 – Fotografia da autoria do autor
- 103 – Fotografia da autoria do autor
- 104 – Planta da autoria do autor
- 105 – Planta da autoria do autor
- 106 – Desenho da autoria do autor
- 107 – Desenho da autoria do autor
- 108 – Desenho da autoria do autor
- 109 – Desenho da autoria do autor
- 110 – Planta da autoria do autor
- 111 – http://www.acidadedosarquitectos.manifestoworks.com/?portfolio_page=pavilhao-de-tenis-da-quinta-da-conceicao-1956-1960
- 112 – Fotografia da autoria do autor
- 113 – Planta da autoria do autor
- 114 – Planta e desenho da autoria do autor
- 115 – Planta da autoria do autor
- 116 – Planta e corte da autoria do autor
- 117 – Planta da autoria do autor
- 118 – Planta da autoria do autor
- 119 – Corte da autoria do autor
- 120 – Desenho da autoria do autor
- 121 – Planta da autoria do autor
- 122 – Desenho da autoria do autor
- 123 – <http://www.caminandosinrumbo.com/brasil/brasil/imagenes/indexe.htm>
- 124 – <http://www.archdaily.com/101516/ad-classics-cathedral-of-brasil-oscarr-niemeyer>
- 125 – Planta da autoria do autor
- 126 – Desenho da autoria do autor
- 127 – Corte da autoria do autor

ANEXOS



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27



29



28



30



31



32



33



35



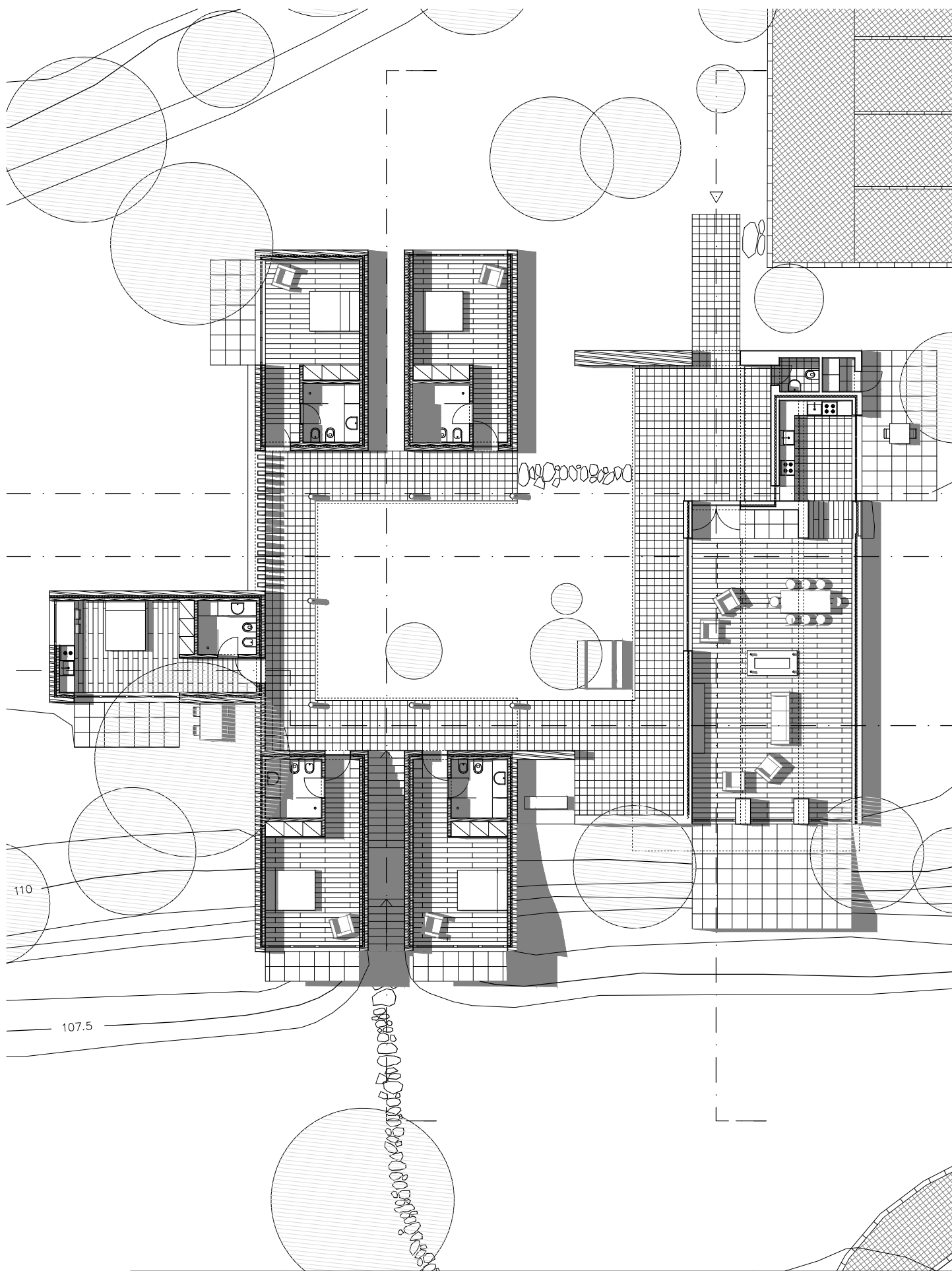
34

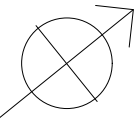


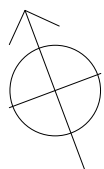
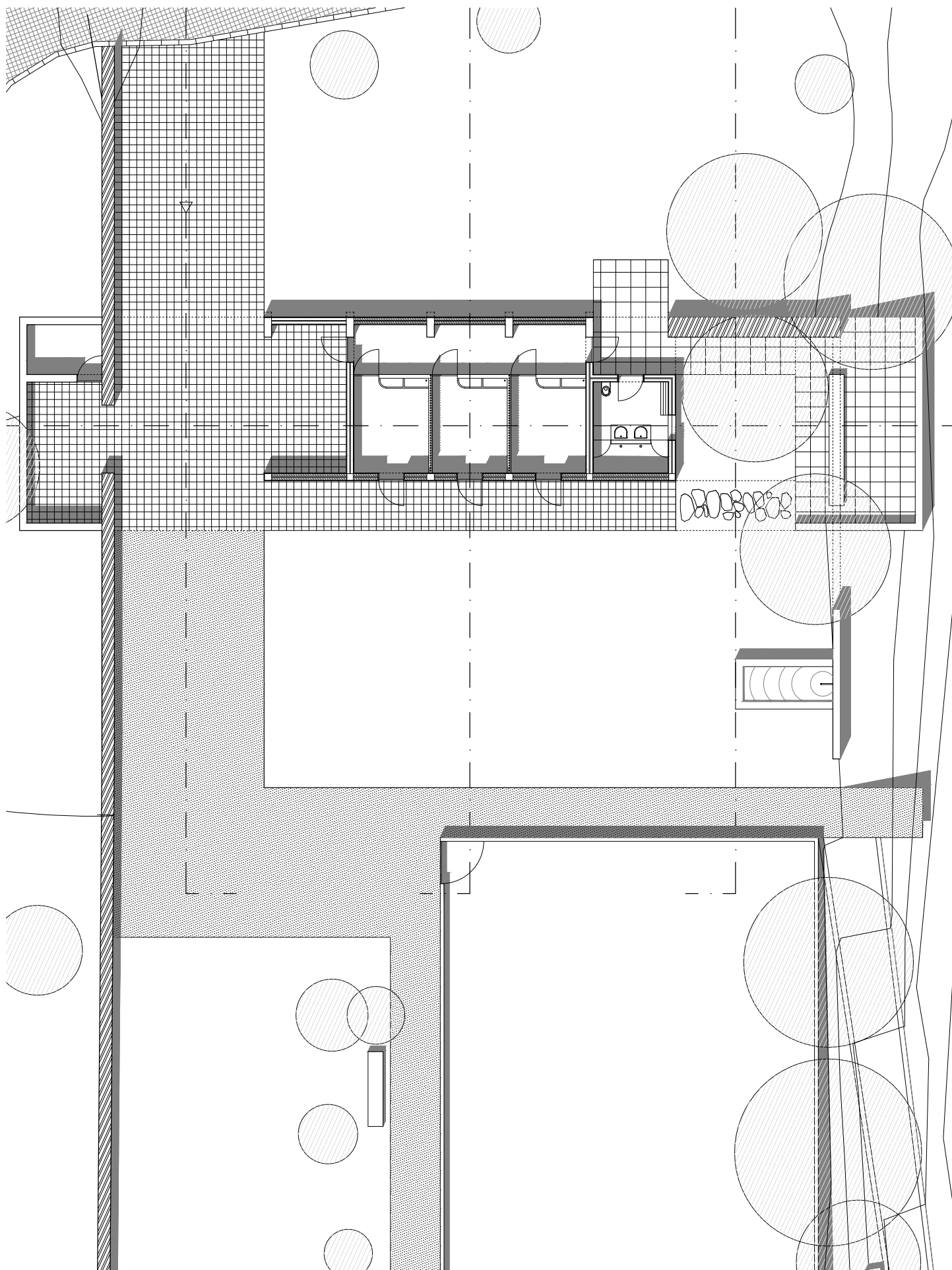
36



	Planta Geral da Quinta com vistas		Nome: Nuno Almeida	
	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto		1/500	2016/2017
			MIARQ	pag. 207



	Planta de Estudo das Habitações para Pormenores Construtivos		Nome: Nuno Almeida	
	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto		1/200	2016/2017
			MIARQ	pag. 209



Planta de Estudo das Cavaleriças para Pormenores Construtivos

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Nome: Nuno Almeida

1/200

2016/2017

MIARQ

pag. 211



GERAL@CM-GUIMARAES.PT
WWW.GUIMARAES.PT



1

• Cruzamento de PMOT: Ordenamento (vigor)

Descrição	m2 / m	%
Solo urbano - Solo urbanizado - Espaços centrais	78.8	100

• Condicionantes (em vigor)

	Património cultural - Zona especial de protecção		Património cultural - Zona de protecção
	Património cultural - Imóveis de interesse municipal		Património cultural - Imóveis em vias de classificação
	Património cultural - Imóveis de interesse público		Monumentos de Interesse Público
	Monumento Nacional - Património Mundial da Humanidade		Património cultural - Monumentos Nacionais
	Património cultural - Zona non edificandi		Zona de protecção de estabelecimentos prisionais
	Estabelecimento Prisional		Reserva Ecológica Nacional
	Reserva Agrícola Nacional		Recursos Hídricos - Zona reservada da zona terrestre de protecção
	Recursos Hídricos - Zona terrestre de protecção		Recursos Hídricos - Albufeira Classificada
	Recursos Hídricos - Zonas inundáveis		Recursos geológicos - Depósitos minerais
	Recursos geológicos - Concessões minerais provisórias - Volfrâmio		Águas de Nascente - Zona alargada
	Águas de Nascente - Zona intermédia		Águas de Nascente - Zona imediata
	Águas minerais naturais - Zona alargada		Águas minerais naturais - Zona intermédia
	Águas minerais naturais - Zona imediata		Conjunto de árvores de interesse público
	Recursos geológicos - Pedreiras		Leitos e Margens dos Cursos de água
	Áreas excluídas da Reserva Agrícola Nacional		Feixe hertziano
	Gasoduto		Linhas de alta tensão
	Linhas de muito alta tensão		Sistema integrado de despoluição do Vale do Ave
	Colector de águas residuais		Conduta adutora
	Via férrea		Outras estradas
	Estrada municipal		Estrada regional
	Estrada nacional		Itinerário principal/Itinerário complementar
	Leitos e margens dos cursos de água		Reserva Ecológica Nacional - leitos dos cursos de água
	Imóveis de Interesse Público		Centro radioelétrico
	Estação de tratamento de águas residuais		Estação elevatória de água ou reservatório
	Estação de tratamento de águas		Estabelecimento com produtos explosivos
	Nascente de águas - Serra da Penha		Nascente de águas minerais naturais - Caldas das Taipas
	Captação de águas subterrâneas para abastecimento público		Árvore isolada de interesse público
	Aproveitamento hidroelétrico		Marco geodésico



GERAL@CM-GUIMARAES.PT
WWW.GUIMARAES.PT



Outros: ☐ ☐

• Cruzamento de PMOT: Ordenamento (vigor)

Descrição	m2 / m	%
Solo urbano - Solo urbanizado - Espaços centrais	78.8	100

• Ordenamento (em vigor)

	Solo Rural - Espaços agrícolas		Solo Rural - Espaços florestais de produção
	Solo Rural - Espaços florestais de protecção		Solo Rural - Espaços de uso múltiplo agrícola e florestal
	Solo Rural - Aglomerados rurais		Solo Rural - Áreas de edificação dispersa
	Solo Rural - Espaços destinados a equipamentos e infraestruturas		Solo Rural - Espaços verdes de utilização colectiva
	Espacos de depositos minerais		Solo Rural - Espaços de recursos geológicos
	Solo Urbanizado - Espaços centrais		Solo Urbanizado - Espaços residenciais
	Solo Urbanizado - Espaços urbanos de baixa densidade		Solo Urbanizado - Espaços de actividades económicas
	Solo Urbanizado - Espaços de uso especial		Solo Urbanizado - Espaços verdes de utilização colectiva
	Solo Urbanizado - Espaços verdes de enquadramento		Solo urbanizável - Espaços centrais
	Solo urbanizável - Espaços residenciais		Solo urbanizável - Espaços de actividades económicas
	Solo urbanizável - Espaços de uso especial		Unidade Operativa de Planeamento e Gestão
	Solo Rural - Parque de sucata		Locais de Interesse Geologico
	Estrutura Ecológica Municipal - Nível I		Estrutura Ecológica Municipal - Nível II
	Estrutura Ecológica Municipal - Nível III		Zonas Inundáveis
	Patrimonio Arqueologico - Zona de Protecção		Sítio Arqueológico
	Infraestrutura de transporte de combustíveis		Infraestrutura de transporte de energia
	Sistema integrado de despoluição do Vale do Ave		Rede rodoviária principal
	Rede rodoviária local prevista		Rede rodoviária local
	Rede ferroviária convencional		Rede ferroviária convencional prevista
	Conduta adutora		Colector de águas residuais
	Linha de telecomunicações		Estação elevatória de água ou reservatório
	Estação de tratamento de Águas residuais		Estação de tratamento de Águas
	Estação de caminho de ferro		Estação de caminho de ferro prevista
	Centro radioelétrico		Infraestrutura de produção de energia
	Património Edificado		Rio Navegável

A Quinta da Casa da Granja:
Um Espaço em Transformação

Nuno Miguel Gonçalves de Almeida

FACULDADE DE ARQUITETURA

